

O imenso ponteiro negro continua parado, mas está prestes a fazer seu gesto, aquele de um por minuto; esse solavanco jovial porá todo um mundo em movimento. O quadrante se voltará vagarosamente para outro lado, cheio de desalento, desdém e tédio, assim como as colunas de ferro começarão, uma a uma, a passar por ali, levando a abóbada da estação como afáveis telamões; a plataforma começará a se movimentar, levando em jornada desconhecida as guimbas de cigarro, passagens sem valor, salpicos de luz solar e de cuspe; um carrinho de bagagens passará por ali, as rodas imóveis; será acompanhado por banca de jornais encoberta por sedutoras capas de revistas — fotografias de belezas despidas e aperoladas e pessoas, pessoas e mais pessoas na plataforma que se move, elas mesmas movimentando as peruas, mas ainda assim paradas e em pé, seguindo à frente e ao mesmo tempo recuando, como em sonho agonizante, cheio de esforço e náusea incríveis, uma fraqueza algodoada nas panturrilhas nos acometerá, fazendo-nos quase cair de borco.

Havia mais mulheres do que homens, como sempre acontece nas despedidas. A irmã de Franz, com a palidez das horas matinais nas faces magras e um odor desagradável, de estômago vazio, coberta por capa enxadrezada que com certeza ninguém veria em uma moça de cidade; e a mãe dele, mulher pequenina e redonda, toda em marrom como um monge pequenino e compacto. É notar que os lenços começam a tremular, drapejar, acenar.

E sucedeu não apenas que eles se afastassem, deslizantes, aqueles dois sorrisos conhecidos; não apenas a estação partiu, levando consigo a banca de jornais, o carrinho de bagagens e o vendedor de sanduíches e frutas, com aqueles morangos vermelhos e luzidios, tão bonitos, gordos, bem criados, claramente implorando que os mordessem, todos os aquênios proclamando sua afinidade com as papilas de nossa língua — mas, ai, sumidos agora; não apenas tudo isso ficou para trás, todo o velho burgo em sua bruma matutina e outonal rósea também se movia: o grande Herzog de pedras na praça, a catedral escura, os letreiros das lojas — chapelaria, o peixe, a bacia de cobre de um barbeiro. Não havia agora como fazer parar o mundo. As casas desfilam em grande estilo, as cortinas drapejam nas janelas abertas de sua casa, os soalhos estralam um pouco, as paredes estralam também, sua mãe e sua irmã estão tomando o café matinal a goles rápidos, os móveis estremeçam com os solavancos mais rápidos, e com rapidez cada vez maior, de modo sempre mais misterioso, viajam as casas, catedral, praça, as ruas secundárias. E embora a essa altura os campos cultivados desde muito se houvessem estendido em sua colcha de retalhos, vistos pela janela do vagão, Franz continuava sentindo nos ossos o distanciamento da cidadezinha onde vivera por vinte anos. Além de Franz, o compartimento de terceira e bancos de madeira continha duas velhas senhoras em vestido de veludinho; uma mulher gorducha e inevitavelmente corada, com a inevitável cesta de ovos no regaço; e uma jovem loura em short escuro, rija e bossosa, parecidíssima à mochila de Franz, que estava muito estofada e parecia ter sido talhada em pedra amarela: ele a sacudira com energia, colocando-a na prateleira de cima. O assento à porta e em frente a Franz era ocupado por revista com fotografia de uma jovem arrebatadora; e à janela no corredor, de costas para o compartimento, encontrava-se um homem espadaúdo, de sobretudo negro.

O trem seguia agora com rapidez. Franz, de repente, levou a mão à ilharga, perpassado pelo pensamento de que perdera a carteira de dinheiro, cujo conteúdo era de tanto valor: o pequeno e firme bilhete de passagem, o cartão de visitas de um desconhecido, contendo endereço precioso, e todo um mês inviolado de vida humana, em reichsmarks. A carteira estava ali, logo comprovou, firme e cálida.

As velhas senhoras começaram a se mexer e farfalhar, desembrulhando sanduíches. O homem no corredor voltou-se e, com leve inclinação à frente, recuando meio passo, e depois vencendo a inclinação do chão, entrou no compartimento.

A maior parte do nariz desaparecera, ou nunca crescera. Ao que restava de sua ponte a pele pálida e apergaminhada se prendia com justeza nauseante; as narinas haviam perdido toda a noção de decência e defrontavam o espectador perturbado como dois buracos repentinos, negros e assimétricos; as faces e a testa exibiam uma variedade geográfica de tonalidades — amarelado, róseo e muito lustrosas.

De quem teria herdado tal máscara? E se não fosse isto, que enfermidade, que explosão, que ácido, c desfigurara? Não tinha quase lábios; a ausência de pestanas conferia a seus olhos azuis uma expressão de

sobressalto. E, no entanto, vestia-se com elegância, estava bem cuidado e tinha boa compleição. Usava terno trespassado sob o sobretudo grosso, seus cabelos eram lisos como os de uma peruca.

Puxou os joelhos das calças para cima ao sentar-se com movimento calmo, as mãos em luvas cinzentas abriram a revista que ele deixara no banco.

O estremecimento que passara entre as omoplatas de Franz centralizava-se agora em sensação estranha na boca. A língua lhe parecia repulsivamente viva; o palato asquerosamente úmido. A recordação abriu sua galeria de obras de cera e ele sabia, sabia que ali, algures a um canto, uma câmara de horrores o esperava. Lembrou-se do cachorro que vomitara na entrada do açougue. Lembrou-se de uma criança, simples pequerrucho, que, dobrando-se com a dificuldade de sua idade, havia laboriosamente apanhado e levado aos lábios uma coisa imunda que se parecia a uma chupeta. Lembrou-se do velho com tosse no bonde, que lançara um grumo de muco na mão do condutor. Eram imagens que Franz geralmente mantinha longe de si, mas que não paravam de enxamear de volta, contra o pano de fundo de sua vida, recebendo com espasmo histérico qualquer impressão nova que se lhes assemelhasse. Após um choque desse tipo naqueles dias ainda recentes, lançava-se ao leito e procurava combater o acesso de náusea. Suas recordações da escola pareciam estar-se sempre desviando de contatos possíveis e impossíveis com a pele escorregadia, suja e sardenta de algum colega que instava para participar em algum brinquedo ou aflito por transmitir-lhe algum segredo escarrante.

O homem folheava a revista, e a combinação de seu semblante e a capa sedutora mostrava-se insuportavelmente grotesca. A mulher corada como gema de ovo sentava-se ao lado do monstro e seu ombro adormecido tocava nele. A mochila da jovem esfregava-se na valise negra, luzidia e coberta de etiquetas, pertencente a ele. O que era pior, as velhas ignoravam o vizinho horrível e mordiam os sanduíches, chupando partes penugentas de laranja, enrolando as cascas em pedaços de papel e enfiando-as com graça por baixo do assento. Mas quando o homem baixou a revista e, sem descalçar as luvas, começou a comer um pão com queijo, lançando olhares provocadores em volta, Franz não agüentou mais. Levantou-se depressa, como um mártir ergueu o rosto pálido, soltou e puxou para Daixo sua mala humilde, apanhou a capa de chuva e chapéu e, batendo desastradamente com a mala na maçaneta da porta, refugiou-se no corredor.

Aquele vagão fora ligado ao trem expresso em estação recente, e o ar ali dentro continuava fresco. Teve de imediato uma sensação de alívio, mas a tontura não passara de todo. Uma muralha de bétulas passava em desfile pela janela, em seqüência salpicada de sol e sombras.

Começou experimentalmente a percorrer o corredor, agarrando-se em maçanetas e nas coisas e olhando para o interior dos compartimentos. Só um tinha lugar vago; hesitou e prosseguiu, desvencilhando-se da imagem de duas crianças com as faces cheias de massa e gordura e mãos enegrecidas de poeira, os ombros erguidos na expectativa de uma pancada que a mãe lhes desferia na nuca, enquanto não paravam de deslizar e sair do assento para brincarem em meio a fragmentos gordurosos de papel, naquele chão indizível, aos pés dos passageiros. Franz chegou ao extremo do vagão e estacou, acometido por pensamento extraordinário. Tal pensamento era tão doce, audacioso e animador que teve de tirar os óculos e limpá-los.

— Não, não posso, não há jeito — disse baixinho mas já compreendendo que não venceria a tentação. E depois, examinando o laço da gravata com o polegar e indicador, atravessou em irrupção de ruído as plataformas sacolejantes entre os vagões e, com estranha sensação no estômago, passou para o vagão seguinte.

Tratava-se de um vagão schnellzug de segunda classe e para Franz a segunda classe era algo muitíssimo atraente, um tanto pecaminoso até, cheirando a extravagância apimentada como um gole de licor branco e grosso, ou aquela toranja imensa que se parecia a um creme amarelo e que certa vez comprara, no caminho para a escola. Não seria capaz de sonhar sobre a primeira classe, em absoluto — isso era para diplomatas, generais e atrizes, criaturas quase fora deste mundo! A segunda, no entanto... a segunda... Se conseguisse ter coragem para tanto. Diziam que seu finado pai (tabelião andrajoso) em certa ocasião — fazia muito tempo, antes da guerra — viajara de segunda classe. Franz, todavia, não conseguia decidir-se. Estacou no início do corredor, ao lado do letreiro que relacionava os pertences do vagão e este já não era uma floresta-cerca a olhar, porém imensos prados deslizando majestosamente por ali e, à distância, em paralelo aos trilhos, seguia uma estrada de rodagem, e nela um automóvel liliputiano em velocidade faiscante.

O chefe do trem, que fazia a ronda, tirou-o da dificuldade. Franz pagou o suplemento que promovia sua passagem a escalão superior.

Um túnel curto ensurdeceu-o com sua escuridão reverberante e logo a luz voltou, mas o chefe de trem desaparecera.

O compartimento em que Franz entrou, com mesura silenciosa e sem resposta, era ocupado por apenas duas pessoas — uma bela senhora de olhar brilhante e um homem de meia-idade, de bigode escuro e aparado.

Franz pendurou a capa de chuva e sentou-se com cautela. O assento era muito macio, e havia uma projeção semicircular muito cômoda, na altura das têmporas, separando um assento do outro; as fotografias nas paredes mostravam-se tão românticas — um rebanho de ovelhas, a cruz sobre uma rocha, uma cascata. Devagar ele estendeu as pernas compridas, sem pressa tirou do bolso o jornal dobrado que ali guardara. Mas não pôde ler. Empolgado por tanto Luxo limitou-se a segurar o jornal aberto diante de si e por trás dele examinou os companheiros de viagem. Oh, era gente encantadora.

A dama usava roupa negra e minúsculo chapéu também negro, com pequenina gaiivota de brilhantes. Seu semblante era sério, os olhos frios, leve penugem, que era o sinal de paixão, brilhava acima do lábio superior, um vislumbre de sol destacava-lhe a tessitura cremosa do pescoço com duas linhas delicadas, como se traçado com uma unha, um acima do outro: aquilo também era o presságio de todas as espécies de maravilhas, ao que informara um de seus colegas de escola, perito dos mais precoces. O homem devia ser estrangeiro, a avaliar pelo colarinho macio e roupa enxadrezada. Franz, no entanto, se enganara.

— Tenho sede — disse o homem, com sotaque berlinense. — Uma pena que não haja frutas. Aqueles morangos estavam declaradamente aflitos para serem provados.

— A culpa é sua — retrucou a dama, com desagrado na voz e aduzindo pouco depois: — Ainda não me conformo... foi uma coisa das mais tolas, aquela.

Dreyer ergueu os olhos para o céu improvisado e não respondeu.

— A culpa é sua — repetiu ela e puxou de modo automático a saia pregueada, observando automaticamente que o rapaz desajeitado e de óculos que aparecera ao canto da porta parecia fascinado por suas pernas sedosas.

— De qualquer modo — prosseguiu —, não vale a pena discutir.

Dreyer sabia que seu silêncio irritava Martha, e irritava de modo indizível. Havia um brilho maroto em seus olhos, e as dobras macias em volta dos lábios ondulavam, porque fazia uma bala de hortelã rolar dentro da boca. O incidente que irritara a esposa, na verdade, fora dos mais tolos. Haviam passado o mês de agosto e metade de setembro no Tirol e agora, de volta para casa, ele parara por alguns dias para fazer negócios naquela cidadezinha singular, e ali visitara sua prima Lina, com quem dançara quando jovem, cerca de vinte e cinco anos atrás. A esposa se recusara terminantemente a acompanhá-lo. Lina, criatura agora roliça e de dentes postiços, mas tão loquaz e afável quanto antes, dissera que os anos o haviam marcado, mas que podia ter sido pior; servira-lhe café excelente, falara-lhe de seus filhos, deplorara não estarem em casa, indagara sobre Martha (a quem não conhecia) e os negócios dele (sobre os quais achava-se bem informada); e depois, após uma pausa caridosa, perguntara se ele podia dar-lhe alguns conselhos...

Fazia calor na sala, onde, em volta do candelabro antigo, com pequeninos pingentes de vidro como se fossem feitos de gelo encardido, as moscas descreviam paralelogramos, pousando todas as vezes nos mesmos pingentes (fato que por algum motivo o divertira), e as cadeiras antigas estendiam os braços acolchoados com cordialidade cômica. Um cãozinho velho dormitava em almofada bordada.

Em atendimento ao suspiro interrogatório da prima ele dissera de repente, manifestando-se com uma risada:

— Bem, por que você não lhe diz para vir falar comigo em Berlim? Eu lhe dou um emprego.

Fora isso o que a esposa não lhe perdoara. Ela o chamara de "encher o negócio com parentes pobres"; mas quem examinasse o assunto poderia indagar como era possível um parente próximo inundar fosse lá o que fosse. Sabendo que Lina convidaria a esposa e que Martha não iria de modo algum, ele mentira, dizendo à prima que estavam partindo naquela mesma noite. Em vez disso Martha e ele haviam visitado uma feira e os esplêndidos vinhedos de um amigo nos negócios. Uma semana depois, na estação, quando já se haviam instalado no compartimento, vislumbraram Lina, olhando pela janela. Tinha sido um milagre o fato de não terem esbarrado com ela em algum lugar da cidade. Martha queria evitar a todo custo que a prima os visse e embora a idéia de comprar uma cestinha de frutas para a viagem exercesse grande atração sobre Dreyer, ele não olhou pela janela, e não chamou com um "psiu" baixinho o jovem vendedor de jaqueta branca.

Vestido confortavelmente, desfrutando saúde perfeita, tendo na cabeça uma neblina colorida de pensamentos vagos e agradáveis e uma hortelã na boca, Dreyer sentara-se de braços cruzados e as dobras macias do tecido em suas axilas combinavam com as dobras macias de suas faces, com o esboço do bigode aparado, e com as rugas que se estendiam para as têmporas, partindo dos olhos. Com brilho singular e levemente divertido nos olhos, ele fitara a paisagem verde que deslizava do outro lado da janela, o belo perfil de Martha orlado de luz do sol e a mala barata do rapaz de óculos que lia um jornal no canto próximo à porta. Ociosamente examinou aquele passageiro, apalpando-o de todos os lados. Observou o chamado padrãc "lagarto" da gravata verde e granada de mocinho, gravata que não custara mais do que noventa e cinco pfennigs, o colarinho engomado e também

os punhos e peito da camisa — camisa essa que, por falar no assunto, só existira em sua forma abstrata, já que todas as partes visíveis, a avaliar pelo brilho traiçoeiro, eram peças de armadura engomada de qualidade muito baixa, porém muitíssimo estimadas por um provinciano de parcos recursos e que as prende a uma roupa de baixo invisível, feitas em casa e de tecido que não foi alvejado. Quanto ao terno do rapaz o mesmo evocava delicada melancolia no espírito de Dreyer, ao refletir, e não o fazia pela primeira vez, sobre a vida comovedoramente curta de cada feitio novo: aquele tipo de paletó de três botões, azul e de lapela estreita, com uma faixa, desaparecera da maioria das lojas de Berlim pelo menos cinco anos antes.

Dois olhos tomados de alarma nasceram subitamente nas lentes e Dreyer arredou o olhar. Martha disse: — Foi uma bobagem completa. Oxalá você me tivesse ouvido.

O marido suspirou e nada disse. Ela queria prosseguir — ainda havia uma série de repreensões incisivas que podia fazer, mas achou que o rapaz estava ouvindo e, em vez de palavras, apoiou o cotovelo de modo abrupto no lado da janela naquela folha de mesa — levantando a pele na face com os nós dos dedos. Assim permaneceu sentada até que o tremeluzir dos bosques na janela se tornasse irritante; devagar ela endireitou o corpo maduro, irritada e entediada, e depois inclinou-se na cadeira e fechou os olhos. O sol penetrava em suas pálpebras com tonalidade firme de escarlata, atravessando-as com faixas luminosas que se movimentavam em sucessão (o negativo fantasmagórico da floresta que passava), e uma cópia do rosto animado do marido, como se ele estivesse girando lentamente em sua direção, veio misturar-se nessa vermelhidão difusa e ela abriu os olhos com sobressalto. O marido, todavia, achava-se sentado relativamente longe, lendo um livro encadernado em couro purpúreo. Lia com atenção e prazer. Nada existia além da página ensolarada, para ele. Virou a página, relanceou o olhar em volta, e o mundo exterior na forma de um cachorro brincalhão que aguardava esse momento, lançou-se avidamente a ele com um salto atlético. Afastando Tom de si com afeto, Dreyer voltou a mergulhar em sua antologia de versos.

Para Martha essa radiação brincalhona era apenas o ar abafado em um vagão ferroviário que oscilava. Dentro de vagão assim, espera-se que o ar esteja abafado: é o costume e, portanto, está certo. A vida deve marchar de acordo com os planos, reta e rigorosa, sem contorções e sacudidelas esquisitas. Um livro elegante fica muito bem sobre mesa da sala de visitas. Em carro de passageiros, para afastar a monotonia, pode-se folhear alguma revista de jaez inferior. Mas embeber-se e deliciar-se... em poemas, faça o favor... e a encadernação cara... a pessoa que se considera homem de negócios não pode, não deve, não se atreve a agir assim. Pensando bem, todavia, talvez ele o estivesse fazendo de propósito, querendo irritar-me. Mais um de seus caprichos tolos e exibicionistas. Muito bem, meu amigo, continue a se exhibir. Que beleza seria arrancar esse livro de suas mãos e trancá-lo na mala!

Nesse instante o sol pareceu desnudar-lhe o rosto, escorrendo sobre suas faces lisas e conferindo calor artificial a seus olhos, com as pupilas grandes e de aspecto elástico em meio à íris cinzenta e pálpebras escuras adoráveis levemente enrugadas como violetas, pálpebras de cílios radiosos e que quase não piscavam, como se estivessem sempre com medo de perder de vista uma meta essencial. Quase não usava maquiagem — apenas as fissuras transversais minúsculas em seus lábios grossos pareciam ser os vestígios de tinta vermelho-alaranjada a secar.

Franz, que estivera a se esconder por trás do jornal, em bem-aventurado estado de inexistência, vivendo por fora de si nos movimentos e palavras ocasionais dos companheiros de viagem, Começava agora a se afirmar e abertamente, de modo quase arrogante, olhou para a dama.

Um momento atrás, no entanto, seus pensamentos, que sempre se inclinavam a ligações mórbidas, haviam combinado, numa dessas imagens falsamente harmoniosas que são importantes dentro do sonho, mas sem sentido quando alguém se lembra delas, dois acontecimentos recentes. A transição do compartimento de terceira classe, onde um monstro sem nariz reinava em silêncio, para aquele aposento ensolarado e luxuoso, parecia-lhe a passagem de um inferno medonho, passando pelos purgatórios dos corredores e estralejar entre os vestibulos, para um pequeno oásis de ventura. O velho chefe de trem que lhe perfurara o bilhete de passagem pouco antes e logo desaparecera era criatura tão humilde e onipotente quanto São Pedro.

Gravuras populares e piedosas que o haviam assustado na infância voltaram à recordação. E transformaram os estalidos do chefe do trem em ruídos de uma chave que abria os portões do paraíso. Assim é que o ator de rosto alegre e pintado, em alguma peça milagrosa, atravessa longo palco dividido em três partes, saindo das fauces do demônio para o abrigo de anjos. E Franz, para expulsar a antiga fantasia que o obcecava, começou com aflição a procurar sinais humanos e cotidianos que desmanchassem o sortilégio.

Martha o ajudava. Enquanto olhava de esguelha pela janela, ela bocejou e ele pôde entrever o entumescimento de sua língua retesada na penumbra vermelha da boca e o branco dos dentes antes que ela erguesse a mão à boca, a fim de impedir que a alma por ali escapasse; em seguida ela piscou, afastando uma lágrima titilante com a batida das pálpebras. Franz não era criatura que resistisse ao exemplo de um bocejo, ainda mais bocejos que de algum modo se pareciam com aqueles morangos outonais lascivos e apetitosos pelos

quais sua cidade natal era renomada. No momento em que, incapaz de sobrepujar a força que lhe escancarava o palato, abriu a boca de modo convulsivo, Martha, por coincidência, o fitava, e ele percebeu, olhos marejados e atrapalhando-se, ter ela notado que ele a estivera observando. A bem-aventurança mórbida que sentira pouco antes, fitando o rosto da dama, transformava-se agora em embaraço o mais acentuado. Ele franziu as sobrancelhas, sob o olhar radioso e indiferente da dama e quando esta desviou o olhar calculou mentalmente, como se seus dedos houvessem tamborilado nas contas de um ábaco secreto, quantos dias da sua vida ele daria para possuir aquela mulher.

A porta deslizou, abriu-se, e um garção agitado, arauto de algum desastre pavoroso, enfiou por ali a cabeça, latiu seu recado e partiu apressadamente para o compartimento seguinte, a fim de gritar as notícias.

Martha opunha-se acendradamente àquelas refeições frias e fraudulentas nas quais a ferrovia escorchava os passageiros em troca de comida medíocre, e essa sensação quase física de despesa desnecessária, de misto com a sensação de que alguém, delambido e robusto, queria tapeá-la, mostrou-se tão forte que se não fora a fome devoradora ela certamente não teria percorrido aquele caminho comprido e vacilante até o carro-refeitório. De modo vago invejava o rapaz de óculos que enfiou a mão no bolso da capa de chuva pendurada ao lado e dali tirou um sanduíche. Ela se levantou e apanhou a bolsa, colocando-a sob o braço. Dreyer procurou a fita violeta no livro,, marcou com ela a página que lia e depois de esperar alguns segundos, como se não pudesse de imediato fazer a transição de um mundo para o outro, deu leve tapa nos joelhos e também se ergueu. No mesmo instante preencheu todo o compartimento, sendo um desses homens que a despeito de estatura média e corpulência moderada criam uma impressão de volume extraordinário. Franz recolheu os pés para trás, Martha e o marido passaram por ele e saíram.

Ficara a sós com o sanduíche, naquele compartimento agora espaçoso. Ele mastigou e olhou pela janela. Lá fora se erguia diagonalmente um barranco Verde, que encobriu a janela até em cima. E depois, estendendo seu cordão de ferro, uma ponte passou por cima, com estrondo, no mesmo instante a encosta verde desapareceu, desdobrou-se a campina aberta — campos, salgueiros, uma bétula dourada, um córrego meandroso, canteiros de couves. Franz terminou o sanduíche, remexeu-se satisfeito e cerrou os olhos.

Berlim! Bastava o nome da metrópole ainda desconhecida, o trovejar e bramido da primeira sílaba e o tilintar suave na segunda, ali havia algo que o animava, como os nomes românticos dos bons vinhos e das mulheres devassas. O expresso já parecia estar seguindo com velocidade ao comprido da famosa avenida orlada para ele com tílias antigas e gigantescas, por baixo das quais fervilhava, à sua espera, uma multidão colorida. O expresso passava com rapidez por aquelas tílias que cresciam de modo tão luxuriante do nome ressonante da avenida, e ("derlin, derlin" era como tocava a campainha do garção, chamando os passageiros atrasados) espalhadas sob enorme arcada ornamentada com salpicos madreperolados. Mais à frente via-se uma bruma encantadora onde o outro cartão postal se movia no suporte, mostrando uma torre translúcida contra pano de fundo negro. Ele desapareceu, e, em empório de luzes brilhantes, entre manequins dourados, espelhos límpidos e balcões de vidro, Franz perambulava em calças listradas e elegantes, polainas brancas, com movimento destro da mão dirigia os clientes para as seções procuradas. Já não mais se tratava de um mundo de pensamentos inteiramente conscientes, tampouco chegava a ser sonho; e no instante em que o sono estava a ponto de acometê-lo Franz recuperou controle de si e dirigiu os pensamentos de acordo com os desejos. Prometeu a si próprio um bom trato naquela noite. Desnudou os ombros da mulher que estivera sentada à janela, efetuou um teste mental rápido (Eros cego reagiria? Eros canhestro reagia, desempenando suas dobras na escuridão); e depois, mantendo os ombros esplêndidos ele mudava a cabeça, pondo alio rosto daquela donzela de dezessete anos que desaparecera com uma concha de prata quase do seu tamanho, antes que ele lhe tivesse tempo de declarar amor; mas apagou também essa cabeça e, em seu lugar, colocou o semblante de uma dessas belezasberlinenses de olhos audaciosos e lábios úmidos, que se encontram principalmente nos anúncios de bebidas e cigarros. Só então é que a imagem passou a viver; a jovem de busto nu ergueu o copo de vinho aos lábios carmesins, balançando com suavidade a perna sedosa como abricó, enquanto um chinelo vermelho e sem calcanhar lhe deslizava pelo pé, ainda. O chinelo caiu e Franz, inclinando-se para apanhá-lo, mergulhou com suavidade em sono escuro. Dormiu com a boca aberta, de modo que seu rosto apresentava três aberturas, duas luzidias (os óculos) e uma negra (a boca). Dreyer notou essa simetria quando, uma hora depois, regressou com Martha, saído do refeitório. Em silêncio passaram sobre a perna sem vida. Martha colocou a bolsa na mesinha retrátil da janela e o fecho de níquel da bolsa, com seu olho de gato, imediatamente começou a viver, quando um reflexo verde passou a dançar em sua superfície. Dreyer tirou do bolso um charuto, mas não o acendeu.

O jantar, de modo especial, aquele wiener schnitzel, acabara sendo muito bom, e Martha não lamentava agora ter concordado em ir com o marido. Sua tez tornara-se mais cálida, seus olhos singulares estavam

úmidos, os lábios recém-pintados brilhavam. Ela sorriu, pondo à mostra apenas os incisivos, e esse precioso sorriso de contentamento permaneceu em seu semblante por alguns instantes. Dreyer admirou-a ociosamente, os olhos um pouco apertados, saboreando-lhe o sorriso como alguém saborearia uma dádiva inesperada, mas nada neste mundo podia levá-lo a demonstrar esse prazer. Quando o sorriso desapareceu ele desviou o olhar, assim como o espectador satisfeito o desvia após o ciclista ter-se levantado do tomo e o vendeiro ambulante ter repostos no carrinho as frutas esparramadas no chão.

Franz cruzou as pernas como se fosse alguém aleijado e lerdo, mas não despertou. No trem, os freios começaram a ser utilizados com aspereza. Passou por eles uma parede de tijolos, chaminé enorme, vagões de carga em um desvio. E logo escurecia no compartimento; haviam entrado em uma enorme estação coberta.

— Vou sair, meu amor — disse Dreyer, que gostava de fumar ao ar livre.

Deixada a sós, Martha refestelou-se ao canto e, nada tendo de melhor a fazer, olhou para o cadáver de óculos no outro canto, pensando indiferentemente que talvez fosse aquela a parada para o rapaz, que assim a perderia. Dreyer saiu andando pela plataforma, tamborilando com cinco dedos na vidraça ao passar, mas a esposa não voltou a sorrir.

Com uma baforada de fumaça, ele prosseguiu na caminhada.

Seguia descansadamente, o passo elástico, as mãos entrelaçadas atrás das costas e o charuto projetando-se à frente. Refletia que seria bom, um dia, passear assim sob as arcadas vitrificadas de uma estação remota, alhures na estrada que dava para a Andaluzia, Bagdá ou Nizhni Novgorod. Na verdade, podia partir a qualquer instante; o globo terrestre era imenso e redondo, e ele dispunha de dinheiro suficiente para fazer um périplo completo meia dúzia de vezes. Martha, no entanto, recusar-se-ia a ir, preferindo um gramado suburbano aparadinho à selva mais luxuriante. Limitar-se-ia a fungar com sarcasmo, caso ele sugerisse um ano de férias. "Talvez eu deva comprar um jornal," pensou ele. "Talvez a bolsa de valores também seja um assunto interessante e arriscado. E vamos ver se nossos dois aviadores...

ou será alguma empulhação muito bem feita?... conseguiram reproduzir na direção oposta a façanha daquele jovem americano, de quatro meses atrás. América, México, Palm Beach. Willy Wald esteve lá, quis que fôssemos com ele. Não, não há como demovê-la.

Pois bem, onde fica a banca? A aquela velha máquina de costura com o pedal reumático, enrolada em papel marrom, está muito clara agora, mas dentro de uma ou duas horas eu a esquecerei para sempre; esquecerei que olhei para ela; esquecerei tudo..." E foi quando um apito se fez ouvir, o vagão de bagagens movimentou-se. Ei, é o meu trem!

Dreyer partiu rumo à banca de jornais em passo acelerado, escolheu na mão uma moeda, arrebatou o jornal que queria, deixou-o cair, apanhou-o e partiu correndo de volta. Sem muita graciosidade pulou para a plataforma que passava e não conseguiu abrir de imediato a porta. Na luta, perdeu o charuto, mas não o jornal. Dando risadinhas e ofegante, veio atravessando um dos vagões, outro, o terceiro. No antepenúltimo corredor, um sujeitão de sobretudo negro, que fechava a janela, afastou-se para deixá-lo passar. Olhando para ele, enquanto o fazia, Dreyer viu o rosto sorridente de um homem adulto, mas com nariz de filhote de macaco. "Curioso", pensou Dreyer; "devia arranjar esse manequim para exibir alguma coisa engraçada".

No vagão seguinte, encontrou seu compartimento, passou por cima da perna sem vida e que já se tornara um acessório conhecido, e sentou-se em silêncio. Martha parecia adormecida. Ele abriu o jornal e depois notou que a esposa estava com os olhos cravados nele.

— Imbecil maluco — disse ela, com calma, e voltou a fechar os olhos. Dreyer assentiu afavelmente e mergulhou no jornal.

O primeiro capítulo de uma jornada é sempre detalhado e lento.

Suas horas intermédias são sonolentas, as últimas rápidas. Logo Franz despertava e fazia alguns movimentos de mastigação com os lábios.

Seus companheiros de viagem estavam dormindo. A luz na janela diminuía, mas em compensação o reflexo da pequenina andorinha brilhante de Martha se pusera visível. Franz consultou o relógio de pulso, olhou para o quadrante rijamente protegido por rede de metal.

Muito tempo, entretanto, conseguira escapular daquela cela de prisão.

Havia sabor dos mais repugnantes em sua boca. Limpou cuidadosa mente os óculos com um fragmento quadrado e especial de tecido e partiu para o corredor à procura do toalete. Em pé lã, segurando-se à braçadeira de ferro, achou estranho e temível encontrar-se ligado a um buraco frio onde sua torrente reluzia e saltava, a terra nua, escura e em movimento tão próxima, tão fatídica.

Uma hora depois, os Dreyers também despertaram. Um garção trouxe-lhes café com leite em xícaras

volumosas e Martha criticou cada gole que sorveu. O crepúsculo aprofundava-se nos campos desbotados, que pareciam correr cada vez mais depressa. Foi quando a chuva principiou a tamborilar baixinho na vidraça: um filete veio serpenteando e descendo pelo vidro, parou com hesitação e depois retomou o zig-zague descendente e rápido. Por fora das janelas do corredor o pôr-do-sol alaranjado e estreito fumegava sob uma nuvem negra de chuva. A luz logo se acendeu no compartimento.

Martha olhou prolongadamente para um espelhinho, pondo à mostra os dentes e erguendo o lábio superior.

Dreyer, ainda repleto do calor agradável do sono, fitava a janela de azul-escuro, as gotas de chuva, pensando que amanhã seria domingo e que cedo jogaria tênis (que recentemente adotara com o zelo desesperado do homem de meia-idade), e que seria uma pena se o tempo interferisse com seus planos. Perguntava a si próprio se melhorara naquele jogo, retesando inconscientemente o ombro direito, e lembrava-se da quadra muito bem tratada e ensolarada em sua estação de veraneio favorita no Tirol, e do jogador fabuloso que chegara para uma partida local, em sobretudo de flanela branca, cachênê de clube inglês em volta do pescoço e três raquetes sob o braço, e depois despira esse sobretudo, sem pressa e com gestos profissionais, bem como o xale comprido e listrado e a suéter branca sob o capote, e em seguida, com um movimento do braço, nu até o cotovelo, oferecera candentemente ao pobre Paul von Lepel o presente indolente e terrível da primeira bola de exercício.

— Outono, chuva — disse Martha, mexendo com ruído a bolsa.

— Oh, apenas uma garoa — corrigiu Dreyer, falando baixinho.

O trem, como se já estivesse dentro do campo magnético da metrópole, viajava agora com velocidade inacreditável. As vidraças das janelas haviam escurecido por completo — nem mesmo se conseguia divulgar o céu. A faixa ígnea de um expresso perpassou na direção oposta e sumiu para sempre com estrondo. Fora uma trama, afinal de contas — aquela fuga para a América. Franz, que regressara ao compartimento, de súbito levou a mão à ilharga, em movimento convulsivo. Outra hora decorreu e na escuridão tenebrosa surgiram agrupamentos distantes de luz, conflagrações parecidas a diamantes.

Dreyer logo se punha em pé. Franz, com um tremor de animação em todo o corpo, levantou-se também. Iniciara-se o ritual da chegada.

Dreyer retirou das prateleiras suas malas (gostava de entregá-las aos carregadores, passando-as pela janela). Franz, em pé e nas pontas dos dedos, também puxou a sua. Eles colidiram de costas elásticamente, Dreyer riu. Franz começou a vestir o sobretudo, não conseguiu encontrar a manga na primeira tentativa, colocou à cabeça o chapéu verde-garrafa e saiu para o corredor com a mala relutante. Tornara-se maior o número de luzes pontilhando a escuridão e, de repente, uma rua com bonde iluminado pareceu surgir sob seus pés; logo desaparecia por trás de paredes de casas que estavam rapidamente sendo embaralhadas e distribuídas de novo.

— Depressa, vamos! — implorou Franz.

Uma estação menor passou com rapidez, não era mais que plataforma, uma caixa de jóias entreaberta, e tudo voltou a escurecer, como se não existisse Berlim alguma em um raio de quilômetro.

Finalmente uma luz de topázio estendeu-se sobre mais de mil trilhos e fileiras de vagões ferroviários molhados. Devagar, com precisão e suavidade a cavidade imensa de ferro da estação sugou o trem, que no mesmo instante tornou-se lerdo e então, com um solavanco, redundante.

Franz desembarcou para a umidade enfumaçada. Ao passar pelo vagão em que vivera viu seu companheiro de viagem, o homem de bigode penugento, baixando a janela e chamando o carregador. Por instantes deplorou separar-se para sempre daquela dama adorável, caprichosa e com olhos cor-de-abrunheiro. Integrando-se à multidão que se apressava ele seguiu pela plataforma tremendamente comprida, entregou o bilhete de passagem ao coletor de mão impaciente e continuou a andar, passando por inúmeros cartazes, balcões, floristas, pessoas sobrecarregadas de volumes desnecessários, rumando para uma arcada e para a liberdade.

Bruma dourada, edredão fofo. Outro despertar, mas talvez não fosse ainda o derradeiro. Isso acontece de modo que não é infrequente: a pessoa desperta e se vê, digamos, sentada em compartimento elegante e de segunda classe, em companhia de um casal de desconhecidos elegantes; na verdade, entretanto, trata-se de despertar falso, não passa de camada seguinte em nosso sonho, como se estivéssemos subindo de uma camada a outra, mas sem jamais alcançarmos a superfície, nunca chegando à realidade. Nosso pensamento enfeitiçado, todavia, confunde-se, supondo que cada camada nova do sonho seja o umbral da realidade. Acreditamos nisso, prendemos o fôlego e saímos da estação ferroviária a que fomos trazidos em fantasias imemoriais, atravessamos a praça da estação. Quase não discernimos coisa alguma, pois a noite está entremeada de chuva, nossos óculos anuviaram-se e queremos com a maior rapidez possível alcançar o hotel fantasmagórico em frente à praça para podermos lavar o rosto, mudarmos os punhos da camisa e depois perambularmos por ruas estonteantes. Sucede algo, no entanto — um acaso absurdo — e o que parecia realidade perde abruptamente o formigar e o sabor da realidade. Nossa consciência foi enganada: continuamos dormindo.

O sono incoerente entorpece nossa mente. Depois vem um outro momento de percepção especiosa: essa bruma dourada e nosso quarto no hotel, que se chama "O Montevidéu". Um lojista que conhecemos em nossa cidade, berlinense saudoso, o escrevera em pedaço de papel para nossa informação. Ainda assim, quem sabe? Será isto a realidade, a realidade final, ou mais um sonho enganador?

Deitado de costas, Franz olhava com olhos míopes e agoniantemente apertados a bruma azul de um teto, e depois para o lado, a mancha radiosa que certamente era a janela. E para libertar-se dessa impressão vaga e dourada que com tanta força ainda fazia pensar em sonho; estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e procurou os óculos.

E só quando os tocou, ou mais precisamente o lenço em que estavam envoltos como em uma mortalha, só então é que Franz se recordou daquele incidente absurdo, em camada inferior do sonho.

Quando entrara pela primeira vez naquele quarto e olhara em volta, abrira a janela (pondo à vista apenas o quintal escuro e uma árvore também escura e ruidosa) ele, antes do mais, arrancara o colarinho sujo que estivera a apertar-lhe o pescoço e depois começara apressadamente a lavar o rosto. Como um imbecil ele colocara os óculos na beira da pia, ao lado da bacia. Ao levantar aquele objeto pesado para esvaziá-lo no balde, não apenas derrubara os óculos que haviam caído, mas ao dar um passo para o lado, em ritmo desajeitado com a bacia em derrame que segurava, ouvira o ruído pressago sob o calcanhar.

Ao reconstruir mentalmente o acontecimento, Franz fez careta, gemeu. Todas as luzes festivas de Friedrichstrasse haviam sido apagadas por sua bota. Teria de levar os óculos para serem consertados: apenas uma lente estava no lugar e ficara estalada. Ele apalpara mais do que examinara os óculos. Mentalmente já saíra do hotel, à procura da óptica. Seria isso em primeiro lugar, e depois aquela visita importante e bastante assustadora. Lembrando-se como a mão insistira em que ele fizesse a visita na primeira manhã após chegar ("será exatamente o dia em que pode-se encontrar em casa um homem de negócios"), Franz lembrou-se também de que era domingo. Estalou a língua e permaneceu imóvel na cama.

A pobreza complicada, porém conhecida (que não se pode dar ao luxo de ter sobressalentes de artigos caros) resultava agora em pânico o mais primitivo. Sem os óculos era praticamente cego, mas ainda assim precisava partir em jornada perigosa por uma cidade que não conhecia. Imaginava os espectros predadores que na noite anterior haviam estado amontoados perto da estação, os motores ligados e as portas batendo, quando ainda se encontrava seguramente oculado, mas com a visão diminuída pela noite chuvosa ele começara a atravessar a praça escura. E se fora deitar após o incidente, sem fazer a caminhada com que tanto ansiara, sem tomar o seu primeiro sabor de Berlim na hora exata de seu brilho e enxameio voluptuoso.

Em vez disso, em autocompensação miserável ele sucumbira outra vez naquela primeira noite à prática solitária que jurara abandonar antes de partir de casa.

Mas passar todo o dia naquele quarto hostil de hotel, em meio a objetos vagos e hostis, esperar sem ter o que fazer até segunda-feira, quando uma óptica com letreiro (para os que enxergavam!) na forma de gigantesco pince-nez azul se abrisse — tal perspectiva era inimaginável.

Franz arredou de si o edredão e, descalço, seguiu cautelosamente até a janela.

Foi acolhido por uma manhã azul clara, delicada e maravilhosamente ensolarada. A maior parte do quintal achava-se coberta pelo veludo de saibro do que parecia ser uma sombra frondosa de árvore, de cima da qual pôde apenas divulgar a tonalidade difusa e vermelho-alaranjada do que se parecia a folhagem das mais ricas. Cidade enorme, sem dúvida! Lá fora tudo se mostrava silencioso como na serenidade remota de um outono rural e luminoso.

Ah, o quarto era ruidoso! Seu tumulto compreendia o zumbido oco de pensamentos humanos irritados, estremejar de uma cadeira arrastada e sob a qual uma meia muitíssimo necessária desde muito estivera oculta ao catacego, o esparrinhar de água, o tilintar de moedas pequenas que haviam estupidamente caído do colete enganador, o arrastar da mala que fora levada ao canto distante onde não constituía perigo que o levasse novamente a tropeçar; e havia um outro ruído ao fundo — o próprio gemido e zunido do quarto, como a voz de uma concha marítima ampliada, em contraste com aquela serenidade miraculosa, surpreendente e ensolarada, conservada como vinho caro nos recantos frescos do quintal.

Franz finalmente sobrepujou todas as manchas e blocos de neblina, encontrou o chapéu, recuou diante do abraço que o espelho apalhaçado queria dar-lhe e seguiu para a porta. De seu corpo apenas o rosto permanecia despido. Tendo enfrentado as escadas, onde angelical donzela cantava enquanto dava polimento ao corredor, mostrou à recepcionista o endereço do cartão inestimável, sendo-lhe informado que ônibus tomar e onde era o ponto do mesmo. Hesitou por momentos, tentado pela mágica e majestosa possibilidade de tomar um táxi.

Rejeitou-a não apenas devido ao custo, mas porque seu possível empregador poderia tomá-lo por perdulário se assim chegasse lá.

Uma vez na rua foi engolfado por uma radiação borbulhante.

Não enxergava esboços, as cores não tinham substância. Como o vestido finíssimo de uma mulher, que caiu do cabide, a cidade tremelicava e se punha em dobras fantásticas, sem sustento ou soerguimento algum, uma iridescência desencarnada pairava molemente no ar outonal e azul. Além do deserto anacarado da praça, do outro lado da qual um automóvel vinha com velocidade e logo com um novo trombetear metropolitano, grandes edifícios roxos se agigantavam e, de repente, um raio de sol, um brilho de vidro, vinha apunhalá-lo dolorosamente na pupila.

Franz chegou a uma esquina plausível e depois de muito se atormentar e apertar os olhos descobriu a mancha vermelha da parada do ônibus, que ondulava e se encrespava como os suportes de uma casa de banho, quando se mergulha por baixo. Quase no mesmo instante a miragem amarela do ônibus se apresentou. Pisando no pé de alguém, que no mesmo instante se dissolveu sob o seu como tudo o mais se dissolvia, ele agarrou o guarda-mão e uma voz — evidentemente a do condutor — latiu em seu ouvido: "Sobe!" Era a primeira vez que ascendia nesse tipo de escada espiral (apenas alguns bondes velhos serviam à sua cidade natal), e quando o ônibus entrou em movimento com solavanco ele teve o vislumbre assustador do asfalto a se erguer como parede prateada, agarrou-se ao ombro de alguém e arrastado pela força de uma curva inexorável, durante a qual todo o ônibus parecia estar capotando, subiu às pressas os últimos degraus e chegou à parte de cima. Sentou-se e olhou em volta, tomado de indignação a mais indefesa. Flutuava muito alto acima da cidade. Na rua por baixo as pessoas resvalavam como águas-vivas sempre que o tráfego estacava. Quando o ônibus se repôs em movimento as casas, com tonalidade de azul a um lado da rua, ensolaradas e difusas no outro, desfilaram como nuvens que se fundiam imperceptivelmente ao céu delicado. Assim Franz viu a cidade, pela primeira vez — etérea, de nuances fantásmicas, impregnadas de cores que fluíam e nadavam, de modo algum parecendo-se a seus sonhos provinciais grosseiros.

Estará no ônibus certo? Sim, disse o bilheteiro.

O ar limpo assoviava-lhe nos ouvidos e as buzinas dialogavam em vozes celestiais. Veio-lhe às narinas uma lufada de folhas secas e um galho quase roçou nele. Perguntou a um companheiro de viagem onde devia desembarcar. Verificou, então, que faltava muito para isso. Começou a contar as paradas, de modo a não ter de indagar outra vez, e debalde procurou distinguir as ruas transversais. A velocidade, o arejamento, o cheiro de outono, a característica estonteante e refletora do mundo, tudo se fundia em tão extraordinária sensação de desencarnamento que Franz movimentou deliberadamente o pescoço para sentir a cabeça dura do botão de colarinho, que se lhe afigurava a prova única de sua existência.

Finalmente veio a parada. Ele desceu afobadamente os degraus altos e; com cautela, passou para a calçada. De alturas que se afastavam um viajante sem fisionomia gritou-lhe: "Para a sua direita! Primeira rua à sua..." Franz, vibrando correspondentemente, alcançou a esquina e entrou à direita. A tranqüilidade, a solidão, uma bruma ensolarada.

Achou que estava perdendo o rumo, derretendo-se naquela bruma e, o que era mais importante, não conseguia distinguir os números das casas. Sentia-se fraco e suado. Finalmente, notando a passagem de um transeunte, nublado, abordou-o e perguntou onde era o número cinco. O pedestre se colocara muito próximo a ele e a sombra da folhagem dançava de modo tão estranho em seu semblante que, por instantes, Franz julgou ter reconhecido o homem de quem fugira na véspera. Podia-se afirmar com certeza quase total que aquele era um capricho malhado, de sol e sombras; mesmo assim conferiu a Franz um choque tamanho que ele desviou o olhar.

— Do outro lado da rua, naquela cerca branca — disse o homem em tom lampeiro e continuou sua marcha.

Franz não via cerca alguma, mas encontrou um postigo, apalpou à cata do botão da campainha e o apertou. O portão emitiu zumbido estapafúrdio. Esperou um pouco e voltou a apertar. Novamente o postigo zumbiu. Ninguém veio abri-lo. Mais para longe ficava a neblina esverdeada de um jardim com uma casa flutuando ali, como reflexo indistinto. Procurou abrir o portão mas verificou que o mesmo não cedia. Mordendo os lábios tocou mais uma vez e manteve o dedo a apertar o botão por bastante tempo. O mesmo zumbido monótono.

De repente compreendeu qual era o jeito: inclinou-se contra o portão ao tocar e o mesmo se abriu com tanta raiva que ele quase caiu.

Alguém lhe perguntou:

— Com quem quer falar?

Voltou-se na direção da voz e divulgou uma mulher em vestido de cor clara, em pé na trilha de saibro que dava para a casa.

— Meu marido ainda não voltou para casa — disse a voz, após uma pausa curta, quando Franz havia respondido.

Quase cerrando os olhos, delineou a visão de brincos e cabelos escuros e lisos. Ela não era mulher tímida ou tímida, mas em sua aflição desajeitada por vê-la melhor ele se achegara a tal ponto que, por um momento ridículo, elajulgara que o intruso impetuoso estava prestes a tomar-lhe a cabeça nas mãos.

— É muito importante — explicou Franz. — Eu sou parente dele.

Parado em frente da mulher, tirou do bolso a carteira e começou a vasculhá-la à cata do cartão famoso.

Ela estava imaginando onde o tinha visto antes. As orelhas de Franz eram de um vermelho translúcido ac sol-e gotículas de suor aperolavam-lhe a testa inocente, até as raízes dos cabelos escuros e curtos. E recordação repentina, como a de um prestidigitador, colocou óculos no rosto inclinado, imediatamente os retirou. Martha sorriu. No mesmo instante, Franz descobriu o cartão e ergueu a cabeça.

— Aqui está — disse. — Disseram-me para vir. Em um domingo.

Ela examinou o cartão e voltou a sorrir.

— Seu tio foi jogar tênis. Voltará para o almoço. Nós já o conhecemos, sabia?

— Bitte? — contrapôs Franz, forçando ainda mais os olhos para enxergar.

Mais tarde, ao recordar-se desse encontro, da miragem no jardim, do vestido que se desfazia ao sol, maravilhou-se da enormidade de tempo de que precisara para reconhecê-la. A três passos de distância, ele só conseguia divulgar os traços de alguém como a visão humana normal o conseguiria através de um véu de gaze. Com bastante ingenuidade disse a si próprio que nunca a vira antes sem chapéu, e não contara vê-la a usar os cabelos com separação ao meio e um coque por trás (único detalhe em que Martha não acompanhava a moda); ainda assim não era tão fácil explicar como podia ter acontecido que, mesmo na percepção distante da forma fantásmica, não ocorresse novamente e de imediato o mesmo tremor, a mesma mágica que o fascinara na véspera. Nos dias subseqüentes, pareceu-lhe que naquela manhã ele estivera imerso em um mundo irreprodutível e vago que existira por um só domingo curto, mundo onde tudo era delicado e imponderável, radioso e instável. Nesse sonho, tudo podia acontecer: e então sucedera, afinal de contas, que Franz não despertara em sua cama de hotel aquela manhã, mas simplesmente passara para a camada seguinte de sono. Na radiação sem substância de sua miopia, Martha não se parecia de modo algum à dama no trem, que brilhara como um quadro e bocejara como tigresa. Sua beleza de Madona, que ele vislumbrara e depois perdera, apresentava-se completa, como se essa fosse a essência real dela, desabrochando agora em sua presença sem qualquer mistura, sem qualquer falha ou moldura. Ele não poderia ter dito com certeza se achava atraente aquela dama de formas e feições difusas. A miopia é casta e, ademais, ela era a esposa do homem de quem dependia todo o seu futuro, de quem havia recebido ordens para arrancar tudo que pudesse, e tal fato a fazia parecer, no exato instante da apresentação, mais distante, mais inatingível do que a desconhecida glamorosa do dia anterior. Ao acompanhar Martha, seguindo a trilha para a casa, ele gesticulava, não parava de desculpar-se por sua enfermidade, os óculos partidos, lojas fechadas, louvando as maravilhas da coincidência, tão

embriagador era seu desejo de obter sua disposição favorável para com ele, o mais rápido que fosse possível.

No gramado próximo do alpendre achava-se uma sombrinha de praia, muito alta, e sob a mesma uma mesinha e diversas cadeiras de vime. Martha sentou-se e Franz, sorrindo e piscando, sentou-se a seu lado. Ele resolveu que o havia aturdido completamente com a visão de seu jardim pequeno, porém caro, que continha entre outras coisas cinco canteiros de dalias, três lariços, dois salgueiros chorões e uma magnólia, e não se deu ao trabalho de verificar se aqueles pobres olhos tresloucados sabiam distinguir uma sombrinha de praia de uma árvore ornamental. Saboreava recebê-lo de modo tão elegante, *auf englische Weise*, estonteando-o com sua riqueza insonhada e ansiando por mostrar-lhe a vila, as miniaturas na sala de estar, o pau-cetim no dormitório, ouvindo os murmúrios e gemidos de admiração respeitosa daquele rapaz muito bem apessoado. E como, de modo geral, as visitas que recebiam eram de pessoas de seu próprio círculo, às quais desde muito se cansara de aturdir, sentia-se ternamente reconhecida para com aquele provinciano de colarinho engomado e calças estreitas, que lhe trazia a oportunidade de renovar o orgulho desfrutado nos primeiros meses de casamento.

— É tão tranqüilo aqui — observou Franz. — Julguei que Berlim fosse ruidosa.

— Oh, mas nós moramos quase na roça — respondeu ela, sentindo-se sete anos mais jovem e aduzindo: — A vila ao lado pertence a um conde. Um velho muito bom, nós nos vemos com muita freqüência.

— Muito agradável... essa atmosfera calma e simples — disse Franz, desenvolvendo com firmeza o tema e já antevedendo um beco sem saída.

Ela fitou-lhe a mão pálida e de nós arroxeados, com belo indicador estendido sobre a mesa. Os dedos magros tremiam um pouco.

— Muitas vezes eu quis saber — afirmou ela — a quem nós conhecemos melhor... alguém que esteve no mesmo aposento por cinco horas, ou alguém que, só vimos por dez minutos todos os dias, durante todo um mês.

— Bitte? — pediu Franz.

— Eu acho — prosseguiu ela — que o fator verdadeiro, neste caso, não é a extensão de tempo, mas a da comunicação... o intercâmbio de idéias sobre a vida e as condições de vida. Diga-me, qual é exatamente o seu parentesco com meu marido? Primo em segundo grau, não é verdade? Vai trabalhar aqui, isso é ótimo, rapazes como você devem trabalhar muito. Os negócios dele são enormes... quero dizer, a firma de meu marido. Mas tenho a certeza de que você já ouviu falar sobre o famoso empório dele. Talvez empório seja palavra forte demais, só vende coisas para homem, mas existe de tudo, de tudo... gravatas, chapéus, artigos esportivos. E existe também o gabinete em outra parte da cidade, e diversas operações bancárias.

— Vai ser difícil começar — disse Franz, tamborilando os dedos na mesa. — Estou um pouco assustado. Mas sei que seu marido é homem maravilhoso, um homem muito bondoso. Minha mãe o adora.

Nesse momento surgiu de algures, como em sinal de solidariedade o espectro de um cachorro que, em escrutínio mais detido, revelou-se um alsaciano. Baixando a cabeça o animal colocou algo aos pés de Franz e depois recuou um pouco, dissolveu-se por momentos no espaço nebuloso e ficou à espera.

— Esse é o Tom — explicou Martha. — O Tom ganhou um prêmio na exposição. Não ganhou, Tom? — e falava com Tom na presença de convidados.

Por respeito à anfitriã Franz apanhou o objeto que o cachorro lhe oferecia. Descobriu que se tratava de uma bola de madeira, molhada, coberta de marcas tangíveis de dentes. Assim que apanhou a bola, levando-a ao rosto, o espectro do cachorro apresentou-se a um salto, vindo da bruma ensolarada e tornando-se vivo, quente, ativo e quase derrubando-o da cadeira. Ele logo se livrou da bola e Tom desapareceu.

A bola caiu exatamente entre as dalias mas, naturalmente, Franz não o percebeu.

— Um belo animal — observou com repugnância, enquanto Limpava a mão úmida no braço estofado da cadeira. Martha olhava em outra direção, preocupada com a tempestade no canteiro que Tom promovia, na procura frenética de seu brinquedo. Ela bateu palmas e Franz educadamente a imitou, equivocando-se a julgar que se tratava de aplauso, e não de repreensão. Por sorte, nesse momento, um menino passou por ali em bicicleta e Tom, esquecendo-se no mesmo instante da bola, lançou-se à frente na cerca do jardim e percorreu todo o seu comprimento, latindo furiosamente. Acalmou-se de imediato, voltou e deitou-se nos degraus do alpendre sob o olhar frio de Martha, pondo a língua para fora e dobrando a pata dianteira como se fosse um leão.

Enquanto Franz ouvia o que Martha lhe dizia, no tom de voz vibrante e petulante a que já se habituava e falando sobre o Tirol, achou que o cachorro não se distanciara muito e poderia a qualquer instante trazer de volta aquele objeto pegajoso. Cheio de saudade lembrou-se do dogue velho e horroroso de uma mulher velha e

horrorosa (parente e grande inimigo do animal de estimação de sua mãe) que ele conseguira atingir com fortes pontapés, em diversas ocasiões.

— De algum jeito, no entanto — Martha dizia — a gente se imaginava trancada. Imaginávamos aquelas montanhas caindo sobre o hotel em meio da noite, bem em cima de nossa cama, sepultando-me e ao meu marido, matando a todos. Estávamos pensando em ir à Itália, mas, não sei como, perdi a vontade. Ele é muito estúpido, o nosso Tom. Os cachorros que brincam com bolas são sempre estúpidos.

Um cavalheiro desconhecido chega, mas para ele não passa de um membro da família, membro novo em folha. Esta é a sua primeira visita, não é, à nossa grande cidade? Está gostando daqui?

Franz indicou os olhos com gesto educado.

— Não sou inteiramente cego — observou. — Até que obtenha óculos novos, não posso apreciar coisa alguma. Tudo que vejo são apenas cores, o que não é muito interessante, afinal de contas. Mas, de modo geral, estou gostando. E aqui está muito sossegado, por baixo desta árvore amarela.

Por algum motivo, perpassou-lhe pela cabeça um pensamento — um laivo de fantasia fugitiva — de que naquele exato instante sua mãe voltava da igreja com a Frau Kamelspinner, a esposa do empalhador. E entrementes — maravilha das maravilhas — ele mantinha conversa difícil mas deliciosa com aquela dama nublada, naquela bruma radiosa. Era tudo muito perigoso, cada palavra que ela dissesse podia derrubá-lo.

Martha notou sua leve gagueira e o modo nervoso que ele tinha de fungar de vez em quando. "Aturdido e embaraçado, e tão jovem", refletia com mistura de desdém e ternura, "cera quente, jovem e sadia que se pode manipular e moldar até que a forma nos satisfaça.

Mas ele devia ter feito a barba, antes de vir". E disse experimentalmente, para ver qual seria a reação dele: — Se pretende trabalhar em loja elegante, meu senhor, deve cultivar modos mais confiantes e livrar-se desses pêlos em seus queixos viris.

Como esperara, Franz perdeu todo o resto de compostura que lhe restava.

— Vou arranjar nóculos ovos, quero dizer, óculos novos — foi sua expostulação, ou foi isto que seu cicio pareceu dizer.

Martha permitiu que a confusão dele se desfizesse, imaginando que assentava muito bem no rapaz. Franz, na verdade, sentiu-se inconfortabilíssimo por instante, mas não como Martha o imaginara. O que o embaraçara não fora a observação, porém a aspereza repentina no tom de voz dela, uma espécie de "cuida-te!" gutural como se, para dar exemplo, ela estivesse empertigando os ombros à palavra "confiante". Isso não se coadunava com a imagem enevoada que fazia dela.

A interpolação discordante passou logo: Martha voltou a combinar-se com a bruma encantadora do mundo que o circundava e retomou a conversa elegante.

— O outono é mais frio aqui do que nos pomares de sua terra.

Eu adoro a fruta apetitosa, mas também gosto de um dia frio. Há algo na tessitura e temperatura de minha pele que simplesmente vibra, em reação a uma brisa ou geada forte. Ai, e tenho de pagar por isso.

— Lá em minha terra ainda há banhos — observou, Franz, mais do que disposto a lhe falar sobre o celebrado rio lírico e límpido que lhe atravessava a cidade natal sob pontes arqueadas e depois entre os milharais e vinhedos; ia dizer-lhe como era bom nadar naquele rio, em pêlo, mergulhando da pequenina "jangada" que se podia alugar por algumas moedas; mas nesse instante um automóvel buzinou e se aproximou do portão e Martha o interrompeu: — Meu marido chegou.

Ela cravara o olhar em Dreyer, imaginando se o aspecto do mesmo impressionaria o jovem primo e esquecendo-se de que Franz o vira antes e dificilmente poderia vê-lo, naquele momento. Dreyer aproximou-se em passos largos e elásticos. Usava amplo sobretudo branco com xale branco. Três raquetes, cada qual em capa de lona de cor diferente — marrom, azul e cor de amora — apareciam sob o braço; o rosto, com o bigode penugento, brilhava como uma folha de outono. Ela se sentiu menos vexada pela vestimenta exótica do que pela interrupção da conversa, por não estar mais a sós com Franz, por não ser apenas e exclusivamente ela quem o engolfava e impressionava. De modo involuntário seus modos para com Franz mudaram, como se houvesse "algo entre eles" e vinha agora o marido, levando-os a comportar-se com reserva maior. Ela, ademais, não queria permitir que Dreyer percebesse que o parente pobre a quem ela criticara antes de conhecer não se mostrava, afinal de contas, tão ruim assim. Desse modo, quando Dreyer juntou-se a eles quis transmitir-lhe, por meio de um pouco de pantomima disfarçada que sua chegada vinha agora libertá-la, afinal, da companhia tediosa.

Infelizmente Dreyer, ao se aproximar, não descravou os olhos de Franz que, fitando a parte luminosa em condensação gradual na neblina malhada, levantou-se e se preparava para fazer mesura.

Dreyer, que a seu modo era observador e gostava de truques mnemônicos triviais (muitas vezes jogava

conseguiu mesmo, tentando lembrar-se das figuras em uma sala de espera, aquela coleção comovente de figuras), desde a distância reconhecera imediatamente o recente companheiro de viagem e ficou pensando se ele havia trazido a carta fechada de uma chapeleira, que Martha extraviara durante a viagem.

Mas logo outro pensamento, repentino e muito mais divertido, lhe ocorreu. Martha, acostumada à pirotécnica de seu semblante, viu o bigode aparado contorcer-se e os raios de ruga no lado das têmporas dos olhos multiplicarem-se e tremerem. No instante seguinte ele explodiu em gargalhadas tão violentas que Tom, dando pulos em volta dele, não pôde deixar de latir. Não só a coincidência vinha divertir Dreyer como também a conjectura de que Martha provavelmente dissera algo ruim sobre seu parente enquanto este, o próprio, estivera sentado bem ali, no compartimento do trem. O que Martha havia dito exatamente, e se Franz o teria ouvido, jamais poderia recordar, mas algo existira com certeza, e essa incerteza comichante vinha fortalecer o aspecto divertido da coincidência. No relâmpago do pensamento humano também recordou — enquanto o cachorro afogava com os latidos os cumprimentos do primo — como um conhecido certa feita lhe telefonara enquanto ele tomava um tumultuado banho de chuveiro e Martha gritara, falando pela porta do banheiro: — Aquele velho estúpido Wasserschluss está chamando — e a cinco passos de distância o telefone sobre a mesa parecia aguçar a orelha como um bisbilhoteiro em farsa teatral.

Riu ao apertar a mão de Franz e ainda estava rindo quando se deixou cair em uma das cadeiras de vime. Tom continuava a latir e Martha, de repente, lançou-se à frente e, com os anéis reluzindo, desferiu no cachorro um golpe rijo, com o dorso da mão. O golpe doeu e Tom, ganindo, afastou-se dali.

— Delicioso — disse Dreyer (o leite já extinto), enxugando os olhos com grande lenço de seda. — Você então, é Franz... o filho de Lina. Depois de tamanha coincidência devemos eliminar as formalidades... por favor não me chame de senhor, mas de tio, caro tio.

"Evitar os vocativos", pensou Franz, muito depressa. Ainda assim, começou a sentir-se à vontade. Dreyer assoando o nariz na neblina, era figura indistinta, absurda e inofensiva como aquelas pessoas inteiramente desconhecidas que personificam gente conhecida em nossos sonhos e nos falam em vozes falsas, como amigos íntimos.

— Estive muito bem hoje — disse Dreyer à esposa — e sabe de uma coisa? Tenho fome. Acho que o jovem Franz também está com fome.

— O lanche será servido em um minuto — disse Martha, levantando-se e desaparecendo.

Franz, sentindo-se ainda mais à vontade, disse: — Precisa desculpar-me... quebrei os óculos e quase não distingo coisa alguma, de modo que me confundo um pouco.

— Onde está hospedado? — perguntou Dreyer.

— No Video — disse Franz. — Perto da estação. Foi-me recomendado por uma pessoa experiente.

— Ótimo. Sim, você é um bom cachorro, Tom.' Agora, antes do mais, você precisa achar um bom quarto, que não fique longe demais. Por quarenta ou cinquenta marcos mensais. Você joga tênis?

— Certamente — respondeu Franz, lembrando-se de um quintal, a raquete marrom de segunda mão que comprara por um marco, em loja de objetos usados, sob o busto de Wagner, a bola de borracha negra e a parede de tijolos nada amiga, com buraco quadrado e fatal no qual crescia um goiveiro.

— Ótimo. Podemos jogar aos domingos, então. E você vai precisar de um terno decente, camisas, colarinhos macios, gravatas, todos os tipos de objetos. Como foi que se deu com minha esposa?

Franz sorriu, sem saber o que responder.

— Ótimo — disse Dreyer. — Desconfio que o lanche está pronto.

Vamos falar mais tarde sobre os negócios. Aqui nós falamos sobre os negócios quando tomamos café.

A esposa apareceu na varanda. Dedicou-lhe um olhar prolongado e frio, assentiu friamente e voltou para o interior da casa. "Aquele tom de voz odioso, sem dignidade e cordial que ele sempre tem de adotar com os inferiores", refletia ao passar pelo saguão branco de marfim, onde o pente impecável, branco e hospitaleiro, e a escova de corpo branco se achavam sob o pequeno pano de mesa, por baixo do tremó. Toda a vila, desde o terraço caiado até a antena de rádio, era assim — limpa, arrumada, e em seu conjunto desamada e inútil.

O dono da casa a considerava uma piada. Quanto à dona, não havia considerações de ordem estética ou emocional a lhe determinarem o gosto; julgara simplesmente que um alemão de negócios, razoavelmente rico e nos anos vinte, em Berlim Ocidental devia ter uma casa exatamente desse tipo, isto é, pertencente ao mesmo tipo suburbano das casas de seus colegas. Dispunha de todas as instalações e a maioria dessas instalações ficavam sem uso. Havia no banheiro, por exemplo, o espelho redondo e giratório, do tamanho de um rosto — espelho ampliador grotesco, com luz elétrica. Martha, certa feita, o dera ao marido para ele barbear-se, mas logo Dreyer passara a detestá-lo: era insuportável ver, todas as manhãs, o queixo muito bem iluminado inchar-

se até cerca de três vezes seu tamanho natural e cravejado de pêlos que haviam brotado da noite para o dia. As cadeiras na sala de estar pareciam-se a móveis em exibição em boa loja. Uma escrivaninha com prateleira superior desnecessária, consistindo em gavetinhas dispensáveis, sustentava em lugar de lâmpada um cavaleiro de bronze empunhando lanterna. Havia grande número de animais de porcelana, sem poeira e sem carinho, com traseiros luzidios, bem como almofadas de muitas cores, nas quais nenhuma face humana jamais se aninhara; e álbuns — coisas enormes cheias de fotografias de porcelana de Copenhague e móveis de Hagenkopp — que só eram abertas pelo convidado mais estúpido ou mais tímido.

Tudo na casa, incluindo os potes rotulados de açúcar, trevo, chicória, nas prateleiras da cozinha maravilhosa, tinha sido escolhido por Martha a quem, sete anos antes, o marido dera de presente em sua bandeja de relva verde a pequena vila recém-construída, ainda vazia e pronta para agradar. Ela adquirira pinturas e as distribuía pelos aposentos sob a supervisão de um artista que estivera muito em moda nessa estação e que acreditava que qualquer quadro era aceitável, desde que fosse feio e sem sentido, com manchas grossas de tinta, quanto mais sujas e enlameadas melhor. Seguindo o conselho do conde, Martha também comprara algumas pinturas antigas em leilões.

Entre elas encontrava-se o magnífico retrato de um cavalheiro de aspecto nobre, com suíças e usando casaco matinal muito elegante, em pé e apoiado em esguia bengala, e iluminado como que por relâmpagos contra um pano de fundo castanho. Martha comprara aquilo com bons motivos. Bem ao lado, na parede da sala de jantar, colocara um daguerreótipo do avô, comerciante de carvão desde muito falecido e de quem se desconfiara ter afogado a primeira esposa em pequeno lago, por volta de 1860, mas nada ficara provado. Também usava suíças, casaco matinal e se apoiava em bengala; e tal proximidade à suntuosa pintura a óleo (assinada por Heinrich von Hildenbrand) vinha-transformar escorreitamente o último em retrato de família. "O Vovô", diria Martha indicando o artigo genuíno com um aceno da mão que incluía displicentemente, no arco por ela feito, o cavalheiro anônimo a cujo retrato se dirigia o olhar iludido do convidado.

Por infortúnio, todavia, Franz não podia distinguir nem os retratos, nem a porcelana, por mais habilidosamente que Martha dirigisse sua atenção aos encantos do aposento. Ele percebia uma combinação delicada de cores, sentia o frescor das flores em abundância, apreciava a maciez do tapete sob os pés e assim percebeu, por capricho do destino, a própria qualidade que faltava aos móveis da casa, mas que, na opinião de Martha, devia ter existido e pela qual ela pagara com dinheiro; uma aura de luxo na qual, após o segundo copo de vinho dourado, ele começou lentamente a se dissolver. Dreyer voltou a encher-lhe o copo e o jejuno Franz, que não se atrevera a participar no primeiro e enigmático prato, compreendeu que suas extremidades inferiores, a esta altura, haviam-se desmanchado por completo. Duas vezes interpretou o braço despido da criada pelo de Martha, mas logo se apercebeu de que esta se achava sentada à distância, como um espectro dourado em vinho. Dreyer também era um espectro, porém cálido e corado, descrevia um vôo que efetuara dois ou três anos antes., de Munique a Viena em meio a forte tempestade; como o aeroplano sacudira e fora balançado e como tivera vontade de pedir ao piloto "por favor, pare um pouco"; e como sua companheira de viagem de então, uma velha inglesa, mantivera-se calmamente a solucionar um problema de palavras cruzadas. Franz, entretantes, passava por dificuldades fantásticas com o vol-au-vent e depois com a sobremesa. Tinha a sensação de que dentro de um minuto seu corpo derreter-se-ia por completo, deixando-lhe apenas a cabeça que, com sua boca cheia de creme, começaria a flutuar por ali como um balão. O café e o curação quase lhe deram cabo da pele. Dreyer, girando vagarosamente diante dele como uma roda flamejante, com braços humanos em lugar de raios, começou a falar sobre o emprego que aguardava Franz. Observando o estado em que o pobre camarada se encontrava, não entrou em detalhes. Mas afirmou que logo Franz se tornaria excelente vendedor, que o inimigo principal do aviador não é o vento, porém, a neblina e que, como o salário não seria grande coisa de início, ele se encarregaria de pagar o quarto e ficaria satisfeito se Franz aparecesse todas as noites se assim o desejasse, embora não fosse surpresa para ele se o serviço aéreo se visse criado no ano seguinte entre a Europa e a América. O carrossel na cabeça de Franz não parava por um só instante; sua poltrona de braços viajava pelo aposento em círculos de deslizamento. Dreyer o examinava com sorriso bondoso e, prelibando o falatório que Martha lhe dirigiria por causa de toda essa alegria, continuava mentalmente a derramar sobre a cabeça de Franz o conteúdo de uma cornucópia imensa, pois era preciso de algum modo recompensar Franz pela alegria e divertimento ocasionados pelo diabete da coincidência, por intermédio dele. Devia recompensar não apenas o rapaz, mas também a prima Lina, por aquela verruga que tinha na face, pelo dogue, pela cadeira de balanço com descanso verde e em forma de salsicha para o pescoço, onde se lia: "Apenas uma curta meia-hora". Mais tarde, quando Franz, exalando vinho e gratidão despediu-se do tio, descendo cuidadosamente os degraus até o jardim e passando cuidadosamente pelo portão e, segurando ainda o chapéu, desapareceu na esquina, Dreyer

ficou a imaginar o bom sono que o pobre rapaz teria no quarto de hotel e sentiu então o peso bem-aventurado da sonolência, subindo para seu quarto.

Ali, em peignoir alaranjado, tendo cruzadas as pernas nuas, o pescoço de veludo branco muito bem realçado pelo braço negro de seu coque grosso e baixo — Martha estava sentada diante da penteadeira, passando verniz nas unhas. Dreyer viu ao espelho o brilho de suas fitas lisas, as sobrancelhas cerradas, os seios juvenis. Uma palpação robusta, mas importuna, afastou a sonolência. Ele suspirou. Não era a primeira vez a deplorar que Martha encarasse o amor vespertino como perversão decadente. E como a esposa não erguia a cabeça, compreendeu que ela estava com raiva.

Disse baixinho — tentando piorar as coisas, a fim de não continuar deplorando:

— Por que você sumiu depois do almoço? Podia ter esperado até ele sair.

Sem erguer o olhar Martha respondeu: — Você sabe muitíssimo bem que fomos convidados hoje para um chá muito importante e elegante. Não faria mal a você se se preparasse.

— Ainda temos uma hora, mais ou menos — contrapôs Dreyer.

— Acho que vou tirar uma soneca.

Martha continuou em silêncio enquanto trabalhava ativamente com o polidor de camurça. Ele despiu o capote tipo Norfolk, sentou-se na beira do sofá e começou a descalçar os tênis manchados de areia vermelha.

Martha abaixou-se ainda mais e disse, abruptamente: — É notável como algumas pessoas não têm qualquer sentido de dignidade.

Dreyer resmungou e despiu calmamente as calças de flanela, depois descalçou as meias de seda branca.

Um minuto mais tarde, mais ou menos, Martha lançou algo na superfície de vidro da penteadeira, fazendo barulho e dizendo: — Eu gostaria de saber o que esse rapaz pensa de você, agora.

Nada de formalidades, chame-me de titio...

coisa que nunca se viu.

Dreyer sorriu, sacudindo os dedos do pé.

— Chega de jogar em quadras públicas — esclareceu. Na próxima primavera, vou entrar para um clube.

Martha voltou-se de repente para ele e, apoiando o cotovelo no braço da poltrona, levou o queixo ao punho. A perna, cruzada sobre a outra, balançava de leve. Ela examinou o marido, atizada pela expressão entretraquinas e desejosa do olhar dele.

— Você tem o que queria — prosseguiu ela. — Você cuidou de seu caro sobrinho. Aposto que lhe fez um montão de promessas.

E faça o favor de encobrir a sua nudez obscena.

Envolvendo-se em um roupão, Dreyer aconchegou-se no sofá de cretone. O que aconteceria, indagava a si próprio, se ele agora dissesse algo como "Você também tem suas singularidades, meu amor, e algumas são menos perdoáveis do que a obscenidade de um marido.

Você viaja de segunda classe em vez de viajar de primeira classe, porque a segunda é a mesma coisa e a economia colossal, alcançando a soma estupenda de vinte e sete marcos e sessenta pfennigs que, de outra forma, teriam desaparecido nos bolsos dos larápios que inventaram a primeira classe. Você bate em um cachorro adorável e cheio de amor, porque um cachorro deve latir alto. Muito bem: vamos supor que tudo isso esteja certo. Mas deixe-me brincar um pouquinho, também. Deixe-me o meu sobrinho..."

— É evidente que você não quer falar comigo — observou Martha.

— Oh, bem... — e voltou a trabalhar nas unhas que se pareciam a jóias.

Dreyer refletia: Se você, ao menos uma vez, se soltasse, se se divertisse e chorasse de verdade... depois disso haveria de sentir-se melhor, com certeza.

Pigarreou, preparando-se para falar, mas como acontecera mais de uma vez, resolveu no último instante que não devia dizer coisa alguma. Não havia como saber se era o desejo de irritá-la com o silêncio ou apenas o resultado de indolência contente, talvez o medo inconsciente de desferir o golpe final em algo que queria conservar.

Refestelando-se na almofada de três cantos, as mãos bem enfiadas nos bolsos do roupão, permaneceu a contemplar a silenciosa Martha; e logo o olhar dele desviou-se para a cama larga da esposa sobre a qual se estendia o cobertor branco, cambraia enfeitada de rendas, lavável, grande, quadrada e severamente separada da sua, também enfeitada de rendas, por uma mesinha de cabeceira sobre a qual se escarrapachava uma boneca de trapos e pernas compridas, o rosto negro. Essa boneca e as colchas, bem como a mobília pretensiosa, mostravam-se ao mesmo tempo divertidas e repelentes.

Ele bocejou e esfregou o pau do nariz. Talvez fosse mais aconselhável mudar imediatamente de roupa e

depois ler por meia hora, no terraço. Martha despiu o peignoir alaranjado e recuara os cotovelos para ajustar um colar; suas omoplatas despidas e angelicalmente lindas juntaram-se como asas que se dobravam. Ele ficou pensando com desejo em quantas horas teriam de decorrer até que ela o deixasse beijar esses ombros; hesitou, pensou melhor e seguiu para seu vestiário, do outro lado da passagem.

Assim que a porta se havia fechado em silêncio à sua passagem Martha se pôs em pé com um salto e furiosamente, com um arranco, trancou-a. Isso era inteiramente despropositado: era impulso singular que ela teria sido incapaz de explicar e ainda mais sem sentido porque precisaria da criada dentro de um minuto e teria de abrir a porta de qualquer modo. Muito mais tarde, quando houvesse decorrido muitos meses e ela tentasse reconstituir a seqüência daquele dia, era dessa porta e dessa chave que se lembraria de modo mais vivo, como se uma chave de porta comum fosse a chave correta para aquele dia que não se mostrara de todo comum. Ao torcer o pescoço da fechadura, no entanto, não conseguiu arredar de si a raiva. Era um fervilhamento confuso e turbulento que não encontrava libertação.

Sentia raiva pelo fato de que a visita feita por Franz lhe trouxera um estranho prazer e que, por este prazer, tinha de agradecer ao marido! O desfecho era que em seus debates sobre convidar ou não convidar um parente pobre ela estivera errada e certo seu marido transviado e bobão. Assim sendo, ela procurava não reconhecer o prazer, de modo que o marido pudesse continuar errado. O prazer, ela bem o sabia, logo se repetiria e ela sabia também que se houvesse tido razão completa sua atitude teria levado o marido a não voltar a receber Franz, ela talvez não dissesse o que acabara de dizer. Pela primeira vez em sua vida matrimonial ela sentia algo que nunca esperara sentir, algo que não se ajustava corretamente ao padrão da vida deles após as surpresas desalentadoras da lua-de-mel. E assim, de uma ninharia, de uma estada acidental em ridícula cidade provinciana, algo começara a surgir, alegre e irreparável. E não havia no mundo aspirador de pó que pudesse restaurar instantaneamente todos os aposentos do cérebro dela ao estado anterior, de limpeza imaculada. A qualidade vaga de suas sensações, a dificuldade de calcular logicamente o motivo pelo qual ela gostara daquele rapaz provinciano, desajeitado e ansioso, de dedos longos e finos e covinhas entre as sobrancelhas, tudo isso lhe causava tanta contrariedade que estava a ponto de amaldiçoar o novo vestido verde estendido no braço da poltrona, o traseiro gorducho de Frieda que vasculhava a gaveta anterior da cômoda e seu próprio reflexo taciturno ao espelho.

Olhou para uma jóia em que se refletia friamente um aniversário e lembrou-se de que seu trigésimo quarto aniversário passara poucos dias antes; com estranha impaciência começou a consultar o espelho a fim de perceber a ameaça de uma ruga, a insinuação de uma dobra na pele. Em algum lugar uma porta fechou-se sem ruído e a escada rangeu (as escadas não devem ranger!), e o assovio desafinado e alegre do marido já não podia ser ouvido. "Ele é um mau dançarino", pensava Martha. "Pode ser bom no tênis, mas será sempre um mau dançarino. Não gosta de dançar. Não compreende como dançar é elegante em nossos dias. Elegante e indispensável."

Com ressentimento muito contra a ineficiente Frieda, enfiou a cabeça pela circunferência macia e franzida do vestido. Sua sombra verde passou voando para baixo, diante de seus olhos, e ela emergiu ereta, consertou os lábios e de repente achou que sua alma estava temporariamente circunscrita e contida pela tessitura verde daquele vestido leve.

Lá em baixo, no terraço quadrado com seu chão de cimento e astropólios roxos e rosas na balaustrada larga, Dreyer sentou-se em cadeira de lona, próximo à mesa do jardim e com um livro aberto sobre o regaço, olhava para as plantas. Além da cerca o automóvel negro, aquele Icarus que custara tanto dinheiro, já o aguardava inexoravelmente.

O novo chavffeur, os cotovelos sobre a cerca, do lado de fora, conversava com o jardineiro. A luminosidade fria do final da tarde permeava a atmosfera outonal; as sombras azuis e bem delineadas das árvores novas estendiam-se sobre o gramado ensolarado, tudo na mesma direção, como aflitas para verem qual seria a primeira a alcançar o muro lateral e branco do jardim. Ao longe, do outro lado da rua, as fachadas cor de pistache dos edifícios de apartamentos mostravam-se muito claras e aLi, inclinado melancolicamente em edredão vermelho estendido no peitoril da janela, sentava-se um homenzinho calvo, em mangas de camisa. O jardineiro por duas vezes apanhara o carrinho de mão, mas a cada feita voltara-se para conversar com o chauffeur. Depois disso, os dois acenderam cigarros e as volutas finas de fumaça faziam-se muito visíveis, flutuando contra o lado negro e luzidio do automóvel. A sombra parecia ter-se movido um pouquinho mais à frente, mas o sol continuava a brilhar triunfante sobre a direita, por trás da esquina da vila do conde, que se encontrava em terreno mais alto, com árvores mais altas. Tom caminhava indolentemente ao longo do canteiro. Tocado pelo sentido do dever e sem a menor esperança de êxito ele partiu no encalço de um pardal de vôo baixo

e depois se deitou ao lado do carrinho de mão, pondo o focinho nas patas. A simples palavra "terraço" — como era espantoso, como era fresco! O raio lindo de uma teia de aranha estendida obliquamente da flor na quina da balaustrada até a mesa a seu lado. As nuvens pequenas, em uma parte do céu claro e limpo, tinham encaracolados engraçados e eram todas parecidas, como num horizonte marítimo, todas reunidas em rebanho delicado. Tendo finalmente ouvido tudo quanto havia para ouvir e dito tudo quanto havia para dizer o jardineiro partiu com o carrinho de mão, voltando-se com precisão geométrica nos cruzamentos das trilhas de saibro e Tom, erguendo-se cheio de preguiça, passou a andar em seu encalço como um brinquedo mecânico, voltando-se quando o jardineiro se voltava. Die toten Seelen, de um autor russo, que desde muito estivera escorregando pelo joelho de Dreyer, caiu na laje do chão e ele não teve energia para apanhá-lo.

Tão agradável, tão espaçoso... A primeira a ser alcançada seria com certeza aquela macieira. O chàuuffeu tomou lugar ao volante. Seria interessante saber em que estaria pensando, naquele instante. Cedo, nesse dia, seus olhos haviam tido um brilho singular. Seria o brilho causado por bebida? E não seria um escândalo, issc de um chauffeur que bebesse? Dois homens de cartola, diplomatas ou coveiros, passaram por ali; as cartolas e as sobrecasacas como que flutuaram ao longo da cerca. Do nada veio uma borboleta Admirável Rubra, pousou na beira da mesa e ali abriu as asas e começou a batê-las devagar, como se estivesse respirando. O fundo marrom-escuro sofrera contusões aqui e acolá, a faixa escarlata desbotara, as orlas estavam esfiapadas — mas a criatura continuava tão linda, tão festiva...

Na segunda-feira, Franz cometeu uma extravagância: comprou o que o dono da óptica lhe assegurou que era um artigo americano.

A armação era de tartaruga — não deixando dúvidas quanto ao fato bem conhecido de que os quelônios são imitados com frequência e grande variedade. Quando as lentes certas haviam sido ajustadas e ele colocou os óculos novos sentiu no mesmo instante o reconforto e a paz no coração, bem como atrás das orelhas. O nevoeiro desmanchou-se. As cores indisciplinadas do universo voltavam a confinar-se a seus compartimentos e celas oficiais.

Havia uma coisa que ainda tinha de fazer para estabelecer-se e afirmar-se nesse mundo recém-assinalado: precisava encontrar onde morar. Franz sorriu, condescendente e delambido, ao lembrar-se da promessa de Dreyer, feita na véspera, de que lhe pagaria muitos luxos. O titio Dreyer era instituição um tanto fantástica, mas muitíssimo útil. E o titio estava coberto de razão: como, na verdade, poderia Franz arrumar-se sem algumas roupas decentes? Em primeiro lugar, no entanto, era descobrir o quarto onde morar.

Não havia sol, hoje. Do céu encoberto e acinzentado emanava uma friagem circunspecta. Os táxis de Berlin apresentavam-se agora em verde muito escuro, com faixa enxadrezada de branco e preto nas portas. Aqui e acolá se percebia uma caixa de correspondência azul, recém-pintada em comemoração ao outono e parecendo notavelmente luzidia e pegajosa. Descobriu que as ruas desse quarteirão eram desapontadoramente tranqüilas, como não deviam ser as ruas de uma grande cidade. Era divertido guardar-lhes os nomes e os endereços de lojas e escritórios úteis — farmácia, mercearia, correios, delegacia de polícia. Por que os Dreyers insistiam em morar tão longe do centro? Desagradava-lhe o fato de que houvesse tantos lotes baldios, tantos jardins pequenos e praças gramadas, tantos pinheiros e bétulas, casas em construção, hortas de legumes. Tudo isso fazia-o lembrar demasiadamente de seu lar roceiro. Julgou reconhecer Tom no cachorro que estava sendo levado a passeio por criada doméstica gorducha, mas não feia. As crianças jogavam bolas ou soltavam piões no asfalto. Ele também já brincara assim. Apenas uma coisa vinha realmente dizer-lhe que se encontrava na metrópole: alguns transeuntes usavam roupas maravilhosas! calções de golfe, por exemplo, bem largos abaixo do joelho, de modo a fazer com que a canela coberta por meia de algodão parecesse esguia. E nunca vira antes essa moda, embora os meninos em sua cidade natal também usassem calções largos. Vinha depois o janota de alta classe com jaqueta trespassada, muito larga na altura dos ombros e ultra-apertada em volta dos quadris e com pernas de calças inacreditavelmente elephantinas, cujas bainhas tremendas praticamente encobriam os sapatos. Os sapatos também eram esplêndidos e as gravatas coloridas; e as moças, as moças.

O bom Dreyer!

Seguia devagar, e sacudindo a cabeça, estalando a língua, olhando em volta a cada instante. As belezocas osculáveis, pensava quase em voz alta e inalava com um chiado, entredentes. Que panturrilhas!

que fundos! Era o bastante para enlouquecer alguém!

Em casa, quando caminhava pelas ruas enjoativamente conhecidas ele sentira, naturalmente, a mesma reação penosa ao encanto fugitivo, e muitas vezes por dia tal acontecera. Mas em sua timidez mórbida não se atrevia, naqueles dias a olhar com insistência demasiada.

Aqui, a coisa era diferente. Achava-se disfarçado como forasteiro e aquelas jovens eram acessíveis (novamente o chiado), estavam acostumadas aos olhares ávidos, acolhiam-nos e era possível abordar qualquer uma delas e iniciar uma conversa brilhante e brutal. Ia fazer exatamente isso mas, antes, tinha de descobrir um quarto no qual pudesse arrancar-lhe o vestido e possuí-la. Quarenta a cinquenta < marcos, dissera Dreyer. Isso significava cinquenta, pelo menos.

Franz resolveu agir de modo sistemático. À porta de cada terceira ou quarta casa um pequeno letreiro anunciava quartos para alugar.

Consultou um recém-adquirido mapa da cidade, verificou mais uma vez a distância até a vila do titio e descobriu que estava bastante perto. Uma casa bonita e de aspecto novo, com bela porta verde à qual fora afixado um cartão branco, passou a atraí-lo e ele tocou descansadamente a campainha. Só depois de apertá-la é que leu o letreiro, e este dizia "tinta fresca"! Era tarde demais, no entanto.

A janela abriu-se à direita e uma jovem de cabelos para cima e ombros nus, em combinação negra e agarrando um gatinho branco ao seio, dali olhava para Franz. A boca deste secou, na rajada árida. A jovem era encantadora: simples costureirinha, sem dúvida, mas encantadora, e contemos que não seja cara demais.

— Com quem quer falar? — perguntou ela.

Franz engoliu em seco, sorriu com expressão tola e disse com impudência de todo inesperada, pela qual ficou imediatamente embaraçado: — Talvez você, hem?

Ela o fitou com curiosidade.

— Vamos — disse Franz, desajeitado. — Deixe-me entrar.

A jovem saiu da janela e ele percebeu que falava com alguém no aposento:

— Não sei o que ele quer. É melhor você mesmo perguntar.

Sobre o ombro dela apareceu a cabeça de um homem de meia-idade, cachimbo entre os dentes. Franz levou a mão ao chapéu, girou sobre os calcanhares e continuou andando. Observou que a jovem continuara sorrindo horrorosamente e emitindo um gemido leve.

"Tolice", pensou ele, com raiva, "não é nada. Esqueça."

Levou duas horas para examinar onze quartos em quatro quarteirões diferentes. A rigor, qualquer um deles era formidável, mas cada qual apresentava um pequeno defeito. Um deles, por exemplo, não fora ainda arrumado e ao fitar os olhos embotados da mulher de luto que respondia às suas perguntas com uma espécie de desespero inquieto, Franz achou que o marido dela acabara de morrer naquele aposento que ela lhe oferecia fraudulentamente. Outro quarto apresentava deficiência mais simples: custava cinco marcos além do preço mencionado por Dreyer; não fora por isso, estaria perfeito. O terceiro quarto ostentava manchas marrons nas paredes e uma ratoeira ao canto. O quarto estava ligado a malcheiroso toalete que também tinha entrada para o corredor e era usado pela família de um vizinho.

O quinto... Mas em período singularmente curto esses quartos, com suas virtudes e defeitos, confundiram-se na mente de Franz e apenas um permaneceu imaculado e distinto: aquele que custava cinqüenta e cinco marcos. Teve a sensação repentina de que não havia motivo para prolongar a procura e que, de qualquer modo, não se aventuraria a resolver sozinho, receando fazer uma escolha má e privar-se de um milhão de outros quartos; por outro lado, era difícil imaginar qualquer coisa melhor do que o quarto que lhe empolgara a fantasia.

Dava para rua secundária agradável, onde se via uma loja de frios.

Uma construção palaciana que seria cinema, pela informação do senhorio, estava sendo erigida na esquina, e isso dava vida às cercanias.

A fotografia acima da cama exibia uma jovem despida, inclinando-se à frente para lavar os seios em piscina nublada.

"Ótimo," refletiu. "São quinze para uma. Hora de fazer uma refeição. Idéia brilhante: comer com os Dreyers Vou perguntar-lhes a que devo dar atenção especial, quando fizer minha escolha, e se ele não achar que cinco marcos a mais..."

Usando com inteligência o mapa (<e prometendo a si próprio, aliás, que tão cedo houvesse cuidado da questão iria de metrô ao que com certeza seria a parte mais alegre daquela cidade imensa), Franz chegou sem qualquer dificuldade à vila. Esta era pintada de um cinzento granuloso e ostentava aspecto Firme, compacto, poder-se-ia até dizer apetitoso. No jardim, maçãs verdes e grandes pendiam aos punhados nas jovens macieiras. Ao seguir pela trilha que rangia a seus pés ele viu Martha em pé no degrau da varanda. Ela usava chapéu e capote de molesquim e examinava a brancura duvidosa do céu, tentando resolver se devia ou não abrir a sombrinha. Não sorriu, ao perceber a presença de Franz.

— Meu marido não está em casa — disse, cravando nele os belos olhos frios. — Hoje ele almoça na cidade.

Franz relanceou o olhar para a bolsa que aparecia sob o braço"

dela e o amor-perfeito purpúreo e artificial preso à gola imensa do casaco, a sombrinha eriçada com seu botão cutilante e compreendeu que ela também estava de saída.

— Peço perdão por tê-la perturbado — disse, amaldiçoando intimamente o acontecimento.

— Oh, não há mal nenhum — respondeu Martha, e ambos seguiram na direção do portão. Franz ficou pensando no que devia fazer em seguida — despedir-se dela? Continuar "andando a seu lado? Com expressão de desagrado, Martha continuava olhando para a frente, mas tinha os lábios cálidos entreabertos. Depois os molhou e disse: — Isto é tão desagradável. Tenho de andar. Ontem à noite arreventamos o automóvel.

Ocorrera realmente um acidente desagradável, na volta para casa após um chá e dança. Em tentativa mal calculada de ultrapassar um caminhão, ochauffeur batera inicialmente em cavaletes de madeira onde os trilhos

do bonde estavam sendo consertados e, guinando, colidira em seguida com o flanco do caminhão; o Icarus rodopiara e batera em um poste. Enquanto tais desacertos motorizados achavam-se em curso Martha e o marido haviam tomado todas as posições imagináveis e finalmente se tinham encontrado no chão do veículo.

Dreyer indagara solidariamente se ela estava bem. O choque, a procura das missangas do colar, o grupo de espectadores boquiabertos, o aspecto vulgar do carro acidentado, o motorista de caminhão com boca suja e palavras resultantes, o policial arrogante que não se deixara divertir pelas piadas de Dreyer — tudo isso levava Martha a tamanho estado de irritação que fora necessário tomar duas pílulas soporíferas, e ela só dormira duas horas.

— Não sei como não morri — disse ela, taciturna. — Mas até o nosso chauffeur não se machucou, o que é uma pena. — E estendendo devagar a mão, ajudou Franz a abrir o portão que ele empurrava e estralejava, sem o conseguir.

— Não resta a menor dúvida, os automóveis são brinquedos perigosos — disse ele, sem querer se adiantar. Era momento claríssimo de se retirar.

Martha observou e aprovou a hesitação dele.

— Para onde vai? — perguntou, transferindo a sombrinha da direita para a esquerda. Os óculos que ele usava eram muito elegantes, assentavam-lhe bem. Ele parecia-se com o ator Hess em O Estudante Hindu, filme a que assistira.

— Eu mesmo não sei — disse Franz, careteando bastante. — A questão é que eu vinha pedir o conselho de Titio quanto ao quarto.

— Esse primeiro "Titio" foi dito sem grande convicção e ele resolveu não repeti-lo por algum tempo, de modo a deixar que a palavra amadurecesse sozinha.

— Eu também posso ajudar — disse Martha. — Diga-me qual é o problema.

Imperceptivelmente haviam começado a caminhar e estavam agora seguindo devagar pela calçada larga sobre a qual castanheiras partidas e pequenas folhas semelhantes a garras haviam caído. Franz assoou o nariz e começou a falar-lhe do quarto.

— Ora, isso é inédito — interrompeu Martha. — Cinquenta e cinco? Você, com certeza, pode barganhar um pouco.

Um prenúncio de triunfo perpassou Franz, mas ele resolveu não apressar as coisas.

— O senhorio é um velho esquisitão e avarento, o próprio demônio não conseguiria demovê-lo.

— Sabe de uma coisa? — disse Martha, de repente. — Eu não me importaria de ir até lá e falar pessoalmente com o homem.

Franz exultou. Que sorte! Isso sem mencionar o esplêndido que era caminhar junto àquela beleza de lábios vermelhos, em seu casaco de molesquim! O ar revigorante de outono, o sussurro dos pneus — isso era viver! E mais um terno novo, gravata colorida — a felicidade seria completa.

— Onde está hoje o Senhor Tom? — indagou. — Julguei tê-lo visto sair a passeio.

— Não, está trancado no barracão do jardineiro. Bom cachorro, mas um tanto neurótico. Como sempre digo os cachorros são animais aceitáveis, se forem limpos.

— Os gatos são mais limpos — comentou Franz.

— Oh, eu detesto os gatos. Os cachorros compreendem quando os repreendemos, mas com os gatos de nada vale... não têm contato algum com os seres humanos, nenhuma gratidão, coisa alguma.

— Nós matávamos muitos gatos perdidos lá em casa, um colega de escola e eu. Principalmente na beira do rio, durante a primavera.

— Há alguma coisa errada em meu calcanhar esquerdo — disse Martha. — Preciso de seu apoio por momentos.

Dito isso, colocou dois dedos leves no ombro dele, ao relancear o olhar para trás e para baixo. Nada demais. Com a ponta da sombrinha ela raspou a folha morta que seu calcanhar trespassara.

Chegaram à praça. Dava para ver ao menos dois futuros andares da nova casa à esquina, em meio ao andaime de então.

Martha apontou com a sombrinha.

— Conhecemos — disse — o homem que trabalha para o sócio do diretor da companhia de cinema que está construindo aquela casa ali.

A casa de espetáculos só estaria pronta no ano seguinte. Os trabalhadores movimentavam-se ali como se tudo aquilo fosse um sonho.

Franz, tomado de frenesi, vasculhava o cérebro procurando algum tema mais frutífero. A coincidência!

— Ainda não pude esquecer como foi estranho nosso encontro no trem. Inacreditável!

— Sim, uma coincidência — disse Martha, imersa em seus próprios pensamentos. — Escute — disse quando começaram a subir a escadaria íngreme do quinto andar. — Eu prefiro que meu marido não saiba que o ajudei. Não, não há mistério algum. É só que prefiro ele não saber.

Franz fez mesura. Não era assunto seu, mas ficou imaginando se o que ela dissera era lisonjeiro ou insultuoso. Questão difícil de deslindar. Fazia já algum tempo que haviam estado em pé, diante da porta. Ninguém atendia à campainha. Franz voltou a tocar. A porta escancarou-se e um velhinho de suspensórios caídos e sem colarinho enfiou por ali o rosto amarfanhado, deixou-os entrar em silêncio.

— Estou de volta — disse Franz. — Posso ver o quarto outra vez?

O velhote saiu-se com uma espécie de cumprimento rápido e seguiu à frente, arrastando os pés, por uma passagem comprida e escura.

"Santo Deus, que lugar esqualido", pensava Martha, cheia de escrúpulos. Teria feito bem em vir àquele lugar? Imaginava o sorriso traquinas do marido: Você me repreendeu e agora está a ajudá-lo.

O aposento, no entanto, mostrou-se razoavelmente claro e limpo.

Na parede à esquerda, havia uma cama de madeira, provavelmente barulhenta e um fogão. À direita duas cadeiras e uma poltrona pretensiosa, de pelúcia comida por traças. Ao centro via-se uma mesinha e uma gaveteira ao canto. Sobre a cama alguém pregara um quadro.

Intrigado, Franz olhou para o mesmo. Uma escrava à venda, o busto nu, estava sendo examinada com sarcasmo por três devassos hesitantes.

Era ainda mais artístico do que a ninfa a banhar-se em setembro.

Ela devia achar-se em algum outro quarto — sim, naturalmente naquele com fedor.

Martha apalpou o colchão. Era firme e duro. Descalçou a luva, afagou a mesinha de cabeceira e consultou a superfície do dedo.

Uma canção da moda e que lhe agradava, Natasha de Olhos Negros, vinha de dois rádios diferentes, em dois pavimentos diferentes, misturando-se agradavelmente ao clangor musical do trabalho de construção alhures.

Franz olhou esperançosamente para Martha e esta apontou com a sombrinha para a parede nua à direita, indagou com voz neutra, sem fitar o homem:

— Por que redrou o sofá? Está claro que havia alguma coisa por aqui, antes.

— O sofá começava a afundar, e está sendo consertado — respondeu o velho, e inclinou a cabeça.

— Vai recolocá-lo — observou Martha e erguendo os olhos acendeu a luz por instantes. O velho também ergueu o olhar. — Muito bem — disse Martha, e mais uma vez estendeu a sombrinha. — O senhor dá os lençóis, não é?

— Lençóis? — e o velho repetiu-lhe as palavras, com surpresa.

Depois, inclinando a cabeça para outro lado ele apertou os lábios, pensou por momentos e disse: — Sim, podemos arranjar alguns lençóis.

— E que me diz da limpeza e do serviço?

O velho cutucou a si próprio no peito.

— Eu faço tudo — explicou. — Eu faço tudo. Eu sozinho.

Martha dirigiu-se à janela, olhou para um caminhão com pranchas na rua, depois voltou.

— E quanto o senhor queria? — perguntou, com indiferença.

— Cinquenta e cinco — disse o homem, prontamente.

— Incluindo a eletricidade e o café da manhã?

— O cavalheiro trabalha? — indagou o velho, meneando a cabeça na direção de Franz.

— Sim — asseverou o interessado, no mesmo instante.

— Cinquenta e cinco por tudo — disse o velho.

— É caro — comentou Martha.

— Não é caro — contrapôs o velho.

— É extremamente caro — disse Martha.

O velho sorriu.

— Ora, bem — Martha suspirou e deu de ombros, voltando-se para a porta.

Franz percebeu que o quarto estava a ponto de escapar-lhe para sempre. Apertou e torturou o chapéu, tentando chamar a si o olhar de Martha.

— Cinquenta e cinco — repetiu pesarosamente o velho.

— Cinquenta — disse Martha.

O velho abriu a boca e voltou a fechá-la com firmeza.

— Muito bem — disse ele, afinal. — Mas as luzes precisam ser apagadas às onze horas.

— Naturalmente — ocorreu Franz. — Naturalmente... eu compreendo.

— Quando deseja mudar-se para cá? — perguntou o senhorio.

— Hoje, agora mesmo — disse Franz. — Só preciso apanhar a mala no hotel.

— E que tal um pequeno depósito? — propôs o homem, com sorriso sutil.

O próprio quarto parecia estar sorrindo. Como era estranho recordar o sótão congestionado de sua juventude! Sua mãe à máquina Singer, enquanto ele procurava dormir. Como podia tê-lo agüentado por tanto tempo? Voltados à rua, permanecia em sua consciência um oco cálido e formado, por assim dizer, pelo encaixe de seu novo quarto em uma massa macia de impressões menores. A o despedir-se dele à esquina, Martha viu o brilho de gratidão por trás dos óculos.

E ao partir para a loja de fotografia com alguns instantâneos do Tirol para revelar, recordou-se da conversa com orgulho legítimo.

Começara um chuvisco. As portas das lojas de flores escancaravam-se para receberem a umidade. Agora começava a chover realmente. Ela não conseguia encontrar um táxi; as gotas de chuva começavam a passar por baixo de sua sombrinha e a tirar-lhe o pó-de-arroz do nariz. A satisfação era logo substituída por inquietação.

Tanto ontem quanto hoje eram dias nóveis e absurdos e não inteiramente inteligíveis, com certeza, mas os contornos significativos transpareciam, ainda que confusos. E como aquela solução escura em que as vistas tiradas das montanhas logo estariam flutuando e se tornariam claras, aquela chuva, aquela umidade pluviométrica delicada, vinham revelar imagens nítidas em sua alma. Mais uma vez um homem encharcado de chuva, ardoroso, forte e de olhos azuis, um conhecido do marido durante as férias, tirara vantagem de uma tempestade no Zermatt para levá-la ao recanto de uma varanda e comprimir-se a ela, falar-lhe de sua paixão, de suas noites indormidas, e ela sacudira a cabeça, ele desaparecera atrás da esquina da recordação.

Mais uma vez em sua sala de visitas aquele pintor imbecil, canalha lânguido com unhas sujas, colara os lábios em seu pescoço e ela esperara momentos para saber o que sentia; nada tendo sentido, bateu-lhe no rosto com o cotovelo. De outra vez — e aquela era imagem recente — um homem de negócios rico, americano e com cabelos entre azuis e grisalhos e lábio inferior comprido murmurara, enquanto brincara com sua mão, dizendo que ela certamente iria a seu quarto de hotel; ela sorriera e lamentara de modo um tanto vago que ele fosse estrangeiro. Na companhia desses fantasmas ocasionais que a tocavam rapidamente com mãos frias, ela chegou à casa, deu de ombros e jogou-os ao lado de modo tão casual como abriu a sombrinha que deixara secando na varanda.

— Sou uma idiota — disse. — O que se passa? O que há comigo?

Por que preocupar? Tem de acontecer, mais cedo ou mais tarde.

É inevitável.

Seu estado de espírito mudou novamente. Com prazer, aplicou uma sarabanda em Frieda, porque o cachorro conseguira de algum modo entrar na casa e sujara o tapete com as patas. Devorou uma pilha de pequenos sanduíches, com o chá. Telefonou para a garagem a fim de descobrir se Dreyer alugara um automóvel, como lhe prometera.

Telefonou ao cinema a fim de reservar duas entradas para a première de sexta-feira; depois chamou o marido e, em seguida, a velha Senhora Hertwig, para descobrir se Dreyer estaria ocupado. EDreyer estava realmente muito ocupado. De tal maneira se enfronhara em oferta inesperada de outra firma, em uma série de negociações cautelosas e conferências corteses que por diversos dias não se lembrou de Franz; ou melhor, lembrava-se dele nos momentos impróprios — enquanto descansava, o pescoço afundado em água quente; enquanto dirigia do escritório para a fábrica; enquanto fumava um cigarro na cama. Franz aparecia-lhe gesticulando tresloucadamente na extremidade errada de seu telescópio mental. Dreyer, então, fazia-se a promessa mental de cuidar dele logo, e começava de imediato a pensar em outra coisa.

Para Franz isso não trazia reconforto algum. Decorrida a primeira animação agradável do acolhimento caseiro, indagava a si próprio o que devia fazer em seguida. Martha tomara nota do telefone do senhorio, mas nada aconteceu depois disso. Não se atrevia a telefonar nem se atrevia a visitar os Dreyers sem avisá-los, sem confiar na casualidade, que da última vez transfigurara de modo tão magnífico sua visita inoportuna. Tinha de esperar. Tornava-se evidente que mais cedo ou mais tarde ele seria chamado. Mas a demora não lhe apetecia. Às sete e meia em sua primeira manhã o próprio senhorio lhe trouxera uma xícara pegajosa de café ralo e dois pedaços de açúcar no pires, um com quina manchada, e lhe dissera em tom de admoestação:

— Muito bem, não se atrase para o trabalho. Tome isto e vista as roupas. Não precisa dar muita descarga no vaso. Cuidado para não se atrasar.

Franz achou que não lhe restava alternativa senão deixar a casa por todo o dia, a fim de se ocupar com o

emprego que o velho inventara para ele, ficar fora de lá até cinco ou seis horas e depois comer alguma coisa na cidade, antes de voltar. Assim é que explorou a cidade, ou melhor, o que lhe pareceu sua parte mais metropolitana.

A natureza obrigatória dessas excursões envenenava a novidade das coisas. Ao anoitecer estaria cansado demais para executar seu plano, seu velho e glorioso plano de perflustrar as ruas sedutoras e dar uma boa olhada preliminar nas meretrizes genuínas. Mas como chegar lá? Seu mapa parecia curiosamente enganador. Um dia sem nuvens, tendo andado o bastante, descobriu-se em boulevard largo e melancólico com muitos escritórios de companhias de navegação e lojas de arte: olhou para o letreiro na rua e compreendeu que era a avenida de renome mundial que parecera sublimar nos sonhos. Suas tílias assaz raquídeas soltavam as folhas. A arcada alada em uma das extremidades achava-se envolta em tapumes e andaimes. Cruzou desertos de asfalto, seguiu ao Longo de um canal: em certo Lugar havia um borrão de óleo arco-irisado sobre a água e o aroma embriagante do mel, fazendo-o lembrar da infância, evolava de uma barcaça onde homens em camisas roxas descarregavam montanhas de peras e maçãs; de uma ponte viu duas mulheres em gorros de banho luzidios, resmungando atenta e ritmicamente batendo com os braços, nadando lado a lado. Passou duas horas em museu de antiguidades, examinando com espanto estátuas e sarcófagos e os perfis repelentes de homens escuros que dirigiam carros de guerra. Descansou por momentos prolongados em bares encardidos e nos bancos bastante cômodos de um jardim imenso. Mergulhou nas profundezas do metrô e, encarapitado em branco de couro vermelho, fitando as barras reluzentes pelas quais corriam reflexos dourados, aguardou com impaciência que a escuridão estralejante e enfumaçada fosse substituída afinal por paraíso de luxo e pecado que continuavam a lhe escapar. Também queria muitíssimo encontrar o empório de Dreyer, sobre o qual costumavam falar com tanta reverência em sua cidade natal. O enorme catálogo de telefones, todavia, só relacionava sua residência e escritório.

Era evidente que devia achar-se ali sob outro nome. E ainda desapercibido de que o coração da cidade passara para o oeste, Franz seguia desalentado pelas ruas centrais e setentrionais onde julgava que deviam encontrar-se as melhores lojas e o comércio mais animado.

Não se atreveu a comprar coisa alguma e isso o atormentava.

No pouco tempo que ali estava já conseguira gastar bom bocado de dinheiro e agora Dreyer desaparecera. Tudo lhe parecia um tanto incerto, tudo lhe parecia repleto de inquietação. Tentara formar amizade com o senhorio, que com tanta insistência o pusera para fora da casa durante todo o dia. Mas o velho não era falador e se mantivera submerso nas profundezas desconhecidas de seu pequeno apartamento.

Na primeira noite, todavia, viera encontrar-se com Franz no corredor e o advertira de que a descarga da água devia ser puxada com mais suavidade, ou saltaria do lugar e também lhe explicara prolongadamente os mistérios da delegacia de polícia, por causa da qual lhe dera formulários que Franz tivera de preencher declarando nome, estado civil e lugar de nascimento.

— E outra coisa — dissera o camarada — sobre aquela dama sua amiga. Ela não deve visitá-lo aqui. Se você é jovem, eu também já fui. Estaria mais do que pronto a lhe dar minha permissão, mas há minha esposa, você sabe... acontece que no momento ela não está em casa... mas sei que jamais permitiria tais visitas.

Franz corara e se apressara a assentir, concordando. A suposição do senhorio vinha lisonjeá-lo e animá-lo. Imaginou-a flagrante, os lábios de aspecto cálido, a pele cremosa, mas soube atalhar o crescimento habitual do desejo. "Ela não é para mim", pensou com tristeza, "é distante e fria. Vive em mundo diferente, com marido muito rico e ainda vigoroso. Ela mandar-me-ia embora se eu tornasse-me empreendedor; minha carreira estaria arruinada." Por outro lado achava que poderia encontrar uma pequena. Também ela seria linda, esguia, de lábios cheios e cabelos escuros. E pensando nisso resolvera adotar certas medidas. De manhã, quando o senhorio lhe trazia o café, Franz pigarreou e disse:

— Escute..., se eu pagar-lhe um pouco mais, o senhor pode...

posso eu... O que quero dizer, poderia receber alguém, se o desejasse?

— Isso depende — disse o velho.

— Alguns marcos a mais — disse Franz.

— Compreendo — disse o velho.

— Cinco marcos por mês — propôs Franz.

— É uma soma generosa — concordou o velho, mas ao voltar-se para sair aduziu em tom de voz astuto e admoestatório: — Mas cuide de não se atrasar para o trabalho.

Assim a barganha de Martha de nada valera. Tendo resolvido pagar em segredo o dinheiro a mais, Franz sabia muitíssimo bem que agira com imprudência. O dinheiro que tinha ia-se embora e ainda assim Dreyer não

telefonava. Por quatro dias seguidos ele saiu de casa, cheio de desagrado mas pontualmente às oito horas, voltando ao cair da noite, em meio a uma bruma de fadiga. Estava inteiramente farto da famosa avenida a essa altura. Enviou cartão postal à mãe, com uma visão da Porta de Brandenburg, e afirmou que estava bem, que Dreyer era tio muito bondoso. De nada adiantava assustá-la, embora talvez ela o merecesse. E só na noite de sexta-feira, quando Franz já estava deitado e dizendo a si próprio com estremecimento de pânico que se haviam esquecido dele, que estava inteiramente sozinho em cidade desconhecida, e pensando com certa alegria perversa que ia parar de ser fiel à radiosa Martha que comandava suas entregas noturnas e pediria ao lascivo e velho Enricht, o senhorio, para deixá-lo tomar um banho na banheira encardida do apartamento e dar-lhe o endereço do bordel mais próximo. Nesse instante, Enricht, em voz cheia de sono, chamou-o ao telefone.

Tomado de pressa e agitação terríveis, Franz tratou de vestir as calças e saiu sem sapatos para a passagem. Uma mala conseguiu bater-lhe no joelho enquanto seguia para o brilho do telefone na extremidade do corredor. Talvez devido ao fato de não estar acostumado aos telefones não conseguiu identificar de início a voz que latia em seu ouvido:

— Venha à minha casa agora mesmo — a voz disse, afinal com clareza. — Está-me ouvindo? Por favor, depressa, estou à sua espera.

— Oh, como vai, como vai? — balbuciou Franz, mas o telefone já estava mudo. Dreyer desligou o aparelho com gesto floreado e continuou a anotar com rapidez as coisas que tinha de fazer no dia seguinte. Consultou então o relógio, achando que a esposa voltaria do cinema a qualquer momento. Esfregou a testa e depois, com sorriso astuto, tirou da gaveta um molho de chaves e a lanterna elétrica no formato de salsicha, com ponta luminosa convexa. Ainda estava de paletó, pois acabava de voltar para casa e sem o tirar seguira diretamente ao estúdio, como sempre fazia quando tinha pressa a fim de escrever algo ou telefonar a alguém. Com ruído, agora, empurrara para trás a cadeira e começou a despir o capote volumoso, de pêlo de camelo, ao seguir para o salão da frente a fim de pendurá-lo por lá. No bolso espaçoso ele jogou as chaves e a lanterna. Tom, deitado à porta, levantou-se e esfregou a cabeça macia na perna de Dreyer. Este se trancou estrondosamente no banheiro, onde três ou quatro mosquitos senis dormiam sobre a parede caiada. Um minuto depois, abaixando-se e abotoando as mangas nos punhos, ele prosseguiu com outros passos, caseiros e calmos, rumo à sala de jantar.

A mesa fora posta para duas pessoas e um presunto vermelho-escuro da Westphalia descansava no prato em meio a um mosaico de fatias de salsichas. Uvas grandes, retumbantes de luz esverdeada, pendiam sobre a orla da jarra. Dreyer apanhou uma delas e jogou-a à boca. Lançou olhar de lado ao salame, mas resolveu esperar Martha.

O espelho refletia-lhe as costas largas vestidas em flanela cinzenta e os fios penugentos de seus cabelos bem escovados. Voltou-se com rapidez, como a sentir que alguém o observava, e afastou-se; tudo quanto restou no espelho foi um canto branco da mesa contra o pano de fundo negro, interrompido pelo brilho cristalino do aparador.

Ouviu um ruído leve vindo da extremidade distante dessa tranqüilidade: a pequena chave que procurava o ponto sensível na tranqüilidade; encontrou e perfurou esse ponto, deu volta rápida e logo algo começou a viver. O ombro cinzento de Dreyer passou ao espelho, de lá para cá, enquanto ele caminhava em volta da mesa faminto.

A porta da frente bateu e Martha entrou. Seus olhos brilhavam e ela enxugava o nariz com o lenço cheirando a Chanel. Atrás dela vinha o cachorro, agora inteiramente esperto.

— Sente-se, sente-se, meu amor — disse Dreyer, com palavras rápidas, e ligou a corrente elétrica, mecanismo moderno, a fim de aquecer a água para o chá.

— Um filme lindo — proclamou ela. — Hess foi maravilhoso, mas acho que gostei mais dele em O Príncipe.

— Em o quê?

— Oh, você se lembra, o estudante em Heidelberg disfarçado como príncipe hindu.

Martha sorria. Na verdade, estivera a sorrir com muito mais freqüência, o que agradava inefavelmente a Dreyer. Ela se achava na situação agradável de alguém a quem foi prometido algo muito bom e misterioso, no futuro próximo. Achava-se pronto a esperar o tempo necessário, sabendo que tal presente viria sem falta.

Nesse dia, ela chamava os pintores para alegrarem a extremidade meridional da parede do terraço. Uma cena de banquete, no filme, dera-lhe fome, e ela pretendia agora trair a dieta, em seguida rolar na cama e talvez concedesse a Dreyer seu direito, desde muito devido.

A campainha da porta dianteira tilintou. Tom se pôs a latir e Martha ergueu as sobrancelhas finas, tomada de surpresa. Dreyer levantou-se com uma risadinha e, mastigando enquanto seguia para lá, foi para o salão da frente.

Ela ficou sentada e um pouco voltada para a porta, a xícara erguida no ar. Quando Franz, jocosamente empurrado por Dreyer, chegou à sala de jantar, bateu os calcanhares e veio com rapidez em direção dela. Martha sorriu com tanta beleza, seus lábios brilharam de modo tão cálido que no interior da alma de Dreyer uma enorme multidão alegre pareceu estrugir em aplausos ensurdecedores e ele julgou que após um sorriso como aquele tudo devia correr bem: Martha, como costumara fazer antes, haveria de contar-lhe com detalhes e sem fôlego todo o filme idiota, como prefácio e preço de uma carícia submissa; e no domingo, em vez de tênis, ele iria de automóvel com ela ao jardim farfalhante, salpicado de sol, vermelho e alaranjado.

— Em primeiro lugar, meu caro Franz — disse ele, puxando uma cadeira para o sobrinho —, coma alguma coisa. E aqui está uma gota de kirsch para você.

Como autômato, Franz enfiou a cabeça sobre a mesa à procura do copo que lhe ofereciam e derrubou a jarra esguia contendo uma rosa marrom e grande ("Que devia ter sido tirada daí há muito tempo", refletiu Martha.) A água assim solta espalhou-se sobre a toalha da mesa.

Ela perdeu a compostura, e não era de admirar. Em primeiro lugar, não contara encontrar Martha. Em segundo, julgara que Dreyer o receberia no estúdio e falar-lhe-ia sobre um trabalho muito, muito importante que tinha de ser empreendido imediatamente. O sorriso de Martha o aturdira. Para si próprio ele procurou verificar o motivo de seu alarma. Como a semente falsa que o faquir sepulta no solo para extrair dela imediatamente, em mágica maníaca, uma roseira viva, o pedido de Martha de que escondesse a Dreyer sua aventura inocente — pedido a que ele mal dera atenção no momento — avolumava-se agora na presença do marido, e de modo fabuloso, transformando-se em secreto elo erótico. Também se lembrava das palavras do velho Enricht sobre a dama amiga e tais palavras confirmavam, por assim dizer, essa bem-aventurança e a vergonha. Tentava livrar-se do sortilégio — mas diante do olhar intoleravelmente ardoroso que vinha dela, baixou os olhos e se pôs desalentadamente a tentar enxugar a toalha molhada com o lenço, a despeito das tentativas de Dreyer por arredar-lhe a mão. Momentos antes ele estivera deitado e agora ali se achava sentado, naquela sala esplendorosa, sofrendo como em sonho porque não podia deter a água escorrendo em volta do saleiro e sob a proteção da orla do prato esforçava-se por alcançar a beira da mesa. Ainda sorrindo (a toalha de mesa de qualquer modo seria trocada no dia seguinte), Martha passou a olhar-lhe as mãos, o jogo suave dos nós dos dedos sob a pele retesada, o pulso cabeLudo, os dedos longos e tateantes, e teve a percepção singular de que nada tinha de lâ sobre o corpo, aquela noite.

Dreyer, abruptamente, levantou-se e disse: — Franz, isso não é muito hospitaleiro, mas não posso fazer de outro jeito. Está ficando tarde e você e eu precisamos sair.

— Sair? — estranhou Franz, cheio de confusão, enfiando no bolso a bola úmida que era o lenço. Martha fitou o marido, com fria surpresa. — Logo compreenderão — disse Dreyer, os olhos cintilando com brilho temerário que ela conhecia muitíssimo. "Que homem cacete", pensava ela, com raiva. "O que está planejando?"

Ela o fez parar por momentos no salão da frente e lhe perguntou, em cochicho rápido:

— Aonde vão, aonde vão? Exijo saber aonde vão.

— Vamos a uma farra — respondeu Dreyer, contando provocar assim outro sorriso maravilhoso.

Ela estremeceu de desgosto, Dreyer afagou-lhe a face e saiu.

Martha voltou à sala de jantar e ali ficou imersa em pensamentos, por trás da cadeira que Franz desocupara. E então, com irritação, ela tirou a toalha de mesa onde a água fora derramada e colocou um prato sob a mesma. O espelho, que trabalhava muito aquela noite, refletia-lhe o vestido verde, o pescoço brando sob o peso escuro do coque, e o brilho de seus brincos de esmeraldas. Permanecia insciente da atenção do espelho e ao passar vagarosamente a guardar as facas de frutas seu reflexo reaparecia de vez em quando. Frieda veio ter com ela por um ou dois minutos; logo a luz na sala de jantar apagou-se e, mordiscando o colar, Martha subiu para o quarto.

"Aposto que ele quer me fazer pensar que está brincando, porque não está. Aposto que será exatamente assim", pensava. "Ele vai arranjar-lhe alguma vagabunda suja. E isso será o fim."

Ao despir-se achou que estava à beira das lágrimas. Espere só, espere só até voltar para casa. Ainda mais se estava brincando comigo.

E que modos, que modos! Você convida o pobre rapaz e depois o leva daqui. No meio da noite! Vergonhoso!

Mais uma vez, como em tantas antes, ela reexaminou na memória todas as transgressões cometidas pelo marido. Parecia-lhe que se recordava de todas. Eram numerosas, mas isso não a impedia de assegurar à irmã casada e chamada Hilda, quando a mesma viesse de Hamburgo, que era feliz e que seu casamento era feliz.

E Martha realmente acreditava que seu casamento não diferisse de qualquer outro, que a discórdia sempre reinava, que a esposa sempre se debatia contra o marido, contra suas singularidades, contra seus afastamentos no tocante às regras aceitas, e tudo isso constituía o casamento feliz. O casamento infeliz era aquele em que o

marido fosse pobre, ou acabara preso por negócios escusos, ou não parava de esbanjar os ganhos sustentando mulheres. Assim sendo, Martha nunca se queixava de sua situação, já que era natural e costumeira.

A mãe morrera quando Martha tinha três anos — o que não era incomum. A primeira madrasta logo morrera também, e isso acontecia igualmente em algumas famílias. A segunda madrasta, a definitiva, que morrera recentemente, fora mulher linda e muito bem nascida, a quem todos haviam adorado. Papai, que iniciara a carreira como seleiro e a encerrara como dono falido de uma fábrica de couro artificial, estivera desesperadamente aflito para que ela se casasse com o "Hussardo", como apelidara Dreyer, por algum motivo, Dreyer a quem ele mal conhecera quando propusera casamento em 1920, na mesma ocasião em que Hilda se tornara noiva daquele comissário pequenino e gorducho, em transatlântico de segunda categoria.

Dreyer enriquecia com facilidade milagrosa; era bastante atraente, mas bizarro e imprevisível; desafinava em árias tolas e dava-lhe presentes tolos. Como jovem bem criada, de cílios longos e faces coradas, ela dissera que resolveria o assunto na próxima vez em que ele viesse a Hamburgo. Antes de partir para Berlim, ele lhe dera um macaco que ela abominava; por sorte um jovem e belo primo com quem ela se adiantara muito, antes que se tornasse o rapaz um dos primeiros amantes de Hilda, ensinara o animal a acender fósforos e sua blusinha pegara fogo, pelo que o animal desastrado tivera de ser morto. Quando Dreyer regressara uma semana depois ela permitira que a beijasse na face. O pobre e velho papai se embebedara a tal ponto, na festa, que espancara o violinista, o que era perdoável — tendo em vista toda a falta de sorte com que se defrontara durante a vida. Só após o matrimônio, quando o marido cancelara importante viagem de negócios em favor de uma lua-de-mel ridícula na Noruega — e por que a Noruega, com trezentos demônios? — é que certas dúvidas começaram a assediá-la; mas a vila em Grunewald logo as dissipara e, assim por diante, não eram recordações muito interessantes.

Na escuridão do táxi (o infeliz Icarus ainda estava sendo consertado e o substituto alugado, um Oriole cheio de cavilações, não fora um êxito), Dreyer continuou misteriosamente calado. Era como se estivesse dormindo não fossem os brilhos rítmicos no charuto. Franz também se calara, imaginando inquietamente onde o levavam. Após a terceira ou quarta volta, perdera toda a noção de direção.

Até agora ele explorara, além do quarteirão tranqüilo onde morava, apenas a avenida de tílias e suas cercanias ou outro extremo da cidade. Tudo que existia entre esses dois oásis vivos era um vazio de terra incógnita. Espiou pela janela e viu as ruas escuras adquirindo gradualmente certa limpidez, depois voltando a ensombrecer-se, depois ressurgindo com luz, declinando mais uma vez, clareando-se de novo, até que tendo amadurecido na escuridão elas repentinamente eclodissem cintilantes, com cores fabulosas, cascatas de jóias, anúncios gloriosos. Uma igreja de torre alta passou sob o céu umbrático.

E logo, deslizando um pouco no asfalto molhado, o carro encostou na calçada.

Só então Franz compreendeu. Em letras cor de safira e floreio diamantífero prolongando a vogal final, o letreiro reluzente e de doze metros apresentava a palavra D*A*N*D*Y — que ele agora se lembrava de ter ouvido antes, imbecil que era! Dreyer tomou-o pelo braço e o levou até uma das dez vitrinas radiosamente iluminadas.

Como flores tropicais em estufas, gravatas e meias travavam disputa em tonalidades delicadas com os retângulos de camisas dobradas ou pendiam indolentemente de arcos dourados, enquanto nas profundidades um pijama de cor opalina, com semblante de um ídolo oriental, apresentava-se ereto, Deus daquele jardim. Mas Dreyer não deixou que Franz ali ficasse muito tempo em contemplação. Levou-o com rapidez a examinar as outras vitrinas e por ali desfilou a seu turno uma verdadeira orgia de calçados luzidios, uma Fata Morgana de paletós, uma revoada graciosa de chapéus, luvas, e bengalas, e o paraíso ensolarado de artigos esportivos; depois se encontrou Franz em passagem escura onde havia um velho de capa preta e emblema no gorro de viseira, ao lado de uma mulher de pernas esguias cobertas de pele. Ambos olhavam para Dreyer. O vigia o reconheceu e levou a mão ao quepe. A prostituta de olhar brilhante fitou Franz e afastou-se recatadamente. Assim que ele desapareceu atrás de Dreyer, na escuridão de um pátio, ela retomou a conversa com o vigia, falando sobre o reumatismo e suas curas.

O pátio formava um beco sem saída e triangular entre paredes sem janelas. Havia por ali um odor de umidade misturado com o de urina e cerveja. Ao canto, havia alguma coisa lançada, ou se tratava de uma carrocinha com os eixos no ar. Dreyer tirou a lanterna elétrica do bolso e seu círculo de luz cinzenta delineou um gradil, as sombras móveis de degraus em descida, uma porta de ferro. Deliciando-se infantilmente na escolha da entrada mais misteriosa Dreyer abriu a porta. Franz abaixou-se e o acompanhou para uma passagem escura de pedras, onde o círculo de luz fraca escolhia agora uma porta.

Se qualquer tentativa ilegal houvesse sido feita de abri-la, surgiria um alarma estridente. Mas também para essa porta Dreyer tinha chave pequena e sem barulho, e mais uma vez Franz abaixou-se.

No lóbrego porão pelo qual caminhavam dava para divulgar sacos e caixotes empilhados aqui e acolá e algo como palha farfalhava sob os pés. O feixe móvel de luz voltou-se para o canto e surgiu outra porta. Além dela, erguia-se uma escadaria que desaparecia na escuridão. Eles escalaram os degraus de pedra, exploradores do templo sepulto. E de modo inopinado, parecido ao sonho, logo surgiram em grande salão. A luz varreu estruturas metálicas e depois as dobras de cortinados, guarda-roupas gigantescos, espelhos em movimento e figuras negras e espadaúdas. Dreyer estacou, apagou a luz e disse baixinho, no escuro: "Atenção!" Dava para ouvir sua mão a se remexer e uma lâmpada em formato de pera iluminou claramente o balcão. O restante do salão — labirinto sem fim — permanecia submerso na treva e Franz achou um tanto fantasmagórico que somente aquele recanto fosse iluminado.

— Primeira Lição — disse Dreyer, o tom solene e, com gesto florido, passou para trás do balcão.

E duvidoso que se beneficiasse Franz com essa fantástica lição noturna — tudo era estranho em demasia e Dreyer personificava o vendedor com imaginação demasiada. Mesmo assim, a despeito do absurdo barroco, havia algo nos reflexos abruptos de um abismo espectral circundante, onde tecidos vagos que haviam sido

manuseados e remanuseados durante o dia repousavam em atitudes fatigadas, e que por muito tempo permaneceram na recordação de Franz, conferindo certa coloração voluptuosa e escura, pelo menos de início, ao pano de fundo básico contra o qual o trabalho de seu vendedor diário começaria a esboçar mais tarde seu padrão simples, compreensível e muitas vezes cansativo. E não era na experiência pessoal, nem na recordação dos dias distantes em que ele realmente trabalhara atrás do balcão que Dreyer se apoiava aquela noite, ao mostrar a Franz como vender gravatas. Em vez disso, ele alçava-se ao reino arrebatador da imaginação inútil, demonstrando não como as gravatas deviam ser vendidas na vida real, mas como poderiam ser vendidas se o vendedor fosse ao mesmo tempo artista e clarividente.

— Eu quero uma gravata azul e simples — diria Franz, incitado por ele, em voz inexpressiva de colegial.

— Perfeitamente, meu senhor — respondia logo Dreyer e, arredando diversas caixas de papelão na prateleira, abria-as com presteza sobre o balcão. — Que acha desta aqui? —, indagava com certa sombra de reflexão, dando nó em gravata salpicada de magenta e negro na mão e afastando-a um pouco como a admirá-la também, na qualidade de artista independente.

Franz mantinha silêncio.

— Não há técnica importante — explicava Dreyer, mudando a voz. — Vejamos se você entendeu. Agora passe para trás do balcão.

Nesta caixa, existe algumas gravatas de cor firme. Custam quarenta e cinco marcos. E temos gravatas elegantes na faixa de "orquídeas", por oito, dez ou mesmo quatorze, que o Senhor nos perdoe. E então você é vendedor e eu sou um rapaz, um bestalhão se posso dizer assim... inexperiente, indeciso, fácil de tentar.

Franz passou encabuladamente para trás do balcão. Baixando os ombros e cerrando os olhos como se fosse míope Dreyer disse, em balbucio esganiçado:

— Eu quero uma gravata azul simples... e por favor, que não seja muito cara. — E logo aduziu, em murmúrio de incitamento: — Sorria.

Franz abaixou-se muito sobre uma das caixas, remexeu ali desajeitadamente e saiu-se com uma gravata azul e simples.

— Ah, peguei! — exclamou Dreyer, animado. — Eu sabia que você não tinha compreendido, ou então você é daltônico, e então adeuzinho, caro titio e titia. Por que cargas d'água você deve me dar a mais barata? Devia ter feito como eu fiz... atordoar o bobalhão com uma gravata cara, qualquer que fosse a cor. Mas que seja enfeitada e cara, ou cara e elegante, e assim arrancar dele "mais um alento e mais um talento", como dizem em Londres. Veja, veja esta aqui.

Agora dê um nó em sua mão. Espere, espere... não se apresse assim.

Faça-a rodar em volta do dedo. Assim! Lembre-se que a menor demora no ritmo custa um instante de atenção do freguês. Hipnotize-o com o movimento da gravata que lhe mostra. Você deve fazer com que ela floresça aos olhos do idiota. Não, isso aí não é um nó, é uma espécie de tumor. Olhe só. Segure a sua mão reta. Vamos experimentar esta vermelha, este vampiro caro. Agora vamos supor que eu estou olhando para ela, que ainda não cedi à tentação.

Dito isso, ele prosseguiu:

— Mas eu quero uma azul simples — e o dizia em voz alta e logo, de novo em cochicho: — Ah, não... continue empurrando o vampiro na cara do estúpido, talvez você consiga vencê-lo. E olhe para ele, vigie seus olhos... Se ele olhar para a gravata já é alguma coisa. Só se ele não olhar, mas não olhar mesmo, e começar a fechar a cara, a soltar seus malditos pigarros... só então, você entendeu?

só então dê o que ele pediu... sempre escolhendo a mais cara das três azuis simples, é lógico. Mas enquanto você cede ao pedido grosseiro que ele fez, sabe como é, dê de ombros de leve, olhe para mim agora... e um sorriso um tanto desdenhoso, como a dizer "isto não está na moda, em absoluto, francamente, isto é para camponeses, para cocheiros de drashky... mas se quer mesmo isto"...

E aduzia, em sua voz de comédia: — Vou ficar com esta azul.

Franz entregou-lha sobre o balcão, o ar sombrio. A gargalhada de Dreyer causou um eco rude.

— Não — disse — não, meu amigo. De jeito nenhum. Em primeiro lugar, você põe a gravata de lado à direita, e depois pergunta se ele não precisa de outra coisa, por exemplo, lenços, ou abotoaduras bonitas, e só depois de ele pensar um pouco e sacudir a cabeça bovina, só então é que você tira esta caneta (que é um presente) e escreve e lhe dá a nota de preço para o caixa. Mas o resto é rotina. Não, fique com ela, foi o que eu disse. Amanhã você vai tomar conhecimento dessa parte com o Senhor Piffke, homem muito pedante. Agora vamos continuar.

Dreyer ergueu-se com um pouco de esforço, sentando-se no balcão, e ao fazê-lo lançou uma sombra definida

e negra que mergulhou de cabeça na escuridão e que pareceu ter-se aproximado melhor para ouvir. Começou a manusear as sedas nas caixas e a instruir Franz sobre como lembrar-se das gravatas pelo tato e tonalidade e como criar, em outras palavras (perdidas para Franz), uma memória cromática e tátil, como eliminar da consciência artística e comercial os estilos e espécimes que já tinham sido vendidos — de modo a abrir o espaço para outros, na mente, e como determinar o preço, em marcos imediatamente, e depois aduzir os pfennigs tirados da etiqueta. Por diversas vezes saltou do balcão, gesticulando de modo grotesco e personificando um freguês irritado por tudo que lhe haviam mostrado; o animal que não gostava de lhe dizerem qual era o preço antes que o houvesse indagado; e o santo para quem o preço não era obstáculo algum; e também uma mulher velha comprando gravata para o neto, um bombeiro de Potsdam; ou o estrangeiro incapaz de dizer qualquer coisa compreensível — um francês que quer uma cravate, o italiano que exige uma cravatta, o russo que pede gentilmente uma galstook. Com que ele respondia imediatamente a si próprio, apertando os dedos de leve no balcão e em cada ocasião inventando uma variedade especial da entonação de voz e sorriso.

Depois se sentava de novo e balançava de leve o pé no sapato polido (enquanto sua sombra batia a asa negra no chão), examinava a atitude terna e animada que o vendedor devia ter para com as coisas feitas pelo homem, e confessou que às vezes sentia uma pena absurda das gravatas fora da moda e das meias obsoletas que ainda continuavam tão limpas e novas, mas inteiramente indesejadas; um sorriso singular e sonhador adejava sob seu bigode e alternadamente formava e desfazia as rugas no canto dos olhos e da boca — enquanto o pobre e extenuado Franz, encostado em guarda-roupas, ouvia tudo aquilo em meio a verdadeiro torpor.

Dreyer fez uma pausa — e como Franz compreendeu que a lição havia terminado não pôde deixar de lançar um olhar cobiçoso às maravilhas iridescentes agora espalhadas, na vida real, sobre o balcão. Apanhando mais uma vez a lanterna elétrica e acendendo a luz sobre a parede, Dreyer levou Franz a uma imensidão de tapetes escuros, mergulhando nas profundezas ensombrecidas do salão. De passagem ele retirou a lona sobre pequena mesa e apontou a luz para abotoaduras que cintilavam como óleo, em seu repouso de veludo azul. Pouco mais adiante, com descuido brincalhão, empurrou de seu lugar uma imensa bola de praia que rolou sem som, sumindo na escuridão, indo para longe, muito longe, até a Baía da Pomerânia e suas areias brancas e macias.

Voltaram pelas passagens de pedra e ao trancar a última porta Dreyer recordou, não sem prazer, a desordem enigmática que deixara para trás enquanto negligenciava imaginar que outrem seria responsabilizado por tudo aquilo.

Assim que saíram do pátio escuro para a luz que brilhava umidamente Dreyer chamou um táxi de passagem e ofereceu a Franz uma carona até a casa.

Franz hesitou, olhando para os espetáculos festivos para os olhos (finalmente!) do boulevard animado.

— Ou você tem encontro com — (Dreyer consultou o relógio de pulso)

— uma pequena sonolenta?

Franz umedeceu os lábios e sacudiu a cabeça em negativa.

— Como quiser — disse Dreyer, com uma risada e, enfiando a cabeça para fora do táxi, gritou ao se despedir: — Esteja na loja amanhã, nove horas em ponto.

O brilho do asfalto negro estava encoberto por película de uma mistura de tonalidades fracas, pela qual aqui e acolá rachaduras vivas e buracos ovais feitos por poças de água de chuva revelavam as cores autênticas dos reflexos profundos — uma faixa diagonal em vermelho, uma cunha de cobalto, a espiral verde — espalhando vislumbres para um mundo úmido e de cabeça para baixo, em geometria estonteante de jóias. O efeito caleidoscópico sugeria alguém que se sacudia de vez em quando e depois a calçada, de modo a modificar a combinação de inúmeros fragmentos coloridos. Feixes e ondulações de vida, entretanto, passavam por ali e assinalavam o rumo de cada automóvel.

As vitrinas de lojas, explodindo de radiação firme, esguichavam, emanavam e se espalhavam no negrume cheio de força.

E a cada esquina, como emblema de felicidade inefável, apresentava-se uma prostituta de meias brilhantes, cujos traços fisionômicos não havia tempo de examinar: outra já chamava à distância e, além dela, a terceira. E Franz sabia sem dúvida alguma onde levavam esses misteriosos faróis vivos. Cada lâmpada de rua, seu halo espalhando-se como estrela cheia de raios, cada brilho róseo, cada espasmo de luz dourada e as silhuetas de amantes pulsando um encostado ao outro em cada recanto de varanda e passagem; e aqueles lábios pintados e entreabertos que desfilavam, passando por ele; e o asfalto negro, úmido, terno — tudo aquilo assumia um significado determinado e descobria um nome.

Saturado de suor, amolecido com languidez deliciosa, caminhando com os movimentos lentos de um sonâmbulo chamado ao travesseiro quente e amarfanhado, Franz voltou para a cama sem ter observado como

entrara na casa e chegara ao quarto. Estendeu-se, passando as palmas das mãos pelas pernas peludas, descolou-se, aninhou-se e quase instantaneamente o sono, com mesura, entregou-lhe a chave de sua cidade: ele compreendera o significado de todas as luzes, sons e perfumes, enquanto tudo se combinava em uma só imagem venturosa. Agora lhe parecia estar em salão de espelhos que se abria, formidantemente para um abismo de água, e esta reluzia nos lugares mais inesperados: seguiu para uma porta após a qual estava a motocicleta perfeitamente crível cujo motor seu senhorio ligava com o calcanhar vermelho e, prelibando ventura indescritível, Franz abriu a porta e viu Martha em pé, perto da cama. Ele aproximou-se ansioso, mas Tom não parara de se intrometer entre eles; Martha ria e espantava o cachorro. Agora via de bem perto os seus lábios resplandescentes, o pescoço entumescido de satisfação e também começou a apressar-se, desabotoando, tirando um osso manchado de sangue das mandíbulas do cachorro e sentindo a doçura intolerável que se avolumava dentro de si; estava a ponto de agarrar-lhe as coxas, mas, de súbito, não pôde mais conter o êxtase fervoroso.

Martha suspirou e abriu os olhos. Julgou ter sido despertada por ruído na rua: um dos vizinhos tinha motocicleta notavelmente ruidosa. Na verdade, era apenas o marido que roncava, inteiramente entregue ao sono. Ela recordou que fora deitar-se sem esperar o regresso dele, levantou-se e o chamou com aspereza; e depois, estendendo a mão sobre a mesinha de cabeceira começou a desalinhar-lhe o cabelo, o único recurso que dava certo. Os roncamentos do marido cessaram, seus lábios bateram uma ou duas vezes. A luz na mesinha acendeu-se, pondo a mostra o róseo da mão de Martha.

— O despertar do leão — disse Dreyer, esfregando os olhos com os punhos, como se fosse criança.

— Aonde foi? — perguntou Martha, fitando-o com dureza.

Ele a encarou sonolento, vendo-lhe o ombro ebúrneo, a roda que era o seio nu e os fios negros de cabelos de ébano tombando-lhe sobre a face, e deu uma risadinha baixa ao se acomodar de volta nos travesseiros.

— Estive a mostrar-lhe o Dandy — murmurou, muito satisfeito.

— Uma lição noturna. Agora ele sabe dar o nó de gravata na pata ou na cauda. Muito interessante e instrutivo.

Ah, fora assim. Martha sentia-se tão aliviada, tão magnânima, que quase ofereceu... mas também estava com sono demasiado. Sono e muita satisfação. Sem falar, apagou a luz.

— Vamos passear no domingo... o que acha? — murmurou a voz no escuro, cheia de ternura. Mas ela já se perdera nos sonhos.

Três árabes lascivos barganhavam por sua causa um belo escravista de torso bronzeado. A voz repetiu a pergunta em tom ainda mais terno e mais indagador. Uma pausa melancólica e depois ele revirou o travesseiro à procura da concavidade mais fresca, suspirou e logo voltava a roncar.

De manhã, enquanto Dreyer saboreava apressadamente um ovo cozido com torrada amanteigada (a refeição mais deliciosa que o homem conhecia) antes de sair em carreira para o empório, Frieda o informou que o carro consertado esperava à porta. Foi quando Dreyer se lembrou de que nos últimos dias, e de modo especial após a batida recente, repetidas vezes tivera pensamento muito divertido, que de algum modo nunca levava à sua conclusão. Mas tinha de agir com cautela, de modo natural. Uma pergunta direta não conduziria a lugar algum. O patife zombaria e negaria tudo. O jardineiro saberia? Se soubesse, haveria de protegê-lo. Dreyer tomou o café e, piscando, encheu novamente a xícara. Podia, naturalmente, estar enganado...

Sorveu até a última gota doce, jogou o guardanapo sobre a mesa e saiu com pressa; o guardanapo, devagar, arrastou-se pela beira da mesa e caiu molemente ao chão.

Sim, o automóvel tinha sido bem consertado. Reluzia com a capa nova de tinta preta, o cromado do farol, o emblema parecido a brasão que encimava a grade do radiador: um menino de prata e com asas azuis. Um sorriso levemente embaraçado pôs à mostra as gengivas e dentes feios do chauffeur ao tirar o quepe azul e abrir a porta. Dreyer olhou-o de soslaio.

— Olá, olá — disse —, aqui estamos nós, juntos outra vez. — Abotoou todos os botões do sobretudo e prosseguiu: — Isto deve ter custado uma boa soma... ainda não olhei a conta. Mas a questão não é essa. Eu estaria pronto a pagar ainda mais, pela graça que tem a coisa. Uma coisa das mais interessantes, com certeza. Por azar nem minha esposa, nem a polícia, percebeu a piada.

Procurava pensar em algo mais a aduzir, mas não o conseguiu, desabotoou novamente o casaco e embarcou no automóvel.

"Fiz um exame completo da fisionomia dele", refletia ao acompanhamento do suave zumbido do motor. "Mesmo assim ainda é impossível extrair qualquer conclusão. Está claro que os olhos dele são um tanto marotos, está claro, e têm aquelas pequenas papadas por baixo. Mas isso pode ser normal nele. Na próxima vez

terei de dar uma boa cheirada.

Essa manhã, como ficara assentado, visitou o empório e apresentou Franz ao Senhor Piffke. Este era homem troncado, de ar digno e muito bem vestido. Tinha cílios louros, pele cor de criancinha, perfil que prudentemente soubera parar entre o de homem e o de bule, e um diamante de segunda qualidade na auricular gorducha. Sentia por Franz o respeito devido ao sobrinho do patrão, enquanto que Franz olhava com inveja e espanto a perfeição arquitetônica nos vincos na calça de Piffke e o lenço transparente que aparecia, em parte, no bolso do terno.

Dreyer nem mesmo mencionou a lição da noite anterior. Com sua aprovação completa Piffke designou Franz não para o balcão das gravatas, mas para o departamento de artigos esportivos. Piffke pôs-se a trabalhar em Franz e o fazia com zelo, e seus métodos de adestramento mostravam-se muito diferentes dos de Dreyer, contendo, como continham, muito mais aritmética do que Franz esperara.

Tampouco esperara que seus pés doessem assim, de tanto ficar em pé, ou o rosto, por causa da expressão mecânica de afabilidade.

Como acontecia no outono, essa parte do empório era muito mais tranqüila do que as outras. Diversos dispositivos de ginástica e correção do corpo, raquetes de pingue-pongue, xales listrados de lã, sapatos de futebol com travas negras e cordões brancos, moviam-se bastante bem. A existência de piscinas públicas explicava uma procura pequena e contínua de roupas de banho, mas a estação verdadeira para tais artigos já passara e a época de patins e esquis não chegara ainda.

Assim é que nenhum assomo de fregueses prejudicou o adestramento de Franz e ele teve calma completa para aprender a trabalhar. Seus colegas principais eram duas moças, uma de cabelos ruivos e nariz fino, a outra loura forte e enérgica, inexoravelmente acompanhada por um cheiro azedo; e um rapaz de constituição atlética que usava o mesmo tipo de óculos com armação de tartaruga que Franz.

Ele pôs Franz casualmente a par dos prêmios que conquistara em torneios de natação e Franz o invejou sendo também excelente nadador.

Foi com auxílio de Schwimmer que Franz escolheu o tecido para dois ternos e um estoque de gravatas, meias e camisas. Também foi ele quem auxiliou Franz a desvendar alguns mistérios de vendagem, mistérios de menor monta, com muito mais astúcia que Piffke, cuja função verdadeira era passear pelo lugar e providenciar os encontros entre freguês e vendedor, fazendo-o de modo grandioso.

Durante os primeiros dias, Franz, aturdido e embatucado, e procurando não tremer (seu departamento era superventilado e cheio de suas próprias correntes de ar atléticas), simplesmente se manteve a um canto, procurando não chamar a atenção e observando com avidez os atos dos colegas, guardando na memória seus movimentos profissionais e entonações de voz depois, abruptamente, com clareza intolerável, imaginar Martha — do modo como ela pusera a mão na parte de trás do coque, ou fitara as unhas e anel de esmeralda.

Muito cedo, no entanto, sob o olhar solícito e aprovador do Senhor Schwimmer, Franz começou a vender por conta própria.

Lembrou-se para sempre do primeiro freguês que teve, o velho corpulento que queria uma bola. Uma bola. No mesmo instante essa bola começou a pular em sua imaginação, multiplicando-se e espalhando-se e a cabeça de Franz tornou-se o campo de jogo para todas as bolas da loja, pequenas, médias e grandes — bolas de couro amarelas com as partes costuradas entre si, bolas brancas e fofas com a assinatura roxa do fabricante, pequenas bolas negras duras como pedra, bolas superleves, alaranjadas e azuis e de dimensão própria para as férias, bolas de borracha, de celulóide, de madeira, de marfim e todas rolavam em direções diferentes, deixando atrás de si uma única esfera brilhando no meio da mente, quando o freguês aduziu plácida e:

— Preciso de uma bola para meu cachorro.

— Terceira prateleira à direita, Imordível — veio prontamente o cochicho de Schwimmer e Franz, com sorriso de alívio e suor na testa, começou a abrir uma caixa errada após outra, mas, afinal, encontrou o que era necessário.

Dentro de um mês, mais ou menos, acostumara-se por completo ao trabalho; já não mais se perturbava, sugeria audaciosamente aos fregueses de fala ininteligível que repetissem o pedido e aconselhava condescendentemente os tímidos e insignificantes. De compleição boa, bastante espadaúdo, magro, mas não magriça, observava com prazer sua passagem em um harém de espelhos e os olhares das lojistas claramente interessadas, e o reluzir de três pontos prateados sobre seu coração: a caneta do titio e dois lápis, lilás e chumbo. Podia, na verdade, passar por vendedor perfeitamente respeitável e perfeitamente comum, não fosse por uma combinação de detalhes que apenas um detetive genial poderia discernir — o ângulo predador da narina e malar, estranha fraqueza em volta da boca, como se estivesse sempre sem fôlego ou houvesse acabado

de espirrar, e aqueles olhos, aqueles olhos, fracamente disfarçados pelos óculos, olhos inquietos, olhos trágicos, olhos impiedosos e indefesos, de tonalidade esverdeada impura que inflamava os vasos sanguíneos em volta da íris. Mas o único detetive por ali era uma mulher idosa, sempre com o mesmo embrulho, que não se dava ao trabalho de patrulhar os Esportes, pois tinha muito que fazer no departamento de Gravatas.

Agrado de acordo com as sugestões delicadamente formuladas pelo impecável Piffke, Franz adquiriu hábitos sibaritas de higiene pessoal. Lavava os pés agora pelo menos duas vezes por semana e mudava o colarinho e os punhos engomados praticamente todos os dias. Todas as noites escovava o terno e engraxava os sapatos.

Usava todos os tipos de boas loções, cheirando a flores da primavera e a Piffke. Era difícil deixar de tomar banho aos sábados. Envergava uma camisa nova a cada quarta-feira e domingo. Fazia questão de mudar a roupa de baixo pelo menos uma vez em dez dias. Como sua mãe ficaria chocada, refletia agora, se visse suas contas de lavanderia!

Aceitava com alegria o tédio do trabalho, mas desagradava-lhe muitíssimo a necessidade de fazer refeições com os demais empregados.

Contara que em Berlim pudesse gradualmente ultrapassar seus melindres juvenis mórbidos, mas esses não cessavam de encontrar oportunidades azadas para torturá-lo. À mesa sentava-se entre a loura gorda e o campeão de natação. Sempre que ela estendia a mão para a cesta de pão ou sal, sua axila o inundava de náusea, fazendo-o lembrar de odiada professora solteirona na escola. O campeão ao outro lado tinha outra enfermidade — cuspiam sempre que falava e Franz via-se voltando a seu sistema escolar de proteger o prato contra os borrifos, usando para isso o antebraço e cotovelo. Só uma vez acompanhou o Senhor Schwimmer à piscina pública. A água mostrou-se fria demais e nada limpa, e o companheiro de quarto do colega, um sueco jovem e bronzeado por lâmpada ultravioleta, demonstrara modos embaraçados.

Na essência, todavia, o empório, as mercadorias luzidias, o diálogo suave ou comum com o freguês (que parecia sempre o mesmo ator, mudando a voz e a máscara), toda essa rotina era um desfilar superficial de acontecimentos e sensações repetitivos que o comoviam um pouco, como se ele fosse uma dessas figuras da moda, com rostos de cera ou madeira e em ternos passados pelo ferro da perfeição, detidas em estado de dolorida putrefação sobre seus pedestais e plataformas temporários, os braços semidobrados e semi-estendidos em paródia de atração pastoral. As jovens freguesas e as vendedoras de pés ligeiros e cabelos altos, vindas de outro departamento, quase não o animavam, em absoluto. Como os diapositivos comerciais e coloridos que anunciavam móveis ou peles e que se sucediam uns aos outros na tela de cinema por muito tempo, sem o acompanhamento de música, antes que se inicie um filme fascinante, todos os detalhes de seu trabalho eram tão inevitáveis quanto triviais. Por volta das seis tudo aquilo parava de maneira abrupta e era quando a música começava a tocar.

Quase todas as noites — e que monstruosa melancolia se escondia nesse "quase" — ele visitava os Dreyers. Jantava ali somente nos domingos, mas não em todos os domingos. Nos dias de semana, após comer alguma coisa no mesmo restaurante barato onde almoçava, tomava o ônibus e seguia até a vila deles. Muitas noites haviam passado e tudo continuava do mesmo modo: o zumbido acolhedor do portão, a bela lanterna iluminando a trilha em meio a um padrão de marfim, a exalação úmida do gramado, o ranger do saibro aos pés, o tilintar da campainha da porta adentrando-se na casa à procura da empregada, a eclosão de luz, o rosto flácido de Frieda e, de repente — a vida, as ressonâncias ternas da música pelo rádio.

Ela estava geralmente sozinha; Dreyer, pessoa fantástica, porém pontual, chegava exatamente a tempo do que Franz chamava de ceia e o chá da noite e sempre telefonava quando julgava que ia atrasar-se. Em sua presença Franz sentia-se incômodo a ponto de ficar entorpecido e, assim sendo, conseguia apresentar nesses dias um certo ar de familiaridade séria em resposta à jovialidade natural de Dreyer. Mas quando se achava a sós com Martha tinha a sensação constante de pressão langorosa, algures, na parte superior da espinha; o peito sentia-se apertado, as pernas fracas, os dedos retinham por muito tempo o fresco vigor do aperto de mão dela. Media com precisão de centímetros o grau exato em que ela mostrava as pernas ao andar no aposento e quando se sentava, cruzando-as, e percebia quase sem olhar o brilho retesado em suas meias dela, o avolumamento de sua panturrilha esquerda sobre o joelho direito e a dobra da saia, inclinada, macia, flexível, em que a pessoa tinha vontade de enfiar o rosto.

Às vezes, quando ela se levantava e passava por ele até a radiola, a luz incidia de tal maneira que fazia o esboço de suas coxas surgir pelo tecido fino da saia, e certa feita ela tivera um fio corrido na meia e, lambendo o dedo, rapidamente o passara na seda. De vez em quando a sensação de peso lânguido tornava-se demasiada para ele e, valendo-se do fato de que ela desviara o olhar, ele lhe examinava a beleza à cata de algum defeito

pequeno, sobre o qual pudesse apoiar a mente e conter a fantasia, diminuindo assim o acicate incansável dos sentidos. Volta e meia tinha a impressão de que realmente descobrira a falha salvadora — a linha dura perto da boca, marca de bexiga acima da sobrancelha, a projeção demasiadamente proeminente daqueles lábios no perfil, a leve sombra de penugem acima deles, ainda mais notável quando o pó-de-arroz caía. Mas uma volta de sua cabeça ou a menor mudança de expressão trazia-lhe de volta ao semblante tal encanto adorável que ele regressava a seu abismo particular, mergulhando cada vez mais. Graças a esses olhares rápidos, ele efetuou um estudo completo de Martha, acompanhou e predisse os gestos dela, adivinhou o movimento banal, mas para ele inigualável, de sua mão erguida em alerta quando uma extremidade de minúsculo pente afrouxava sua força no coque pesado. Acima de tudo, ele era atormentado pela graça e força de seu pescoço alvo e nu, pela textura rica e delicadamente composta de pele e os relances elegantes de nudez que as saias curtas e finas permitiam. Em cada visita ele aduzia algo à coleção de encantos sobre os quais ficaria a deliciar-se mais tarde na cama solitária, escolhendo aquele em que a fantasia frenética trabalharia e se gastaria. Houve a noite em que viu minúscula marca de nascimento, marrom, no braço dela. Houve o momento quando ela se abaixou, sentada, para refazer a ponta virada do tapete e ele notou a separação dos seios, sentiu alívio quando a seda negra do corpete se retesou de novo. Também houve a noite em que ela se preparava para um baile e ele teve o aturdimento de observar que suas axilas eram tão lisas e brancas quanto as de uma estátua.

Ela lhe fez perguntas sobre sua infância, a mãe, tema esse sem graça, a cidade em que nascera, tema com menos graça ainda. Certa feita Tom pôs o focinho no regaço de Franz e bocejou, envolvendo-o em odor intolerável — salmão estragado, carniça.

— É esse o cheiro de minha infância — murmurou Franz, ao empurrar de si a cabeça do cachorro. Ela não ouviu ou não compreendeu, e perguntou o que ele dissera. Mas ele não repetiu a confissão.

Falou sobre a escola, a poeira e a monotonia, as tortas indigestas que a mãe fazia e o açougueiro que morava ao lado, cavalheiro cheio de dignidade e colete branco que, em tempos idos, costumara aparecer para jantar todos os dias e comia carneiro de modo repugnantemente profissional.

— Por que repugnantemente? — interrompeu Martha, tomada de surpresa. "Meu Deus, que tolices estou tagarelando", pensou ele e com entusiasmo maquinal descreveu pela centésima vez o rio, os barcos a remo, os mergulhos, a cerveja tomada sob a ponte.

Martha mudava a estação no receptor de rádio e ele ouvia com reverência a lição de espanhol, a preleção sobre os benefícios do atletismo, as falas conciliatórias do Senhor Streseman e, então — voltava-se a alguma estranha música nasal. Ela contava-lhe com minúcias a trama de um filme, o trecho das especulações afortunadas de Dreyer nos dias da inflação e o teor do artigo sobre a retirada de manchas causadas por frutas. E por todo o tempo ela estaria pensando: "Quanto tempo mais ele precisa para começar?" e simultaneamente se divertia, ficava até um pouco comovida ao notar tanta incerteza de Franz em si próprio, vendo que sem ajudá-lo ele provavelmente nunca começaria. De modo gradual, no entanto, a azucrinção começou a predominar. O mês de novembro estava sendo desperdiçado com tolices, assim como o dinheiro desperdiçado com tolices no caso de alguém que vai ter por engano a alguma cidade sem graça. Com vago ressentimento ela recordou que a irmã já tivera pelo menos quatro ou cinco amantes em sucessão e que a jovem esposa de Willy Wald tivera dois ao mesmo tempo. E Martha, no entanto, já passara de trinta e quatro anos de idade. Era hora. Ela, por sua vez recebera um marido, a bela vila, prataria antiga, o automóvel; o próximo presente em sua lista era Franz. No entanto, a coisa não se mostrava tão simples; ali soprava uma leve brisa estranha, um ardor especial, uma suavidade suspeita...

De nada adiantava tentar dormir. Franz abriu a janela do quarto.

Na passagem de outono para o inverno, ocorriam noites esquisitas em que, de repente, vindo do nada, surge o bafejo de ar úmido e quente, o suspiro retardado do verão. Ele estava com seu novo pijama listrado de zebra, segurando-se ao caixilho da janela e se inclinou para fora, taciturnamente libertou um longo jacto de saliva e ouviu, esperando que a mesma batesse na calçada. Como morava no quinto andar, no entanto, e não no segundo como acontecera em casa, nada ouviu. Com lento estalejar fechou a janela e voltou para a cama. Essa noite compreendeu, assim como alguém percebe abruptamente o sofrimento imposto por enfermidade fatal, que já conhecera Martha por mais de dois meses e estava esgotando sua paixão em fantasias inúteis. E Franz disse ao travesseiro algumas palavras entre obscenas e grandiloqüentes que utilizava quando se dirigia a si próprio:

— Não importa... é melhor trair minha carreira do que esperar até que o cérebro arrebente. Amanhã, sim, amanhã, eu a agarro e derrubo no sofá, no chão, na mesa, em cima dos pratos quebrados... — pobre e louco Franz.

O amanhã chegou. Ele foi para casa após o trabalho, trocou as meias, escovou os dentes, envergonhou o novo

xale de seda e caminhou até a parada de ônibus, cheio de decisão marcial. A caminho não cessava de persuadir-se que ela, naturalmente, o amava, que apenas por causa do orgulho escondia os sentimentos e que isso era uma pena. Se, ao menos, ela se encostasse nele como por acidente, e roçasse a face em sua têmpora enquanto viam um álbum desbotado, ou se voltasse a fazer, como fizera naquela outra noite — se ela apertasse por momentos as costas às suas, diante do espelho no salão da frente e dissesse, voltando a cabeça perfumada: "Sou dois centímetros mais alta que você" ou se — mas foi quando se controlou e disse em silêncio ao condutor do ônibus: "Isso é fraqueza e não deve haver fraqueza. Se ela fosse ainda mais fria do que o comum aquela noite — não importava — agora, agora, agora... Ao tocar a campainha perpassou-lhe o espírito a esperança do poltrão, de que talvez, por algum acidente, Dreyer já houvesse voltado para casa. Dreyer não estava presente.

Ao passar pelos dois primeiros aposentos Franz visualizou como, em um instante, abriria aquela porta lá em cima, entraria no boudoir dela, para encontrá-la em vestido negro e decotado, com esmeraldas em volta do pescoço, e a abraçaria imediatamente com força, fa-la-ia encolher-se, fa-la-ia desmaiar, fa-la-ia derramar as jóias; visualizou-o com tanta clareza que por fração de segundos viu diante de si suas próprias costas a recuar, viu sua mão, viu a si próprio abrindo a porta e porque tal sensação era uma incursão no futuro, e é proibido invadir o futuro, foi rapidamente castigado. Em primeiro lugar, ao se reencontrar, tropeçou e fez com que a porta se escancarasse. Em segundo, o aposento a que Martha chamava de boudoir achava-se vazio. Em terceiro, quando ela apareceu usava vestido bege de gola alta e longa linha de botões. Em quarto lugar, uma timidez indefesa e tão conhecida se apoderou dele e tudo quanto pôde desejar foi falar de modo mais ou menos inteligível.

Martha resolvera que naquela noite ele a beijaria pela primeira vez. De modo característico, escolhera um de seus dias mentais, para não sucumbir demasiadamente cedo e no lugar errado a um anseio ao qual, de outra forma, não podia mais resistir. Prelibando esse abraço prudentemente circunscrito, não se instalou de imediato no sofá, perto dele. Como exigia a tradição ela ligou o rádio, trouxe o pequeno estojo de prata com Libidettes (cigarros vienenses), voltou a arrumar a dobra de uma cortina da janela, acendeu o brilho opalino da lâmpada de mesa, apagou a luz do teto e (escolhendo o pior assunto imaginável) começou a contar a Franz como, na véspera, Dreyer dera início a novo projeto misterioso — projeto proveitoso, era de esperar; apanhou então um xale de lã rósea e o colocou nas costas da cadeira, e só então, com suavidade, sentou-se ao lado de Franz, dobrando uma das pernas sob o corpo, de modo que não era muito cômodo, e ajustando as pregas da saia.

Sem qualquer motivo para explicá-lo ele começou a exaltar o titio, explicando como se achava imensamente reconhecido, como passara a gostar dele. Martha assentiu, distraidamente. De vez em quando ele tirava uma baforada do cigarro ou o colocava próximo ao joelho, arrastando a ponta de cartolina no tecido da calça. A fumaça, como um jorro de leite espectral, rastejava ao longo da penugem pegajosa. Martha estendeu a mão e, com um sorriso, tocou-lhe no joelho como se estivesse a brincar com essa larva fantástica de fumaça.

Ele sentiu a pressão macia dos dedos dela. Estava faminto, suado, e inteiramente impotente.

— ... E minha mãe, em todas as cartas que escreve, a senhora sabe, manda para ele amor, cumprimentos e agradecimentos.

A fumaça se dissolveu. Franz continuou a fungar, como sempre acontecia ao estar muito nervoso. Martha levantou-se e desligou o rádio. Ele acendeu outro cigarro. Ela pusera agora o xale róseo sobre os ombros e como mulher em algum romance antigo, olhava-o fixamente do outro canto do sofá. Com risada oca, ele voltou a contar uma anedota do jornal da véspera. E então, esfregando a porta com a pata, um Tom muito triste, muito esguio e muito desesperançado se apresentou e Franz, pela primeira vez, falou realmente com o animal atônito. E afinal, graças a Deus, o amado Dreyer chegou.

Franz voltou para casa por volta das onze horas e, ao seguir pela passagem na ponta dos pés, até o imundo reservado, ouviu uma risadinha que vinha da porta do senhorio. Essa porta achava-se aberta. Lançou um olhar para o quarto, ao passar por ele. O velho Enricht, vestindo apenas o camisolão de dormir, estava de quatro, tendo a cabeça enrugada e vetusta na direção de brilhante espelho grande. Inclinado bem baixo sobre o rosto congestionado, orlado de cabelos brancos, como a cabeça do professor na farsa "O Príncipe Hindu", olhava para trás, em meio à arcada das coxas nuas, para o reflexo de suas nádegas desanimadoras.

Havia realmente uma atmosfera de mistério envolvendo o novo projeto de Dreyer. Tudo começou certa quarta-feira em meados de novembro quando ele recebeu visita de um forasteiro indescritível, homem de nome cosmopolitano origem indeterminável. Podia ser tcheco, judeu, bávaro, irlandês — aquilo era uma questão de pura avaliação pessoal.

Dreyer achava-se sentado no escritório (apartamento imenso e silencioso, com janelas imensas e nada silenciosas, mesa imensa e imensas poltronas de couro) quando, tendo atravessado um corredor verdeoliva e passado por enormes extensões de vidro repletas do estrépito de máquinas de escrever que se pareciam a um furacão, esse cavalheiro sem descrição foi levado à sua presença. Não tinha chapéu na cabeça, mas usava sobretudo e luvas grossas.

O cartão que o antecederia por dois minutos trazia o título de "Inventor" por baixo do nome. Pois bem Dreyer gostava, talvez demais, dos inventores. Com gesto mesmérico, depositou o visitante no luxu coriáceo de poltrona superestofada (com cinzeiro afixado à pata gigantesca) e, brincando com o lápis vermelho e azul, sentou-se quase de frente para ele. As sobrancelhas espessas do homem sacolejavam-se como lagartas negras e peludas e as partes recém-barbeadas de seu rosto melancólico tinham tonalidade turquesa escura.

O inventor começou de longe e Dreyer aprovou isso. Todos os negócios deviam ser tratados com essa cautela manhosa. Baixando a voz o inventor passou com suavidade laudável do prefácio à substância da coisa. Dreyer baixou o lápis. Suavemente e com detalhes o magiar — ou francês ou polonês — declarou o que queria.

— Diz, então, que isso nada tem a ver com a cera? — perguntou Dreyer.

O inventor ergueu o dedo.

— Nada, em absoluto, embora eu o chame de 'voskin', nome registrado que estará amanhã em todos os dicionários. O componente principal é um produto resistente e incolor que se assemelha à carne.

Eu acentuo de modo especial sua elasticidade, maleabilidade, ondulabilidade, por assim dizer.

— Fale sem reboços — pediu Dreyer. — E que me diz sobre aquele "impulsor elétrico"... não compreendo bem; o que quer dizer, por exemplo, com "transmissão contratava?"

O inventor saiu-se com um sorriso cheio de sabedoria.

— Ah, aí está o busílis. Seria claramente muito mais simples se eu lhe mostrasse os desenhos mas é também evidente que ainda não me inclino a fazê-lo. Expliquei como pode aplicar minha invenção.

Cabe-lhe agora dar-me os fundos para a construção da primeira amostra.

— De quanto precisa? — indagou Dreyer, cheio de curiosidade.

O inventor respondeu com minúcias.

— Não acha — disse Dreyer, com um brilho traquinas no olhar — que talvez sua imaginação valha muito mais? Eu respeito e valorizo muitíssimo a imaginação alheia. Se, por exemplo, um homem vem falar comigo e diz: "Meu caro Herr Diretor, eu gostaria de sonhar um pouco. Quanto me paga para sonhar?" nesse caso talvez eu comesse as negociações com ele. Enquanto o senhor, meu caro inventor, oferece ao mesmo tempo uma coisa prática, produção fabril e assim por diante. Quem quer saber de idealização? Estou impelido a acreditar em um sonho, mas acreditar na corporificação deste sonho...

Ph! (uma das exclamações criadas por Dreyer.) De início, o inventor não compreendeu, e logo o fazia e se ofendia.

— Em outras palavras, está simplesmente recusando? — perguntou, cheio de tristeza.

Dreyer suspirou. O inventor estalou a língua e refestelou-se na cadeira, entrelaçando e desentrelaçando os dedos nas mãos.

— Esta é a obra de minha vida — disse finalmente, olhando o espaço vazio. — Como Hércules, tenho lutado com os tentáculos de um sonho por dez anos, dominando essa maciez, essa flexibilidade, essa plexibilidade, essa animação estilizada, se posso usar tal expressão.

— Está claro que pode — disse Dreyer. — Eu diria, até, que é melhor do que o... como era aquilo.. "ondabilidade"? Diga-me — pediu, voltando a apanhar o lápis, o que era bom sinal (embora o interlocutor não pudesse saber disso) — já tratou com outra pessoa a sua oferta?

— Bem — disse o inventor, com sinceridade perfeitamente representada em mímica — confesso que é esta a primeira vez. Na verdade, acabei de chegar à Alemanha. Aqui é a Alemanha, não? — aduziu, olhando em volta.

— É o que me dizem — explicou Dreyer.

Houve uma pausa frutífera.

— O seu sonho é encantador — disse Dreyer, pensativo. — Encantador.

O outro fez caretas e prorrompeu: — Pare de falar de sonhos, senhor. Eles concretizaram-se, tornaram-se carne, em mais sentidos do que um só, embora eu possa ser homem pobre e não me seja dado construir meu Paraíso e imagem.

O senhor já leu Epicritus?

Em resposta, Dreyer sacudiu sua cabeça.

— Eu também não. Mas dê-me a oportunidade de provar que não sou um charlatão. Disseram-me que o senhor se interessa por essas inovações. Pense só no deleite que seria este, que adorno, que realização espantosa e, permita-me dizer, até mesmo artística.

— Que garantia me oferece? — perguntou Dreyer, saboreando o entretenimento que lhe era dispensado.

— A garantia do espírito humano — disse o inventor, cheio de energia.

Dreyer riu.

— Assim fica melhor. O senhor volta a meu ponto de vista inicial.

Pensou por momentos e depois aduziu: — Acho que quero examinar melhor a sua oferta. Quem sabe, talvez eu veja sua invenção em meu sonho próximo. Minha imaginação deve imbuir-se bastante nela. No momento não posso dizer sim ou não. Agora vá para casa. Onde está hospedado?

— No Hotel Montevidéu — disse o inventor. — Um nome imbecilmente enganador.

— Mas é também conhecido, embora não consiga lembrar-me por quê. Video, video...

— Vejo que tem o Filtro Potável Pugowitz — observou o inventor, apontando para a torneira com o ar de Rembrandt indicando um Claude Lorraine.

— Video, video — repetia Dreyer. — Não, não sei. Muito bem, pense no que conversamos. Resolva se que mesmo matar uma fantasia deliciosa, vendendo-a à fábrica, e em uma semana ou dez dias eu lhe telefono. E... perdoe por falar nisso... espero que seja um pouco mais comunicativo, um pouco mais confiante.

Tendo-se retirado o visitante, Dreyer permaneceu sentado e imóvel, as mãos bem enfiadas nos bolsos das calças. "Não, ele não é um charlatão", refletia. "Ou, pelo menos, não está ciente de ser.

Porque não me divertir um pouco? Se é tudo que ele diz, os resultados devem realmente ser curiosos." C o telefone emitiu um zumbido discreto e por algum tempo ele esqueceu o inventor.

Essa noite, no entanto, deu a entender a Martha que estava a ponto de partir rumo a plano inteiramente novo, e quando a esposa indagou se era proveitoso, apertou os olhos e assentiu: — Oh, muito, muito proveitoso, meu amor.

Na manhã seguinte, resfolegando sob o chuveiro, resolveu não receber mais o inventor. Na hora do almoço, em restaurante, lembrou-se dele com prazer e resolveu que a invenção era algo singular e irresistível. Ao voltar para casa a fim de jantar observou de modo casual para Martha que o plano se concretizara. Ela usava o vestido bege e estava envolta em xale róseo, embora fizesse bastante calor no interior da casa. Franz, a quem ele considerava um simplório divertido, mostrava-se como de costume sobressaltado e triste. E logo foi para casa, dizendo que tinha fumado demais e estava com dor de cabeça. Assim que Franz se retirou, Martha subiu para o dormitório.

No boudoir, na mesa de tripé ao lado do sofá, havia uma caixa de prata aberta. Dreyer tirou dali um Libidette e explodiu em risadas.

— Transmissão contratativa! Flexibilidade animada! Não, ele não pode estar tapeando. Acho que a idéia dele é muitíssimo boa.

Quando foi deitar-se, por sua vez, Martha parecia adormecida.

Após o transcurso de alguns séculos a lâmpada na mesinha de cabeceira foi apagada. E logo ela abriu os olhos, pondo-se à escuta. O marido roncava. Ela permanecia deitada de costas, olhando a escuridão. Algo a irritava — aqueles roncões, o brilho na escuridão, talvez o espelho e, por falar no assunto, ela própria.

"Foi a atitude errada", estava pensando. "Amanhã adotarei medidas drásticas. Amanhã à noite."

Franz, todavia, não apareceu na noite seguinte, nem no sábado.

Na sexta-feira, fora ao cinema e, no sábado, a um café, em companhia do colega Schwimmer. No cinema, a atriz que tinha por lábios um pequeno coração negro e por cílios os raios de uma sombrinha personificava a herdeira rica que, por sua vez, personificava uma pobre escriturária. O café mostrou-se escuro e sem graça.

Schwimmer não parou de falar sobre as andanças entre os rapazes nos campos de verão e uma prostituta muito pintada, com repugnante dente de ouro, se pusera a olhá-los e balançar a perna, entressorrindo para Franz a cada vez que sacudia a cinza do cigarro.

Teria sido tão simples, pensava Franz; agarrá-la quando tocava em meu joelho. Sofrimento... Talvez eu deva esperar um pouco e não vê-la por alguns dias. Mas, nesse caso, a vida não vale a pena.

Na próxima vez, eu juro, sim, juro. Juro por minha mãe e irmã.

No domingo, seu senhorio trouxe-lhe o café costumeiro às nove e meia. Franz não se vestiu e barbeou de imediato, como fazia nos dias de semana, mas limitou-se a vestir o camisolão antigo por cima do pijama, sentando-se à mesa a fim de escrever a carta semanal: "Cara Mamãe", escreveu, em sua letra que arrastava, "como vai?

Como vai a Emmy? Talvez..."

Fez uma pausa, riscou a última palavra e submergiu em pensamentos, limpando o nariz, olhando pela janela o dia chuvoso. Talvez estivessem a caminho da igreja, naquele momento. A tarde haveria café com creme batido. Ele imaginou o rosto corado e gordo da mãe, seus cabelos tingidos. E por acaso ela se importava com ele?

Sempre amara mais Emmy. Ainda lhe torcia as orelhas quando ele tinha dezesseis, dezoito, mesmo dezoito anos — torcera até no ano passado, na verdade. Certa feita, na Páscoa, quando era muito pequenino, mas já usava óculos, ela lhe ordenara comer um pequeno coelho de chocolate que fora muito bem lambido pela irmã. Por ter lambido o doce que lhe era destinado, Emmy recebera leve tapa no traseiro, mas para ele, por se recusar a tocar naquela coisa horrorosa, pegajosa e marrom, dera-lhe tamanha bofetada na face que ele caíra da cadeira, batera com a cabeça no aparador e desmaiara. Seu amor pela mãe nunca tinha sido muito profundo; mas, mesmo assim fora seu primeiro amor infeliz, ou melhor, ele a encarava como rascunho geral de um primeiro amor, pois embora houvesse ansiado pelo afeto materno, porque seus livros escolares de histórias (Meu Soldadinho, Hanna Volta Para Casa) lhe diziam, como haviam dito desde tempo imemorial, que as mães sempre idolatravam os filhos e filhas, mas ele na verdade não conseguia tolerar-lhe a aparência física, os modos e emanções, o cheiro deprimente e deprimentemente conhecido de sua pele e roupa, a marca de nascimento grande e marrom que tinha no pescoço, o costume que adotara de raspar com agulha de coser a divisão nada apetitosa dos cabelos castanhos, os tornozelos enormes e edematosos, e todas as caretas culinárias que ela fazia, mediante as quais ele sabia identificar sem erro o que fora preparado — sopa de cerveja ou testículos de boi, ou aquele temível petisco local, Budenzucker.

— Talvez — pelo menos em retrospecto — ele houvesse sofrido menos com a indiferença materna, ou sua mesquinhez, acessos de mau gênio, do que com o embaraço e detestação com que ela lhe beliscava a face, em fingido carinho, na presença de um convidado, geralmente o açougueiro que morava ao lado ou na presença do mesmo o forçava a beijar a colega da irmã, Christina, a quem adorava à distância e a quem ele teria pedido desculpas por esses momentos terríveis, caso a menina lhe desse um mínimo de atenção. Talvez que a despeito de tudo a mãe sentisse sua falta, agora. Ela nunca escrevia coisa alguma sobre o que sentia, em suas raras cartas.

Ainda assim, era bom sentir pena de si próprio, pois isso o fazia chorar. E Emmy — ela era uma boa pequena. Haveria de casar-se com o ajudante do açougueiro. O melhor açougueiro da cidade.

Maldita chuva. Cara Mamãe. O que mais? Talvez uma descrição do quarto?

Recolocou o chinelo direito, que envelhecera com mais rapidez do que o esquerdo e não parava de cair do pé quando ele o pendurava, e relanceou o olhar em volta.

"Como lhe contei, tenho um quarto excelente, mas nunca o descrevi para você. Ele tem um espelho e uma pia. A cima da cama, há um belo quadro de mulher em cenário oriental. O papel de parede tem flores castanhas. Diante de mim, na parede, há uma cômoda."

Nesse momento, alguém bateu de leve à porta e Franz voltou a cabeça; a porta abriu-se um pouco e por ali o velho Enricht enfiou a cabeça, piscou, desapareceu e disse há alguém lá fora: — Sim, está em casa. Pode entrar.

Ela usava o belo capote de molesquim sobre vestido vaporoso e fino; a chuva que a pegara entre o táxi e a entrada tivera tempo de marcar com pontos escuros seu chapéu aperolado-cinza e parecido a um capacete; ali estava apertando bem as pernas em seda, como num desfile. Ainda em pé desse modo ela estendeu a mão para trás e fechou a porta. Descalçou as luvas. Atenta, sem sorrir, fitava Franz como se não contasse vê-lo. Ele cobriu a garganta com a mão e pronunciou uma frase comprida mas observou, com surpresa, que as palavras não pareciam sair, como se as houvesse datilografado em máquina na qual esquecesse de pôr a fita.

— Desculpe-me por entrar assim — disse Martha —, mas fiquei com medo de que você estivesse doente.

Palpitando e piscando, o lábio inferior caído, Franz começou a ajudá-la a despir o capote. O forro de seda era carmesim, tão carmesim quanto os lábios de animais esfolados, e tinha o cheiro do céu. Ele foi pôr o capote e chapéu sobre a cama, e um último observador minúsculo e resistente, na tempestade de sua consciência, após o resto de seus pensamentos se haver esparramado para todos os lados, observou que isso era como um passageiro de trem a assinalar o banco que vai ocupar depois.

O quarto estava úmido, e Martha, que não tinha muita coisa por baixo do vestido, além das meias com ligas, estremeceu.

— O que há? — perguntou então. — Eu pensei que você ficaria satisfeito em ver-me, e está aí sem dizer palavra.

— Oh, estou falando — respondeu Franz, fazendo o possível para gritar mais alto do que o zumbido que o envolvia.

Estavam agora frente a frente em meio do quarto, entre a carta inacabada e a cama desarrumada.

— Não gosto muito de seu camisolão — observou ela — mas adoro o seu pijama. Que coisa boa — prosseguiu, esfregando-o entre o indicador e o polegar, perto da gola aberta. — Oh, ele dorme com a caneta no bolso do peito, esse perfeito homenzinho de negócios.

Ele começou com as mãos de Martha, enterrando a boca em suas palmas quentes, acariciando-lhe os nós dos dedos frios, beijando-lhe o bracelete. Ela gentilmente tirou-lhe os óculos e, como se houvesse também ficado cega, foi Tateando à cata de seus bolsos na camisola, endoidando-o enquanto o fazia. O rosto de Martha estava agora bastante próximo ao de Franz e suficientemente distante do mundo invisível para o passo seguinte. Segurando-a pelos quadris ele se nutriu em sua boca ativa e entreaberta; ela se libertou, receando que aquela paciência jovem pudesse chegar demasiadamente cedo ao clímax; e ele a focinhou no pescoço macio e comprido.

— Por favor — murmurava ele. — Por favor, eu imploro.

— Seu bobo — disse ela. — Está claro que sim. Mas você precisa fechar a porta.

Ele partiu rumo à porta, retomando automaticamente os óculos e deixando diante dela, no chão, o chinelo direito, como garantia de rápido regresso. E então, expostos anu seus desejos e olhos maliciosos atrás das lentes grossas, tentou empurrá-la na direção da cama.

— Espere, espere um momento, meu bem — disse ela, segurando-o com uma das mãos frias e remexendo freneticamente na bolsa com as outras. — Olhe, você precisa colocar isto; eu coloco para você, meu querido desajeitado e bruto.

— Agora — gritou, quando ele se achava magnificamente encoberto; desnudando as coxas e não se dando ao trabalho de deitar-se, deliciando-se na falta de jeito de Franz, ela o dirigiu nas investidas para cima até que alcançassem o alvo com o que, o rosto a se movimentar, ela jogou a cabeça para trás e enfiou as dez unhas em suas nádegas.

Assim que haviam terminado Martha cambaleou e sentou-se pesadamente na beira da cama na qual estivera encostada e em pé. Tudo fora tão maravilhoso que ela não se apercebera de imediato que havia sentado em sua segunda bolsa melhor de imitação de crocodilo.

Franz queria continuar imediatamente, mas ela disse que antes do mais devia despir o vestido e descalçar as meias e pôr-se a cômodo na cama. O casaco e chapéu foram transferidos para a cadeira. O que Martha chamou de "o seu pipiu" foi lavado e encoberto outra vez. Franz e Martha admiravam-se, agora. Os seios dela eram desapontadoramente pequenos, mas muitíssimamente bem feitos.

— Nunca pensei que você fosse tão magro e peludo — comentou ela, afagando-o. O vocabulário de Franz foi ainda mais primitivo.

Logo a cama entrava em movimento. Deslizava em sua jornada, rangendo discretamente como range um vagão-dormitório ao sair o expresso de uma estação sonhadora.

— Você, você, você — dizia Martha, apertando-o com gentileza entre os joelhos a cada arquejo e seguindo com olhos marejados as sombras de anjos que acenavam com os lencinhos no teto, teto esse que se distanciava cada vez mais depressa.

O quarto agora estava vazio. Os objetos jaziam no chão, ficavam em pé, sentavam-se, penduravam-se nas posições descuidadas que as coisas feitas pelo homem adotam, na ausência do homem. A imitação de crocodilo caíra ao chão. Uma rolha de coloração azul, que fora recentemente retirada de pequeno frasco de tinta quando uma caneta tinteiro tivera de ser recarregada, hesitou por momentos e depois rolou em semicírculo até a orla da mesa coberta por encerado, hesitou mais uma vez e saltou dali. Com ajuda da chuva furiosa o vento tentava abrir a janela, mas fracassou nesse intento. No guarda-roupas estrelante uma gravata azul e de bolas negras

deslizou do cabide como se fosse cobra. Uma novela em brochura, sobre a cômoda, deixada aberta no Capítulo Cinco, movimentou diversas páginas.

De repente, o espelho fez sinal — um brilho de advertência.

Refletia uma axila azulada e lindo braço sem roupa. O braço estendeu-se — e caiu para trás, sem vida. Devagar a cama voltou a Berlim, vinda do Paraíso. Foi recebida por um estrugir de música do rádio no pavimento de cima, que passou imediatamente a discurso agitado e que, por sua vez, foi substituído pela mesma música, porém agora mais distante. Martha permanecia deitada e de olhos fechados e seu sorriso formava duas covinhas em forma de foice nos cantos da boca muito bem fechada. Os feixes de cabelos negros e antes impenetráveis estavam agora retirados das têmporas e Franz, deitado ao lado dela e apoiado no cotovelo, fitava sua orelha nua e tenra, sua testa límpida e finalmente voltou a descobrir nesse rosto aquele algo parecido à Madona que, inclinado como era a se contentar com tais comparações, já observara três meses antes.

— Franz — disse Martha, sem abrir os olhos. — Franz, foi um paraíso! Eu nunca, nunca...

Ela retirou-se uma hora depois, prometendo ao pobre camaradinha que na próxima vez tomaria medidas de cautela menos cruéis.

Antes de retirar-se examinou com minúcia cada canto do aposento, recolheu os pijamas de Franz, tirou a caneta do bolso e a colocou sobre a mesinha de cabeceira, mudou a posição da cadeira, observou que as meias estavam rasgadas e faltavam botões na roupa e disse que havia necessidade de um conserto geral no quarto — panos de mesa bordados, talvez, e com certeza um sofá com duas ou três almofadas alegres. Esse sofá ela lembrou ao senhorio, a quem encontrou caminhando de um lado para outro no corredor, muito silenciosamente e esperando a oportunidade de varrer o quarto e apanhar os pertences do café. Sorrindo agora para ela, e em seguida para Franz, esfregando as palmas enrugadas, ele disse que assim que a esposa voltasse o sofá voltaria também. Como, na verdade, não tirara dali sofá algum para ser consertado (o lugar fora vago pelo piano de armário do inquilino anterior), deliciou-se em responder às perguntas precisas feitas por Martha. Ele estava muito contente com a vida, de modo geral, o velho e encanecido Enricht em chinelos de feltro com fivelas, ainda mais a partir do dia em que descobrira que tinha o dom notável de se transformar em todos os tipos de criaturas — cavalo, leitão, ou menina de seis anos com boné de marinheiro.

Isso porque, na verdade (mas está claro que se tratava de segredo), ele era o famoso ilusionista e prestidigitador Menetekel Pharsin.

A Martha agradaram os seus modos corteses, mas Franz a advertiu de que o homem era um pouquinho esquisito.

— Oh, meu querido — disse ela, descendo a escada —, não podia ser melhor. Esse homem sossegado é muito mais seguro do que teria sido uma velha intrometida. Au revoir, meu tesouro. Podes dar-me um beijo... bem depressa.

A rua dele era decididamente encardida. Talvez que, quando o "Cine-Palácio" estivesse terminado, aquilo apresentasse aspecto melhor.

Um cartaz especial, em estrutura de madeira diante da calçada e em posição estratégica, representava o futuro ilusório — um edifício alto, de vidro refulgente, que se apresentava sozinho em terreno espaçoso e em meio ao ar azul, embora na verdade houvesse casas de cômodos muito feias encostadas às suas próprias paredes que subiam devagar. Os andaes com andaime e inacabados acima do cinema prometido deviam conter um salão de exposição de aluguel, um salão de beleza, atelier fotográfico e muitas outras atrações.

Numa das direções a rua terminava em beco sem saída, na outra ia ter em praça pequena onde se montava modesto mercado ao ar livre, nas quintas e sexta-feiras. Dali, duas ruas partiam: à esquerda, um beco torto que era utilizado para ostentação de bandeiras vermelhas nos dias de comemorações políticas, e à direita uma rua comprida e povoada; dava para perceber na mesma a loja grande onde todos os artigos à venda custavam um quarto de marco, quer fosse o busto de Schiller ou panela de cozinha. Ela sentia frio, mas estava feliz.

A rua dava para um pórtico de pedra com um "U" branco em vidro azul, estação do metrô. Depois se entrava à esquerda para boulevard bastante elegante. Nisso acabavam as casas; aqui e acolá uma vila estava sendo construída, ou algum terreno baldio era transformado em pequenas hortas. Depois voltavam as casas, grandes e novas, rosas e pistacho. Martha passou pela última das mesmas e achava-se em sua rua. Além de sua vila havia uma avenida comprida, servida por dois bondes, os de números 113 e 108, e um ônibus.

Passou com rapidez pela trilha de saibro que dava para a varanda.

Nesse instante, o sol vinha do céu macio e branco, encontrava uma ranhura e eclodia radiosamente por ela. As árvores pequenas aos lados da trilha respondiam imediatamente, com todas as suas gotículas úmidas de luz. O gramado cintilava, por sua vez. A asa cristalina de um pardal reluziu, voando por ali.

Martha entrou na casa e manchas ópticas roxas vagavam diante de seus olhos, na relativa escuridão da sala da frente. Na sala de jantar, a mesa ainda não fora posta. No dormitório o sol repentino já se achava cuidadosamente dobrado sobre o tapete e sobre o sofá azul. Ela passou a mudar de roupa sorrindo, suspirando e cheia de felicidade, reconhecendo com agradecimento seu reflexo no espelho.

Um pouco depois, ao se apresentar no centro do dormitório em vestido vermelho-granada, com as têmporas lisas e só um toque de maquilagem, ouviu o latido idiotamente lírico de Tom lá em baixo, acompanhado pela voz alta de um estranho. A caminho na volta da escada encontrou o estranho que subia e passava com rapidez, assoviando e batendo nos corrimões com o pingalim de montaria.

— Alô, meu amor — disse ele, sem estacar —, descerei em dez minutos.

E subindo os dois ou três degraus finais em um só passo largo ele resmoneou cheio de ânimo e lançou um olhar para baixo e um olhar às fitas no cabelo dela.

— Apresse-se — disse ela, sem olhar para trás — e, por favor, livre-se desse cheiro de cavalo.

No almoço, em meio à conversa sem importância e ao tilintar — aquele tilintar especial meio vidro, meio metal, próprio ao processo da alimentação humana — Martha ainda não reconhecera o chefe da casa, com o bigode aparado e movimentado e seu modo de jogar com rapidez na boca ora um rabanete, ora um pedaço de pão que continuava a amassar sobre a toalha da mesa enquanto falava. Não que ela sentisse qualquer constrangimento especial. Não era Emma e não era Anna. No decurso de sua vida matrimonial, ela se acostumara a conceder favores ao rico protetor, com tal habilidade e tal cálculo, com tais hábitos eficientes de prática física que, tendo-se considerado madura para o adultério, desde muito se preparara para a devassidão.

À sua direita, sentava-se um velho de aspecto um tanto grosseiro, com título atraente; à esquerda, havia o roliço Willy Wald, de grandes faces coradas e três papadas de gordura na parte traseira do colarinho.

Ao lado do mesmo, achava-se sentada a sua ruidosa mãe, também corpulenta e com os mesmos olhos esbugalhados, escuros e úmidos.

Sua voz rascante não parava de passar abruptamente para altas gargalhadas gargarejantes, tão diferentes de sua fala que um cego poderia tomá-la por duas pessoas diferentes a falarem. Em seguida ao velho conde, cintilava a jovem Senhora Wald, que passava pó-de-arroz a ponto de adquirir palidez cadavérica, tinha sobranceiras de arqueado fora do natural, e sabia sustentar seus três gigolôs, até onde dizia respeito a todos. E entre eles, em frente a Martha, oculto agora por uma dália corpulenta e depois por facetas de crista, achava-se sentado e rindo um Senhor Dreyer, inteiramente supérfluo. Tudo, com exceção dele, estava ótimo. A comida, principalmente o ganso e o perfil acentuado do calvo e bondoso Willy, a conversa sobre automóveis e o espírito do conde, e sua anedota sobre a operação de enxerto de pele de uma estrela idosa, após a qual a canela da mesma ficara adornada com nova covinha que antes tinha sido o umbigo, que lhe contou sotto voce. Ela própria não falou muito, mas seu silêncio foi tão vibrante, tão cheio de resposta, tinha sorriso tão animado nos lábios luzidios e entreabertos que parecia invulgarmente loquaz.

Dreyer não pôde deixar de admirá-la, por trás dos cantos róseos e gordos das dalias. E a sensação de que ela, afinal de contas, era feliz em sua companhia, levou-o quase a aceitar a infreqüência de suas carícias.

— Como pode alguém amar um homem, cujo simples contato faz a pessoa enojar-se? — confessou ela a Franz em um de seus encontros seguintes, quando ele começou a insistir para que lhe dissesse se amava o marido.

— Eu sou o primeiro, então? — perguntou ele, aflito. — O primeiro?

Em resposta, ela exibiu os dentes claros e, devagar, beliscou-lhe a face. Franz agarrou-lhe as pernas e olhou para seu rosto, balançando a cabeça enquanto tentava prender-lhe os dedos na boca. Ela se achava sentada na poltrona, já vestida e pronta para sair, mas incapaz de fazê-lo e ele acorocado sobre os joelhos à sua frente, desalinhado, os olhos piscando em sua nova moldura branca. Acabara de calçá-la, pois, enquanto o visitava, ela usava chinelos de dormir, com pomposos carmesins. Esse par de chinelos (presente feito por ele, modesto mas cheio de consideração) nossos amantes guardavam na gaveta inferior da cômoda ao canto, pois a vida imita os romancistas franceses de modo nada infreqüente. Essa gaveta continha, ademais, um pequeno arsenal de dispositivos anticoncepcionais, gradualmente acumulados por Martha, que após um aborto no primeiro ano de casamento criara medo mórbido à gravidez. Ao guardar os belos chinelos até a próxima vez Franz pensava no encantador toque feminino que tudo aquilo trazia ao quarto, que se tornara mais atraente também de outros modos. Sobre a mesa três dalias rosas encontravam-se em jarro azul-escuro com um só reflexo retangular. Panos de mesa arredondados haviam surgido aqui e acolá e logo o sofá tenazmente solicitado seria trazido, com todo o seu peso; Martha já adquirira duas almofadas de pavão para o mesmo. Em recipiente de celulóide uma barra redonda de sabonete bege e com cheiro de violeta enfeitava a bacia, para uso de Martha. Os artigos de

toalete do rapaz haviam sido suplementados por um frasco de Anticaprine e loção de pele com um rosto sarapintado no rótulo. Todas as coisas dele haviam sido examinadas e contadas; sua roupa de baixo ostentava agora monogramas amorosamente costurados; em certa manhã inesquecível ela entrara no empório e exigira que lhe mostrassem as gravatas mais elegantes ali existentes, escolhera três e desaparecera com as mesmas, passando por seu departamento e mergulhando alternadamente nos numerosos espelhos, e o fato de que ela nem mesmo lhe lançara um olhar aduzira estranha centelha àquele encontro no cristal. Estavam agora arrumadas em seu guarda-roupa como troféus, e havia um plano inebriante que amadurecia devagar: um smoking!

O amor ajudou Franz a amadurecer. Esse primeiro caso amoroso parecia-se a diploma do qual alguém podia se orgulhar. Por todo o dia era atormentado pelo desejo de exhibir esse diploma aos colegas vendedores, mas a prudência o impedia de dar sequer a menor indicação do mesmo. Por volta das cinco e meia (Piffke, pensando que isso agradaria ao patrão, deixava-o sair um pouco antes dos outros) ele chegava-sem fôlego ao quarto. E logo Martha vinha, com dois sanduíches trazidos da vizinha loja de frios. O contraste bastante singular, porém cativante, entre o corpo magro dele e uma parte armada do mesmo, um tanto curta mas excepcionalmente grossa, levava a amante a gemer em louvor de sua virilidade: — Thazinha é gulosa! Oh, gulosa!... — ou diria, então: — Aposto (ela adorava apostar), aposto uma suéter nova que você não consegue de novo.

O tempo, no entanto, não era amigo dos amantes e um pouco após as sete horas ela tinha de retirar-se. Era tão pontual quanto apaixonada. Por volta das nove horas Franz geralmente ia jantar na casa do titio.

Uma felicidade cálida, calidamente fluente enchia o Franz físico até a orla, vibrava no pulso e nas têmporas, batia-lhe no peito e extraía de seu dedo uma gota de rubi quando se espetava acidentalmente na loja: era freqüente ter de lidar com alfinetes em seu departamento (embora não tanto quanto o alfaiate de prova, Kottmann, que se parecia ao peixe de "suíças" encontrado no rio distante de uma infância abolida, quando com a boca eriçada fazia a volta era torno de um freguês marcado com o giz). De um modo geral, todavia, suas mãos haviam-se tornado mais ágeis e ele já não tinha dificuldades com as tampas leves e o papel fino das caixas lisas de papelão, como lhe ocorrera nas primeiras semanas. Esses exercícios rápidos por trás do balcão haviam, por assim dizer, preparado suas mãos para outros movimentos e contatos, também rápidos e ágeis, levando Martha a ronronar de prazer, pois ele amava de modo especial seus membros superiores e os amava acima de tudo quando, numa sucessão de contatos rapsódicos, eles passavam por todo o seu corpo níveo. Assim o balcão da loja era o teclado mudo em que Franz ensaiara sua felicidade.

Mas assim que ela se retirara, assim que a hora do jantar se aproximava e ele tinha de enfrentar Dreyer, tudo mudava. Como acontece nos sonhos, quando um objeto inteiramente inofensivo nos inspira medo e dali por diante se mostra assustador a todas as vezes em que sonhamos com ele (e mesmo na vida verdadeira guarda suas nuances inquietadoras), também a presença de Dreyer se tornara para Franz uma tortura refinada, ameaça implacável. Quando, pela primeira vez após a visita dela, ele percorrera a distância curta entre o portão e a varanda (bocejando nervosamente e mexendo nos óculos enquanto caminhava); quando, pela primeira vez na qualidade de amante clandestino da dona da casa, ele olhara de soslaio para a inocente Frieda que atravessara o umbral esfregando as mãos molhadas de chuva, Franz fora avassalado por sentimento tão fantasmagórico que em seu pavor e confusão ele desferira um pontapé em Tom, que o acolhia na sala de visitas com irrupção inesperada de afeto; enquanto Franz aguardava os anfitriões, procurara supersticiosamente os olhos brilhantes das almofadas, à cata de presságios desastrosos.

Covarde abjeto e nervoso nas questões de sentimentos (e covardes assim são duplamente desgraçados porque percebem com lucidez sua covardia e têm medo dela), não podia deixar de se encolher quando, com o bater das portas em corrente de ar dramática, Martha e Dreyer entraram simultaneamente de dois aposentos diversos, como se o fizessem entrando em palco iluminado com força demais. Depois se punha em posição de sentido e nessa atitude sentia-se subindo pelo teto, passando pelo telhado, entrando no céu entre negro e marrom enquanto, na realidade, inteiramente esvaziado, apertava as mãos de Martha e Dreyer. Voltou a si vindo dessa inexistência escura, daquelas alturas desconhecidas e bastante tolas a fim de pousar com firmeza no meio da sala (a salvo, a salvo!) quando o caloroso Dreyer descreveu um círculo com o indicador e o espetou no umbigo; Franz imitou um arquejo e deu risadinhas; e como de costume Martha se mostrava friamente radiosa. O medo dele não passou, mas apenas recuou temporariamente: um olhar com cautela, um sorriso elegante, e tudo seria posto a nu, um desastre além da imaginação estraçalharia sua carreira. Dali em diante, sempre que entrava nessa casa imaginava que o desastre acontecera — que Martha fora descoberta ou confessara tudo, em assomo de loucura ou auto-sacrifício religioso ao marido; e o candelabro na sala de estar invariavelmente o recebia com refulgência sinistra.

Ele sopesava todas as piadas feitas por Dreyer, raspava-as, farejava-as cheio de nervosismo, procurando ali alguma alusão engenhosa, mas nada encontrava. Felizmente para Franz o interesse de seu tio observador por qualquer objeto, animado ou não, cujos traços distintos ele apreendia de começo, ou julgava ter apreendido, flutuavam por cima e se distanciavam, desvaneciam-se a cada reaparecimento subsequente. A percepção brilhante tornava a abstração habitual.

Naturezas como a dele gastam energia bastante apreendendo com todas as armas e recursos da mente as impressões da existência e acolhem a película neutra de familiaridade que logo se forma entre a novidade e seu consumidor. Era demasiado cacete pensar que o objeto pudesse mudar por conta própria e assumir características imprevistas. Isso significaria ter de desfrutá-lo outra vez e ele já não era jovem. Apreciara a simplicidade e vulgaridade do pobre sujeito quase em seu primeiro encontro anônimo no trem. Daí em diante, a partir do primeiro momento de conhecimento real, pensara em Franz como divertida coincidência em forma humana; a forma era de um sobrinho provinciano e tímido, dotado de mente banal e ambições limitadas. Da mesma forma Martha, por mais de sete anos a essa altura, continuara a ser a mesma esposa distante, parcimoniosa e fria cuja beleza de vez em quando revivia e o acolhia com o sorriso paradisíaco pelo qual se apaixonara de início. Nenhuma dessas imagens sofrera qualquer alteração fundamental; tornavam-se apenas mais compactamente cheias de características correspondentes ao que pensava. Assim o artista experiente só enxerga aquilo que esteja de acordo com seu conceito inicial.

Dreyer, por outro lado, sentia uma espécie de coceira humilhante quando um objeto não cedia de imediato a seus olhos vorazes, não tomava obedientemente a posição que lhe desse oportunidade de lutar com o mesmo. Dois meses haviam transcorrido desde o acidente de automóvel. Ele tivera tempo de fazer seu testamento, como pretendia fazer por todo o seu quinquagésimo aniversário (que, graças ao coração frio de Martha, sua única herdeira deixara passar sem qualquer vestígio de comemoração) e ainda não sabia resolver uma coisa pequena e tola referente ao seu chauffeur, que, se fosse verdade, com certeza levaria a outro acidente, mais cedo ou mais tarde. Com um retorcimento na narina ele sondava o fedor de fumo do motorista, procurando outro cheiro mais alegre, observava-o quando caminhava com pernas tortas em torno do automóvel e no momento mais perigoso — noite de sábado — chamava-o inesperadamente e efetuava com minúcia uma conversa trivial, enquanto observava se o outro se comportava de modo um tanto livre demais. Contava que algum dia alguém lhe dissesse que o homem, ai, não estivesse em condições de aparecer, mas, ai, este dia nunca chegou. As vezes lhe parecia que o Icarus estava fazendo as curvas um pouco mais depressa, um pouco mais alegremente do que o costume. Era exatamente em dia assim, de volta» descuidadas, feitas ainda mais interessantes pelo fato de que a primeira neve verdadeira do ano havia caído na véspera e agora se derreteria, tornando-se algo escorregadio, que observara um homem sem chapéu, olhando pela janela, e que se parecia exatamente a alguém que tivesse dobradiças ao invés de juntas, atravessando a rua com passos pequenos. Isso o fez lembrar de sua conversa com o amável inventor. Chegado ao gabinete mandou logo chamá-lo no Montevideu, e ficou muito satisfeito quando a velha Sarah Reich, sua secretária, anunciou que o inventor apareceria imediatamente.

Nem Dreyer, nem a Senhorita Reich (que tinha seus próprios problemas temíveis), todavia, nem qualquer pessoa no mundo, chegou a descobrir que o inventor solitário e saudoso de casa estava morando no mesmo quarto onde Franz passara a noite de chegada; onde um grande freixo, agora sem folhas, podia ser visto da janela; e onde seria possível observar, caso se olhasse com muito cuidado, que uma minúscula poeira de vidro se incorporara às rachaduras do linóleo perto da pia. É significativo que o Destino o houvesse alojado ali, em meio a tantos lugares possíveis. Tratava-se de estrada que Franz percorrera — e no mesmo instante o Destino se lembrara, e mandara atrás daquele homem praticamente sem nome que, naturalmente, nada sabia sobre sua missão importante e nunca descobriu coisa alguma a esse respeito, o que, aliás, ninguém fez, nem mesmo o velho Enricht.

— Bem-vindo — disse Dreyer. — Sente-se.

O inventor sentou-se.

— Bem — perguntou Dreyer, revirando na mão seu lápis favorito.

O inventor assoou o nariz, embrulhou cuidadosamente os resultados disso e passou muito tempo enfiando o lenço no bolso — artigo que alguma invenção nova desde muito devia ter substituído.

— Eu venho com a mesma oferta — disse, afinal.

— Algum detalhe a mais? — sugeriu Dreyer, fazendo círculos azuis e concêntricos no mata-borrão.

O inventor assentiu e começou a falar. O telefone sobre a mesa tilintou; Dreyer dedicou ao visitante um sorriso gentil e, com energia, levou o receptor ao ouvido.

— Sou eu. Esqueci... você disse que não vai jantar em casa esta noite?

— Isso mesmo, meu amor.

— E vai chegar tarde?

— Após a meia-noite. Reunião da junta e festividades. Vá ao restaurante com o Franz, ou coisa assim.

— Não sei. Talvez vá.

— Ótimo — disse Dreyer. — Adeuzinho. Oh, espere... se quiser o automóvel... Alô! — mas ela já desligara.

O inventor fazia de conta que não ouvia. Dreyer observou isso e disse, com uma risadinha marota: — Essa era a minha amiguinha.

O inventor teve um sorriso contrafeito e indulgente e retomou suas explicações. Dreyer deu início a nova série de círculos concêntricos, a Srta. Reich trouxe uma batelada de cartas e desapareceu em silêncio. O inventor continuou falando. Dreyer jogou o lápis à mesa, reclinou-se comodamente na poltrona e entregou-se ao fascínio.

— O que foi isso? — interrompeu. — A lentidão nobre da marcha de um sonâmbulo?

— Sim, se desejar — disse o inventor. — Ou, do outro lado, a agilidade restrita de um convalescente.

— Prossiga, prossiga — pediu Dreyer, fechando os olhos. — Isso é pura feitiçaria.

Um pequeno, taciturno e pouco atraente café, que não dista muito do local onde Franz mora. Três homens empenhados em silencioso jogo de cartas. A esposa de um deles, grávida e pálida como a morte, acompanhando sonolentemente o jogo. Uma jovem de aspecto vulgar e tique nervoso, folheando velha revista ilustrada e parando diante da barafunda rabiscada de um enigma: um lápis indelével preencheria gulosamente a maioria dos quadrados nas palavras cruzadas.

A senhora em casaco de molesquim (o que impressionou a proprietária do lugar) e o rapaz com óculos de armação de tartaruga, bebericando licor de cereja e olhando um nos olhos do outro. O bêbado, com quepe que lhe conferia aspecto de desempregado, batendo no copo grosso atrás do qual as moedas se haviam amontoado, formando uma salsicha metálica — as moedas perdidas por todos aqueles que as haviam colocado na ranhura e rodado a manivela para acionar o pequeno saltimbanco de lata, enquanto seus minúsculos ovos reluzentes seguiam as ranhuras em espiral. O balcão, resfriado por espuma de cerveja, reflete pátina semelhante à do peixe. A proprietária tem duas bolas de futebol, verdes e de lã, por seios. Boceja ao olhar na direção do recanto escuro onde o garção, semi-oculto por cortina, está devorando uma montanha de batatas amassadas. Na parede, por trás da unda (SIC) dela, o relógio de cuco, feito em madeira esculpida e encimado pelo par de chifres, tendo ao lado um oleógrafo representando o encontro de Bismarck e Napoleão III. O roçar de jogadores de cartas torna-se cada vez mais baixo. Agora parou por completo.

— Você escolheu bem... tenho a certeza de que ninguém nos verá aqui.

Ele acariciou-lhe a mão sobre a mesa.

— Sim, mas está ficando tarde, querida, talvez seja hora de ir embora.

— Seu tio só voltará à meia-noite, ou mais tarde. Nós temos tempo.

— Perdoe-me por arrastá-la a lugar tão esqualido.

— Não não, em absoluto. Foi uma escolha muito boa — disselhe.

— Imaginemos que você é um estudante de Heidelberg. Você ficaria muito bem com um quepe de estudante.

— E você é uma princesa incógnita? Gostaria que tomássemos champanha, com casais dançando por aí e bela música húngara.

Ela colocou o cotovelo sobre a mesa, repuxando a pele da face com o punho. Silêncio.

— Diga-me, você gostaria de comer alguma coisa? Acho que ficou ainda mais magro.

— Oh, o que importa? Por toda a minha vida fui infeliz. E agora você está comigo.

Imóveis, os jogadores fitavam as cartas. A mulher balofa e esgotada encostava-se ao ombro do marido. A moça imergira em pensamentos e seu semblante parara de contorcer-se. As páginas da revista ilustrada pendiam como uma bandeira na calmaria. Silêncio. Entorpecimento.

Martha foi a primeira a se remexer! Franz também tentou arredar de si aquela sonolência singular, piscou, puxou as lapelas da jaqueta.

— Eu o amo, mas ele é pobre — disse ela, brincando. E de repente seu semblante mudou. Imaginava que também ela estava sem um vintém e que ali, naquela taberna pequena e encardida, em meio a operários embriagados e marafonas de última categoria, naquele silêncio ensurdecedor em que apenas o relógio cacarejava, um pegajoso copo de vinho diante de cada um, os dois estavam gastando sua noite de sábado.

Imaginou com pavor que aquele pobretão carinhoso era na realidade seu marido, seu jovem marido, a quem nunca, nunca abandonaria.

Meias cerzidas, dois vestidos simples, um pente quebrado, um quarto com espelho barato, as mãos dela grosseiras de tanto lavar e cozinhar, aquela taberna onde por um só marco dava para embriagar-se como um rei...

Sentiu-se tão apavorada que enfiou as unhas na mão dele.

— O que houve? Minha querida, não compreendo.

— Levante-se — disse ela. — Pague e vamos embora. Aqui está muito sufocante, não consigo respirar.

Ao respirar o frio realista da noite recuperou no mesmo instante sua fortuna e, colando-se a ele, mudou

rapidamente o passo a fim de acertá-lo com o de Franz; ele estendeu a mão e tomou-lhe o pulso tépido, entre as dobras das peles do abrigo.

Na manhã seguinte, deitada em seu quarto claro e belo, Martha recordou seus receios contagiosos, sorriu "Vamos ser realistas", disse a si própria. "É tudo muito simples. Eu simplesmente tenho um amante. Isso deve embelezar e não complicar minha existência. E é exatamente isso... um embelezamento agradável. E se, por alguma circunstância..." Por estranho que fosse, no entanto, não conseguia encontrar direção para os pensamentos; a rua de Franz terminava em beco sem saída, no qual seu espírito esbarrava invariavelmente.

Não conseguia imaginar, por exemplo, que Franz não existia ou que algum outro admirador vinha flutuando e saindo do nevoeiro, trazendo na mão uma rosa, pois, ao se aproximar, era sempre Franz. A aquele dia, como todos os dias vindouros, estava imbuído e colorido pela paixão que sentia por Franz. Tentava pensar no passado, naqueles anos impossíveis em que ainda não o conhecera, mas não era o seu próprio passado que chamava a si, e sim o dele: a cidadezinha onde ela parara a caminho avolumava-se em seus pensamentos e ali, na bruma, achava-se a casa de Franz, de teto branco, que ela nunca vira na vida real, mas que ele descrevera muitas vezes, e a escola com parede de tijolos nus na esquina, o meninozinho frágil e de óculos. O que lhe contara Franz sobre a infância era mais importante do que tudo que ela já vivenciara até então; e não compreendia o motivo pelo qual era assim, e discutia consigo mesma na tentativa de refutar o que vinha transgredir sua noção de harmonia e clareza.

Singularmente penosa mostrava-se a discórdia íntima quando tinha de cuidar de um plano doméstico ou pensar em alguma aquisição importante que, de modo algum, tinha a ver com Franz. Por exemplo, em determinados momentos a idéia de comprar um novo automóvel continuava a se apresentar; nesse caso ela dizia a si própria que isso nada tinha a ver com Franz, que este estava sendo deixado de fora e, de algum modo, tapeado; e a despeito de seu sonho antigo de substituir o Icarus um tanto surrado por certo modelo elegante de limousine, toda a alegria de tal compra se desfazia. O vestido que ela usaria para Franz, ou o jantar dominical que faria com seus pratos favoritos — tais questões eram diferentes. E, de início, todos esses presságios e prazeres lhe eram estranhos, como se houvesse remoçado dez anos e estivesse aprendendo a viver de um modo diferente, precisando de tempo para se acostumar ao mesmo.

Outra perplexidade advinha do fato de que sua casa, da qual passara a gostar ainda mais desde que Franz se tornara praticamente membro da família, continha alguém mais, além dele e ela. Ali se apresentava a criatura, bigode penugento e corado, comendo à mesa em companhia dela e dormindo na cama ao lado, exigindo-lhe atenção de um modo ou de outro. As questões financeiras dele interessavam-na ainda mais do que naquele ano já muito distante, em que boa parte de lastro lançado pelo balão da inflação viera cair nos bolsos dele, onde se transformara naquele sonho alquimista — valiiia. Como antes, ele contava-lhe tudo. O interesse de Martha pelos empreendimentos de Dreyer não se combinava de modo orgânico com o sentido novo, penetrante, dolorido e palpitante de sua vida. Ela achava que não podia ser inteiramente feliz sem tal combinação de conta bancária e leito, mas não sabia como alcançar a harmonia, como eliminar a discórdia. Certa feita ele mostrara-lhe um pedaço de papel no qual totalizara para ela o que possuía, em números arredondados: "Isso basta?" ele perguntara sorrindo. "O que acha?" Havia aqueles 700.000 dólares intocáveis no cofre em Hamburgo. Havia outra fortuna em ações. Havia recursos consideráveis de natureza mais fluida e mutável, que constituíam o sistema circulatório dos negócios dele.

Havia o testamento que fizera recentemente e que custara a ela duas noites de amor esforçado, mas que tinham excluído por completo, graças a Deus, um irmão mais jovem e transviado na África do Sul que, Martha desconfiava, ansiava muito por colocar as mãos em sua parte.

— Com que, então, somos praticamente milionários — disse ela com uma dessas respostas raras e resplandescentes pelas quais o marido sempre estava pronto a pagar consideravelmente mais do que possuía.

— Estamos por cima, estamos por cima, querida — fora a resposta.

O que quer que acontecesse, meditava ela, na bolsa de valores ou nas transações frívolas do marido, restava o suficiente para muitos anos de vida ociosa. Até, digamos, que ela estivesse com sessenta ou mesmo cinqüenta e oito anos e Franz seus ardorosos quarenta e cinco. Enquanto o Senhor Dreyer existisse, ainda, tinha de continuar a ganhar. E assim é que, passando do entusiasmo para uma demonstração de seriedade aflita, ela instara com o marido para acumular mais dinheiro em Hamburgo e jogar menos em Berlim, devolvendo-lhe friamente o pedaço de papel. Achava-se ao lado da escrivaninha onde Parsifal erguia a lanterna acesa e dava para ver, pela tranqüilidade singular que abafava a vila, que a neve caía, sufocando o jardim em branco-escuro, bem escuro. Dezembro mostrou-se mais frio do que o costumeiro, com temperaturas espetacularmente baixas e sofregamente observadas pelos veteranos esquecidos da imprensa, que haviam passado pela mesma idiotice

dois anos antes. Dreyer olhara o relógio com expressão preocupada. Os três iam a um espetáculo de variedades, Como criança, receava atrasar-se. Martha apanhara o jornal estendido na mesa e examinara os anúncios e as notícias locais, tomando conhecimento de que uma vila luxuosa estava à venda por 500.000 reichsmarks, e que um automóvel capotara, matando o passageiro, o famoso ator Hess, a caminho do leito da esposa, enferma.

— Santo Deus! — exclamou ela — Isto é inédito.

No boudoir adjacente Franz ouvia, sem grande interesse, a voz clara que vinha pelo rádio e que dava detalhes sobre o acidente.

O amplo teatro estava cheio; o palco enorme continuava de cortina fechada. Eles se apertaram, entrando para um daqueles camarotes excepcionalmente estreitos em que a pessoa se torna tão ciente da coisa incômoda, emaranhada e formigante que é um par de pernas humanas. Para o e sgalgado Franz aquilo se mostrava ainda mais difícil.

Como se não bastasse terem suas extremidades inferiores encornpridado de modo grotesco, Martha, aderindo rigorosamente a todas as regras do adultério, apertava o flanco do joelho sedoso em sua perna direita desastrosamente dobrada enquanto Dreyer, sentado à esquerda de Franz e um pouco para trás, encostava-se de leve em seu ombro e não parava de fazer-lhe cócegas na orelha com o canto do programa que consultava. O pobre Franz via-se partido entre o medo de que o marido pudesse observar alguma coisa e o deleite de sentir as centelhas sedosas que lhe percorriam o corpo.

— Que teatro enorme — murmurou, movimentando de leve o ombro, de modo a escapar à repulsiva mão de pêlos dourados de Dreyer. — Dá para imaginar o quanto eles ganham em cada noite. Vejamos... cerca de dois mil lugares...

Dreyer, ao examinar o programa pela segunda ou terceira vez, exclamou:

— Ah, vai ser bom: ciclistas de trapézio.

As luzes diminuíram devagar, a pressão feita pelo joelho de Martha aumentou imprudentemente, mas logo afrouxava quando a orquestra começou a executar um pot-pourri de Lúcia di Lammermoor (o que, nas circunstâncias, calhava muito bem, embora nossa platéia não o percebesse).

Foram apresentados muitos números artísticos de boa qualidade.

Martha achou o programa muito aceitável, Dreyer o pronunciou excelente, Franz adorou todos os momentos. Um homem de cartola executou malabarismos com falsas garrafas as quais, de repente, foram conduzidas à cartola; quatro japoneses voaram de um lado para outro em trapézios que rangiam ritmicamente e, quando faziam pausa entre as façanhas, jogavam um para o outro um lenço colorido com o qual enxugavam meticulosamente as mãos; um palhaço, sempre a ponto de deixar cair suas calças enormes, pulava, antes de escorregar e cair com estrondo sobre o rosto, por todo o palco emitindo assovio agudo; um cavalo, tão branco que parecia coberto de pó-de-arroz, delicadamente marchava em ritmo com a música; uma família de ciclistas, louca, deu tudo que era humanamente possível conseguir, e ainda mais, da qualidade das bicicletas; uma foca negra e lustrosa emitiu gritos guturais como banhista que se afoga e depois deslizou por uma tábua lisa e escorregadia, caindo na água verde de um tanque onde jovem semidespida a acolheu com um beijo no focinho.

De vez em quando, Dreyer resmoneava de prazer e cutucava Franz.

Após a foca ter recebido a recompensa final, uma sororoca viva que apanhou suculentemente no ar, e sair galopando sobre as nadadeiras, a cortina foi fechada para que o público se refizesse, como dizem os franceses; quando voltou a abrir, uma mulher de sapatos prateados e vestido noturno listrado lá estava, banhada de luz, no centro do palco escurecido, com um violino luminoso sobre o qual colocou um arco refulgente como estrela. O farolete a inundava agora, diligentemente, ora em róseo, ora em verde; o diadema resplandecia em sua testa. Seu desempenho era langoroso e realmente delicioso e encheu Martha de tal animação, tamanha tristeza refinada, que ela entrecerrou os olhos e procurou a mão de Franz na escuridão, transmitindo-lhe a mesma sensação — um êxtase pungente em harmonia com o amor deles. A fantasmagoria musical (como haviam relacionado tal apresentação no programa) cintilava e desmaiava, o violino gemia e cantava, ao rosa e verde juntaram-se o azul e o roxo — e Dreyer não agüentava mais.

— Estou com olhos e ouvidos fechados — explicou, em murmúrio sonolento. — Avisem-me quando essa abominação obscena acabar.

Martha teve um sobressalto; Franz achou que tudo estava perdido, que o marido os vira de mãos dadas. No mesmo momento, o palco enegreceu, e a casa trovejou em avalanche de aplausos.

— Você não entende absolutamente coisa alguma de arte — proclamou Martha, secamente, falando com o marido. — Você apenas perturba as outras pessoas que querem ouvir.

Dreyer soltou ruidoso suspiro de alívio e então, com gestos meticulosos, solavancos rápidos das

sobrancelhas, como alguém que se apressa por esquecer algo, examinou o número seguinte no programa.

— Ah, parece melhor — comentou. — Os Gutter-Perchers, seja lá quem for, e depois um ilusionista de renome mundial.

"Por um triz", Franz pensava nesse momento. "Dessa vez foi mesmo por um triz. Puxa!... precisamos te muitíssimo cuidado..."

Naturalmente que é maravilhoso estar aqui sentado, sabendo que é minha, e ele sentado ao nosso lado e sem o saber. Mas é tão perigoso, tudo isto..."

O desempenho foi encerrado com a projeção de um filme, como ainda se costumava fazer nos círculos e salões de música desde que o primeiro "bioscópio" fora exibido como curiosidade estranhamente lisa após o palco vivo, um chimpanzé, em roupas humanas que o rebaixavam e aviltavam, executava atos humanos que humilhavam qualquer animal. Martha riu gostosamente, observando: — Olhem só como ele é esperto!

Franz estalou a língua com espanto, insistiu seriamente que se tratava de um anão disfarçado.

Quando saíram para a rua regelada e iluminada como se fosse mais uma cena das luzes da ribalta e o fiel Icarus aproximou-se com uma espécie de zelo apalhaçado, Dreyer, recriminou-se por ter negligenciado, ultimamente, de observar o comportamento do chauffeur.

Era chegado o momento perfeito para fazer sua verificação. Quando ele se apressava para calçar as luvas de peles Dreyer procurou captar com o nariz o vapor que emanava da boca do homem. O chauffeur observou-lhe o olhar e, pondo à mostra os dentes cariados, ergueu com inocência as sobrancelhas.

— Frio, muito frio, não é? — disse Dreyer, mais que depressa.

— Não é muito — respondeu-lhe o chauffeur. — Não é muito.

"Não deu para sentir nada", pensava Dreyer. "No entanto, tenho a certeza de que enquanto ele esperava.. rosto vermelho, olhos alegres.

Bem, vamos ver como dirige."

O chauffeur dirigiu muitíssimo bem. Franz, respeitosamente encarapitado na beira de um dos dois assentos dobradiços no veículo luxuoso, ouvia o zumbido suave de sua velocidade, examinava as margaridas artificiais na jarrinha ali presente, o tubo acústico pendurado no gancho de aço, o relógio de viagem que tinha sua própria concepção do tempo e o cinzeiro com ponta dourada de cigarro.

A noite nevada, auréolas em volta das luzes nos postes, desfilava com rapidez pelas janelas simples.

— Eu salto aqui — disse, reconhecendo a praça e a estátua.

— Saindo daqui a caminhada é curta até minha casa.

— Oh, eu o levo lá — replicou Dreyer, com leve bocejo. — Qual é seu endereço exato?

Martha chamou o olhar de Franz e sacudiu a cabeça em negativa.

Franz compreendeu. Dreyer, acostumado a ver o sobrinho quase todas as noites em sua casa, nunca se dera ao trabalho de perguntar onde ele morava e isso devia permanecer em silêncio e propícia ignorância.

Franz pigarreou nervosamente e disse: — Não, na verdade, eu gostaria de esticar as pernas.

— Como quiser — disse Dreyer em meio ao bocejo e, inclinando-se sobre Franz, bateu na divisão de vidro com o punho.

— Por que bate? — observou Martha, contrariada. — Existe o tubo acústico para falar, não é mesmo?

Franz foi deixado em uma praça branca e deserta. Levantou a gola da capa de chuva, enfiou as mãos nos bolsos e, inclinado à frente, seguiu com passos rápidos na direção de casa. Aos domingos, na rua elegante e na parte ocidental da cidade, ele usava o sobretudo novo e caminhava de modo muito diverso. Agora, no entanto, não era momento para isso — o frio se mostrava forte. Aquela caminhada dominical na cidade grande não era fácil de imitar. Consistia em estender os braços bem para baixo e cruzar as mãos (boas luvas eram essenciais) abaixo do último botão do sobretudo, como para mantê-lo em lugar enquanto se dava passos muito lentos, os dedos do pé levantando-se a cada um. Assim passeavam os janotas de Kurfürstendamm, às vezes aos pares, volta e meia olhando para uma jovem sem mudar a posição das mãos, mas limitando-se a leve sacolejar do ombro.

A despeito do frio, Franz sentia-se aumentado e exagerado, como acontece após algum espetáculo, e começou até a assoviar.

— Ao inferno com o marido dela. É preciso ser corajoso. Tal ventura não é conferida a qualquer um. O que estará ela fazendo neste momento? Deve estar em casa, despindo-se. Aquele porco de pêlos dourados. Importunando-a, com certeza. Ao diabo com ele!

Ela agora está sentada na cama, tirando a meia. Três ou quatro casas mais e ela vai estar nua. Devia comprar uma camisola de rendas para ela. Guardar entre meus pijamas. Quando eu chegar àquela lâmpada, ela vai

baixar a cabeça sobre o travesseiro. Atravesso a rua e ela apaga a luz. Eles ficam no mesmo quarto. Não, ele está envelhecendo, vai deixá-la em paz. Mais um quarto: ela adormeceu.

Aquela é minha rua. Violinista maravilhoso... e muito bem apresentado, havia realmente algo celestial naquilo. O ilusionista também foi muito bom. Truques simples, sem dúvida: ganha bom dinheiro enganando as pessoas. Agora ela está bem adormecida. Vê minha casa no sonho e ouve aquele violino divino. Maldita chave. Sempre começa como se nunca houvesse estado antes na fechadura. A luz da escada apagada outra vez. Dê para cair por ali abaixo, se tropeçar.

E esta chave também dá trabalho.

No corredor escuro, ao lado da porta um pouco mais clara do quarto, apresentava-se o velho Enricht, sacudindo a cabeça em tom de desaprovação. Usava camisolão cor de rato e botas enxadrezadas.

— Oh-oh-oh — disse ele: — Deitando-se após a meia-noite. Que vergonha.

Franz estava prestes a prosseguir na caminhada, mas o velho agarrou-lhe a manga.

— Não posso estar com raiva esta noite — disse, cheio de sentimento.

— É uma ocasião alegre para mim: a esposa voltou!

— Parabéns — disse Franz.

— Mas nenhuma alegria é perfeita — prosseguiu Enricht, sem soltar a manga de Franz.

— A minha velhinha voltou doente.

Franz saiu-se com um grunhido de comiseração.

— Lá está ela — gritou o senhorio. — Sentada ali, na poltrona.

Dê uma olhada.

Abriu mais a porta e sobre o respaldo da cadeira Franz teve o vislumbre de uma cabeça grisalha, com algo branco espetado no cabelo.

— Vê o que digo? — perguntou o velho, fitando Franz com olhos brilhantes. — E, agora, boa noite — aduziu e, entrando para o quarto, fechou a porta.

Franz continuou a caminhada, mas logo parou e voltou.

— Escute — disse para a porta fechada. — Que me diz daquele sofá?

Uma voz feminina, velha, rouca e forçada respondeu de lá: — O sofá já está em seu quarto. Dei-lhe o meu próprio sofá.

"Dois velhos malucos," pensou Franz, com careta de melindre.

E sem dúvida a família de móveis em seu quarto crescera. Era um sofá duro e decrépito, em cinzento sem graça, com desenhos de não-me-esqueças. Ainda assim, era um sofá. Quando Martha veio, no dia seguinte torceu o nariz e mantendo-o torcido apalpou o estofamento, encontrou uma mola defeituosa e levantou a orla encardida.

Oh, bem, não se pode fazer nada — resolveu finalmente.

— Não tenho a menor intenção de brigar com a velha dele. Uma pena ela ter voltado. Mais um par de ouvidos. Ponha aquelas duas almofadas ali. Agora está com aspecto melhor.

E logo se haviam acostumado ao sofá, à sua cor modesta, e os rangidos de desaprovação que emitia em ritmo com suas manobras amorosas férvidas.

Não era apenas um sofá, todavia, o que enriquecera o quarto de Franz. Certa feita, em momento de especial benevolência, Dreyer lhe dera algum dinheiro a mais, tirando-o do bolso do colete (dólares verdadeiros e verdes!) e uma quinzena depois, bem a tempo para o Natal, um novo morador surgiu no guarda-roupa de Franz: o smoking desde muito esperado.

— Isso é muito bom — disse Martha —, mas não é tudo. Você precisa aprender a dançar. Amanhã, à noite depois do jantar, vamos pôr um bom disco na vitrola e eu lhe darei sua primeira lição. Vai ser muito divertido, com o titio a nos olhar.

Franz chegou em seu novo smoking. Ela o repreendeu por usá-lo sem necessidade, mas achou que assentava muito bem. Eram nove horas. Dreyer devia chegar a qualquer instante. Mostrava-se muito preciso nesse particular, sempre telefonando para avisar que chegaria com tantos minutos de avanço ou atraso, pois gostava muitíssimo de ouvir a voz suave, macia e formalizada da esposa ao telefone — a voz dela em uma espécie de perspectiva florentina, tão diferente da realidade comum. Martha sempre se surpreendia com os telefonemas do marido, cuidando desses minutos e segundos sem importância e a despeito de sua própria atitude cautelosa para com o tempo medido a pontualidade do marido nesse particular a intrigava e irritava.

Aquela noite ele não telefonara e, no entanto, já estava com meia hora de atraso. Devido a uma reverência natural para com o vinco sagrado de cada perna da calça, Franz evitava sentar-se e andava pelo aposento,

passando próximo à poltrona de Martha, mas sem se atrever a beijá-la por causa da proximidade da empregada.

— Tenho fome — disse Martha. — Não sei por que ele não vem.

— Vamos ligar a vitrola. Você me ensina enquanto estamos esperando.

— Não tenho vontade. Eu disse que seria depois do jantar.

Dez minutos decorreram. Ela se levantou abruptamente e chamou Frieda.

Uma omeleta suculenta e um pouco de fígado serviram para revivê-la.

— Feche — disse a Franz, indicando a porta deixada aberta por Frieda, a quem uma forte dor de dentes estivera afligindo por todo o dia. Quando Franz, voltou a sentar-se, Martha o envolveu em um sorriso de adoração satisfeita. Era aquela a primeira vez que jantava em casa a sós com Franz. Sim, o smoking não podia ser melhor.

Tinha de dar-lhe abotoaduras novas e boas para substituir aquelas pavorosas que usava.

— Oh, meu querido doce e grande — disse baixinho, estendendo o braço para ele sobre a toalha do jantar.

— Cuidado — cochichou Franz, olhando em volta. Ele não confiava nos quadros pendurados na parede — o velho barão de fraque e seu double temível que os fitava, pronto a atacar. O aparador luzidio estava inteiramente feito de olhos. Mexeriqueiros de capa escondiam-se nas dobras das cortinas. Um famoso brincalhão, Kurtius Dreyerson, podia estar acocorado sob a mesa. Era uma boa coisa, pelo menos, que Ton houvesse permanecido na sala da frente. E a criada poderia voltar a qualquer instante. E naquele castelo não se devia tomar liberdades.

Mesmo assim, incapaz de se opor ao desejo sorridente de Martha, ele afagou-lhe o braço. Ela afagou-lhe o nariz com os dedos, sorrindo e umedecendo os lábios. Franz teve a sensação pavorosa de que naquele exato instante Dreyer apareceria de repente, de trás de uma cortina: o folgazão transformado em carrasco.

— Come, bebe, meu senhor. Estamos chez nous — disse Martha, rindo.

Usava vestido negro de tule, tinha os lábios pintados, os brincos verdes eclodiam em chamas e os cabelos, divididos pela linha matematicamente pura do meio, brilhavam mais do que nunca pelo lustro de melanita que era uma das jóias de sua beleza. Uma lâmpada baixa com quebra-luz alaranjado lançava luz voluptuosa sobre a mesa.

Franz, os óculos adoradores brilhando para Martha, sugava uma perna de galinha fria. Ela inclinou-se para ele, tirou o osso de cabeça luzidia e semidescarnado de sua mão e, rindo apenas com os olhos, começou a mordê-lo com deleite, segurando-o graciosamente, o dedinho levantado, os cílios batendo e os lábios tornando-se mais carnudos e brilhantes.

— Você está estonteante — cochichou Franz. — Eu te adoro.

— Se pudéssemos jantar assim todas as noites, só você e eu — disse Martha. Sacudindo a cabeça, espantou de si uma sombra momentânea e gritou, em tom de voz levemente falso: — Você pode servir-me um pouco deste conhaque precioso, por favor, e vamos brindar à nossa união.

— Acho que não vou tomar nenhum. Tenho medo de não poder aprender a dançar, depois — disse Franz, virando com muito cuidado o frasco diminuto.

Mas que se importava ela com dançar?... ansiava por permanecer naquele lago oval de luz, refestelando-se na certeza de que voltariam a ser os dois amanhã, e na noite seguinte, e assim até o fim de suas vidas. Minha sala de jantar, meus brincos, minha prataria, meu Franz.

Ela de repente segurou o pulso esquerdo para revirar o mostrador do minúsculo relógio de pulso, que sempre conseguia deslizar para onde uma veia azul fazia sua trifurcação.

— Mais de uma hora de atraso. Deve ter acontecido alguma coisa. Toque a campainha, por favor... ali, está pendurada acima de você.

A ele irritava que a ausência do marido a alarmasse. Que diabo importava se Dreyer estava atrasado? Melhor ainda. Ela simplesmente não tinha o direito de se assustar.

— Por que preciso tocar? — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos do paletó.

Martha arregalou bem os olhos.

— Acho que pedi a você para tocar aquele botão.

Sob os raios do olhar dela, Franz cedeu como de costume e tocou a campainha.

— Se você comeu o bastante, podemos ir para a sala de estar.

Coma algumas uvas, porém. Tome estas aqui.

Ele começou a comer as uvas que eram grandes e pareciam caras, mas não chegavam a competir com as uvas comuns de sua cidade natal. A sombra da campainha elétrica balançando em seu cordão movia-se como pêndulo espectral sobre a toalha de mesa.

Frieda entrou, parecendo pálida e aturdida.

Martha perguntou:

— Meu marido não telefonou enquanto eu estive fora, telefonou?

Frieda ficou paralisada por instantes, depois levou as mãos às têmporas.

— Puxa vida — disse. — Herr Direktor telefonou sim, por volta das oito... disse que estava saindo para casa e que tocasse o jantar.

Sinto muito.

— Um dente com abscesso — disse Martha — não é o bastante para enlouquecê-la.

— Eu sinto muito — repetiu a criada, indefesa.

— Inteiramente louca — disse Martha.

Frieda permaneceu calada e, piscando com frequência suspeita, começou a recolher os pratos usados.

— Depois — atalhou Martha.

A criada apressou-se a sair, e já não continha os soluços.

— Mas é inacreditável — murmurou Martha, cheia de raiva, encostando os cotovelos na mesa e segurando o queixo entre os punhos cerrados. — Ela não nos viu sentados à mesa? Não foi ela quem trouxe a omeleta? Espere um pouco... eu não percebi se ela chegou a servir a omeleta. — E seu delicado dedo apontou. — Toque mais uma vez, por favor.

Obediente, Franz ergueu a mão.

— Não, não precisa — disse Martha. — Vou ter uma boa conversa com ela, antes que se deite.

Martha fora tomada por agitação extraordinária.

— A menos que meu relógio e aquele ali estejam tão loucos como ela, são mais de onze e meia. O titio certamente está demorando para chegar.

— Algo deve tê-lo retardado — respondeu Franz, o tom sombrio, profundamente magoado pela agitação de Martha.

Ela apagou as luzes na sala de jantar. Passaram à sala de estar, e Martha apanhou o telefone, ouviu, depois voltou a bater com ele no gancho.

— Está funcionando — observou. — Não sei como entender isto. Talvez devesse telefonar...

As mãos entrelaçadas atrás das costas, Franz caminhava de um para outro lado no aposento. Os olhos do pobre coitado ardiam.

Pensava se não era melhor retirar-se, batendo a porta ao sair. Martha percorria as folhas do índice telefônico ("cabe muito bem por baixo do telefone, tem espaço para quinhentos números"), e descobriu o telefone da secretária do marido.

Sarah Reich acabava de adormecer e agora a primeira pílula da noite era jogada fora.

— É muito esquisito — respondeu. — Eu mesma vi quando ele saía. Sim. No Icarus. Foi... espere um pouco... sim, por volta das oito horas... e agora é só meia-noite... quero dizer, quase meia-noite.

— Obrigada — disse Martha, e o gancho do telefone tilintou.

Foi à janela e arredou a cortina azul. A noite estava límpida, na véspera começara a degelar, depois a frialdade regressara. De manhã, um aleijado caminhando à frente dela escorregara no gelo.

Fora pavorosamente engraçado ver sua perna de pau em pé, enquanto ele se escarrapachava nas costas estúpidas. Sem abrir a boca Martha prorrompera em gargalhadas convulsivas. Franz julgara que ela havia soluçado e foi ter a seu lado, cheio de confusão. Ela agarrara-lhe o ombro, esfregara a face na sua.

— Cuidado... meus óculos — murmurou Franz, e não era pela primeira vez, no decurso das últimas semanas.

— Comece a música — gritou ela, soltando-o. — Vamos dançar, vamos divertir-nos. E não se atreva a ficar assustado... falar-lhe-ei com tanta ternura quanto quiser, quando tiver vontade... está ouvindo?

Franz acionou com reverência a manivela da caixa grande e laqueada que devia ter custado mais dinheiro do que todos os discos que seria capaz de consumir. Quando voltou a olhar Martha estava sentada no sofá, fitando-o com expressão estranha e taciturna.

— Pensei que você ia escolher um disco para tocar — observou Franz.

Ela desviou o olhar.

— Não, não estou com vontade de dançar.

Franz suspirou. Já a vira em estado de espírito pior, mas aquilo era algo especial.

Sentou-se a seu lado no sofá, Em algum lugar uma porta se fechou. Seria Frieda, indo deitar-se? Ouvindo com atenção ele beijou Martha, de início no cabelo, depois nos lábios. Os dentes dela batiam.

— Dê-me o meu xale — pediu, e Franz apanhou o xale de lã rósea que estava em almofada ao canto.

Ela consultou o relógio.

Franz levantou-se abruptamente.

— Vou para casa — anunciou.

— Você vai, o quê?

— Vou para casa. Tenho de me levantar muito mais cedo do que as secretárias velhas e as empregadas gordas.

— Você Fica — determinou Martha.

Ele a examinou, percebendo de modo vago que havia algo em tudo aquilo. Mas o que seria?

— Sabe o que acabei de lembrar? — disse Martha de repente, enquanto ele dobrava as pernas das calças e sentava-se. — Lembrei-me daquele policial grosseiro que escrevia no caderninho. Dê-me o seu livrinho vermelho. E um lápis. Pronto — prosseguiu ela, levantando-se e ficando em pé, o corpo rijo. — Foi assim que ele segurou o caderninho.

Tremia de raiva e escreveu no caderno.

— Que policial? De que está falando?

— Isso mesmo. Você não estava lá. A costumei-me a incluir você, retroativamente, se sabe o que quero dizer, em tudo que já aconteceu.

— Pare com isso — disse Franz. — Está-me assustando.

— A mim não importa se você se assusta. Na verdade, não me importa se... Perdoe-me, querido. Estou dizendo bobagens, estou apenas ansiosa demais, deve ser isso.

Voltou a sentar-se no sofá, tendo no colo o livro de endereços.

Garatujou algumas linhas em uma das páginas, depois escreveu o nome de sua família, vagarosamente o riscou. Olhou-o de soslaio, mais uma vez escreveu "Dreyer", em letras grandes, entrecerrou os olhos e começou a apagar aquilo. A ponta do lápis partiu-se e ela arremessou caderno e lápis a ele, levantou-se.

O relógio da parede fazia mais taque do que tique, o toque era tique e era taque. Martha ficou em pé diante de Franz como se tentasse hipnotizá-lo, transferir algum pensamento simples a seu cérebro jovem e embotado.

A porta da frente bateu no silêncio insuportável e os latidos jubilosos de Tom eclodiram no ar.

— Meus sortilégios não funcionam — disse Martha, e espasmo bizarro contorceu-lhe o belo rosto.

Dreyer entrou, mas sem a vivacidade costumeira. Tampouco cumprimentou Franz com algum gracejo.

— Por que está tão atrasado? — indagou Martha. — Por que não telefonou?

— Aconteceu assim, meu amor, aconteceu assim — explicou o marido e procurou sorrir, mas não o conseguiu. Olhava as roupas do sobrinho. As calças eram estreitas demais, as lapelas brilhavam além da conta.

— Bem, é hora de eu ir embora — gritou Franz, rouco.

Acometera-o um pânico tão imbecil que em seguida não sabia lembrar-se de como se despedira, como envergara o sobretudo ou chegara à rua.

— Você não está dizendo a verdade — disse Martha. — Aconteceu alguma coisa. O que é?

— Uma história cacete, meu amor. Um homem foi morto.

— Outra vez piadas, sempre piadas — gemeu Martha.

— Desta feita, não — explicou Dreyer, falando com calma. — Batemos em um bonde, em plena velocidade Número setenta e três.

Eu só perdi o chapéu e levei uma boa batida. Nesses casos é sempre o motorista quem se sai pior. Os atendentes da ambulância foram anjos. Nós o levamos ao hospital enquanto estava vivo. Morreu lá.

Anjos de verdade. É melhor não pedir detalhes.

Na sala de jantar, sentaram um diante do outro, em lados opostos da mesa. Dreyer dava fim ao que restava da galinha fria. Martha, o rosto pálido e lúcido, gotas de suor sobre o lábio onde apareciam os minúsculos pêlos pretos, fitava, com os dedos comprimindo as têmporas, a toalha de mesa branca, branca, intoleravelmente branca.

Quando a explosão inevitável (de algum modo percebida como inevitável pouco antes de ocorrer) estava a ponto de interromper a conversa absorvente, embora sem sentido, com um Magiar ou Basco que não se barbeara, falando-se do tratamento cirúrgico com baldes de sangue, a cauda de uma foca para permitir que ela caminhasse em pé, Dreyer voltou abruptamente à mortalidade de uma manhã de inverno e em pressa desesperada, como se tivesse lidando com máquina infernal, fez parar o despertador que estava a ponto de tocar.

A cama de Martha já se achava vazia. O formigamento acentuado no braço esquerdo dele ligava como cigarra elétrica a véspera com o dia de hoje. Andando pelo corredor e soluçando alto, Frieda, criatura de coração mole, arrastava os pés. Com um suspiro ele examinou a enorme equimose arroxeadada no ombro grosso.

Deitado na banheira ouviu que Martha executava na peça ao lado os exercícios ofegantes, rangentes e ruidosos que estavam em moda esse ano. Ele fizera desjejum rápido, acendera o charuto e sorria com dor ao envergar o sobretudo, saindo de casa.

O jardineiro (que era também o vigia) estava em pé, junto à cerca e Dreyer achou que seria bom, mesmo em data tão tardia, solucionar por meio de pergunta direta o mistério que o preocupara por tanto tempo.

— Uma calamidade, uma verdadeira calamidade — observou o jardineiro, em tom grave. — E pensar que lê na aldeia ele deixou o pai ainda jovem e quatro irmãzinhas. Uma derrapagem no gelo e kaputt. Ele tinha muitas esperanças de dirigir um caminhão grande, algum dia.

— Sim — assentiu Dreyer. — Rachou o crânio, as costelas...

— Um camarada bom e alegre — disse o jardineiro, com ardor.

— E agora está morto.

— Escute — começou Dreyer. — Você não observou por acaso...

A questão é que eu tenho uma forte desconfiança...

A voz faltou-lhe. Coisa à-toa — o tempo de um verbo — o fez parar. Em vez de perguntar "ele bebe?" teria de ser "ele bebia?"

Essa mudança de tempo de verbo causava rebuliço na lógica.

— ... como eu dizia, você notou... há alguma coisa errada no ferrolho da janela grande da sala. Quero dizer, o ferrolho não funciona direito; qualquer pessoa poderia entrar, vinda de fora.

"Finis", pensava sentado no táxi, com a mão na alça. "O fim de uma vida, o fim de uma piada. Venderei o Icarus sem consertá-lo.

Ela não quer outro automóvel e acho que tem razão. É melhor esperar até que o Destino esqueça."

O motivo pelo qual Martha não queria outro automóvel era menos metafísico. Poderia parecer um tanto estranho e suspeito não utilizar o próprio carro para ir duas ou três vezes por semana, ao final da tarde, a lições de inclinações e gesticulações rítmicas ("Flora, aceite estes lírios" ou "Vamos desdobrar nossos véus aos ventos"), e o motivo pelo qual não podia usá-lo era que teria de subornar o chauffeur para não lhe revelar o destino verdadeiro. Teria, portanto, de recorrer a outros meios de transporte, de tipo mais variado, incluindo até o metrô, que levava a pessoa de uma parte a outra da cidade de modo muito conveniente (e um roteiro circular era essencial, embora não fossem necessários mais de quinze minutos para percorrer a distância a pé) até certa esquina onde uma casa bastante fantástica estava sendo lentamente construída. Ela mencionara de modo casual a Dreyer que adorava tomar o ônibus ou bonde sempre que tinha a oportunidade, porque era uma vergonha não tirar vantagem dos meios de transportes baratos, animadoramente baratos, postos à disposição das pessoas pela cidade generosa. Ele dissera ser cidadão generoso que preferia o táxi ou carro particular. Adotando tais precauções, Martha acreditava que ninguém jamais desconfiaria que ela transpunha, reduzia ou deixava inteiramente ao lado aquelas contorções deliciosas e distribuições de flores invisíveis na companhia deleitosa de outras damas descalças, em clínicas mais ou menos cômicas.

No dia em que o homem de negócios Dreyer, proprietário da loja Dandy, e seu chauffeur, apareceram rapidamente na seção de notícias no jornal, Martha chegou mais cedo do que o comum. Franz ainda não regressara do trabalho. Ela sentou-se no sofá, tirou o chapéu e devagar descalçou as luvas. Nesse dia estava com

o rosto especialmente pálido. Usava o vestido bege e de gola alta com poucos botões na parte dianteira. Quando as passadas conhecidas de Franz soaram no corredor e ele entrou (com aquela sem-cerimônia abrupta com que entramos em nosso próprio quarto, supondo que esteja vazio), ela não sorriu. Franz teve uma exclamação agradável de surpresa e sem tirar o chapéu começou a cobrir o pescoço e orelhas de Martha com beijos rápidos.

— Você já sabe? — perguntou ela, e seus olhos tinham a expressão estranha que ele contara nunca mais voltar a ver.

— Pode crer — respondeu ele e, levantando-se do sofá, tirou a capa de chuva e xale listrado. — Todos falavam sobre isso, na loja. Fizeram-me todos os tipos de perguntas. Levei um susto de verdade quando ele apareceu ontem, de expressão tão séria. Que coisa horrorosa.

— O que é horroroso, Franz?

Ele já estava sem o paletó e colarinho, lavava ruidosamente as mãos.

— Bem, todo aquele vidro partido batendo no rosto, aquele ranger de metal e ossos, o sangue, as trevas. Não sei por que, mas visualizo essas coisas com muita clareza. Dá-me vontade de vomitar.

— Isso são apenas os nervos, Franz, os nervos. Venha cá.

Ele sentou-se a seu lado e tentando não observar que ela se achava absorta em pensamentos distantes e temíveis perguntou baixinho: — Nada de pompons hoje?

Ela não ouviu o eufemismo delicado ou pareceu não ouvi-lo.

— Franz — disse, afagando e segurando-lhe a mão — você entende o milagre que aconteceu? Ontem tive um pressentimento que não se concretizou.

"Começou de novo," pensava Franz. "Por quanto tempo ela vai me amolar com a preocupação que sente por ele?"

Voltou-se e procurou assoviar, mas nenhum assovio saiu dos lábios e ele continuou sentado, fazendo beicinho e mal satisfeito.

— O que há com você, Franz? Pare de se comportar como imbecil.

Hoje estou fechada para concertos (outro eufemismo delicado).

Ela o puxou a si pelo pescoço; Franz não queria ceder, mas aquele olhar de diamantes o cortava e ele foi, todo mole e choramingoso, assim como o balão de uma criança se esvazia, com gemido de lástima. Lágrimas de ressentimento toldavam-lhe os óculos. Ele comprimiu a cabeça ao ombro dela:

— Não posso continuar assim — choramingou. — Já ontem à noite fiquei pensando se o seu sentimento por mim era sério.

Preocupando-se por causa daquele meu tio velho! Isso quer dizer que você gosta dele! Oh, é tão penoso...

Martha piscou, depois compreendeu o engano de Franz.

— É isso, então — disse, com uma risada. — Oh, meu pobre-coitado.

Tomou-lhe a cabeça nas mãos, olhou com atenção e severidade para ele, e, depois, devagar, com a boca entreaberta, como se estivesse prestes a dar-lhe uma mordida gentil, puxou a si o rosto e apoderou-se de seus lábios.

— Não se envergonha? — perguntou, soltando-o devagar. — Não se envergonha? — repetiu, assentindo. — Nunca pensei que fosse tão bobo. Não, espere um pouco... quero que você compreenda como é bobo. Não espere. Não pode tocar em mim, mas eu posso tocar em você, e morder você, até engoli-lo inteiro, se quiser.

— Escute — disse um pouco depois, após aquela manobra, de tal novidade para Franz, ter sido levada a encerramento satisfatório.

— Escute, Franz, como seria maravilhoso se eu não tivesse de ir embora hoje! Hoje, ou amanhã ou nunca. Está claro que não seria possível morarmos em quartinho como este.

— Podíamos alugar um quarto maior e melhor — disse Franz, cheio de certeza.

— Sim. Vamos sonhar um pouco. Maior e muito melhor. Talvez até dois quartos, o que acha? Ou talvez três? E uma cozinha, está claro.

— E muitas facas bonitas — disse Franz —, cortadores de carne, cortadores de queijo, uma faca para cortar porco assado, mas você não teria de cozinhar. Suas unhas são preciosas.

— Sim, naturalmente teríamos uma cozinheira. O que foi que resolvemos... três peças?

— Não, quatro — disse Franz, depois de pensar um pouco.

— Quarto, sala de visitas, sala de estar, sala de jantar.

— Quatro. Ótimo. Um apartamento de quatro peças. Cozinha.

Banheiro. E mandaremos fazer o banheiro em branco, todo branco, não é mesmo? E as outras peças em azul.

E haverá a sala de recepção com muitíssimas flores. E mais um quarto lá em cima, por via das dúvidas, para hóspedes, por exemplo... Para um pequenino hóspede, talvez.

— O que quer dizer... "lá em cima"?

— Ora, naturalmente... será uma vila.

— Ah, entendo — assentiu Franz.

— Vamos continuar, querido. Uma vila separada, então. Com uma bela sala de entrada. Nós entramos Tapetes, quadros, prataria, lençóis bordados. Certo? E um jardim, fruteiras. Magnólias. Não é assim, Franz?

Ele suspirou.

— Tudo isto só dentro de dez anos; ou mais. Vai levar muito tempo até eu ganhar o bastante para que você se divorcie dele.

Martha silenciou, como se não estivesse presente. Franz voltou-se para ela com um sorriso, pronto a continuar Drincando, mas o sorriso se desvaneceu: ela o fitava com os olhos estreitos, mordendo o lábio.

— Dez anos — disse Martha, com amargor. — Seu pequeno idiota! Você quer esperar dez anos?

— É assim que me parece preciso — replicou Franz. — Eu não sei. Talvez, se tiver muita sorte... mas, por exemplo, olhe o Senhor Piffke; ele está na loja desde o começo e você sabe quantos anos tem isso.

Mas vive de modo muito modesto. Não ganha mais de quatrocentos e cinquenta por mês. A mulher também trabalha. Eles têm um apartamento pequenino, cheio de caixas e coisas.

— Graças a Deus você compreende — voltou Martha. — A questão, meu amor, é que não podemos depositar os sonhos no banco.

Eles não são valores proveitosos e não pagam dividendo algum.

— O que vamos fazer, então? — retrucou Franz, assustado. — Você sabe que estou pronto a desposá-la imediatamente. Não posso existir sem você. Sem você, eu sou como uma roupa vazia. Nem mesmo posso me dar ao luxo de ter uma dessas esteiras boas e bonitas que vendemos na loja, para não falar em tapetes. E está claro que haveria de procurar outro emprego... e não sei nada (enrugando a face), não tenho experiência em coisa alguma. Isso quer dizer que teria de aprender tudo outra vez. Seria preciso nós morarmos em um quartinho úmido e encardido, economizando comida e roupas.

— Sim, não haveria mais um tio para ajudar — disse Martha, secamente. — Tio nenhum.

— É um projeto absurdo — observou Franz.

— Inteiramente absurdo — concordou Martha.

— Por que está com raiva de mim? — perguntou ele, depois de algum silêncio. — Como se eu fosse responsável, ou coisa assim.

Na verdade, a culpa não é minha. Bem, vamos continuar sonhando, se você quiser. Mas não fique com raiva. Eu tenho dezessete ternos, como o titio... quer que os descreva para você?

— Em dez anos — disse ela, dando uma risada — em dez anos, meu caro, as modas masculinas terão mudado muito.

Pronto... você está outra vez com raiva.

— Sim, estou com raiva; não de você, mas do Destino. A questão, Franz... não, você não entenderia.

— Entendo sim — asseverou ele.

— Está bem, então. A questão é que as pessoas geralmente fazem todos os tipos de planos, planos muito bons, mas deixam de levar em conta uma possibilidade: a morte. Como se ninguém pudesse morrer. Oh, não olhe para mim como se estivesse dizendo alguma coisa indecente.

Ela estava agora com a mesmíssima expressão singular da noite anterior, em que representara o papel de policial.

— É hora de ir — disse Martha, fazendo careta. Levantou-se e olhou-se no espelho.

— As árvores de Natal já estão sendo vendidas na rua — explicou, levantando os cotovelos ao colocar o chapéu na cabeça. — Eu quero comprar uma árvore, um abeto enorme e muito caro, e muitos presentes para colocar por baixo. Por favor, dê-me quatrocentos e vinte marcos. Estou sem dinheiro.

— E você está também muito desagradável — suspirou Franz.

Acompanhou-a na descida dos degraus escuros. Levou-a até a praça. Os construtores haviam iniciado a fachada do cinema novo.

À calçada estava muito escorregadia, o gelo rebrilhava sob as lâmpadas da rua.

— Sabe de uma coisa, meu tesouro? — disse ela quando se despediam na esquina. — Eu podia estar de luto hoje. E ficaria muito bem. Só por uma casualidade não estou em luto. Pense nisso, meu pequeno sobrinho.

Aconteceu, então, exatamente o que ela queria: Franz encarou-a, abriu a boca e, de repente, prorrompeu em

gargalhadas. Ela também ria às bandeiras despregadas. Um cavalheiro acompanhado por fox terrier, esperando ali perto que o cachorro se decidisse quanto ao poste de iluminação, fitou o alegre casal com aprovação e inveja.

— De luto — disse Franz, engasgando de risadas. Ela assentiu, rindo. — De luto — repetiu Franz, sufocando a gargalhada com a palma da mão. O homem do fox terrier balançou a cabeça e prosseguiu na caminhada. — Adoro-te — grasnou Franz, em voz fraca e por algum tempo fitou-a com os olhos marejados.

Assim que se afastou rumo à casa, no entanto, o rosto de Martha voltou à seriedade. Franz, entretimentos enxugava os óculos com o lenço e partia em passos despreocupados, continuando a rir sozinho.

— Sim, foi mesmo uma questão de sorte. Se, ao menos, o dono do carro estivesse sentado ao lado do chauffeur! Vamos supor que ele houvesse sentado ali. E hoje ela seria... uma viúva. Viúva rica, uma amante adorável, esposa maravilhosa. E como o disse com graça: o seu é o mel, e dele o veneno. E, também, quem precisa de uma coisa complicada? A final de contas, os acidentes de carros não são obrigatoriamente fatais; com frequência demasiada a pessoa se sai com contusões, uma fratura, ferimentos leves, não se deve fazer exigências complicadas demais à casualidade: exatamente assim é que quero, por favor, faça os miolos saírem da cabeça. Existem outras possibilidades: as enfermidades, por exemplo. Talvez o coração dele não esteja bom e ele não saiba, E olhem só toda essa gente gripada e que morre. Aí nós começaríamos a viver de verdade. A loja continuaria funcionando, o dinheiro entraria aos montes. Mas é mais provável que ele viva mais do que a esposa e consiga chegar no século vinte e um. Ora, havia alguma coisa nos jornais sobre o turco que alcançou cento e cinqüenta anos de idade e ainda produzia filhos, aquele animal imundo e velho.

Assim pensava, de modo vago e geral, sem se aperceber de que os pensamentos seguiam o rumo dado por Martha. A idéia do casamento também viera dela. Oh, mas era um bom pensamento, aquele.

Se ele tinha tanto prazer com o fato de que Martha o satisfizesse duas vezes em uma hora, três ou quatro vezes por semana, que êxtases variados proporcionar-lhe-ia se estivesse à sua disposição vinte e quatro horas diárias! Empregava esse método de calcular a Felicidade e o fazia sem a menor maldade, assim como uma criança gulosa imagina toda uma região encoberta por lama de creme de chocolate e neve de sorvete.

Naqueles dias — de que, como homem muito idoso e muito enfermo, culpado de pecados piores do que o avunculicídio, lembrou-se com sorriso de desdém — o jovem Franz nem pensava na proibidade corrosiva de seus agradáveis desejos de que Dreyer caísse morto.

Mergulhara em região de delírio, bem-aventuradamente e de coração leve. Seus encontros posteriores com Martha pareceram tão naturais e ternos quanto os anteriores, exatamente como aquele quartinho modesto, com seus móveis antigos e despreziosos e o corredor ingenuamente escuro, tinham por dono uma pessoa, ou pessoas, incurável, mas não claramente loucas, e agora pairava naqueles encontros algo estranho — um tanto fantasmagórico e vergonhoso de início, mas já empolgante, já onipotente. Em tudo que Martha dissesse, por mais encantadoramente que sorrisse, Franz percebia a insinuação irresistível em cada palavra e olhar. Eram como herdeiros sentados em ante-sala penumbrosa enquanto, no dormitório, o condenado Plutão suplica com o doutor e amaldiçoa o sacerdote; podiam falar sobre ninharias, sobre a aproximação do Natal, sobre a atividade intensa dos esquis e da lâ no empório; poderiam falar de qualquer coisa, embora talvez um pouco mais sobriamente do que antes — e isso porque a audição da pessoa está forçada, seus olhos têm brilho mutável; uma impaciência secreta não confere paz à criatura que espera e espera que o médico de semblante sombrio saia na ponta dos pés, soltando um suspiro eloqüente e, contemplai — pela rachadura da porta vislumbra-se a longa fila de clérigos, representando uma Igreja infinitamente caridosa, ocupados em cobrir a cama branca, muito branca.

A vigília deles de nada adiantava. Martha sabia muitíssimo bem que Dreyer jamais parecia sofrer até mesmo de dor de dentes ou resfriado. Mostrava-se assim especialmente irritante a seus olhos quando, pouco antes das férias, ela própria se resfriou; a pobrezinha adquiriu tosse seca, resfolegar nos brônquios, suores noturnos, e passava os dias em uma espécie de transe entorpecido, aturdida pela chamada Grippe, a cabeça pesada e os ouvidos zumbindo. Quando o Natal chegou ela não estava melhor. Nessa noite, todavia, envergo um vestido que parecia feito de chamas, decote muito baixo nas costas e, ensurdecida pela aspirina, tentando afugentar de si a enfermidade mediante força de vontade, fiscalizou a preparação do ponche, a preparação da mesa, a atividade fumacenta e corada da cozinha.

Na ante-sala, de coroa prateada tocando o teto, toda arrumada em ouropel superficial, toda cravejada de lâmpadas vermelhas e azuis ainda apagadas, apresentava-se o abeto vigoroso e luxuriante, indiferente à ornamentação farsista. Em recanto incômodo entre a ante-sala e a entrada um lugar claro e bastante vazio, que por algum motivo fora chamado de sala de recepção, onde entre os móveis de vime cresciam e floresciam plantas em potes — cíclames, sete cactos anões, uma pimenteira de folhas pintadas — e onde o brilho

tangerina da lareira elétrica não conseguia controlar a corrente de ar da janela de vidro plano, Dreyer, em roupa noturna, achava-se sentado lendo um livro inglês enquanto aguardava os convidados. O cenário fora preparado conforme a Ilha de Capri. Ele movia os lábios enquanto lia e olhava com frequência um dicionário volumoso que não parava de colocar no regaço e na mesa com tampa de vidro. Antes do primeiro toque de campainha na porta, sem saber o que fazer de si durante esse intervalo prolongado, Martha sentara-se a pouca distância dele em um canapé e levantara o pé do chão, examinando por todos os lados o sapato pontudo. A tranqüilidade era intolerável. Dreyer, por acidente, deixou cair o dicionário e, fazendo estalar a camisa generosamente engomada, apanhou-o sem descravar os olhos do livro.

O que podia ela fazer com tal opressão, aquele aperto no peito?

Tossir, apenas, não a aliviava; só havia algo que podia melhorar todo o mundo: o desaparecimento repentino e total daquele homem volumoso e satisfeito consigo mesmo, de sobranceiras leoninas e mãos sardentas. A agudeza do ódio de Martha alcançou tal intensidade de percepção que, por momentos, ela teve a ilusão de que a cadeira do marido estava vazia. Mas a abotoadura de Dreyer descreveu um arco ao fechar o dicionário e ele disse, sorrindo para ela e consolador: — Céus, como você está resfriada. Posso ouvir uma verdadeira orquestra de chiados afinando-se em você.

— Poupe-me as suas metáforas e guarde esse livro — disse Martha.

— Os convidados chegarão a qualquer instante. E esse dicionário.

Não existe mais desasseado do que dicionário em cima de cadeira.

— All right, my treasury — respondeu ele em inglês e afastou-se com os livros, deplorando mentalmente sua pronúncia incerta e fraca, embora usasse o vocabulário preciso.

A cadeira ao lado da grade em brasa estava agora vazia, mas de nada valeu. Com todo o ser Martha sentia a presença do marido, atrás da porta, na peça ao lado, e na outra, e na outra; a casa sufocava por causa dele; os relógios batiam com esforço e os guardanapos frios e dobrados estavam empertigados sobre a mesa festiva, com uma rosa estrangulada em cada jarra individual — mas como tossi-lo para fora, como voltar a respirar com liberdade? Agora lhe parecia que sempre fora assim, que ela sempre o odiara desde os primeiros dias e noites do casamento, quando ele se punha a pegá-la e lambê-la como um animal, em quarto de hotel na branca Salborg. Agora se atravessava em seu caminho, em sua trilha reta e limpa, como obstáculo firme que de algum modo tinha de ser retirado para que ela retomasse sua existência reta e limpa. Como tivera ele a audácia de obrigá-la às complicações do adultério? Como tinha ele a audácia de se manter na Fila diante dela? Nosso mais cruel inimigo é menos odioso do que o desconhecido opulento, cujas costas plácidas nos impedem de passar por um guiché ou chegarmos ao balcão de uma salsicharia. Ela caminhava de um para outro lado, tamborilava na janela. Arrancou uma folha doentia do cíclame, achou que ia sufocar à qualquer instante. Nesse momento, a campainha da porta fez-se ouvir. Martha examinou o penteado e seguiu com passos rápidos — não para a porta dianteira, mas de volta à porta da sala de estar, a fim de vir de longe e proporcionar uma entrada elegante aos convidados que chegavam.

No decurso da meia hora seguinte a campainha tocou repetidas vezes. Os primeiros chegar foram os inevitáveis Walds em sua limousine Debler; depois veio Franz, tremendo de frio; em seguida e quase simultaneamente o conde com um buquê de cravos medíocres e um fabricante de papel com a esposa; e depois — duas jovens de voz alta, seminuas e mal educadas, cujo finado pai fora sócio de seu anfitrião em dias melhores; em seguida — o diretor ximbeva, descarnado e taciturno da Companhia de Seguros Fatum, e um engenheiro civil de faces coradas, que veio em triplicata — isto é, com irmã e filho que se assemelhavam a ele de modo cômico. Toda essa gente gradualmente se aqueceu e se juntou, até formar uma criatura só, de muitos membros, mas, nem por isso, muito complexa, que emitia ruído alegre e bebia e rodopiava. Somente Martha e Franz não conseguiam identificar-se, como devia acontecer de acordo com todas as leis do feriado caloroso. A essa massa animada, corada e palpitante.

Ela teve a satisfação de observar como Franz não atendia aos encantos praticamente despidos daquelas duas coisinhas jovens, vulgares e praticamente idênticas, com braços revoltantemente magros, costas ofídicas e bumbuns insuficientemente espancados. A injustiça da vida — em dez anos estariam ainda mais jovens do que eu sou, agora, todas as três, a bem da verdade.

De vez em quando os olhos dela e os de Franz cruzavam-se, mas mesmo sem olhar ele e ela sempre percebiam com clareza a correlação mutável em seus paradeiros respectivos: enquanto ele caminhava diagonalmente pela sala com o copo de ponche para Ida ou Isolda — não, para a velha Senhora Wald — Martha punha um chapéu de papel farfalhante no calvo Willy, no outro lado da sala; quando Franz se sentava e começava a ouvir o que tinha dizer a irmã do engenheiro, de faces coradas, criatura feia, Martha combinava a

linha oblíqua e reta, indo de Willy até a porta e depois para a mesa da sala de jantar, coberta de hors-d'oeuvres. Franz acendia o cigarro, Martha punha uma tangerina no prato. Assim um jogador de xadrez jogando às cegas sente seu bispo aprisionado e a versátil rainha do adversário movimentar-se em relação incansável entre si. Havia ritmo vagamente regular estabelecido nessas coordenações. E ele não foi interrompido por um só instante. Ela e principalmente Franz sentiram a existência dessa figura geométrica invisível; eles eram dois pontos movendo-se por ali e a interrelação entre esses dois pontos podia ser traçada em qualquer momento dado; embora parecessem movimentar-se com independência entre si, estavam ainda assim seguramente presos pelas linhas invisíveis dessa figura.

O chão taqueado já estava cheio de restos de papelão; alguém já quebrara um copo e ficara sem fala, os dedos pegajosos estendidos na mão. Willy Wald, já bem cheio de bebida, usando chapéu dourado e enfeitado com fitas de papel, os olhos azuis e inocentes arregalados, recontava para o velho e rabugento conde a recente viagem que fizera à Rússia, louvando ardorosamente o Kremlin, o caviar, os comissários.

E logo Dreyer, sem paletó, vermelho, segurando ainda a faca de cozinheiro e usando chapéu de cozinheiro, levava Willy para o lado e começava a cochichar-lhe algo enquanto o engenheiro rosado continuava a falar aos demais convidados sobre três indivíduos mascarados que, em certa noite de Natal, haviam entrado e roubado todos os presentes. O fonógrafo prorrompeu em canção, no boudoir contíguo.

Dreyer começou a dançar com uma das belas irmãs e depois apanhou a outra, e as meninas davam risadinhas, curvavam as costas flexíveis e nuas quando ele tentava dançar com ambas ao mesmo tempo. Franz mantinha-se ao lado da cortina da janela, deplorando ainda não ter tido tempo de aprender a dançar. Viu a mão branca de Martha no ombro negro de alguém, depois seu perfil, depois a marca de nascimento por baixo da omoplata no ombro esquerdo e o polegar de alguém ali em cima, logo voltou a ver o perfil de Madona, e novamente a passa no creme; e as pernas dela que brilhavam como seda que a bainha da saia curta revelava até o joelho, movimentando-se de um lado para outro, e lhe pareceu (bastava olhar para aquilo) pertencerem a mulher que não sabia o que fazer de si, tomada por inquietação e prelibação: ela caminha ora devagar, ora depressa, para aqui e para lá, volta-se abruptamente, continua andando em sua impaciência atormentadora. Martha dançava de modo automático, não sentindo tanto o ritmo da música quanto as alterações sincopadas entre ela e Franz que permanecia em pé ao lado da cortina, os braços cruzados e olhos em movimento. Ele notou que Dreyer estendia a mão em meio às cortinas; devia ter aberto um pouco a janela, pois o aposento tornava-se mais fresco. Ao dançar ela não parava de verificar a posição de Franz: ele estava ali, o sentinela querido; e procurava o marido com o olhar; ela deixara o aposento e dizia a si própria que o frescor e bem-estar repentinos eram devidos precisamente à ausência de Dreyer. Ao deslizar mais próxima de Franz ela o banhou com tal olhar conhecido e cheio de significado que ele perdeu a seriedade e sorriu para o engenheiro, cujo rosto se lhe apresentava no capricho de um rodopio. Repetidas vezes deram corda à vitrola e entre muitos pares de pernas comuns reluziam aquelas pernas fortes, graciosas e apetitosas; Franz, entontecido pelo vinho e pelos rodopios dos dançarinos, apercebeu-se de um certo tumulto terpsicório na pobre cabeça, como se todos os pensamentos estivessem aprendendo a dançar foxtrot.

Foi quando algo aconteceu. Em meio à dança, Isolda gritou: — Oh, vejam! A cortina!

Todos olharam e, na verdade, a cortina da janela se movimentava de modo estranho, alterava as dobras e inchava devagar. Ao mesmo tempo as luzes apagaram-se. Na escuridão, uma luz oval começou a se movimentar no aposento, a cortina entreabriu-se e no brilho incerto que se formara um homem mascarado surgiu de súbito, envergando velho capote militar e trazendo na mão uma lanterna elétrica ameaçadora. Frieda soltou um grito penetrante. A Voz do engenheiro calmamente desvendou o mistério na escuridão: — Desconfie que é nosso alegre anfitrião.

E em seguida, após uma pausa curiosa que foi preenchida pela vitrola que continuava tocando no escuro, surgiu a voz trágica de Martha. Ela emitiu tamanho uivo de aviso que as duas jovens e o velho conde se jogaram em direção à porta (bloqueada pelo alegre Willy). A figura mascarada emitiu um som roufeno e, pondo a luz sobre Martha, adiantou-se. É possível que as jovens estivessem realmente assustadas. Era também possível que um ou dois dos homens estivessem começando a duvidar que fosse uma brincadeira.

Martha, que continuava gritando e pedindo ajuda, notou com fria exultação que o engenheiro a seu lado enfiara a mão na parte de trás do seu smoking e dali tirara algo do bolso. Compreendeu o que seus gritos significavam, o que os incitava e o que levariam a acontecer; e segura em seu desempenho gritou ainda mais alto, instando, atijando.

Franz não agüentava mais aquilo. Era o mais próximo ao invasor, reconhecera-o imediatamente pelas calças de smoking feitas sob encomenda e agora seus dedos ágeis arrancaram a máscara do rosto do intruso.

Entrementes o Senhor Fatum conseguira ultrapassar o ofegante Willy e acender as luzes. No centro da sala envergando uma combinação de xale apache e capote de soldado estava Dreyer, rindo às bandeiras despregadas, o corpo balançando, acocorando-se depois, vermelho e desgrenhado, e apontando o dedo para Martha. Resolvendo com rapidez como ia desmanchar o terror fingido, ela deu as costas ao marido, voltou a arrumar a alça no ombro nu e seguiu calmamente até a vitrola. Ele acorreu em seu encalço, ainda rindo, abraçou-a e beijou-a.

— Ora, eu sabia que era você — disse ela, o que era inteiramente verdade, está claro.

Franz estivera por algum tempo tentando combater o avolumamento da náusea, mas agora ia enjoar, e retirou-se às pressas. Atrás de si ficou o tumulto, que continuava; estavam todos rindo e gritando, provavelmente circundando Dreyer, apertando-o, apertando-o, apertando tanto a ele como a Martha, que se contorcia. Com o lenço levado aos lábios, Franz partiu para a sala dianteira e abriu com violência a porta do toalete. A Senhora Wald saiu dali correndo como uma bomba e desapareceu por trás da curva da parede.

— Meu Deus, meu Deus — murmurou ele, inclinando-se à frente.

Emitiu sons horríveis, reconheceu na torrente intermitente uma mistura de comida e bebida, assim como um pecador no inferno volta a provar o amargo de sua vida. Respirando forte, limpando melindrosamente a boca com pedaço de papel sanitário ele esperou alguns momentos e puxou a corrente. A caminho de volta fez uma pausa na sala de entrada e se pôs à escuta. Por uma porta aberta o espelho refletia a árvore de Natal que brilhava de modo pressago.

A vitrola voltara a cantar. De repente viu Martha.

Ela veio ter rapidamente com ele, olhando pelo ombro como um conspirador em alguma peça. A chamam-se sozinhos no salão fartamente iluminado e de além da porta vinham ruído, gargalhadas, os gritos de um porco indefeso, os berros de um peru atormentado.

— Falta de sorte — disse Martha. — Sinto muito, querido.

Seu olhar penetrante estava logo diante dele e o envolvia por completo. Depois ela começou a tossir, levou a mão ao lado do corpo e deixou-se cair em uma cadeira.

Ele perguntou:

— O que quer dizer... azar?

— Não pode continuar assim — murmurou Martha, entre acessos de tosse. — Não pode, mesmo. Ora, olhe para você... está pálido como a morte.

O ruído na casa avolumava-se e aproximava-se; parecia que aquela árvore enorme estava berrando com todas as luzes.

— ... como a morte — disse Martha.

Franz sentiu outra investida da náusea; as vozes vinham à frente; Dreyer, suado, passava ali apressadamente, fugindo de Wald e do engenheiro, e no encalço deles vinham os outros gargalhando e tagarelando, Tom, preso na garagem, latia o mais que podia. E o ruído da caçada pareceu perseguir Franz enquanto vomitava na rua deserta e cambaleava até sua casa. Na esquina da praça, o andaime que encasulava o futuro Kino-Palazzo achava-se adornado na parte superior com brilhante árvore de Natal. Esta última também podia ser vista, mas apenas como pequena mancha difusa no céu estrelado, da janela do quarto dos Dreyers.

— Qualquer das duas daria uma maravilhosa esposinha para o velho Franz — disse Dreyer, ao se despir.

— É o que você pensa — disse Martha, fitando firmemente o espelho na penteadeira.

— Ida, naturalmente, é a mais bela — prosseguia o embriagado Dreyer. — Mas Isolda com aquele cabelo claro e fofo e o jeito que tem de arquejar quando alguém está contando algo cômico...

— Por que você não a prova? Ou as duas de uma vez?

— Interessante — dizia Dreyer, ao despir a cueca. Riu, então, e aduziu: — Meu amor, que me diz de hoje? Afinal de contas, estamos no Natal.

— Não depois de sua piada imbecil — retorquiu Martha — e se me perseguir com seus desejos levo meu travesseiro para o quarto de hóspedes.

— Interessante — repetiu Dreyer ao deitar-se, e voltou a rir.

Nunca experimentara as duas ao mesmo tempo. Talvez fosse divertido!

Separadamente ele só as tivera em duas oportunidades: Ida, três verões antes, de modo inteiramente inesperado e nos bosques do Spandau, durante um piquenique; e Isolda, pouco depois, em hotel de Dresden Estenógrafas péssimas, as duas, casos perdidos.

Franz não se deitara um só momento antes das quatro e meia.

A cordou tarde, sentindo-se faminto, firme e feliz. Lembrou-se com prazer de ter arrancado aquela máscara.

A escuridão estrondante, que o perseguira, como pesadelo, transformara-se, agora que se entregara à mesma, em um sussurro de euforia.

Jantou na taverna próxima e voltou para casa a fim de esperar Martha. Às sete e dez ela ainda não chegara. Faltando vinte minutos para as oito ele sabia que ela não viria mais. Por que tinha de esperar até amanhã? Não se atrevia a telefonar-lhe: Martha proibira a ele e a si própria o telefone, a fim de não se tornar hábito agradável que, por sua vez, poderia levar alguém a ouvir uma frase carinhosa e descuidada. O impulso de dizer-lhe como se sentia bem e cheio de força, a despeito de todo aquele vinho e carne, e mais a música e o pavor, era ainda mais forte que o desejo de saber se ela melhorara do resfriado.

Quando chegou à rua deles um táxi vazio o ultrapassou diante da vila. Franz achou que sua visita não estava sendo oportuna — eles provavelmente iam sair. Parou diante da cerca do jardim, esperando que eles aparecessem, ela envolta em peles lindas, ele no capote de pêlo de camelo. E depois, mudando novamente de idéia, Franz seguiu com pressa para a varanda.

A porta da frente estava escancarada. Frieda puxava o semiestrangulado Tom para cima, pela coleira. No salão de entrada Franz viu uma opulenta mala, de couro verdadeiro, e esplêndido par de esquis de nogueira, de um tipo que eles não tinham na loja. Na sala de estar, o marido e a esposa defrontavam-se, ele falando com rapidez e ela sorrindo como anjo, assentindo em silêncio.

— Ah, Franz, aí está — disse ele, voltando-se e apanhando o sobrinho pelo ombro acolchoado. — Você chegou no momento exato.

Vou estar fora de casa por três semanas, mais ou menos.

— E o que fazem aqueles esquis ali? — perguntou Franz, compreendendo com surpresa que Dreyer deixara de assustá-lo.

— São meus. Vou para Davos. E tome isto — (cinco dólares).

Beijou a esposa na face.

— Cuide de seu resfriado, querida. Divirtam-se bem nas férias.

Diga ao Franz para levá-la ao teatro. Não fique contrariada comigo, querida, por deixá-la aqui. A neve é para homens e moças solteiras.

Você não pode mudar isso.

— Vai atrasar-se para o trem — observou Martha, lançando-lhe um olhar doce e semicerrado.

Ele consultou o relógio de ouro, fingiu pânico e agarrou a valisa.

O motorista de táxi ajudou com os esquis. O titio, a tia e o sobrinho atravessaram o jardim.

Depois de toda aquela geada surgia um chuvisco! Sem chapéu e usando o casaco de molesquim Martha foi ao portão com jogo indolente dos quadris, as mãos invisivelmente presas às mangas do paletó que juntara. Foi necessário muito tempo para arrumar os esquis compridos sobre o teto do táxi. Finalmente a porta bateu e o veículo partiu. Franz anotou mecanicamente o número da chapa: 22221. Aquele "1" inesperado parecia estranho, depois de tantos "2" Voltaram vagorosamente para casa, tomando a trilha de saibro.

— Está degelando outra vez — disse Martha. — Hoje minha tosse está muito mais fraca.

Franz pensou por momentos e disse: — Sim. Mas ainda vêm dias frios por aí.

— É possível — disse Martha.

Quando entraram na casa vazia Franz estava na impressão de que tinham voltado de um funeral.

Ela começou a ensinar-lhe com obstinação e fervor.

Depois dos primeiros embaraços, tropeços e perplexidades, Franz começou gradualmente a compreender o que Martha lhe comunicava, fazendo-o quase sem palavras de explicação, quase inteiramente pela pantomima. Dedicou atenção total tanto a ela quanto ao som ululante que, ora subindo, ora caindo, o acompanhava de modo constante; e já percebia nesse som as exigências rítmicas, um significado obrigatório, batidas e paradas regulares. O que Martha queria dele estava se mostrando muito simples. Assim que Franz assimilara alguma coisa ela assentia em silêncio, olhando para baixo com sorriso atento, como se estivesse seguindo os movimentos de crescimento de uma sombra já visível. Sua Falta de jeito, aquela sensação de estar com uma corcunda e coxeio na perna, que o atormentara de início — tudo isso logo desapareceu; em seu lugar a pose ereta, a graça e passos especiosos que ela lhe ensinava vinham escravizá-la totalmente: já não mais podia desobedecer ao som cujo mistério desvendara. A vertigem tornou-se estado habitual e agradável, o langor sonambúlico de um autômato, a lei de sua existência; Martha agora exultava suavemente e apertava a têmpora na dele, sabendo que eram um só, que ele faria o necessário.

Enquanto lhe ensinava ela soubera controlar a impaciência, a impaciência que ele antes observara no tremor e clarão das elegantes pernas de Martha. Ela agora se punha diante dele e, erguendo a saia pregueada com indicador e polegar, repetia os passos em movimento lento, para que Franz pudesse ver a volta ampliada do artelho e do calcanhar.

Ele tentava fazer uma carícia, mas Martha lhe afastava a mão com um tapa e prosseguia com a lição. E quando, sob a pressão de sua mão forte ele aprendeu como girar e voltar-se; quando os passos dele haviam finalmente acertado com os dela; quando um olhar ao espelho dizia que a lição desajeitada se tornara dança harmoniosa, foi quando ela aumentou o ritmo, deixou agitar-se a cabeça e seus gritos rápidos exprimiam satisfação aguda com o deslizamento obediente de seu pistão.

Ele passou a conhecer a extensão turbilhonante do soalho de tacos em salões enormes cercados por camarotes; apoiou o cotovelo na pelúcia desbotada de seu parapeito; tirou do ombro o pó-de-arroz que ela suava; viu a si e a ela em espelhos empanturrados; pagou a garçons predadores, tirando dinheiro da bolsa de seda negra de Martha, sua capa e o amado capote de molesquim abraçavam-se por horas seguidas na escuridão de cabides sobrecarregados, sob a guarda de sonolentas atendentes de vestiários; e os nomes sonoros de todos os salões de baile e cafés de dança na moda — tropical, cristal, real — tornaram-se tão conhecidos dele como os nomes das ruas na cidadezinha onde habitara em vida anterior. E logo estavam sentados durante a dança seguinte, ainda ofegantes devido aos esforços amorosos, lado a lado no sofá desbotado em seu quarto encardido.

— Feliz A no Novo — disse Martha —, nosso ano. Escreva à sua mãe, a quem eu gostaria muito de conhecer e diga que você está-se divertindo muitíssimo. Pense só como vai surpreendê-la mais tarde... mais tarde... quando eu a conhecer...

Ele perguntou:

— Quando? Você já marcou a data?

— O mais cedo possível. Quanto mais cedo melhor.

— Oh, não devemos perder tempo.

Ela encostou-se nas almofadas, as mãos por trás da cabeça.

— Um mês... talvez dois. Temos de planejar tudo com muito cuidado, meu querido amor.

— Eu enlouqueceria sem você — disse Franz. — Tudo me perturba...

este papel de parede, as pessoas na rua, o meu senhorio. A esposa dele nunca aparece. É tão esquisito.

— Você deve ficar mais calmo. De outro modo nada dará certo.

Venha cá...

— Sei que vai dar certo, certíssimo — afirmou ele, apertando-a.

— Só que precisamos ter certeza de tudo. O menor engano...

— Oh, como pode duvidar, meu Franz forte e viril!

— Não, claro que não. Meu Deus, não. Oh, meu Deus, não.

É só que temos de encontrar o método certo.

— Depressa, querido, muito mais depressa... não está ouvindo o ritmo?...

Já não se conjugavam no sofá, mas foxtroteavam ao comprido de mesas brancas e luzidias, no chão fartamente iluminado de um café. A orquestra tocava e arquejava, procurando fôlego. Havia entre os dançarinos um negro americano de elevada estatura, que sorria com tolerância à medida que cada casal apaixonado esbarrava nele e em sua companheira loura.

— Vamos achar, devemos achar — prosseguia Martha, em fala rápida conjugada à música. — A final de contas estamos dentro de nossos direitos.

Ele via seus olhos doces e ardentes e o lobo de gerânio de sua orelhinha, por baixo da fita no cabelo. Se, ao menos, pudesse deslizar assim para sempre, um pistão eterno em vácuo de prazer e nunca, nunca separar-se dela... Mas ainda existia a loja, onde ela fazia medidas e se revirava como uma bonequinha, e ainda havia as noites quando, como boneca morta, ele ficava prostrado na cama, sem saber se estava dormindo ou acordado, e quem era aquele que arrastava os pés e cochichava no corredor, e por que o despertador explodia em seu ouvido? Mas digamos que estamos acordados e aqui vem o velho e sobranceiro Enricht trazendo duas xícaras de café — por que duas? E como eram deprimentes aquelas meias de seda rasgadas, lançadas ao chão.

Numa dessas manhãs enuviadas, um domingo, quando ele e Martha em vestido bege caminhavam decorosamente no jardim salpicado de neve, ela lhe mostrou o instantâneo que acabara de receber de Davos, sem dizer palavra. Ali aparecia um Dreyer sorridente, em roupa de esquiação escandinava, agarrando às varas de esquiação; os esquis estavam belissimamente paralelos, ao redor só se via neve brilhante, e sobre a mesma dava para distinguir a sombra de ombros estreitos, lançada pelo fotógrafo.

Quando o fotógrafo (um colega de esqui e professor de inglês, o Senhor Vivian Badlook) disparara o obturador e empertigara o corpo Dreyer, ainda sorridente, adiantara o esqui esquerdo; como se achava em leve inclinação, todavia, o esqui foi além do que ele pretendia e com grande redemoinho de varas de esqui ele caíra pesadamente de costas, enquanto ambas as pequenas passavam por ali rapidamente, eclodindo em gargalhadas. Por algum tempo ele não conseguiu descruzar os malditos esquis e o braço não parava de enfiar-se na neve até o cotovelo. À altura em que se levantou, desfigurado pela neve, calçou as luvas e começou cautelosamente a deslizar, tinha no semblante uma expressão solene. Sonhara em executar todos os tipos de Cristianias e Telemarcas, voando morro abaixo, fazendo volta fechada em nuvem de neve — mas aparentemente Deus não o desejara. No instantâneo, todavia, parecia-se a um esquiador de verdade e ele admirara antes de enfiá-lo no envelope. Mas aquela manhã, em pé à janela e de pijama amarelo, olhando para os lariços verdes e o céu azul-cobalto, refletia que estivera ali por duas semanas e, no entanto, sua esquiação e seu inglês achavam-se em pior estado do que no inverno anterior. Da estrada azul-nevada veio o tilintar de sinos de trenó; Isolda e Ida davam risadinhas no banheiro, mas era o bastante. Lembrou-se com uma pontada de prazer do inventor, que já devia estar trabalhando no laboratório preparado para ele; também se lembrou de uma série de outros planos divertidos, ligados à expansão da loja Dandy; pensou em tudo isso, deu uma olhada para a encosta nevada recruzada por minúsculos rastros de esqui e resolveu partir para casa antes do dia marcado, deixando as pequenas com seus próprios recursos, que não eram negligíveis; e havia outro pensamento divertido que ele manteve deliberadamente fora da atenção: seria bom chegar a casa inesperadamente e pegar de surpresa a alma de Martha, ver se ela o brindaria com um sorriso radioso de surpresa ou viria a seu encontro com a costumeira morosidade irônica, como aconteceria por certo caso a avisasse da chegada.

A despeito de seu aguçado bom-humor Dreyer era ingenuamente egoísta demais para compreender a extensão em que esses regressos repentinos haviam sido explorados em casos picantes.

Franz reduziu o instantâneo a pedacinhos, que o vento lançou sobre o relvado úmido.

— Bobagem — disse Martha. — Por que fez isso? Ele vai perguntar, com certeza, se colei no álbum.

— Algum dia rasgo aquele álbum também — disse Franz.

Tom, aflito, viera correndo em direção deles: contava que Franz houvesse jogado uma bola ou pedrinha, mas uma busca rápida não revelou nada disso.

Dois dias depois Frieda recebeu licença para passar o fim de semana com a família do irmão, bombeiro em Potsdam e personagem rembrandtesca mais refulgente em sua luz apagada. Tom foi obrigado a passar mais tempo do que o costumeiro no alojamento do jardineiro, ao lado da garagem sem automóvel. Martha e Franz, cedendo ao desejo agonizante de se afirmarem, de serem livres, de desfrutarem sua liberdade, resolveram viver como se ansiassem viver, ainda que por apenas uma noite: seria o ensaio de sua futura felicidade.

— Hoje você é o dono aqui — disse ela. — A aqui está o seu gabinete, aqui está sua cadeira, aqui o jornal, se quiser: o mercado reagiu.

Ele arremessou de si a jaqueta e caminhou por todos os aposentos como se estivesse a examiná-los, ao voltar à sua própria casa confortável, vindo de jornada longa e difícil.

— Tudo em ordem? E meu senhor está feliz?

Ele passou o braço pelo ombro dela e assim ficaram lado a lado diante do espelho. Franz barbeara-se mal aquela noite e em vez de colete envergara uma suéter vermelho-escuro bastante comum; havia algo doméstico e tranqüilo também em Martha. Seus cabelos recém-lavados não se estendiam muito lisamente e ela usava uma blusa de lã que não lhe assentava bem, mas, de algum modo, estava certa.

— O Senhor e Senhora Bubendorf. Você sabe, já estivemos em pé assim, aqui mesmo, e eu tinha a certeza de que você ia me beijar pela primeira vez, mas não beijou.

— Agora estou mais alto — disse ele, rindo. — Olhe, estamos quase da mesma altura.

Franz deixou-se afundar na poltrona de COURO, ela sentou-se em seu colo, e o fato de que havia adquirid mais peso e tivesse os fundos bem pesados tornava as coisas ainda mais aconchegantes.

— Eu amo tua orelha — disse ele, erguendo-lhe um feixe de cabelos com o nariz-focinho retorcido.

Um relógio começou a tocar suavemente as horas, muito bem afinado, no aposento ao lado. Franz riu baixinho.

— Imagine só se ele entrasse agora, de repente... sem mais aquela.

— Ele, quem? — perguntou Martha. — Não sei de quem você está falando.

— Falo dele. Se voltasse para casa, agora mesmo. Ele sabe abrir as portas de modo muito furtivo.

— Oh, você está falando de meu finado marido, entendo — disse Martha, a voz enfumaçada. — Não, o meu finado sempre foi homem devotado à precisão. Ele informar-me-ia... não, não, Franz, agora não, talvez depois do jantar. Acho que ele queria ser um exemplo para a mulherzinha dele, que de outra forma talvez o visitasse... eu disse que não... sem avisar, naquele quartinho com um sofá que ele tem atrás do escritório.

Silêncio. Bem-estar matrimonial.

— O finado — e Franz ria. — O finado.

— Você se lembra bem dele? — murmurou Martha, esfregando o nariz no pescoço de Franz.

— Vagamente. E você?

— Os pêlos vermelhos na barriga dele e...

Com expressões atroz, depreciativa e inteiramente imprecisas, ela se pôs a descrever as partes particulares do finado.

— Bolas — disse Franz. — Não me faça vomitar.

— Franz — disse ela, os olhos brilhando —, ninguém jamais descobrirá!

Bem acostumado ao plano, a essa altura, e inteiramente domado e com sede de sangue, agora, ele assentiu em silêncio. Um certo entorpecimento invadia-lhe as pernas.

— Nós o fizemos com tanta simplicidade, tão bem — disse Martha, apertando os olhos como a recordar coisas distantes. — Não ficou a menor sombra de desconfiança. Nada. E por que, senhor?

Porque o destino está a nosso lado. Não podia ser de outro jeito.

Lembra-se do funeral? Das tulipas que Piffke mandou? As violetas de Isolda e Ida, compradas a um mendigo na rua?

Em silêncio ele voltou a aquiescer.

— Foi durante o degelo final. Tínhamos forsítias no canteiro da janela, lembra-se? Eu ainda tossia, mas era tosse fraca, porém deliciosa. Ah, eu me livrava dos últimos escarros.

Franz se encolheu. Nova pausa.

— Você sabe, meus joelhos estão começando a cansar. Não, espere, não se levante. É só vir um pouco para cá. Assim mesmo.

— Meu tesouro, meu tudo — gritou ela —, meu querido marido.

Nunca

imaginei que pudesse haver um casamento como o nosso.

Ele passou os lábios pelo pescoço cálido de Martha e disse: — Não é hora de irmos deitar um pouco, hem?

— Que me diz de uns frios e cerveja? Não? Está bem, comeremos depois.

Martha levantou-se, apoiando-se bastante nele. Depois se espreguiçou.

— Vamos subir — propôs, com bocejo cheio de contentamento — para nosso quarto.

— Não faz mal? — perguntou Franz. — Pensei que podia ser aqui mesmo.

— Claro que não. Oh, vamos, levante-se. Já passa das dez.

— Você sabe... ainda estou com um pouco de medo do finado — disse Franz, mordendo o lábio.

— Oh, ele só volta depois de uma semana. Isso é tão certo quanto a morte. De que pode sentir medo? Meu pequeno tolo! Ou não está me querendo?

— Oh, quero, sim — disse Franz —, mas você precisa cobrir a cama dele; não posso ver aquela cama. Isso me atrapalharia.

Ela apagou as luzes e ele a seguiu por uma escadaria interna que era curva e cujos degraus rangiam; depois passaram por um corredor pintado de azul.

— Por que cargas d'água você está caminhando na ponta dos pés? — exclamou Martha, com risada alta. — Você não entende...

estamos casados, casados!

Mostrou-lhe o quarto de lavanderia que usava para fazer exercícios de kitsch hindus, o vestiário, o banheiro dele e dela e, finalmente, o quarto.

— O falecido costumava dormir naquela cama ali — apontou.

— Está claro que os lençóis foram mudados. Vou colocar essa pele de tigre por cima. Assim. Você quer se lavar, ou coisa parecida?

— Não, espero por você aqui — disse Franz, examinando a boneca macia sobre a mesinha de cabeceira.

— Está bem. Tire logo a roupa e pule para a minha cama. Estou com grande necessidade.

Ela deixou a porta entreaberta. Sua saia pregueada e blusa já estavam sobre a cadeira. Do toalete do corredor em frente veio o ruído firme, rápido e grosso de sua irmã vertendo água. Ele parou, Martha entrou no banheiro.

Franz de repente sentia que naquele quarto frio e inimigo, intoleravelmente branco, onde tudo fazia lembrar o falecido, ele não podia despir-se, muito menos amar. Cheio de repulsa e medo olhava a cama ao lado.

Depois aguçou os ouvidos. Julgou ter escutado uma porta que batia lá em baixo, seguida por passos furtivos. Arremessou-se ao corredor e Martha, ao mesmo tempo, saiu do banheiro, inteiramente nua.

— Aconteceu alguma coisa — disse ele, em cochicho cuspinhador.

— Não estamos mais sozinhos, escute esse barulho.

Martha fez carranca. Envolvendo-se em negligée percorreu o corredor e lá ficou com a cabeça inclinada de lado.

— Estou dizendo a você!.., eu ouvi.

— Eu também senti algo bizarro — disse ela, em voz baixa.

— Eu sei, querido, você está muitíssimo desapontado, mas era melhor não prosseguirmos com essa loucura. Não vai tardar muito tempo, agora. É melhor que se vá. Irei amanhã, como sempre.

— E se eu encontrar alguém lá por baixo?

— Não há ninguém por aqui, Franz. Olhe, leve minhas chaves.

Você devolve amanhã.

Ela o acompanhou até a escadaria principal, ainda ouvindo.

Achava-se agora tão intrigada e perturbada quanto ele.

Oh! Na sala de entrada, batidas altas ressoavam. Franz parou, agarrado ao corrimão, mas ela deu uma risada de alívio.

— Eu sei o que é — disse. — É o toalete lá de baixo. Às vezes bate de noite se soprar um vento forte e não estiver bem fechado.

— Reconheço que fiquei um pouco assustado — disse Franz.

— Mesmo assim é melhor que vá, querido. Não devemos nos arriscar. Feche aquela porta quando passar sim?

Franz abraçou-a, e Martha deixou-se beijar no ombro, desnudando-o da renda do negligée a fim de dar-lhe esse prêmio de despedida. Continuou em pé no patamar da escadaria azul teatralmente iluminada até que, com um piscar de olhos, ele se houvesse retirado.

O vento forte e límpido batia no rosto de Franz. A trilha de saibro rangia de modo agradável e seguro, sob os seus pés. Franz respirou fundo, depois amaldiçoou. Ela era tão pecaminosa e bela!

Voltava a sentir-se um homem. Por que ele era " tamanho covarde?

Pensar que um espectro, um cadáver, o pusera para fora da casa onde ele, Franz, era o verdadeiro senhor! Resmungando enquanto andava (algo que ultimamente lhe acontecia com mais frequência), caminhou com rapidez pela calçada escura e depois, sem olhar à direita ou esquerda, começou a atravessar diagonalmente a

rua no lugar onde sempre a atravessava, a caminho para casa.

A buzina de um táxi, anasalada e alta, fez com que desse um pulo para trás. Ainda resmungando Franz dobrou a esquina. O táxi, entretantes, freava e parava na calçada. O motorista saltou e abriu a porta.

— Que número o senhor disse? — perguntou.

— Não teve resposta, e estendendo a mão para a escuridão interna do veículo sacudiu o passageiro pelo ombro. Finalmente o passageiro abriu os olhos, inclinou-se à frente.

— Número cinco — respondeu ao motorista. — Você parou um pouco longe.

A janela do dormitório brilhava de luz. Martha penteava-se para dormir. De repente, ficou imóvel, os cotovelos ainda no ar. Ouvia agora com toda a clareza o estrépito, como se algo tivesse caído.

Partiu em carreira na direção da escada. Do salão dianteiro vinham gargalhadas — gargalhadas conhecidas, ai. Ele ria porque, tendo feito uma volta desajeitada com os esquís compridos sobre o ombro, deixara cair um deles enquanto derrubara com o outro a escova branca, que levantou vôo como uma ave, na prateleira do espelho, e em seguida ele tropeçara em sua própria mala.

— I am the voyageur — gritou, no melhor inglês que podia. — I half return from shee-ing!

No momento seguinte, foi brindado com a felicidade perfeita.

Pairava um sorriso magnífico no semblante de Martha. Oh, não havia dúvidas, ele estava de belo aspecto, tisonado de sol, aparado pela gravidade, perdera pelo menos três quilos (como se Martha e Franz já houvessem começado a demoli-lo), mas ela não o fitava: olhava um ponto além da cabeça do marido, não a acolhê-lo, mas ao sábio destino que de modo tão simples e sincero evitara um desastre grosseiro, ridículo, pavorosamente extenuante.

— Foi um milagre que nos salvou — contou mais tarde a Franz (e as pessoas falam com muita leveza sobre os milagres) — mas que nos sirva de lição. Você pode ver por si próprio: é impossível esperar mais. Sorte uma vez, sorte duas vezes, e depois... pegos. E que podemos esperar, nesse caso? Vamos supor que ele me conceda o divórcio.

Vamos até supor que eu o pegue com uma das estenógrafas. Ele não precisa sustentar-me, se eu voltar a casar. E depois? Sou tão pobre quanto você. Meus parentes em Hamburgo não vão me ajudar.

Franz deu de ombros.

— Não sei se você compreende — observou ela — que a viúva dele herda uma fortuna.

— E por que me diz isso? Já o examinamos bastante. Sei perfeitamente que só existe uma solução.

E então, ao olhar através do brilho escorregadio dos óculos de Franz, aprofundando-se no charco de seus olhos esverdeados, Martha percebeu que alcançara seu objetivo, que ele fora inteiramente preparado, estava de todo maduro e chegara o momento de agir. Ela tivera razão. Franz não era mais dono de vontade própria. C melhor que podia fazer era refletir a vontade dela, a seu próprio jeito. O cumprimento fácil de dois sonhos combinados tornar-se-ia conhecido, devido a intercâmbio muito simples de sensações. A esta altura Dreyer já fora assassinado e sepultado diversas vezes. Ensaíada em palco sem cenário, diante de uma casa escura e vazia, fora não a futura felicidade, mas uma futura recordação. Em estonteante improviso o cadáver voltara do nada, entrara andando como um esquiador animado, começara a faiar como se estivesse vivo. Mas, e daí? Agora seria fácil e nada assustador, em absoluto, enfrentar aquela existência falsa, tornar o cadáver mais uma vez cadáver e, dessa feita, para sempre.

O exemplo dos métodos de assassinato tornou-se, junto a eles, assunto cotidiano. Nenhuma inquietação nenhuma vergonha, acompanhava tais debates; tampouco eles sentiam a emoção sombria que os jogadores conhecem, ou o horror cômodo que um homem de família desfruta quando lê acerca da destruição de outra família, e com detalhes horrendos, no jornal de casa. As palavras "bala" e "veneno" começaram a parecer tão normais quanto "boLa" ou "frango", tão comuns como uma prescrição ou proscricção efetuada pelo médico. A questão de matar um homem podia ser examinada de modo tão calmo como se examina as receitas em livro de culinária e certamente Martha foi a primeira a pensar em veneno, devido à inclinação doméstica inata da mulher, o conhecimento instintivo dos condimentos de ervas, das que são sadias e das que são nocivas.

Informando-se em enciclopédia de qualidade inferior eles haviam tomado conhecimento de todos os tipos de Lucrécias e Locustas desalentadoras. Um anel de diamante oco, cheio de veneno de arcoíris, atormentava a imaginação de Franz. Ele sonhava à noite com o aperto de mão traiçoeiro. Semidesperto ele recuava e não se atrevia a mover-se: em algum lugar por baixo de si, no lençol, o anel pontudo acabara de rolar e ele sentia o pavor de que o espetasse. Mas durante o dia, à luz serena de Martha, tudo voltava a ser simples. Tofana, uma jovem siciliana que despachara 630 pessoas, vendia sua "aqua" em ampolas de rótulos falsos, com a inocente imagem de um santo.

O Conde de Leicester utilizara método mais suave: a vítima espirraria bem-aventuradamente após uma dose de rapé mortífero. Martha fechava com impaciência o volume P-R e procurava outro. Tomaram conhecimento cheios da mais completa indiferença, de que a toxemia causava anemia e que a lei romana considerava o envenenamento deliberado uma mistura de assassinato e traição. — Pensadores profundos — observou Martha, com risada mordaz, voltando logo a página. Mesmo assim não conseguia chegar ao cerne da questão.

Um sardónico "See" levou-a a consultar algo chamado "alcalóide".

Outro "See" levou à presa de uma lacraia, ampliada, faça o favor.

Franz, desacostumado às enciclopédias grandes, arquejava enquanto olhava o livro, espiando por cima do ombro de Martha. Escalando o arame farpado das fórmulas leram por muito tempo sobre os empregos da morfina, até que tendo alcançado de algum modo tortuoso um caso especial de pneumonia cruposa, Martha, de repente, compreendeu que a toxina em questão pertencia a uma variedade domesticada.

Passando a outra letra descobriram que a estriçnina causava espasmos nos sapos e acesso de riso em alguns ilhéus. Martha começava a se pôr furiosa. Não parava de puxar os volumes grossos da estante, com brutalidade, enfiando-os de volta na mesma de qualquer modo.

Havia relances efêmeros de páginas coloridas: condecorações militares, jarros etruscos, borboletas coloridas...

— Olhe, aqui parece melhor — disse Martha, e leu em voz baixa e solene: — Vômito, sensação de abatimento, zumbido nos ouvidos...

não resfolegue assim, por favor... uma sensação de coceira e ardência em toda a superfície da pele, pupilas apertadas até o tamanho de uma cabeça de alfinete, os testículos crescem e parecem-se a laranjas...

Franz lembrava-se agora de que, ainda adolescente, examinara "onanismo" em enciclopédia muito menor na escola e ficara apavorado e casto por quase uma semana.

— Tolices — disse Martha —, isso é bobagem médica. Quem quer saber das curas ou de vestígios de arsênico achados em uma carcaça fedorenta de asno? Acho que precisamos de algumas obras especiais. Há um tratado mencionado aqui entre parênteses, mas é obra escrita em latim no século dezesseis. Não sei por que as pessoas escreviam em latim. Controle-se, Franz... ele está aqui.

Ela guardava o volume, sem pressa alguma e, também sem pressa, fechava as portas de vidro da estante. Do mundo antigo dos mortos vinha Dreyer, assoviando ao se aproximar com o cachorro aos saltos.

Mas ela não desistira da idéia do veneno. De manhã, sozinha, examinava mais uma vez os artigos evasivos na enciclopédia, procurando descobrir aquela poção ou pó simples, nada histórica e sem caráter espetacular que imaginava com tanta clareza. Acidentalmente e ao fim de um parágrafo, ele encontrou resumida bibliografia de obras modernas de títulos plausíveis. Procurou a orientação de Franz para saber se deviam arranjar um desses livros. Ele dedicou-lhe um olhar sem expressão, mas disse que se fosse necessário iria comprá-lo. Martha, porém, tinha medo de que ele fosse sozinho. Poderiam dizer a Franz que o livro tinha de ser encomendado, ou a obra talvez fosse um conjunto de dez volumes, custando vinte e cinco marcos cada um. Franz talvez se atrapalhasse e deixasse com eles o endereço.

Se queria acompanhá-lo, está claro que Franz se comportaria de modo esplêndido — natural e casualmente como se fosse estudante de medicina ou química — mas era perigoso irem juntos e, por esse motivo as bibliotecas públicas estavam-lhe proibidas. E depois de alguém se envolver nos negócios de livros e começar a andar de uma livraria para outra só o demônio sabia que tipo de tolices poderiam acontecer.

Ela examinava agora mentalmente o pouco que soubera antes e o pouco que descobrira sobre as técnicas dos envenenadores. Duas coisas descobrira: em primeiro lugar, que todo veneno tem seu eco — um antídoto; e, em segundo, que a morte repentina levava à autópsia feita com cuidado e espírito indagador. Por bastante tempo, no entanto, e contando com a colaboração obediente de Franz (que certo dia, e agindo por conta própria, aquele prestimoso querido, comprara em banca da rua A Verdadeira História da Marquesa de Brinvilliers),

Martha continuou a examinar a idéia. O veneno mais atraente parecia ser o cianeto. Era substância um tanto rápida e sem enfeites românticos: o camundongo ordinário que engoliu fração insignificante de uma grama tomba morto antes de correr três palmos. Ela via a substância como uma pitada de pó incolor que podia ser colocada despercebidamente com o torrão de açúcar em xícara de chá.

— Dizem, aqui, que em certos casos o cianeto não pode ser encontrado no cadáver. Quais são esses casos? Não explicam! Oh, seria simples — dizia a Franz. — Tomaríamos chá juntos de noite, com aqueles éclair pequenos e deliciosos que Menzel faz, ele tomaria o chá doce com creme... você sabe como ele toma depressa... e, de repente... puf!

— Bem, vamos arranjar esse pó — replicou Franz. — Eu trato do caso, se souber como e onde. Tenho de ir a uma farmácia, ou o quê?

— Não sei — disse Martha. — Li em uma história de detetives sobre os cafezinhos escuros onde as pessoas entram em contato com os vendedores de cocaína. Mas isso está muito longe do que precisamos.

Parece que não vai haver veneno, a menos que a gente consiga subornar um médico para que ele não faça

dissecção, mas isso também é arriscado demais. Eu tinha a certeza de que eles existiam, esses venenos inteiramente seguros. Que estupidez não haver! Que pena, Franz, você não estar estudando medicina; poderia descobrir e resolver, neste caso.

— Estou pronto para tudo — respondeu ele em voz forçada, pois naquele momento inclinava-se e descalçava os sapatos, novos e pisados. — Estou pronto para tudo.

— Nós perdemos muito tempo — suspirou Martha. — Está claro que não sou cientista, apenas uma mulher. Com muito cuidado dobrou sobre a cadeira o vestido que despira.

O vento de fevereiro fazia estralejar a vidraça e ela estremeceu ao tirar as calcinhas. No início do inverno começara a usar roupa de baixo quente, nas visitas que fizera a Franz, mas a este desagradara muito o aspecto incongruente de Martha, naquelas peças de roupa que eram quase tão compridas e difíceis de tirar quanto as suas próprias, e faziam com que os seios e quadris de Martha se parecessem ao de certo manequim especialmente ofensivo aos olhos, formas e curvas mal feitas, existente na loja, em frente ao elevador de serviço.

E depois de algum tempo ela cessara de usar qualquer coisa senão as roupas que Franz preferia, mesmo se ficasse com a pele arrepiada.

— É preciso estudar os venenos por muitos anos — explicou Martha, retirando com cuidado as meias que queria usar, mas não queria que se rasgassem. — Não há jeito, não há jeito — suspirou, ao afrouxar as cobertas da cama (faria mais calor naquele dia entre os lençóis, embora ela soubesse que Franz preferia o sofá). — Você será um químico genial, de comprida barba branca, quando finalmente lhe oferecermos aquela xícara de chá!

Franz, entretentes, devagar e meticulosamente, colocava a jaqueta sobre os ombros largos de cabide especial (furtado da loja), depois de retirada e colocada sobre a mesa a carteira de dinheiro que continha uma nota de cinco dólares, sete marcos e seis selos do correio; um caderninho; a caneta. Dois lápis; suas chaves; e uma carta à mãe, que esquecera de pôr no correio. Meditabundo, nu, taciturno, farejou a axila e atirou a camiseta sob a pia. Ela caiu no chão, ao lado da bacia de borracha contendo a parafernália bastante deprimente de Martha. Com um pontapé jogou a camiseta ao canto — amanhã ela podia lavá-la, bem como as meias, que continuavam relativamente limpas. Bem, vamos ao trabalho, praça velho. Como usava os óculos até mesmo no amor, fazia Martha lembrar-se de belo e peludo rapaz pescador de pérolas, pronto a arrancar a pérola viva de sua casca rósea, como naquele balé russo que tinham visto juntos, ou aquela imagem de conchas em frente à última página do volume M. Ele tirou o relógio de pulso, levou-o ao ouvido para escutar e o colocou sobre a mesinha, perto do despertador. Restava menos de meia hora, haviam falado demasiadamente sobre o cianeto.

— Querido, depressa — disse Martha, sob os cobertores.

— Meu Deus, que calo fui arranjar — resmungou ele, colocando o pé descalço na beira da cadeira e examinando a calosidade amarela e dura no artelho mínimo. — Mas é sapato do tamanho certo para mim. Não sei, talvez meus pés ainda estejam crescendo.

— Franz, venha, querido. Você pode ver isso depois.

No devido tempo, Franz realmente dedicou ao calo exame completo.

Martha, após ablução rápida, voltara a deitar-se, repleta de ventura física. O calo era como uma pedra, acetato. Ele o apertou com o dedo e sacudiu a cabeça. Uma espécie de seriedade inquieta acompanhava todos os seus movimentos. Ele fez beicinho, coçou o alto da cabeça. E então, com a mesma perfeição inquieta começou a examinar o outro pé, que lhe parecia menor e tinha cheiro diferente.

Não conseguia conciliar mentalmente o fato de que o tamanho do sapato era correto, mas, ainda assim, parecia apertado. Lá estava o par, os dois patifes, lado a lado. Calçado de tipo americano, bico protuberante, em bela tonalidade avermelhada de marrom. Olhou-os com desconfiança — haviam custado muito dinheiro, mesmo com um Rabatt. Retirou vagorosamente os óculos, com a boca formando um o minúsculo bafejou as lentes e limpou-as com o canto do lençol.

E então, com o mesmo vagar, recolocou-os no rosto.

Martha consultou o relógio. Sim, chegara a hora de vestir-se e ir embora.

— Você precisa ir ao jantar hoje, sem falta — anunciou, calçando a meia e prendendo a liga. — A mim não importa muito quando há convidados, mas estar sozinha com ele... não agüento mais...

E calce os sapatos velhos. Amanhã você vai mandar esticar esses aí.

De graça, é claro. Todos os dias são preciosos, ah, muito preciosos!

Ele já se sentara na cama, segurando os joelhos e fitando um pouco de luz na jarra de vidro colocada sobre a pia. Com aquela cabeça redonda e orelhas proeminentes, parecia tão especial e adorável aos olhos dela! Em sua atitude, o olhar fixo, havia a imobilidade da hipnose. Perpassou-lhe o pensamento a idéia de que uma só palavra de sua parte, naquele exato instante, bastaria para fazê-lo levantar-se e acompanhá-la — como Franz

estava, tão nu quanto um menininho — descendo as escadas, percorrendo as ruas... A ventura de Martha alcançava tamanho grau e ela imaginava com tanta clareza o curso regular e bem planejado e reto de sua existência comum após a eliminação do marido que receava perturbar a imobilidade de Franz, a imagem imóvel da felicidade futura. Com rapidez acabou de vestir-se, envergou o capote, apanhou o chapéu, jogou-lhe um beijo e retirou-se. Na sala da frente, diante de espelho um pouco melhor do que o existente no quarto do amante, passou pó-de-arroz no nariz e colocou o chapéu. Como era linda a ardência em suas faces!

O senhorio saía do toalete e fez grande reverência para ela.

— Como se sente sua esposa? — perguntou Martha, olhando para trás ao segurar a maçaneta.

Ele voltou a fazer mesura.

Martha refletiu que aquele velho amalucado e parecido a um feiticeiro certamente conheceria métodos de envenenar as pessoas.

Seria curioso saber o que faziam, ele a velha, sua invisível esposa.

E por alguns dias não conseguiu livrar-se do sonho de pós mágicos que se dissolviam instantaneamente no nada da morte, embora já soubesse que nada aconteceria em seguida. Uma prática complicada, perigosa e antiquada! Sim, era isso — antiquada. "Enquanto que no meado do século passado uma média de cinqüenta casos de envenenamento era investigada a cada ano, as estatísticas demonstram que em nossos tempos..." Sim, a questão era essa.

Dreyer levou a xícara aos lábios. Involuntariamente Franz fitou Martha. A mesa alvíssima descrevia um círculo lento, com a jarra de cristal por eixo. Dreyer baixou a xícara semi-esvaziada e a mesa parou de girar.

— ... a luz por lá não é das melhores — prosseguiu ele. — E faz frio. A ressonância é terrível. Cada salt causa eco. Acho que o lugar costumava ser escola de equitação, mas está claro que é o único jeito de continuar treinado. O saque no tênis não cai durante o inverno. De qualquer modo (um gole final de chá) a primavera, graças a Deus, já está chegando e logo será possível jogar ao ar livre.

Meu clube novo começa a existir em abril. E vou convidá-lo, hem, Franz?

No dia anterior, às nove da manhã, ele criara uma sensação menor aparecendo no departamento de Artigos Esportivos, que raramente visitava durante o inverno. Por trás de uma coluna de estuque Franz o viu parar e fim de bater papo com Piffke, que fazia mesuras respeitosas. As vendedoras e o Senhor Schwimmer haviam-se posto em posição de sentido. Um freguês anterior, que queria outra bola para o cachorro, foi ignorado por instantes.

— Lembranças às suas baratas — disse Dreyer a Piffke, em tom misterioso e alegre, e viera ao balcão, atrás do qual Franz deslizara e fingira estar ocupado com o lápis e bloco de papel.

— Trabalhe, trabalhe, meu rapaz — dissera Dreyer, na cordialidade distraída com que sempre se dirigira ao sobrinho, a quem marcara muito antes sob a categoria de "cretino" e outras anotações, tais como "maricas" e "sympatkisch". Depois seguiu com a mão alegremente estendida na direção de um rapaz imóvel e feito de madeira pintada, que recentemente fora vestido com roupas de tenista. As vendedoras haviam-no apelidado de Ronald.

Diante do malandro de suéter vermelha, Dreyer permaneceu por muito tempo olhando com desdém sua posição e rosto cor de oliva e pensando com terna animação na tarefa com que o feliz inventor se debatia. Do modo como Ronald segurava a raquete tornava-se evidente que não conseguiria bater em uma só bola — nem mesmo em bola abstrata, em seu mundo de madeira. O estômago de Ronald era encolhido para dentro, e semblante tinha expressão de auto-satisfação a mais imbecil. Dreyer notou, com choque, que Ronald usava gravata. Incentivando as pessoas a usarem gravatas no tênis!

Voltou-se. Outro rapaz (mais ou menos vivo e até usando óculos) ouviu atenciosamente as instruções breves do chefe.

— Por falar nisso, Franz — aduziu Dreyer — mostre-me as melhores raquetes de tênis.

Franz o atendeu. Comovido, Piffke o observava de longe, com olhar difuso. Dreyer escolheu uma raquete inglesa. Deu duas batidas sonoras nos cordões âmbar, balançou-a nas costas do dedo para ver qual era mais pesado, o quadro ou o punho. Fê-la girar em imitação passável de boa raquetada. Era uma treze-e-meio confortável.

— Mantenha isso na prensa — disse a Franz. A emoção toldou os óculos do rapaz. — Sinal de afeto, um presente modesto — explicou Dreyer, em tagarelice explanatória e, lançando olhar final e inamistoso ao vulgaríssimo Ronald, afastou-se com Piffke a seu lado.

Embora, a rigor, não fosse parte de seu trabalho, Franz abraçou o cadáver de madeira e começou a tirar-lhe a gravata. Enquanto o fazia não conseguiu deixar de tocar naquele pescoço frio e duro.

Depois abriu um botão apertado. A gola da camisa se abriu e o cadáver era de um verde amarronzado, com manchas mais escuras e descolorações mais pálidas. Devido à gola aberta, o sorriso condescendente e fixo de Ronald tornava-se ainda mais indecente e grosseiro.

Ronald tinha mancha marrom-escura sob um dos olhos, como se alguém o houvesse esmurrado. O queixo de Ronald era manchado, as narinas entupidas de poeira negra. Franz procurou lembrar-se de onde vira antes aquele rosto horrível. Sim, está claro, — fazia muito, muito tempo, no trem. No trem havia também estado uma bela dama usando chapéu negro com pequena andorinha de diamante.

Mulher fria, fragrante, parecendo-se a uma Madona. Tentou então promover a ressurreição dos traços dela na recordação, mas não o conseguiu.

Uma alegria deliberada, um traço de agitação, assinalavam agora as chuvas. Elas já não caíam sem sentido e ao acaso, mas arquejavam, falavam. Cristais roxos, como sais de banho, dissolviam-se na água de chuva. As poças d'água não consistiam de lama líquida, mas de pigmentos límpidos que faziam belos quadros refletindo fachadas de casas, lâmpadas, cercas, o céu azul e branco, uma panturrilha à vista, um pedal de bicicleta. Dois gordos motoristas de táxi, o lixeiro em avental cor de areia, a criada com cabelos dourados incendiados ao sol, o padeiro branco com galochas polidas nos pés descalços, o emigrado idoso e barbudo com marmita de jantar à mão, duas mulheres com dois cachorros e um homem de terno cinzento, em borsalino cinzento, haviam-se juntado na calçada, olhando a torre de esquina de um edifício de apartamentos do outro lado da rua onde, conversando com estridência, inúmeras gaivotas faziam revoada.

E depois o coletor amarelo de lixo veio rolando a lata amarela até o caminhão, os motoristas regressaram aos veículos, o padeiro voltou a montar na bicicleta, a bela criada entrou na papelaria, as mulheres afastaram-se atrás dos cachorros, que estavam transtornados com novos odores; o último a se afastar foi o homem de cinzento e apenas o velho estrangeiro barbudo, com a marmita e um jornal russo, continuou transido, olhando um teto na distante Tula.

O homem de cinzento caminhava devagar, entrecerrando os olhos devido a relâmpagos repentinos de luz em ziguezague, lançados pelos pára-brisas em passagem. Havia na atmosfera algo que formava uma sensação divertida de tontura, ondas alternadas de calor e frio lançavam-se sob seu corpo por baixo da camisa de seda, uma leveza alegre, um adejamento etéreo, uma perda de identidade, nome, profissão.

Ele acabara de almoçar e, teoricamente deveria voltar ao escritório; naquele primeiro dia da primavera, todavia, a idéia de "escritório" evaporara-se tranqüilamente.

Em sua direção, pelo lado ensolarado da rua, veio uma dama esguia e de cabelos altos, em capote de caracu, e um menino de quatro ou cinco anos em roupa azul de marinheiro, que rolava a seu lado em velocípede.

— Érica — exclamou o homem e estacou, com os braços abertos.

O menino, pedalando com energia, passou por ele, mas a mãe parou, piscando à luz do sol.

Estava agora mais elegante, os traços de seu rosto inteligente, animado e parecido ao de um pássaro, pareciam ainda mais delicados do que no passado. Mas a aura, as labaredas de seu encanto anterior, haviam desaparecido. Ela estava com vinte e seis anos na ocasião em que se tinham separado.

— Eu vi você duas vezes em oito anos — disse ela, em sua voz fraca, rápida, conhecida e rouca. — Uma vez você passava em carro aberto, e de outra eu o vi no teatro... você estava com uma senhora alta e morena. Era sua esposa, não? Eu estava sentada...

— Isso mesmo, isso mesmo — disse ele, rindo com satisfação e sopesando na mão grande a mãozinha dela, calçando luva branca e apertada. — Mas você era a última pessoa que eu contava encontrar hoje, embora seja o melhor dia para encontrá-la. Pensei que tinha voltado para Viena. A peça era Rei, Valete, Dama, e agora estão fazendo um filme com o enredo. Eu também vi você. E que me diz... está casada?

Ela falava ao mesmo tempo, de modo que o diálogo não se mostrava fácil de registrar. Seria necessário contar com duas partituras, com duas claves musicais. Enquanto ele dizia: "Você era a última pessoa"... ela já prosseguia: "... a dez bancos de você, mais ou menos.

Você não mudou, Kurt. Só que seu bigode está aparado. Sim, este é meu filho. Não, não estou casada. Sim, maior parte do tempo na Áustria. Sim, sim, Rei, Valete, Dama."

— Sete anos — disse o velho Kurt. — Vamos andar um pouco por aqui (guiando o velocípede do menino, que estava satisfeito, para pequeno jardim público). Você sabe, acabei de ver a primeira... não, não foi tanto assim...

— ... milhões! Eu sei que você está ganhando milhões. Eu também vou muito bem ("Não tão bem assim" Kurt interveio, "mas diga-me...")... estou muito feliz. Só tive quatro amantes depois de você, mas para compensar cada um deles era mais rico do que o outro e agora estou excepcionalmente bem de vida. Ele tem esposa física, a filha de um general. Ela mora no exterior. Na verdade, ele acabou de passar um mês com ela em

Davos. ("Céus, estive lá no último Natal".) Ele é idoso e muito elegante. E me adora. E você, Kurt, está feliz?

Kurt sorriu e deu leve empurrão no menino de azul, que chegara a uma encruzilhada: o menino fitou-o com olhos redondos, e depois, emitindo com os lábios um apito, continuou pedalando.

— ... não, o pai dele é um jovem inglês. E olhe, o cabelo dele é exatamente como o meu, mas a cor ainda mais vermelha. Se alguém me houvesse falado, quando estávamos naquelas escadas...

Ele ouvia a tagarelice rápida e recordava um milhar de banalidades, o velho poema que ela gostava de repetir ("Eu sou o pajem da Velha Borgonha"), chocolates com licor por dentro ("Não, este é de maçapão também... sempre maçapão para a pequenina Érica...

eu quero um com curação ou pelo menos kirsch"), os reis barrigudos e feitos de pedra enlustrada no Tiergarten, tão cheio de dignidade em noite de primavera, com os lilases em fofo e cinzento desabrochar sob as luzes do arco, e formas a se moverem nas escadas brancas.

Cheiros tão delicados, oh, Deus... aqueles dois anos venturosos e rápidos, quando Érica tinha sido sua amante, foram por ele visualizados como uma série regular de banalidades assim: o quadro composto de selos postais na sala de entrada na casa dela; o modo que Érica tinha de saltar no sofá ou de sentar sobre as mãos, ou de, subitamente,, borrifar-lhe o rosto com afagos rápidos e leves, e La Bohème, que ela adorava, as viagens ac interior, quando tinham tomado vinho de frutas em um terraço; o broche que ela perdera por lá... Todas essas recordações comoventes, frívolas e vaporosas reviviam nele, enquanto Érica lhe falava em alta velocidade sobre seu novo apartamento, seu piano, a atividade do amante.

— Você está feliz finalmente, Kurt? — ela voltou a perguntar.

— Lembra-se... — disse ele, e cantou fora do tom, mas com sentimento: — Mi chiamano Mimi...

— Oh, não sou mais boêmia — e ela riu, sacudindo a cabeça.

— Mas você continua o mesmo, Kurt: tão (ela modelou diversas palavras consecutivas com a boca que já não o enlouquecia, mas não descobriu a correta)... tão destituído de juízo.

— Tamanho palerma — disse ele, e deu outro empurrão no menininho, que o esperava, e se derreara sobre o guidom do velocípede; procurou afagar-lhe a cabeça, mas ele já se afastara.

— Você não respondeu: é feliz? — insistiu Érica. — Diga-me, por favor, por favor.

A cadência não o abandonava e ele declamou: "Tinha pálidos lábios, mas ao beijo rubro de repente E se o fim logo se adivinha

Mesmo assim não devo dizer o que ficou silente Sob as carícias de uma rainha."

— Você não se lembra, Érica, quando ela recitava com medidas, oh, não se lembra?

— Certamente que não.. Mas estava perguntando uma coisa a você, Kurt. Sua esposa o ama?

— Bem, como é que vou dizer? A questão... ela não é o que você chama de mulher apaixonada. Ela não pratica o amor em um banco do jardim, ou em uma sacada, como se fosse gaivota.

— Ela é fiel a você, a sua rainha?

— Ihr' blasse Lippe war rot im Kuss...

— Aposto que ela o engana.

— Mas estou dizendo a você que ela é fria e sensata, sabe controlar-se. Amantes! Ela não conhece nem mesmo o b-a-bá do adultério.

— Você não é a melhor testemunha do mundo — disse Érica, rindo. — Você não sabia que eu o enganava, até que a noiva dele telefonasse. Oh, dá para ver o que você faz com sua esposa. Você a ama e não dá atenção a ela. Você a ama... oh, com ardor... e não se importa em saber como ela é por dentro. Você a beija e continua a não notá-la. Você sempre foi irrefletido, Kurt, e vai acabar sendo o que sempre foi, o egoísta perfeitamente feliz. Oh, eu o estudei com muito cuidado.

— Eu também — disse ele.

— Você sabe, Kurt, para ser franca, houve momentos em que você me fez sofrer muito. Eu percebia que você estava apenas... passando por cima da superfície. Você põe uma pessoa numa prateleirazinha e acha que ela vai ficar sentada ali para sempre. Mas você não sabe que ela sai de lá, você pensa que ela continua sentada, e mesmo quando desaparece você não se importa.

— Ao contrário, ao contrário — interrompeu ele. — Sou muito observador.

A cor de seu cabelo era loura, agora está avermelhada Como no passado, ela deu-lhe um tapinha de exasperação fingida.

— Faz muito tempo que deixei de zangar-me com você, Kurt.

Venha tomar café comigo, um destes dias. Ele só volta em meados de maio. Vamos conversar, vamos lembrar os bons tempos.

— Com certeza, com certeza — disse ele, sentindo-se de repente entediado e sabendo muitíssimo bem que jamais iria.

Ela. Lhe deu um cartão (que dois minutos depois ele rasgou e jogou no cinzeiro do táxi); e apertou-lhe a mão muitas vezes ao se despedir, ainda falando muito depressa. Engraçada, Érica... Aquele rostinho, os cílios que não paravam de bater, o nariz arrebitado, a tagarelice rouca e afobada...

O menino no velocípede também estendeu a mão e imediatamente afastou-se pedalando, os joelhos subindo e descendo muito depressa.

Enquanto caminhava, Dreyer olhou para trás e acenou com o chapéu diversas vezes; depois pediu perdão a um poste desajeitado, pôs o chapéu na cabeça e prosseguiu caminhando. Fora, no conjunto, um encontro desnecessário. Agora nunca mais me lembrarei de Érica como me lembrava antes. A Érica número dois estará sempre a atrapalhar, tão elegante e tão inútil, com aquele pequenino e inútil Vivian no velocípede. Vejamos, estava certo deixá-la entrever que não sou inteiramente feliz? E de que modo sou infeliz? Por que falar assim?

Por que haveria eu de querer uma putinha quente em minha casa?

Talvez todo o encanto dela resida no fato de ser tão fria. A final de contas, deve haver um estremecimento de frio na sensação da verdadeira felicidade. Ela é exatamente esse frio. Érica, de cabelos tingidos, não pode compreender que a frieza da rainha é a melhor garantia, a melhor fidelidade. Eu não devia ter respondido assim.

Além do mais tudo em volta, essas poças de água cintilantes — por que os padeiros usam galochas sem meias, eis algo que não sei — mas a cada dia e a cada instante tudo isso ao redor está rindo, brilhando, implorando que olhem e o amem. O mundo apresenta-se como um cachorro que suplica brincarem com ele. Érica esqueceu-se de mais de mil ditos e canções, e aquele poema, e Mimi no chapéu cor-de-rosa, o vinho de frutas, o raio de luz naquele banco, da primeira vez. Acho que vou marcar encontro amanhã com Isolda.

No dia seguinte, Dreyer achava-se muitíssimo animado e alegre.

No escritório ditou à Srta. Reich carta inteiramente impossível, a uma firma antiga e respeitável. À noite, na oficina estranhamente iluminada, onde o milagre começava a aparecer, deu tamanhos tapas nas costas do inventor que este quase caiu. Telefonou que chegaria atrasado para jantar e quando voltou para casa às dez e meia brincou com o pobre Franz, examinando-o no tocante à ciência das vendas, formulando perguntas absurdas, tais como: O que faria se minha esposa visitasse o departamento e diante de seus olhos roubasse o Ronald? Franz, para quem o bom humor e principalmente o bom humor de Dreyer era um tanto duro de agüentar, abriu os olhos e estendia as mãos abertas, sem resposta. Isso divertiu Dreyer, que se divertia com facilidade. Martha brincava com a colher de chá, de vez em quando tocando com ela um copo e extinguindo a vibração com o dedo frio.

No decurso desse mês ela e Franz haviam investigado diversos métodos novos e, como antes, ela falara deste ou daquele processo com simplicidade tão austera que Franz não sentia medo ou desconforto algum, pois ocorria nele uma estranha redistribuição de emoções.

Dreyer dividira-se em dois. Havia o Dreyer perigoso e irritante que falava, caminhava, atormentava-o, dava gargalhadas; e havia um segundo Dreyer, puramente esquemático, que se desligara do primeiro — uma carta de jogo estilizada, um desenho heráldico — e era esse que tinha de ser destruído. Qualquer que fosse o método de aniquilamento mencionado, aplicava-se com precisão a essa imagem esquemática.

Esse Dreyer número dois era muito conveniente de manipular.

Mostrava-se bidimensional e imóvel. Assemelhava-se àquelas fotografias de parentes próximos que se cortam em volta da figura e reforçam com papelão e que as pessoas, gostando de efeitos baratos, colocam sobre as mesas. Franz não tinha consciência da substância especial e da aparência estilizada desse personagem inanimado e, portanto, não parava para pensar no motivo pelo qual esses debates sinistros eram tão fáceis e inofensivos. Na verdade, Martha e ele falavam de duas pessoas diferentes: a criatura visada por Martha era ensurdecidamente gritona, intolerável mente vigorosa e cheia de vida; ele a ameaçava com um priapo que já lhe infligira certa vez um ferimento quase mortal, alisava o bigode obsceno com pequena escova prateada, roncava à noite com reverberações triunfais; isso enquanto o homem de Franz era sem vida e liso, podia ser queimado ou rasgado, ou simplesmente jogado fora como fotografia dilacerada. Essa geminação enganadora já iniciara quando Martha rejeitara o envenenamento como "uma tentativa contra a vida humana, com recursos inadequados" (expressão com um pouco de terminologia técnica e tratada por extenso na sofrida enciclopédia), e como algo incompatível com a moralidade moderna e concreta. Ela começara a falar em armas de fogo e sua racionalidade fria, combinada, aí, à ignorância canhestra, produzira resultados bastante estapafúrdios. Convocando subliminarmente recrutas nas regiões mais remotas da recordação, recordando sem perceber os detalhes de tiroteios complexos e absurdos descritos em noveletas de qualidade inferior e assim plagiando a vilania (ato que, afinal de contas, só fora evitado por Caim), Martha propusera o seguinte: em primeiro lugar, Franz compraria um revólver; e depois ("Por falar nisso, sei atirar", entrevistara Franz) — Ótimo

isso ajudava ("Embora você saiba, querido, que ainda precisa praticar um pouco, em algum lugar sossegado"). O plano era o seguinte: ela manteria Dreyer no pavimento térreo até a meia-noite (como vai conseguir isso?" "Não me interrompa, Franz, as mulheres sabem como fazer").

À meia-noite, enquanto Dreyer estivesse comemorando a submissão repentina de Martha e comemorando com champanha, ela iria à janela do aposento ao lado, abriria a cortina e ficaria ali por algum tempo, tendo na mão erguida um copo cintilante. Seria o sinal. De seu lugar perto da cerca do jardim Franz poderia vê-la com clareza, dentro do retângulo iluminado pelo fogo. Ela deixaria a janela aberta e voltaria a ter com Dreyer no divã da sala. Ele provavelmente estaria sentado, as roupas desalinhadas, tomando champanha e comendo chocolate. Franz imediatamente saltaria o portão, às escuras ("É fácil de fazer, está claro que existem alguns esteios de ferro, mas você é um atleta dos melhores") e atravessando rapidamente o jardim, na ponta dos pés para não deixar rastros reveladores, entraria pela janela francesa que ela deixaria aberta. A porta para a sala estaria aberta. Do limiar ele dispararia meia dúzia de vezes e com rapidez, como fazem nos filmes americanos. Para salvar as aparências e antes de desaparecer ele apanharia a carteira de dinheiro do falecido dono da sala e talvez os dois candelabros de prata franceses sobre a lareira.

Depois iria por onde tinha vindo. Entrementes ela correria para cima, tiraria a roupa e deitar-se-ia. E seria tudo.

Franz assentiu.

Outro meio era o seguinte: ela iria para o campo em companhia de Dreyer. Os dois partiriam em boa caminhada. Ele adorava andar.

Ela e Franz teriam escolhido antes o lugar isolado e bom ("No bosque", disse Franz, visualizando um bosque escuro de pinheiros e carvalhos e aquele cárcere antigo no morro coberto de matas, onde os gnomos haviam assombrado sua infância). Franz ficaria à espera por trás da árvore, com o revólver recarregado. Quando o houvessem morto, outra vez Franz daria um tiro na mão de Martha ("Sim, é necessário, querido, sempre foi feito assim, é preciso dar a aparência de que fomos atacados por ladrões"). Franz novamente tiraria a carteira de dinheiro (que poderia devolver mais tarde a ela, juntamente com os candelabros).

Franz assentiu.

Esses dois projetos eram os principais. Os demais não passavam das variações do mesmo tema. Acreditando como tantos romancistas que se os detalhes fossem corretos a trama e os personagens dariam conta de si, Martha preparara com cuidado o tema da casa assaltada e o do roubo na floresta (infelizmente os dois tinham grande inclinação a se misturarem). Nisto Franz se revelou possuidor de dom inesperado e dos mais apropriados: conseguia imaginar com clareza diagramática tanto os seus movimentos quanto os de Martha e coordená-los antecipadamente aos conceitos de tempo, espaço e matéria, que tinham de ser levados em conta. Nesse padrão lúcido e flexível apenas uma coisa continuava sempre estacionária, mas tal deficiência passou despercebida de Martha. O ponto cego era a vítima. A vítima não dava qualquer sinal de vida antes de ser privada da mesma. Quando mais não fosse, o cadáver que tinha de ser carregado e manuseado antes do sepultamento parecia mais ativo do que seu antecessor biológico.

Os pensamentos de Franz rodopiavam em volta desse ponto fixo com agilidade acrobática. Todos os movimentos necessários, bem como sua seqüência, estavam admiravelmente calculados. A coisa chamada Dreyer, no momento, diferiria do futuro Dreyer apenas tanto como a linha vertical difere da horizontal. Uma diferença de ângulo e de perspectiva — nada mais. Martha, sem o perceber, incentivava Franz nessas abstrações porque sempre aceitava com naturalidade que Dreyer seria pego de surpresa e não teria tempo de defender-se.

Quanto ao resto, imaginava com muita clareza e realismo como ele ergueria a sobrancelha ao ver o sobrinho apontar-lhe a pistola, como começaria a rir, supondo que a arma era de brinquedo e como encerraria as gargalhadas em outro mundo. Quando, para eliminar todos os riscos, ela colocou Dreyer na posição de uma peça de mercadoria, embrulhada, amarrada e pronta para entrega, não percebia como isso tornava tudo mais fácil para Franz.

— Rapaz esperto — dizia rindo, beijando-o na face. — Esperto, queridinho esperto

Reagindo aos louvores de Martha, Franz apresentava uma espécie de cálculo (que tinha de ser queimado mais tarde, infelizmente): o número de passos da cerca até a janela; o número de segundos necessários para percorrer tal distância; a distância da janela até a porta e da porta até a poltrona (para a qual Dreyer fora transferido, saído do sofá, em certo ponto do planejamento deles), e do revólver pairando, por assim dizer, no ar, à nuca da cabeça convenientemente colocada. E enquanto se achava Dreyer realmente sentado nessa poltrona lendo os jornais de domingo, em meio a um feixe de luz de sol de abril, com um pente lúcido no coque de Martha, usando novo vestido róseo, e Franz sem paletó, tendo Tom a acompanhá-los, uma bóia negra

entre as mandíbulas, andavam ativamente de um lado para outro no jardim, percorrendo o muro da vila até a janela da sala, e voltando ao portão, contando os passos, guardando-os na memória, ensaiando aproximações e retiradas e Dreyer, os braços caídos, saía para o terraço e logo se juntava a eles no jardim, ajudando por sua vez a examinar o novo arranjo das trilhas de laje e canteiros que ela e Franz estavam planejando com tanta diligência.

Davam prosseguimento ao planejamento quando se achavam a sós no quatinho sem graça e amado, tendo a escrava de seios grandes e ainda por vender acima da cama e a raquete de tênis cara, indesejada e nova em folha em sua prensa. Era hora de pensar em obter a arma. Assim que chegaram a essa etapa surgiu obstáculo ridículo.

Ambos tinham a certeza de que uma licença era necessária para a compra do revólver. Nem Martha nem Franz faziam a menor idéia de como se obtinha tal permissão. Teriam de fazer indagações, talvez irem à polícia e isso talvez acarretasse preenchimento e assinatura de formulários. Tornava-se agora evidente que a compra da ferramenta era algo muitas vezes mais vago do que a imagem de seu emprego. Martha não podia tolerar tamanho paradoxo. Eliminou-o, fazendo ver dificuldades intransponíveis também na execução do projeto. Havia, por exemplo, o jardineiro — que também agia como vigia (subornável? Drogável?) — um velho patife rijo e sensato, com olhos vivos para invasores e que esmagava lagartas com especial ruído suculento e retorcimento horrível do indicador e polegar férreos, o que levou Franz, na primeira vez que assistiu a esse garrote verde, a gritar como uma guria. Havia o policial que com freqüência passava na rua, como se ali estivesse passeando; erros de cálculo e falhas também surgiram no plano para o bosque: em excursão a Grunewald, Franz verificou que lá havia mais excursionistas do que pinheiros.

Havia muitos outros bosques nos subúrbios mas seria preciso descobrir o modo de fazê-lo ir até lá. E quando a realização desses projetos voltou a seu lugar correto a questão de obter a arma já não parecia tão insolúvel: provavelmente havia vendedores de armas na parte setentrional da cidade, que não se davam ao trabalho de pensar em permissões; uma vez presente a arma com certeza as possibilidades se achavam ao lado deles e colocariam o alvo na posição certa, no momento certo. Assim é que Martha satisfez de passagem sua noção inata de relações corretas ("As coisas mais importantes em primeiro lugar" e "Se você quer dois narizes, tem de contentar-se com um só olho" eram seus provérbios favoritos).

Chegara então o momento de obter um revólver pequeno e merecedor de confiança. Ela imaginava como Franz — lerdo, magricela, tímido — se sairia nas casas de armas, como o vendedor afável poderia de repente começar a fazer-lhe perguntas perigosas, como o idiota se lembraria dos óculos de armação de tartaruga e dos gestos explanatórios de suas mãos magras, brancas e inocentes e como, mais tarde, depois de a arma ter sido usada e enterrada, algum detetive intrometido descobriria tudo... Pois bem, se ela fosse comprar... Talvez julgasse que Tom contraíra hidrofobia e que ela quisera matá-lo a tiros, e realmente o fizesse por uma questão de prática — as mulheres também podem aprender a atirar bem. E de repente uma imagem estrangeira passou flutuando por ali, parou, voltou-se e continuou flutuando como aqueles objetos bonitos que se movem por cima, nos anúncios comerciais do cinema. Ela compreendeu o motivo pelo qual a imagem do revólver adquirira, em seu espírito, forma e cor tão definidos, embora nada soubesse sobre armas de fogo. O rosto de Willy apareceu das profundezas da memória; ele soltara sua gargalhada gorda e se abaixara bastante, examinando algo e arredando de si o cachorro Tom, que julgara tratar-se de um brinquedo. Martha fez outro esforço e lembrou-se de que Dreyer estivera sentado à escrivaninha, mostrando a Willy — o quê? um revólver! Willy revirara nas mãos, rindo, e o cachorro latira. Ela não se lembrava mais de coisa alguma, mas era o bastante. E ficou espantada e satisfeita ao ver de que modo penoso e previdente seu espírito conservara por dois anos essa imagem passageira, mas inteiramente indispensável.

Outro domingo chegara. Dreyer e Tom saíram para uma caminhada.

Todas as janelas na vila achavam-se abertas. A luz do sol punha-se a cômodo em cantos inesperados dos aposentos. No terraço uma brisa fazia rufar as páginas da edição de abril (já velha) de uma revista com fotografias dos recém-descobertos e realmente lindos braços de Vénus. Antes do mais Martha examinou detidamente as gavetas escuras. Entre as pastas azuis que continham documentos diversos bastões de lacre dourado, uma lanterna elétrica, três guldens e um xelim, um caderno com palavras inglesas escritas, o sorridente passaporte dele (quem sorri em circunstâncias oficiais?), cachimbo partido, que ela lhe dera muito tempo antes, antigo álbum velho de instantâneos desbotados, o instantâneo recente de uma jovem que podia ser Isolda Portz, não estivesse com elegante roupa de esquí, uma caixa de tachinhas, pedaços de barbante, um vidro de relógio e outros trastes sem importância cujo acúmulo sempre enfurecia Martha. A maior parte desses objetos, entre eles o caderno e o anúncio de esporte de inverno, jogou na cesta de papéis. Fechou com violência

as gavetas e, deixando a escrivania ensurdecida, subiu para o dormitório. Lá vasculhou duas gaveteiras brancas, descobrindo entre outras coisas a bola dura com marcas dos dentes de Tom e que só Deus sabia com fora para aquela gaveta, onde o marido guardava dez pares de sapatos em duas fileiras. Jogou a bola pela janela. E desceu correndo. Ao passar pelo espelho notou que o pó-de-arroz saía do nariz e os olhos estavam positivamente macilentos. Deveria consultar um médico de pulmões ou de coração?

Ou ambos? Examinou algumas outras gavetas em diversos aposentos, repreendendo-se por estar procurando em lugares absurdos e finalmente resolveu que a arma estava no cofre, do qual não tinha chave (o Testamento achava-se lá, o tesouro, o futuro!), ou então no escritório.

Voltou a tentar a amaldiçoada escrivania. Esta encolheu-se e prendeu a respiração, diante de sua aproximação ameaçadora. As gavetas começaram a estalar como bofetadas. Aqui não! Aqui não!

Aqui não! Notou a pasta marrom em uma delas e a ergueu com raiva. Por baixo viu, no fundo da gaveta, um pequeno revólver com cabo de madrepérola. Ao mesmo tempo a voz do marido vinha de perto e empurrando a pasta para trás ela fechou imediatamente a gaveta.

— Dia celestial — dizia Dreyer, em voz cantante. — Quase como o verão.

Taciturna, sem se voltar, ela disse: — Estou procurando algumas pílulas. Você tinha piramidon na escrivania. Parece que a cabeça vai rachar, — Não sei. Um dia lindo como este não devia estar rachando a cabeça de ninguém.

Ele sentou-se no braço de couro da poltrona e enxugou a testa com o lenço.

— Sabe de uma coisa, meu amor? — perguntou. — Tenho uma idéia. Ouça... qual é o número do telefone de Franz?... vou chamá-lo, e iremos todos para o clube de tênis. Boa idéia? Idéia linda?

— Quando você quer almoçar? Ele vem para o almoço. Por que você não telefona para outra pessoa e joga depois do almoço?

— São apenas dez horas. Podemos almoçar à uma e meia. É

pena desperdiçar um tempo assim. Você vem também. Okay, okay, okay?

Ela concordou em ir somente porque sabia como seria intolerável para Franz ficar a sós com ele.

— Vou chamá-lo — prometeu.

O senhorio perguntou quem chamava e por que queria falar com o inquilino, mas Martha lhe disse que não era de sua conta.

Franz, tomado de surpresa, chegou em terno comum, tendo apenas calçado sapatos de tênis. Dreyer, bufando de impaciência e com medo de que a qualquer instante se formasse trovoadas no céu, levou-o às pressas para cima e lhe deu calças de flanela branca que comprara em Londres dois anos antes e que eram apertadas demais em seu caso. Em pé ali, os braços caídos, olhos esbugalhados e cabeça inclinada, ficou olhando enquanto Franz trocava de roupa. O pobrezinho fedia como um bode. E aquelas cuecas compridas, em dia assim!

Quem bordara o monograma não era profissional — pelo menos não era costureira profissional. Franz, aparvalhado de embaraço, bem ciente de que a roupa de baixo não era o que devia ser e grotescamente receoso de que algo em toda aquela situação pusesse a nu os segredos sujos de adultério, encontrava dificuldades ao trocar de calças, ao tirar cada pé, saltando e estendendo uma das pernas e tentando convencer-se de que aquilo não passava de um pesadelo.

Dreyer também começou a dar pulos de um pé para outro. O aspecto horrível de tudo aquilo continuou a arrastar-se. As calças compridas pareciam compridas e volumosas demais e no decurso dessa corrida de sacos um movimento espasmódico fez com que Franz despencasse em cima de uma prateleira partida, que nada tinha a fazer no vestiário.

Dreyer saiu-se com gestos vagos, como se quisesse ajudar. Não menos atormentador foi o pesadelo de abotoar o zipper do manequim, coisa que Franz recebeu instruções para fazer por conta própria. Depois disso c alfaiate, com dois dedos, puxou delicadamente para cima a cintura, ajustou as faixas laterais, passou peritamente o cinto em volta da cintura de madeira e se pôs sobre o joelho para medir a perna com a fita, que usava assim como alguém que segura uma serpente dançarina. Finalmente deu uma risadinha de alívio e aprovação e desferiu forte tapa nas nádegas de Franz. O golpe continuou vibrando por muito tempo no corpo do pobre coitado, enquanto seu double avançava melindrosamente sobre pernas inclinadas, ajeitando-se ao fundo das calças. O formigamento perdurou até mesmo quando estavam no táxi. Quando desembarcaram Dreyer deu-lhe outro tapa exuberante, dessa feita com a raquete de Franz, prestes a esquecê-la no táxi.

— Aber lass doch — disse Martha ao marido vulgar que tinha.

Nas quadras vermelhas de terracota, dedos brancos seguiam de um lado para outro, enquanto crianças

contratadas apanhavam as bolas em alta velocidade. Ao redor uma cerca alta de arame achava-se encoberta de lona verde. Mesas brancas e poltronas de vime encontravam-se diante do clube. Tudo era muito limpo e nitidamente definido. Martha entrou em conversa com uma bela mulher de pernas compridas e olhos claros, usando camisa branca pouco maior do que um quebra-luz de papel. Pediram bebidas — uma mistura americana e gelada, escura como café. Dreyer entrou para mudar de roupa.

A morena Martha e a dama platinada falavam alto, mas Franz não entendia patavina. Uma bola perdida passou por ele e foi à mesa, bateu na cadeira e depois na relva. Ele a apanhou e examinou: era nova e assinada em roxo por uma firma bem representada no Dandy.

Franz colocou a bola sobre a mesa. Duas outras jovens passavam por ali, braços e pernas à mostra, pondo as saias vermelhas e os sapatos brancos e orlados de seda (Mercury — não, Loveset) sobre a grama inteiramente lisa, como se estivessem descalças. Tinham os olhos cheios de felicidade, as bocas vermelhas. Tudo que ficara no passado, sonhos e desejos de uma infância desde muito abandonada.

Elas o ofuscaram com um sorriso misto, julgando que fosse alguém.

Ao lado de outra quadra uma espécie de juiz, ou guardião de jogos, sentava-se em cadeira de escada, observando a bola cruzar a rede e como um autômato sacudia a cabeça ao mesmo ritmo — negando, negando, negando, elas não são para você. Na abertura negra da porta surgiu um Dreyer estonteantemente branco.

— Vamos — gritou, e com passo ágil, uma toalha fofa em volta do pescoço, duas raquetes sob o braço e uma caixa de bolas novas na mão partiu para a quadra número seis. Martha disse Au revoir à senhora e passou para outra cadeira a fim de observar os dois jogadores. Na quadra, com a meticulosidade do carrasco que prepara o cepo, Dreyer já media a altura da rede com a raquete. Franz permanecera ao lado da quadra, perto da amante, olhando um aeroplano que passava. Com severa ternura ela lhe observou o querido pescoço juvenil, os óculos reluzentes, as elegantes calças de tênis que eram um pouco espaçosas em volta dos quadris mas, a não ser por isso, caíam muito bem. Tendo completado suas manipulações sinistras Dreyer veio trotando pesadamente para a linha de base. Franz continuou em pé no centro de seu próprio retângulo. Uma meninazinha ossuda e de expressão vazia no rosto sardento lançou aos pulos, para ele, uma das bolas tiradas da caixa. Saltando, a bola o atingiu na virilha, ele tentou alcançá-la coma raquete mas passou entre as pernas e ela jogou-lhe outra que também lhe escapou. Dessa feita, no entanto, correu atrás da bola e finalmente a apanhou sob os pés de um jogador na quadra ao lado, que errou a raquetada que ia dar e lhe lançou olhar furioso. Cheio de ardor Franz correu de volta, com a bola no bolso, e retomou a posição anterior. Sorrindo com tolerância Dreyer acenou-lhe para afastar-se mais e despachou a bola inicial, em estilo toleravelmente correto e copiado do estilo adotado pelo instrutor do clube, o Conde Zubov. Franz partiu para ela e, graças a sorte dos principiantes, devolveu-a tendo em vista a tremenda, embora heterodoxa, porrada que impeliu a bola muito além do alcance de Dreyer. Martha não pôde evitar o aplauso. Dreyer saiu-se com outra bola baixa. A arma de Franz zumbiu vigorosamente no ar, mas a bola passou intacta e foi muito bem apanhada pela meninazinha atrás dele. E então, sem se apressar, Franz segurou ao alcance da mão a bola que encontrara no bolso, mediu-lhe a altura, deixou-a cair e procurou acertá-la ao voltar do chão. Também nada aconteceu, até que pisou nela e quase caiu. Correu até a rede onde a bola finalmente se emaranhara. Dreyer disselhe para afastar-se bastante e continuou a mandar-lhe bola após outra. Franz mergulhava e rodopiava, mas sua raquetada principal continuava a ser uma raquetada no ar vazio. A meninazinha, que começava a se divertir, não parava de passarinhar de um lado para outro, apanhando todas as bolas com as mãos minúsculas, e com precisão descuidada as fazia rolar ou jogava na direção de Dreyer.

— Pare de ficar na frente — gritou Martha para a pequena e impudente apanhadora, mas a menina não ouviu ou não compreendeu.

Tinha um anel de latão no dedo. Talvez fosse uma riganazinha suja, uma coisa assim.

A provação prosseguia. Finalmente Franz, no êxtase do desespero, acertou a bola e ela saiu em vôo por cima do teto do pavilhão.

Dreyer, em passos lentos, veio até a rede e fez sinal a Franz.

— Eu ganhei? — perguntou Franz, ofegante.

— Não — disse Dreyer. — Eu só quero explicar-lhe uma coisa.

Não estamos jogando basebal americano ou cricket inglês. Isto é um jogo chamado "tênis de gramado", porque foi jogado pela primeira vez sobre a grama. — Ele invariavelmente pronunciava "gramado" de modo errado, como se rimasse com "banado".

E depois, devagar e com tristeza, Dreyer regressou a seu posto e tudo recomeçou. Martha já não agüentava, e gritou de onda se achava sentada:

— Basta, basta! Você sabe perfeitamente que ele não pode...

Ela tinha querido gritar "não pode jogar", mas uma lufada de vento primaveril embaralhou-lhe a última palavra. Franz examinou com atenção as cordas na raquete. Um rapaz também magricela e também usando óculos, que estivera observando o jogo com ironia de animal de presa, adiantou-se, fez mesura e Dreyer, indicando com a raquete que Franz podia ir, acolheu alegremente o recém-chegado, a quem conhecia como bom tenista.

Franz caminhou até Martha e sentou-se a seu lado. Tinha o rosto pálido e contraído, cintilante de suor. Ela sorria-lhe, mas ele enxugou os óculos e não olhou em sua direção.

— Querido — cochichou ela, tentando chamar-lhe a atenção; e conseguiu, mas ele sacudiu a cabeça com tristeza, cerrando os dentes.

— Tudo está certo — disse ela, baixinho. — Não vai acontecer de novo. Vou dizer-lhe uma coisa — aduziu, ainda mais baixo. — Escute, achei.

O olhar dele se desviou, mas ela o recapturou com firmeza.

— ... achei na escrivaninha. Você vai apanhá-lo na véspera. Entende?

Ele piscou.

— Desse modo, você se resfria — observou Martha. — Há um vento forte soprando aqui. Ponha o suéter e o paletó, querido.

— Fale mais baixo — cochichou Franz. — Por favor.

Ela sorriu, olhou em volta, deu de ombros.

— Preciso explicar-lhe... Não, escute, Franz... tenho um plano inteiramente novo.

Dreyer acabara de dar uma boa raquetada, fazendo a bola passar bem perto da rede, e de lá lançava um olhar à esposa, satisfeito ao notar que ela o observava.

— Sabe de uma coisa? — murmurou Martha. — Vamos embora.

Preciso explicar-lhe tudo.

Dreyer errou no arremesso e voltou à linha-base, sacudindo a cabeça. Martha chamou-o e disselhe que a dor de cabeça piorara, que ele não devia atrasar-se para o almoço. Dreyer assentiu e prosseguiu com o jogo.

Não encontraram um táxi, mas, de qualquer modo, a distância podia ser percorrida em poucos minutos. Atravessara um jardim onde enamorados cheios de felicidade se derretiam um nos braços do outro, sobre as folhas secas do ano findo. Ela começou a explicar, enquanto caminhavam.

O plano era deliciosamente inocente: baseava-se no estudo de inglês que Dreyer fazia. De vez em quando ele pedia a Martha que lhe ditasse algo. Ela conhecia menos palavras do que o marido, mas sua pronúncia talvez fosse um pouco melhor do que a dele ou, pelo menos, diferia da pronúncia dele: o "gramado", por exemplo, rimava com "banhado" e não "banado", o que era ridículo, como dissera muitas vezes àquele imbecil obstinado. Ele costumava anotar o ditado no caderno de exercícios. Depois comparava o que escrevera ao texto.

E era de tal ditado que a felicidade duradoura, em jardim particular, passaria a depender. Eles encontrariam uma novela de Tauchnitz e descobririam nela uma frase apropriada, como "Eu não podia ter agido de outro modo" ou "Estou me matando porque cansei da vida".

O resto era fácil.

— Em sua presença — disse ela — vou ditar a ele a frase escolhida.

Está claro que ele deve escrever, mas não no caderno, e sim numa folha limpa de papel. Na verdade, já destruí aquele caderno.

Assim que ele tenha escrito, mas antes de ter levantado a cabeça, você se aproxima bastante e um pouco por trás, como se quisesse olhar o que ele escreveu, e então, com muito cuidado...

Quase três meses haviam decorrido desde o dia inesquecível em que o Inventor (agora com inicial maiúscula na mente de Dreyer) produzira as primeiras amostras de Auto manequins, como os chamava.

Devido à iluminação forte, sua oficina parecia-se a laboratório médico e, na verdade, fora exatamente isso no passado. Efetuavam-se demonstrações em aposento espaçoso e de paredes nuas, que já tinham sido depósitos de cadáveres e partes de tais cadáveres, os quais os estudantes irreverentes (alguns deles, embora não todos, respeitáveis cirurgiões idosos de agora) freqüentemente costumavam colocar em diversas atitudes e posições recíprocas, sugerindo estranhas bacanais.

O Inventor e Dreyer achavam-se a um canto da sala e observavam em silêncio.

No centro da sala fartamente iluminada uma pequena figura gorducha e com cerca de dois palmos de altura, muito bem amarrada em pano de saco marrom que só deixava à mostra o par de pernas curtas e vermelhas como o sangue, feitas de alguma substância parecida à borracha, e calçada com botas de criança, com botões, caminhava de um lado para outro com movimento humano muito natural, cambaleando um pouco e voltando-se a cada décimo passo com um gritinho embutido, algo entre "hep" e "help", destinado a disfarçar o leve rangido em seu mecanismo. Dreyer, as mãos entrelaçadas sobre o estômago, observava com suave emoção, assim como um visitante sentimental observa uma criança — talvez o seu próprio filho bastardo — a cujos primeiros passos está sendo apresentado pela mãe orgulhosa.

O Inventor, que deixara a barba crescer e agora se parecia a um sacerdote oriental à paisana, não parava de bater com o pé, de leve, acompanhando os movimentos da figurinha.

— Céus — disse Dreyer, de repente, a voz estridente, como se estivesse à beira de lágrimas de ternura. C gnomo encapuçado caminhava, na verdade, de modo muito cativante. Aquele tecido marrom só estava ali com vistas à decência. Em seguida, quando o mecanismo havia parado, o Inventor desembrolhou seu automanequim prototípico e pôs à vista seu mecanismo: um sistema delicado de juntas e músculos e três baterias pequenas, mas notavelmente pesadas. Uma coisa acerca dessa invenção podia ser percebida até mesmo no primeiro modelo grosseiro: o que impressionava a pessoa não eram tanto esses gânglios elétricos e transmissão rítmica decorrente, como o passo elástico, um tanto estilizado mas maravilhosamente parecido ao natural, naquela criancinha mecânica. Por paradoxal que fosse, ela caminhava ali mais como um matemático imerso em meditações do que uma criancinha perdida. O segredo desse movimento estava na flexibilidade do voskin — essa substância muito especial com que o Inventor substituíra os ossos e carne vivos. Os dois pseudópodos dessa criancinha prototípica pareciam vivos, não porque se movessem (afinal de contas um "bonequinho" ou zhivulya não constitui raridade, e procria como coelho nas calçadas, nas proximidades da Páscoa ou Natal), porém mais porque o próprio material, animado por uma chamada corrente galvano-biótica, continuava ativo por todo o tempo — ondulando-se, retesando-se, afrouxando como se tivesse vida orgânica ou mesmo consciência, uma ondulação dupla transformando-se em tripla com a suavidade dos reflexos na água. Ele caminhava sem sacolejar — aí estava sua maravilha. E era isso que Dreyer apreciava mais, enquanto reagia com indiferença ao mistério técnico, que de início lhe fora dado em código e depois em explicação codificada do código, pelo cauto Inventor.

— Qual é o sexo dele? Você pode dizer? — perguntou Dreyer, quando a figurinha marrom estacou diante de si.

— Ainda não está diferenciado — respondeu o Inventor. — Mas antes de um ou dois meses haverá dois masculinos e uma feminina com mais de um metro e sessenta de altura.

Em outras palavras, a criancinha tinha de crescer. Era necessário criar não apenas uma aparência de pernas humanas, como também a presença de um gracioso corpo humano, de semblante expressivo.

O Inventor, todavia, não era artista ou perito em anatomia. Assim sendo, Dreyer dera-lhe dois auxiliares um velho escultor, cujas formas se pareciam tanto às coisas vivas que conseguia dar a impressão de coréia aguda, por exemplo, ou, digamos, o início de um espirro; e um professor de fisiologia que, ao tentar explicar a capacidade conhecida de despertar em hora marcada pela própria pessoa, dissertara em longo tratado que nada explicava, mas continha a primeira descrição da "autopercepção" dos músculos, com belas ilustrações em cor.

Logo a oficina começava a tomar o aspecto que teria se aqueles estudantes de medicina estivessem novamente brincando com os cadáveres desmembrados. O professor de anatomia e o escultor fantástico ajudavam o Inventor com muito êxito. Um era magro, pálido, nervoso, longos cabelos compridos e penteados para trás e enorme pomo de Adão; o outro era calmo e calvo, usava colarinho alto e engomado. A aparência deles proporcionava a Dreyer uma fonte de deleite infinito, já que o primeiro era o professor e o segundo o artista.

Podia agora imaginar com clareza os Automanequins em tamanho adulto, perfeitos, elegantemente vestidos, andando de um lado para o outro em enorme vitrina da loja, entre as plantas nas jarras e potes, desaparecendo discretamente a fim de mudarem de roupa atrás do cenário e apresentando-se de novo para o deleite dos fregueses.

Era uma visão poética e, sem dúvida, empresa lucrativa. Em meados de maio comprara os direitos de patente do Inventor a preço relativamente baixo e agora debatia — qual seria o melhor — a fim de criar uma sensação na Kurfürstendamm, colocando essas figuras literalmente em circulação, ou vender a invenção a um sindicato estrangeiro: a primeira opção representava alegria maior, a última um lucro mais seguro.

Como acontece na vida de muitos homens de empresa, começou a sentir naquela primavera de 1928 que seus negócios, de um modo ou de outro, estavam tomando certa existência independente. A parte de seus fundos financeiros que se achava em estado de giro frutífero e constante movia-se por impulso, e movia-se com rapidez demasiada; parecia estar perdendo o controle de sua riqueza, não mais ser capaz de fazer parar aquela grande roda dourada quando o quisesse. Metade de sua fortuna estava razoavelmente segura, mas a outra, que ele criara em um ano de sorte inacreditável — em época na qual a sorte, um leve toque e seu tipo especial de imaginação eram necessários — tornava-se agora animada e móvel demais. Otimista por natureza ele contava que isso fosse apenas uma perda temporária de controle e não supôs por um só instante que o giro acelerado pudesse transformar a roda de fortuna no brilho de seu rodopio, e que se ele detivesse a roda com a mão aquilo se revelaria como nada mais do que seu próprio fantasma dourado. Mas Martha, que agora mais do que nunca detestava a caprichosa irresponsabilidade do marido (embora isso o houvesse antes ajudado a enriquecer) não podia deixar de julgar que ele talvez dançasse assim até algum desastre financeiro, antes que ela pudesse afastá-lo de cena e fazer parar pessoalmente o rodopio leviano.

A loja fazia bons negócios, mas os lucros não se acumulavam com tanta rapidez como deviam. A bolsa de valores tivera um estremecimento repentino, em tempos recentes; ele jogara e perdera, e agora estava jogando outra vez. Em tudo isso Martha via uma advertência pressaga. Talvez concordasse em dar-lhe uma folga para algum negócio firme, pois reconhecia que "confiava no faro dele"; mas brincar com ações era arriscado em demasia. Por que procrastinar, quando cada mês decorrido podia representar mais uma redução da fortuna?

Naquela manhã ensolarada e terrível, assim que ela e Franz regressaram do clube de tênis, levou-o ao estúdio a fim de mostrar-lhe o revólver. Desde o limiar ela indicou com olhar rápido e movimento quase imperceptível do ombro a escrivainha do outro lado do aposento.

Ali, na gaveta, jazia o instrumento da felicidade de ambos.

— Você vai ver logo — murmurou Martha, e deslizou rumo à escrivainha. -Mas nesse instante Tom entrou no aposento com passos audaciosos e firmes.

— Tire esse cachorro daqui — disse Franz. — Não posso fazer coisa alguma com o cachorro aqui.

— Saia! — gritou Martha.

Tom baixou as orelhas, estendeu o focinho suado e cinzento e enrodilhou-se por baixo da cadeira.

— Oh, tire-o daqui — disse Franz, entredentes, com estremecimento convulsivo. Martha bateu palmas e Tom deslizou por baixo da cadeira, apareceu do outro lado. Ela fez um gesto ameaçador.

Tom saltou para trás, a tempo, e lambendo as fauces com expressão magoada, seguiu em direção da porta. No limiar, olhou para eles, a pata dianteira erguida. Martha, no entanto, ia em seu encalço.

Ele submeteu-se ao inevitável. Ela bateu a porta com estrondo e o ar movimentado produziu no mesmo instante um estrondo na vidraça.

— Está bem agora, vamos depressa — disse ela, contrariada.

— Por que você fica aí, contrariado? Venha cá.

Com repuxo rápido, abriu a gaveta e ergueu a pasta marrom.

Por baixo dela um objeto brilhante ficou à mostra. Franz estendeu mecanicamente o braço e o apanhou. Revirou-o na mão, de um para outro lado.

— Você tem certeza? — começou a dizer, apático.

Ouviu que Martha resmoneava e ergueu o olhar. Ela teve uma risada seca e afastou-se.

— Ponha de volta — ordenou, em pé à janela e tamborilando na vidraça. Não era de espantar que Willy

houvesse rido. — Eu disse para pôr de volta. Dá para ver perfeitamente que é um isqueiro de charuto.

— Sim, é claro. Mas se parece, mesmo, a um revolverzinho.

Muito interessante, não acha? Acho que vi dois deles na loja.

Sem ruído Franz fechou a gaveta.

Nesse dia, Martha compreendeu uma coisa entristecedora. Até então julgara estar agindo de modo tão judicioso como quisera agir ou o fizera por toda a vida. Agora notava que uma espécie de sonhos atrozess invadia seus mapas. A autoconfiança do principiante pode ser desculpável — mas essa fase desculpável já viera e já se fora.

Muito bem — jamais devia ter concordado em casar-se com aquele palhaço que tinha um macaco fedorento nos braços; muito bem — ela não devia deixar-se impressionar pelo dinheiro dele, não devia ter contado em sua ingenuidade juvenil que transformaria aquele gaiato em marido comum, cheio de dignidade e obediente. Mas, pelo menos, havia arrumado sua vida do modo que lhe aprouvera.

Quase oito anos de luta sombria. Ele queria levá-la ao Ceilão ou Flórida, em vez de comprar aquela vila elegante. Ela precisava de um marido sedentário, marido sossegado e sério. Precisava de um marido morto.

Houve diversos dias em que Martha se recolheu, por assim dizer, aos desertos mais remotos do espírito, a fim de passar em revista seus erros e juntar forças de modo a regressar purificada à tarefa, e dali por diante não cometer nenhum dos erros anteriores. Combinações complexas, detalhes complicados, armas falsas — tudo aquilo tinha de ser abandonado. A partir de então o lema seria o seguinte: simplicidade e rotina. O método procurado devia ser inteiramente natural, inteiramente puro. Os intermediários que fizessem o favor de se abster. O veneno era uma alcoviteira; a pistola, um proxeneta.

Cada qual poderia traí-la. Era preciso parar de comprar novelas que falassem sobre os Bórgias. Não se podia matar um homem com isqueiro de charutos, como alguns pareciam ter julgado que ela havia pensado.

Franz sacudia a cabeça ou assentia com a mesma, de acordo com esta ou aquela virada no discurso sério que Martha fazia. O

pequeno aposento transbordava de luz do sol. Ele se sentara no peitoril da janela. As vidraças estavam abertas e presas com cunhas de madeira.

A despeito de ser feriado os construtores continuavam obstinadamente na obra, tilintando e batendo cada vez mais alto. Uma voz de menina gritou algo de uma janela por baixo, e outra voz infantil, ainda mais angelical, respondeu da sacada no lado oposto da rua.

Era a estação da música de violão tocada em casa à beira-rio, de jangadas cantando suavemente à sombra dos salgueiros.

Começou a sentir calor nas costas. Saiu do peitoral da janela, veio para o chão. As pernas cruzadas mostrando uma faixa de coxa gorda por baixo da saia, Martha sentava-se de lado à mesa. À luz inexorável sua pele parecia mais grosseira e seu rosto mais largo, talvez porque o queixo estivesse apoiado no punho. Os cantos dos lábios úmidos estavam abaixados, o olhar voltado para cima. Um desconhecido completo, dentro da consciência de Franz, observava de passagem que ela se parecia bastante a um sapo. Martha moveu a cabeça. A realidade voltou e, no mesmo instante, tudo voltou a tornar-se opressivo, escuro e implacável.

— ... estrangulá-lo — murmurava ela. — Se nós pudéssemos simplesmente estrangulá-lo. Com nossas próprias mãos.

O grande Doutor Hertz dissera-lhe dois anos antes que seu cardiograma mostrava uma anormalidade notável, não obrigatoriamente perigosa, mas, com certeza, incurável, que ele só vira em outra mulher, uma Hohenzollern, que continuava viva e com quase quarenta anos, de modo que agora se afigurava a Martha que o coração ia explodir, incapaz de tolerar a sensação de ódio que cada movimento ou som vindo de Dreyer criava nela. À noite, às vezes, quando ele se aproximava com uma risadinha de ternura ela sentia o impulso de enfiar as mãos no pescoço do marido e apertar, apertar com todas as forças.

E vice-versa, quando em ocasião recente ela o levara a prometer que não venderia o melhor dos três edifícios de apartamentos pelo preço ridículo que Willy oferecera, e em generosa compensação lhe oferecera de vontade própria uma carícia breve, a falta repentina de reação masculina por parte de Dreyer a revoltara tanto quanto as manobras amorosas dele. Compreendia como era difícil, em tais circunstâncias, raciocinar logicamente e elaborar planos simples, retos e elegantes, quando tudo dentro de si gritava e se debatia de raiva.

No entanto, se queria sobreviver, era preciso tomar providências.

Dreyer se espalhava monstruosamente diante dela, como uma conflagração em fume de cinema. A vida humana, como fogo, era perigosa e difícil de extinguir; mas como no caso do incêndio, deve haver, precisa haver algum método natural e de aceitação universal, pelo qual apagar a vida intensa de um homem. Enorme, de

cabelos penugentos, bronzeado pelo tênis; usando pijamas de amarelo vivo, bocejando rubramente; irradiando calor e saúde e emitindo diversos grunhidos que um homem que não consegue controlar a Fisicalidade grosseira emite quando desperta e se espreguiça, Dreyer preenchia todo o dormitório, toda a casa, todo o mundo.

Com freqüência cada vez maior e imprudência que já não percebia Martha escapava àquela presença triunfal, fugindo para o quarto do amante, chegando até mesmo em horas quando ele continuava na loja e os sons vibrantes da construção no céu não haviam sido substituídos pelos rádios próximos, e cerzia uma das meias, as sobancelhas negras severamente repuxadas enquanto aguardava o regresso dele, com ternura confiante e legítima. Sem os lábios obedientes de Franz e seu corpo jovem ela não podia viver mais do que um só dia. Nesse instante de seu encontro, enquanto ainda sentia as ondulações de prazer, ela abria os olhos e parecia-lhe estranho que Dreyer não houvesse sido destruído pelas enfiadas do amante. Logo tentava animar novamente o inerte Franz e tendo conseguido, não sem dificuldades (aquele trabalho na loja esgotava o pobrezinho!), voltava a sentir que Dreyer perecia, que cada empurrada frenética o feria mais profundamente e que afinal ele caía em meio a dores terríveis, uivando, descarregando os fluidos intestinais e desmanchando-se diante do esplendor intolerável da alegria dela.

No entanto, como se nada houvesse acontecido ele voltava a viver, caminhava ruidosamente por todos os aposentos e, animado e faminto, sentava-se diante dela às refeições, dobrando uma fatia de presunto, a travessando-a com garfo cheio de energia e fazendo movimento circular com o bigode, enquanto mastigava.

— Ajude-me, Franz, oh, ajude-me — murmurava Martha às vezes, sacudindo-o pelos ombros.

Os olhos dele eram totalmente submissos por trás das lentes bem esfregadas. Franz, todavia, não conseguia pensar em coisa alguma.

Sua imaginação achava-se sob comando dela; estava pronta a trabalhar para ela, mas era Martha quem tinha de dar à fantasia dele o impulso e alimento. Por fora ele mudara muito naqueles últimos meses: emagrecera, seus males acentuados o faziam parecer-se cada vez mais a um hindu faminto, uma debilidade curiosa desvanecia-lhe os movimentos como se ele só estivesse resistido porque era a coisa certa a ser feita; mas o fazia sem vontade e teria voltado prazerosamente, em qualquer momento, a um estado de estupor animalesco. O

dia dele decorria de modo automático, mas suas noites eram sem formas e cheias de pavor. Ele passara a tomar pílulas soporíferas.

O sobressalto matutino do despertador era como moeda inserida em máquina de venda automática. Ele levantava-se, arrastava os pés até o toailete malcheiroso (um pequeno inferno escuro, por si só), arrastava os pés de volta, lavava as mãos, escovava os dentes, fazia a barba, tirava o sabonete das orelhas, vestia-se, caminhava até a estação do metrô, embarcava em vagão proibido a fumantes, lia o mesmo anúncio propagandístico por cima e ao ritmo de seu trocisco chegava ao destino, subia a escadaria de pedra, apertava os olhos diante dos amores-perfeitos espalhados sob o céu brilhante em grande canteiro diante da saída, atravessava a rua e, na loja, fazia tudo que devia fazer. De volta a casa pelo mesmo caminho, voltaria a fazer tudo que esperavam dele. Após a partida de Martha, ele lia o jornal por um quarto de hora, mais ou menos, porque era de costume ler os jornais. Depois caminhava até a vila do tio. No jantar repetia às vezes o que lera no jornal, reproduzindo fielmente uma das duas fases que lera, mas misturando de modo singular os fatos intermediários, de maneira que Dreyer se divertia incitando-o a falar e depois o corrigindo. Por volta das onze ele se retirava. Seguia para casa sempre pelas mesmas calçadas. Um quarto de hora depois, estaria a se despir. A luz apagar-se-ia.

Os pensamentos de Franz caracterizavam-se pela mesma monotonia de seus atos, e sua ordem correspondia à ordem de seu dia.

Por que ele não parava com o café? Não posso dar descarga no vaso se a corrente solta todas as vezes. Lâmina cega. Piffke faz a barba com o colarinho ou no lavatório público. Esses calções brancos não são práticos. Hoje é dia nove... não, dia dez... não, é dia onze de junho. Ela está na sacada outra vez. Braços nus, gerânios queimados.

O trem cada vez mais cheio de manhã. Limpe os dentes com Dentophile, a cada minuto você vai sorrir. Idiotas, os que levantam e dão o lugar a mulheres grandes e fortes. Limpe os dentes com Dentophile, limpe seu minuto com seu sorriso. E saímos do metrô.

E por trás desses pensamentos comuns de todos os dias, como por trás de palavras escritas no vidro, estava a escuridão, escuridão na qual não se devia espiar. Mas as pessoas regalavam-se, com vislumbres estranhos. Certa feita pareceu-lhe que um policial, cheirando muito a queijo e tendo uma pasta sob o braço, não parava de olhá-lo com desconfiança, sentado no banco em frente. As cartas da mãe continham insinuações apavorantes: ela afirmava, por exemplo, que ele não escrevia corretamente as palavras ou as deixava inacabadas.

Na loja, a cara de um leão-marinho feito de borracha, destinado a divertir os banhistas, começava a se parecer ao rosto de Dreyer, e Franz ficou muito satisfeito quando uma Senhora Steller, na Avenida Robb número 1, comprara, mandara embrulhar e entregar a domicílio.

Sentindo o odor de uma lufada de tília em flor ele lembrava-se com nostalgia do pátio na escola da cidade natal onde tocavam na casca de uma tília, no brinquedo de tempo-será; certa feita uma jovem de seios em movimento, em camisola vermelha e curta, quase corraera até ele; trazia na mão um molho de chaves e ele julgara ter reconhecido nela a filha de um porteiro, por quem ansiara eternidades antes. Eram relances efêmeros da consciência, apenas; logo voltava à semi-existência.

E à noite, no sono induzido por drogas, algo mais importante apresentava-se. Em companhia de Martha despida ele estaria serrando a cabeça de Piffke em toailete público, embora, em primeiro lugar, ele fosse indistinguível do chauffeur morto de Dreyer e, em segundo, chamava-se Dreyer na linguagem onírica. O horror e a revolta indefesa fundiam-se nesses pesadelos a certa sensação não-terrestre, conhecida por aqueles que acabaram de morrer ou enlouqueceram de súbito após decifram o significado de tudo. Assim é que, no sonho, Dreyer apresentava-se em escada, dando lentamente corda em vitrola vermelha, e Franz sabia que dentro de momentos a vitrola latiria a palavra que dissolveria todo o universo, após o quê o ato de existir se tornaria brinquedo fútil e infantil, como pôr o pé em cada laje, a cada passo. A vitrola logo emitiria a conhecida canção sobre um negro triste e o amor dele, mas pela expressão viva de Dreyer logo Franz compreendia que tudo era um ardil, que o enganavam astutamente, que dentro da canção emboscava-se a própria palavra que não devia ser ouvida e ele acordava gritando, não conseguia identificar um quadrado pálido à distância até que se tornasse a janela pálida na escuridão; e voltava então a baixar a cabeça no travesseiro. No mesmo instante Martha, o rosto temível — ceroso, lustroso, mandíbulas proeminentes, as rugas da idade e cabelos grisalhos — entrava correndo, agarrava-o pelo pulso e o arrastava para a sacada suspensa sobre a rua; na calçada lá em baixo achava-se um policial segurando algo diante do corpo e crescendo devagar até que seu rosto chegasse à sacada; segurando um jornal, em voz alta, lia para Franz sua sentença de morte.

Os colegas no departamento de artigos esportivos, o atlético Schwimmer e seu afeminado amigo sueco (que agora vendia roupas de banho) notaram um dia a palidez de Franz e o aconselharam a tomar banhos de sol nas margens do lago Grunewald, aos domingos.

Mas uma indolência gélida pairava sobre Franz e, ademais, uma hora de lazer significava uma hora em companhia de Martha. Quanto a ela, tomava seu estado de espírito pela doença de que ela própria sofria, a febre incandescente de pensamento assassino incessante.

Ficava satisfeita quando, na presença de Dreyer, ao cruzarem o olhar, Franz as vezes começava a cerrar e descerrar as mãos, quebrar fósforos ou brincar com o saleiro. Martha julgava que seus raios mortíferos o trespassavam e que era preciso apenas apunhalá-lo com aquele feixe de luz, caso em que uma partícula retesada na arma de Franz, onde a imagem aprisionada da morte se achava oculta, explodiria e faria com que um Franz gigantesco esmagasse a vespa rastejante.

Por outro lado irritava-se quando Franz se queixava. Martha dava de ombros ao ouvir os resmungos do amante.

— Você não compreende... ele está louco — repetia Franz. — Eu sei que ele está louco.

— Tolices, não está louco, tampouco esquisito. Isso é uma vantagem.

Pare de se contorcer, por favor.

— Mas é horrível — insistia Franz. — Ele parou de me trazer café, não sei quando, e de repente apareceu com uma tigela de chá quente de carne.

— Oh, pare. Quem se importa? Ele é inofensivo. Tem a esposa enferma.

Franz continuava a sacudir a cabeça.

— Mas nunca ninguém vê a esposa. Bati na porta milhares de vezes para tirá-lo do toailete, mas é sempre ele, e não ela. Não estou gostando.

— Seu bobo. Ora, estou-lhe dizendo que é uma vantagem. Ninguém nos espiona. A minha impressão é que temos sorte, nesse particular.

— Deus sabe o que se passa naquele quarto deles — suspirava Franz. — De lá vêm, às vezes, uns barulhos muito esquisitos. Não são gargalhadas, é mais o cacarejar de uma galinha.

— Já chega — disse Martha, baixinho.

Ele parou de falar, sentado nu à beira da cama e olhando para o chão.

— Oh, querido, querido — disse ela, sem ânimo e impetuosamente.

— Isso tem importância? Você não acha que os dias estão passando enquanto ficamos sem o objetivo,

examinando as coisas e sem saber onde começar? Você não está vendo que vamos chegar a tal ponto que um belo dia simplesmente cairemos sobre ele, estraçalharemos o homem?... Não podemos continuar assim. Temos de pensar em algo. E você sabe que ultimamente ele anda muitíssimo cheio de vida. Será mais forte do que nós? Ele tem mais vida do que isto, ou isto, ou isto?

Mas Martha tinha razão, oh, tinha razão! O garotão andava cheio de vida. Era jovem, suas raquetadas haviam melhorado muito, a digestão era uma beleza, ele iria ao Brasil ou a Zanzibar no próximo inverno. I soldado era cara e infiel, mas de vez em quando ele expurgava-se eroticamente com ela no pequeno apartamento que alugara para as duas irmãs (Ida, todavia, fora logo arrebatada para Dresden por um amante ciumento); em festa dada pelo Cônsul Comercial de Luxemburgo, graças às suas sedas negras, ombros lindos e brincos de esmeralda, Martha, com sua estatura elevada, eclipsara todas as outras damas. Ele resolvera esconder-lhe, até o momento certo, seu projeto especial, embora fosse verdade que em três ocasiões insinuara um empreendimento novo e extraordinário. Mas como poderia explicar-lhe o que o absorvia? Era impossível. Ela corria de lado como capricho inútil. Manequins mecânicos, ora essa! O que vem em seguida, Pigmalião?

Você, Galatéia. Não, isso de nada adiantava. Ela diria: "Você está gastando o tempo com bobagens". Sim, mas que bobagem maravilhosa.

Ele sorria ao pensamento de que também Martha tinha excentricidades.

A água de rosas gelada que punha no rosto ao se deitar.

Aquelas ginásticas hindukitsch quase todos os dias. Ele fez a bengala estralejar nos varais de uma cerca. Caminhavam pelo lado ensolarado da rua. Seu companheiro, o Inventor de barba negra, não parava de insinuar que era boa idéia atravessar para a calçada oposta, na sombra. Mas Dreyer não ouvia. Se gostava do sol, os outros deviam gostar também.

— Ainda falta muito caminho — suspirou o companheiro. — Tem a certeza de que quer andar?

— Com sua permissão — disse Dreyer, distraidamente, e apertou os passos. Que beleza estar vivo! Nesse momento, por exemplo, aquele gênio de barba negra o levava a ver algo quase divertido. Se ele detivesse um transeunte e lhe perguntasse: "Procure adivinhar, meu amigo, o que vou ver agora, e por que devo ver", o transeunte não poderia responder. E como se isso não fosse bastante, todas aquelas pessoas na rua, andando com pressa, esperando nas paradas de bonde: que punhado de segredos, profissões espantosas, recordações inacreditáveis! Aquele camarada, por exemplo, com bengala e bigode amarelo muito inglês: quem sabe, talvez durante a guerra houvesse recebido a tarefa cansativa e absurda de transmutar para o uso natural diversos elementos retirados dos uniformes dos inimigos capturados; mas após dois anos disso o material começara a escassear e ele fora mandado à frente de combate, onde desfrutara o sabor de pelo menos uma boa batalha entre ruínas de aldeia antes conhecida por seus leitões e lúpulo, e depois as hostilidades haviam sido suspensas e o último soldado fora morto por um saco de folhetos falando da declaração de paz, lançado por avião. Mas por que atribuir suas próprias memórias a pessoas estranhas? Aquele velho ali, no banco, fora na juventude — oh, não sei — talvez celebrado acrobata; ou aquele estrangeiro de barba negra, companheiro bastante enjoado, diga-se entre nós, talvez houvesse chegado a uma invenção espetacular.

Nada era sabido e tudo se mostrava possível.

— À direita — disse o companheiro enjoado, resfolegante. — Aquele edifício ali, com as estátuas.

Em construção anexa ao edifício do tribunal a polícia promovera uma exposição de crime. Certo cidadão respeitável que de repente, sem qualquer motivo, esquartejara o filho do vizinho, ao que tinham descoberto guardava no apartamento mulher artificial. Ela sabia andar, torcer as mãos, verter água, e encontrava-se agora nesse museu da polícia. Impelido pela aflição profissional o Inventor queria examiná-la. Foram levados a ela por policial aposentado a quem Dreyer subornou para fazer com que o mecanismo funcionasse. A pobre mulher era grosseiramente feita e a substância misteriosa de que os jornais haviam falado, graças a Deus, era apenas guta-percha.

Haviam também exagerado os poderes de movimentação. Um dispositivo de relógio permitia-lhe fechar os olhos de vidro e abrir as pernas.

Essas podiam ser preenchidas com água quente. Seus pêlos corporais eram verdadeiros, bem como as madeixas castanhas que lhe caíam sobre os ombros. Levando-se tudo em conta nada havia de novo a seu respeito — não passava de boneca vulgar. O Inventor, cheio de desdém e felicidade, retirou-se no mesmo instante, mas Dreyer, sempre receando perder algo interessante, percorreu todos os aposentos.

Examinou os semblantes dos criminosos, fotografias ampliadas de orelhas, impressões digitais sujas, facas de cozinha, cordas, fragmentos desbotados de roupa, jarros empoeirados, provetas sujas — mais de mil artigos triviais que haviam sido empregados para o mal — e também fileiras de fotografias, os rostos empastelados de

assassinos sem banho e mal vestidos e os rostos balofos das vítimas que, na morte, passavam a se assemelhar a eles; e tudo aquilo era tão andrajoso e estúpido que Dreyer não pôde deixar de sorrir. Pensava na falta de talento da criatura que cometera aquilo, como pensava mal ou estava cheia de histerismo para matar o vizinho. O cinzento mortífero que envolvia as peças em exposição, a banalidade do crime, peças de móveis burgueses, um pequeno console assustado sobre o qual uma impressão digital sanguinolenta fora encontrada, nozes e castanhas injetadas com estricnina, botões, uma bacia de estanho, outras fotografias — todo aquele lixo exprimia a própria essência do crime. Quanto faltava a esses pobres simplórios! Faltavam-lhes não apenas as maravilhas da vida cotidiana, o prazer simples da existência, mas até instantes como aqueles, a capacidade de olhar com curiosidade o que era essencialmente cacete e monótono. E depois o cacete final: ao amanhecer, sem jejum, pálido, os conselheiros municipais encartolados levando à execução. O tempo está frio e nublado. Que imbecil a criatura deve sentir-se, usando cartola às cinco da manhã! O homem condenado levado para o pátio da prisão.

Os ajudantes do carrasco suplicam com ele que se comporte decentemente e não se debata. Ah, aí vem o machado. Pronto — a cabeça decapitada é mostrada à platéia. O que devia fazer um cidadão comum e de fraque, vendo aquilo — sair-se com um meneio de comiseração, careta de repreensão, sorriso de incentivo, como a dizer: "Vejam, como foi simples e rápido tudo isso?"

Dreyer notou-se a pensar que seria interessante despertar ao romper da aurora e, depois barbear-se bem e fazer boa refeição, sair com pijama listrado de prisioneiro para o pátio, tocar os músculos do gordo carrasco com alguma piada adequada, proporcionar à assembléia ali reunida um aceno amistoso da mão, dar última e boa olhada nos semblantes oficiais e brancos... Sim, todos aqueles rostos são invulgarmente pálidos. Aqui, por exemplo, está o rapazinho que retalhou os pais, estraçalhando-os: vejam só como tem orelhas grandes e covinhas. Aqui o cavalheiro taciturno que deixou na estação ferroviária mala com o cadáver da noiva. E aqui a invenção do Doutor Guillotin — oh, não, essa é a engenhoca medieval suíça do mesmo tipo — tábua, canga de madeira, dois pontaletes, a lâmina entre eles. Monsieur Guillotin, o senhor é um impostor! Ah, a cadeira de dentista americana.

O dentista acha-se mascarado, o paciente também tem máscara com buracos para os olhos. Eles lhe cortam as pernas da calça à altura da panturrilha, a fim de prenderem o eletrodo. Ah, a corrente é ligada. Pula, pula, como em estrada esburacada. Que imbecis! Uma coleção de semblantes idiotas e objetos atormentados.

Lá fora estava lindo, soprava vento forte e agradável. As solas dos sapatos dos transeuntes deixavam vestígios prateados no asfalto glorificados pelo sol. Linda, azul e fragrante, nossa Berlim no verão.

Também não estaria ruim à beira do mar. Aquelas nuvens tão radiosas — nuvens de férias. Operários consertando preguiçosamente o calçamento.

Que bom tudo isto! Como seria divertido, pensava ele, vasculhar os semblantes desses operários, aqueles transeuntes, buscando as expressões fisionômicas que ele acabara de ver em inúmeras fotografias.

E para sua surpresa em cada um que via Dreyer reconhecia um criminoso, passado, presente ou futuro; logo se deixava empolgar por esse brinquedo, a tal ponto que começou a inventar um crime especial para cada pessoa que via. Observou o homem de ombros redondos e mala suspeita; foi até ele e pediu-lhe fogo. O homem balançou a cinza do cigarro e fez a pequena ligação comum, mas Dreyer observou como sua mão tremia e sentiu pena de não estar em condições de mostrar-lhe um distintivo de detetive. Rosto após outro desfilava, olhos que evitavam os seus e mesmo em donas de casa gorduchas e maternais dava para distinguir os esqueletos de assassinos. Assim, ele caminhou, sacudindo a bengala como se fosse hélice, divertindo-se excepcionalmente, sorrindo de modo involuntário para os transeuntes e observando com prazer o embaraço momentâneo que neles causava. Depois se fatigou do brinquedo, sentiu-se com fome e sede e apertou os passos. Ao se aproximar do portão observou a esposa e sobrinho no jardim. Estavam em pé e imóveis, lado a lado, observando sua chegada. E teve o alívio agradável de ver, finalmente, dois rostos familiares e perfeitamente humanos.

— Por favor, minha cara —, disse Willy Wald. — Não faça isso.

Você já deu duas olhadas furtivas ao relógio e depois a seu marido.

Não é tarde, não é mesmo.

— E coma um pouco mais de morangos — pediu a esposa de Willy.

Dreyer disse:

— Vamos ter de ficar um pouco, meu amor. Porque não consigo lembrar-me de minha história.

— Por favor, tente recordar — pediu Willy, imerso nas profundezas de sua poltrona.

— ... ou algum licor, talvez — disse a Senhora Wald em sua voz cansada, melodiosa e afetada.

Dreyer desferiu um murro na própria testa.

— Tenho o início e o meio. O meu empório é o fim!

— Não se preocupe, vai lembrar-se — disse Willy. — Se você continuar a se preocupar sua esposa ficará ainda mais entediada.

Ela é uma senhora rigorosa. Tenho medo dela.

— ... a esta hora, amanhã, estaremos a caminho de Paris — disse a Senhora Wald, adquirindo impulso, mas o marido a interrompeu.

— Ela está-me levando a Paris! Sei que é uma cidade crepitante, mas sempre me causa azia. Mesmo assim eu vou, eu vou. Por falar nisso, você não me contou seus planos para o verão. Ouvei falar de um camarada que não conseguia lembrar-se de uma história engraçada e isso fez explodir uma veia do corpo.

— Não é o fato de que eu não possa lembrar o que dói — disse Dreyer, lamentando-se. — O que dói é que vou lembrar, no momento em que saímos daqui. Não, ainda não resolvemos. Não é assim, meu amor? Ainda não resolvemos? Na verdade — (voltando-se para Willy) — ainda não falamos sobre o assunto, em absoluto.

Sei que ela odeia os Alpes. Veneza nada é para minha esposa. Tudo se mostra muito difícil. Havia uma coisa inesperada no fim, muito divertida...

— Deixe para lá, deixe para lá — bufou Willy. — Como é que vocês ainda não resolveram? Estamos no fim de junho. Hora de decidir. «

— Talvez — disse Dreyer, lançando olhar indagador à esposa — talvez devamos ir para a beira do mar.

— Água — assentiu Willy. — Muita água azul. Ótimo. Eu também gostaria, gostaria muito. Mas estou sendo arrastado a Paris. Sei mergulhar muito bem, embora vocês não acreditem.

— Eu nem sei nadar — respondeu Dreyer, com tristeza. — Não sou bom em alguns esportes. O mesmo acontece com a esquição.

A mim parece que sempre fico no mesmo ponto: o balanço, o jeito, a pose de equilíbrio, tudo está faltando. Não sei se esses esquis novos eram os que me serviam bem. Meu amor, sei que você odeia a beira do mar, mas vamos lá mais uma vez. Levaremos Franz e Tom conosco.

Vamos esparrinhar na água, brincar por ali. E você andar de barco com o Franz, vai queimar-se de sol e ficar na cor de chocolate claro.

Martha sorriu. Não por perceber de onde vinha aquele alento de frescor úmido. A lanterna mágica da fantasia projetara em diapositivo colorido — a longa praia arenosa no Báltico onde haviam estado certa feita em 1924, o cais branco, bandeiras brilhantes, cabinas listradas, um milheiro de cabinas listradas — e agora tornavam-se mais finos, desapareciam e além, por muitos quilômetros a oeste, estendia-se a brancura vazia das areias entre os cardos e a água. Água. O que se fazia para apagar o fogo? Até uma criancinha sabia.

— Vamos a Gravitz — disse ela, voltando-se para Willy.

Tornou-se invulgarmente animada, seus lábios luzidios entreabriam-se. Os olhos compridos brilhavam como jóias. Duas covinhas em formato de foices surgiram-lhe nas faces ardentes. Animadamente começou a falar a Helga Wald sobre uma pequena costureira (são sempre "pequenas") a quem descobrira. E cheia de êxtase louvou o perfume usado por Helga. Dreyer, comendo morangos, observava-a e rejubilava-se. Ela nunca tagarelara e se mostrava tão radiante quando visitavam os Walds. ("São amigos seus, e não meus"), — Teremos de conversar a sério — disse ela, quando voltavam para casa. — Às vezes, você tem boas idéias. Olhe, amanhã

de manhã você escreve e reserva dois quartos contíguos e um quarto de solteiro no Hotel Vistamar. Mas c cachorro vamos deixar... só serviria para importunar. É melhor você se apressar, ou não encontrará quartos.

Um pouco embriagado ele se colou ao pescoço cálido da esposa, que o arredou de si com bom-humor e disse: — Vejo que você é um devasso e um mentiroso.

Ele, de súbito, parecia preocupado.

— De que está falando?

— Pensei — disse ela — que você me disse... quando foi isso?

Há um ano?... que estava recebendo lições no Freibad, e que agora você nadava como peixe:

— Um exagero imperdoável — respondeu ele, aliviadíssimo.

— Um peixe dos piores, na verdade. Consigo ficar em cima d'água por três metros, depois afundo como um toco.

— Só que os tocos não afundam — contrapôs Martha, alegremente.

Depressa! Mas a pressa, agora, era de coração leve. Com ondas de mar e luz de sol em volta, como era fácil respirar, matar, amar.

Bastava a palavra "água" para resolver tudo. Embora Martha nada soubesse sobre problemas matemáticos e o prazer da prova matemática elegante, reconheceu de imediato a solução de seu problema por sua simplicidade e limpidez. Essa evidência harmoniosa, essa graça elementar tinham-na envergonhado — tanto quanto podia envergonhar-se — de suas procuras e fantasias canhestras. Sentiu o desejo invulgar de ver Franz naquele mesmo instante ou, pelo menos, fazer algo — mandar-lhe por telegrama a palavra-código, e fazê-lo de imediato, mas por enquanto a mensagem dizia MEIA NOITE TÁXI PONTO CHUVA PORTÃO : DIANTEIRA ESCADAS

QUARTO POR FAVOR PONTO TUDO BEM DEPRESSA BOA NOITE. E amanhã era domingo — o só! Ela avisara Franz que se o tempo não melhorasse ela não o iria ver porque Dreyer não estaria jogando tênis. Mas mesmo essa demora, que antes a teria enfurecido, parecia agora banal, à luz de sua confiança recém-encontrada.

Acordou um pouco mais tarde do que o costume e sua primeira sensação foi a de que na noite da véspera algo singular acontecera.

No terraço, Dreyer terminava o café e lia o jornal. Quando ela desceu, radiosa, usando crepe verde-pálido, ele se levantou e beijou-lhe a mão fresca, como sempre fazia em seus encontros matutinos de domingo, mas dessa feita ele aduziu um brilho bem-humorado de gratidão.

O açucareiro de prata refulgia ofuscantemente ao sol, perdeu o brilho e voltou a eclodir com ele.

— As quadras ainda estão molhadas? — perguntou Martha.

— Eu telefonei — respondeu Dreyer e voltou à leitura do jornal.

— Encharcadas. Um arqueólogo descobriu um túmulo no Egito, com brinquedos e cardos de três mil anos de idade.

— Os cardos não são azuis — disse Martha, estendendo a mão para o bule de café. — Você leu sobre os aposentos?

Ele assentiu, sem descravar os olhos do jornal, e continuou assentindo cada vez mais devagar ao prosseguir a leitura, recordando-se animadamente, entre os acenos e as linhas, de ditar aquilo amanhã, no escritório.

Oh, pare de balançar a cabeça... pare de fazer o idiota... agora não importa. Ele é um nadador de primeira — não é o seu tênis!

Ela também nascera na margem de grande rio e sabia permanecer em cima d'água por horas, dias inteiros, para sempre se fosse preciso.

Costumava deitar-se de costas, e a água vinha lambê-la e balançá-la, tão deliciosa, tão fresca. E a brisa revigorante que penetrava na pessoa quando se sentava, nua, com um menino nu de sua idade, entre os miosótis! Aqueles pensamentos vieram sem o menor esforço.

Ela não precisava inventar, tinha apenas de desenvolver o que já se achava ali esboçado. Como ia ficar feliz o seu querido! Ela telefonaria para ele e diria apenas uma palavra: Wasser?

Dreyer fechou ruidosamente o papel, como se estivesse embrulhando nele um pássaro, e disse:

— Vamos sair e dar um passeio, hem? O que você acha?

— Você vai — replicou ela. — Tenho de escrever algumas cartas.

Precisamos avisar à Hilda, como você sabe.

Ele pensou: e se eu pedir a ela, com ternura, muita ternura?

Estamos com a manhã livre, somos amantes outra vez.

Mas a energia emotiva nunca fora seu forte, e ele nada disse.

Um minuto depois Martha, do terraço, viu que ele caminhava até o portão com a capa de chuva dobrada ao braço, abria a passagem, deixava Tom seguir por ali em primeiro lugar, como se fosse uma dama, e partia a passos lépidos, acendendo um charuto a caminho.

Ela continuou sentada e imóvel. O açucareiro refulgia e se apagava alternadamente. De súbito pequena mancha cinzenta apareceu sobre a toalha de mesa, depois outra ao lado. A gota caiu-lhe na mão e Martha levantou-se, olhando para cima. Frieda começou a retirar apressadamente os pratos e a toalha de mesa, olhando de vez em quando para o céu. O trovão fez-se ouvir e um pardal atônito pousou na balaustrada — e partiu dali a toda. Martha entrou na casa. A porta do toalete no corredor estava batendo. Frieda, já semiinchada e abraçando a toalha de mesa, rindo e falando sozinha, vinha do terraço rumo à cozinha. Martha pôs-se ao centro da sala de visitas que se achava singularmente escura. Agora tudo lá fora grugulejava, murmurava, respirava. Ficou imaginando se devia antes telefonar para ele, mas sua impaciência era forte demais. O trabalho com o telefone seria perda de tempo. Envervou a capa com som farfalhante e agarrou o guarda-chuva. Frieda trouxe-lhe o chapéu e bolsa, do dormitório.

— Devia esperar que estiasse — disse Frieda. — É um verdadeiro dilúvio.

Martha riu e disse que se esquecera de um encontro no café com a Senhora Bayarde e outra dama, perita em respiração rítmica ("Respiração mista", foi o que Frieda, que sabia mais do que devia saber, não parou de repetir por toda a manhã, falando consigo mesma).

A chuva começou a tamborilar na seda retesada do guarda-chuva.

O portão fechou-se, molhando-lhe a mão, Ela seguiu com passos rápidos pela calçada espelhada, adiantando-se para o ponto de táxi.

O sol atingia as longas torrentes de chuva, fazendo-as inclinar-se, por assim dizer, e logo se tornavam douradas e mudas. Repetidas vezes o sol as atingiu e a chuva estraçalhada voava agora em gotas isoladas e ígneas, o asfalto lançava reflexos de violeta iridescente e tudo se tornava tão brilhante e quente que Dreyer, de cabelos molhados, tirou a capa de chuva enquanto andava e Tom, que estava um tanto mais escuro após a chuva, se animou e foi ter até um dachshund marrom. Tom e o dachshund fizeram círculos naquele lugar, ou melhor, Tom o circundou, enquanto o outro se voltava abruptamente com o corpo todo de vez em quando, até que Dreyer assoviasse.

Ele seguia devagar, olhando à esquerda e direita e procurando descobrir um recém-construído cinema que Willy mencionara na noite da véspera. Encontrou-se em lugar que raramente visitava, embora não distasse muito de casa. Entrou no jardim para dar mais exercício ao cachorro e depois atravessou um pedaço de terra vazia, contígua a boulevard desconhecido. Um pouco além atravessou a praça e viu na esquina da rua seguinte a casa alta, despida da maior parte do andaime: seu primeiro pavimento estava ornamentado com imensa ilustração, anunciando o filme que seria exibido na noite de abertura, 15 de julho, baseado na peça de Goldemar, Rei, Dama, Valete, que alcançara tamanho êxito anos antes. O cartaz consistia de três gigantescas e transparentes cartas de jogar parecidas a vitrais, que provavelmente seriam muito eficazes quando acesas à noite: o Rei usava camisola marrom, o Valete suéter vermelha de pescoço fechado e a Dama maiô negro "Preciso não esquecer de reservar aqueles quartos amanhã", refletia Dreyer, e outra nota importante que a fiel Srta. Reich escreveria acima de sua assinatura: o Doutor Eier precisa sair da cidade e com grande pesar não pode continuar a pagar o apartamento onde o senhor persiste em receber outros idiotas, ou coisa parecida a estas palavras.

Estava a ponto de dar a volta quando Tom emitiu um latido curto e abafado e Franz saiu de um cafezinho limpando a boca com os nós dos dedos.

— Ora, ora, ora, imagine só encontrá-lo aqui — exclamou Dreyer. — Começou o dia com um chope, hem?

— Meu senhorio parou de servir-me o desjejum — explicou Franz. Que encontro horrível! Lado a lado eles caminharam, espionados por poças luminosas.

Quase nunca haviam tido a ocasião de estarem a sós, os dois, e Dreyer compreendia agora que não tinham assunto algum sobre o qual falar. Era uma sensação estranha e ele procurou esclarecê-la para si próprio. Via Franz praticamente três vezes por noite em sua casa, mas sempre na presença de Martha. Franz ajustava-se naturalmente àquele ambiente comum, ocupando lugar desde muito preparado para ele e Dreyer nunca lhe falava, a não ser de modo brincalhão e casual e sem procurar informações, sem exprimir sentimentos, aceitando Franz por confiança em meio ao resto dos objetos e pessoas conhecidas e interrompendo com observações intermitentes os relatos tolos e monótonos que Franz dirigia vagamente a Martha. Dreyer apercebia-se de sua própria timidez íntima, de sua incapacidade de manter conversa franca, séria e coração a coração com uma

pessoa a quem o fado impiedoso punha diante de si. Agora sentia ao mesmo tempo apreensão e o impulso de rir do silêncio que estava sendo encunhado entre ele e Franz. Não tinha a mínima idéia do que fazer.

Perguntar-lhe onde ia? Pigarreou e lançou a Franz um olhar de lado. Franz fitava o chão enquanto andava.

— Aonde vai? — pergunteou Dreyer.

— Eu moro perto daqui — disse Franz, com gesto indefinido.

Dreyer o fitava com bondade. Que olhe, pensou Franz. Nada tem sentido na vida, e essa caminhada também não tem.

— Ótimo, ótimo — disse Dreyer. — Acho que nunca estive aqui.

Atravessei uma floresta de jardins e de repente havia casas sendo construídas, ao redor. Por falar nisso, você sabe de uma coisa... por que não me mostra o seu apartamento?

Franz assentiu. Silêncio. Ele logo apontou para a direita e ambos involuntariamente apressaram os passos para realizarem um ato que não era inteiramente destituído de sentido — darem volta à direita.

Também Tom parecia aborrecido. Não gostava muito de Franz.

"Que estupidez", pensava Dreyer. "Preciso achar algo para dizer-lhe. Não es'tamos acompanhando um funeral." Ficou imaginando se não devia falar-lhe sobre os manequins elétricos. Talvez isso interessasse a um rapaz. O tema, na verdade, era tão interessante que ele teve de fazer esforço para não discursar sobre o mesmo, em casa.

Ultimamente o Inventor lhe pedira para não visitar a oficina, dizendo que queria preparar uma surpresa, e depois em outro dia, parecendo muito delambido, convidara Dreyer para aparecer. O escultor que se parecia cientista e o professor que se parecia artista também estavam extremamente satisfeitos com o que tinham feito. Os dois rapazes da loja, Moritz e Max, dificilmente continham as risadas. Puxando um cordão o Inventor abriu a cortina negra, também coisa nova, e um cavalheiro pálido e cheio de dignidade, em smoking e de cravo à lapela, saiu pela porta lateral à esquerda, atravessou o aposento em passos semelhantes aos das pessoas, embora um tanto sonambúlico, e saiu pela porta lateral à direita. Entre as cenas fora apanhado por Moritz e Max, que lhe mudaram as roupas enquanto um jovem de branco, tendo a raquete sob o braço, andava pelo aposento por sua vez e foi logo acompanhado pelo sonâmbulo número um, usando agora terno cinzento com gravata elegante e carregando uma pasta.

Ele a deixou cair distraidamente antes de abandonar o palco, mas Moritz a apanhou e o acompanhou até a saída. Entrementes o jovem reaparecia, agora em blusa vermelho-cereja e atrás deje o homem mais idoso, sobriamente vestido com capa de chuva, perambulando em sua melancolia e sonho misterioso.

Dreyer achou o espetáculo inteiramente fascinante: não sò aquelas pernas muito bem vestidas e pés corretamente calçados se movimentavam com graça estilizada que nenhum brinquedo mecânico jamais alcançara antes, como os dois rostos tinham sido modelados com refinado cuidado, na mesma substância parecida à cera que compunha as mãos. E quando o vulgar e jovem Max personificou bem-humoradamente o automanequim mais jovem, caminhando e fazendo movimentos no encalço do automanequim mais jovem, ao aparecimento final e formidando do mesmo, ninguém podia duvidar qual dos dois personagens tinha mais encanto humano, embora o Inventor fosse muito mais experiente do que o outro. Logo o cavalheiro amadurecido veio pela última vez e a essa altura seu criador fizera as coisas de tal modo que a criatura novamente vestindo smoking (sem o cravo, colocado em algum avatar) parou no meio, sacudiu os pés como a demonstrar um passo de dança e depois continuou rumo à saída com o braço dobrado, como se o estivesse dando a uma dama invisível.

— Na próxima vez — disse o Inventor — teremos uma mulher.

A beleza é fácil de interpretar, porque a beleza se baseia na interpretação da beleza, mas ainda estamos trabalhando nos quadris dela, queremos que os movimente e tal é difícil.

Mas como descrever tudo isso a Franz? Contado em tom jovial não teria interesse algum e contado a sério Franz talvez não acreditasse, pois Dreyer já o tapeara com muita freqüência, no passado. Ede imediato um pensamento salvador perpassou-lhe o espírito. Franz não sabia ainda que estava sendo convidado para a praia e, naturalmente, iria receber esta boa notícia; ao mesmo tempo Breyer lembrava-se do fim da anedota que lhe escapara na véspera. Em primeiro lugar, no entanto, falou-lhe da viagem, guardando a anedota para a última parte. Franz murmurou que ficava muito reconhecido.

Dreyer explicou-lhe o que devia comprar para a viagem, cobrando tudo ao titio, selbstverständlich! Franz, voltando um pouco à vida, agradeceu-lhe agora com mais eloquência.

— Está pensando em casar? — indagou Dreyer (Franz fez o gesto do parceiro de palhaço, quando alguém lhe apresenta um problema.) — Por que eu talvez possa achar uma noiva muito amorosa para você.

Franz sorriu.

— Sou pobre demais — respondeu. — Talvez, se tiver aumento de ordenado...

— É uma idéia — observou Dreyer.

— Estamos quase chegando — disse Franz, e quase tropeçou em Tom, que estacara.

Dreyer resolveu que ia esperar para contar a anedota — que era realmente muitíssimo engraçada — até que estivessem no quarto de Franz: certos gestos veementes e atitudes extravagantes tinham de acompanhar a piada. Foi um adiamento fatal, pois nunca a contou.

Estava agora diante da casa onde outra boa anedota se achava no que os flocloristas de orientação botânica chamam "desfolhação". Tom voltou a parar, olhando para cima e recuando de lá. — Anda, anda — disse Dreyer e com o joelho empurrou o animal inteligente.

— Eu moro aqui — disse Franz, apontando o quinto andar.

— Bem, vamos entrar — propôs Dreyer, mantendo aberta a porta para Tom, que disparou escada acima com uma lamúria de animação.

"Santo Deus, devo arranjar outro alojamento para ele. Nenhum sobrinho meu deve morar em cortiço como este", refletia Dreyer, ao subir as escadas cujo atapetamento limitadíssimo desaparecia numa elevação muito abaixo da superfície da madeira. Enquanto subiam Martha tivera tempo de cerzir um último buraco em meia. Achava-se sentada no querido sofá decrépito, inclinada no trabalho que fazia, os lábios movimentando-se em feliz expressão doméstica. O senhorio dissera que Franz voltaria em um momento. Ele saíra para fazer desjejum maior do que aquele preparado por mulher velha e enferma.

Martha subira para recolocar as meias na gaveta. Já usava os chinelos emblemáticos e arrumara a pequena bacia de borracha coquetemente coberta por toalha limpa. Parou um tanto inclinada, prendendo a respiração. "Ele está aqui", pensou, e teve um alívio de ventura. E

logo um ruído singular de passadas não-humanas se fez ouvir pelo corredor; e latido pavorosamente conhecido ecoou por ali.

— Quietos, Tom, comporte-se — disse a voz animada de Dreyer.

— Terceira porta à direita — disse a voz de Franz.

Martha rumou para a porta, a fim de virar a chave na fechadura.

A chave estava do outro lado.

— A aqui? — perguntou Dreyer, e a maçaneta moveu-se. Ela colocou todo o corpo contra a porta, segurando a maçaneta com a mão forte. A chave rodou de um lado para outro. Tom farejava arduamente por baixo da porta. A maçaneta começou a sacolejar de novo.

Havia agora dois homens contra ela. Martha escorregou e perdeu um chinelo, o que já lhe acontecera em outra vida.

— O que há? — disse a voz de Dreyer. — Esta porta não abre.

O eficiente amante de Martha ajudava a empurrar a porta. "Dois idiotas", pensou Martha friamente e começou a escorregar outra vez. Empurrou com o ombro e obrigou a fechar. Franz murmurava: — Não estou entendendo, não estou. Talvez seja alguma piada de meu senhorio.

Tom parara de latir. Será destruído amanhã. Dreyer dava risadinha » e aconselhava Franz a chamar a polícia.

— Vamos abrir a pontapés — propunha. Martha sentiu que não podia mais segurar a porta. De repente houve silêncio, e nesse silêncio uma voz rechinante e ranzinza pronunciou o anti-sésamo: — Sua pequena está aí dentro.

Dreyer voltou-se. Era um velho de camisolão, agarrado a uma chaleira e que sacudia a cabeça hirsuta e grisalha para o jovem imbecil, que cobria o rosto com as mãos. Tom farejava o velho. Dreyer prorrompeu em gargalhadas e, arrastando o cachorro pela coleira, começou a se afastar. Franz o acompanhou até a porta de entrada, tropeçou em um balde.

— Ah, a questão é essa — disse Dreyer, e piscou, cutucou Franz no plexo solar e saiu. Tom olhou de lá, e logo acompanhou o dono.

Franz, o rosto inexpressivo e um tanto incerto sobre os pés, voltou pelo corredor e abriu a porta que agora não resistia. Rósea, descabelada, ofegante como após uma luta, Martha procurava os chinelos.

Impetuosamente abraçou Franz. Rindo e satisfeítíssima, beijou-o nos lábios, no nariz, nos óculos, depois e sentou a seu lado na cama, deu-lhe um gole de água; ele balançava, o corpo mole, baixou a cabeça no regaço de Martha; esta afagou-lhe os cabelos e baixinho, acalentadoramente, explicou-lhe a única solução líquida e resplandecente.

Voltou para casa antes do marido e quando Dreyer chegou e Tom veio ter com Martha esta lançou ao animal um olhar depreciativo e fulminante.

— Escute — disse Dreyer. — O nosso pequeno Franz... não, imagine só... — gaguejou e sacudiu a cabeça por muito tempo, até, finalmente, contar-lhe. A imagem do sobrinho, criatura sombria e desajeitada, acariciando uma pequena robusta, era algo indizivelmente cômico. Ele lembrou de Franz saltando sobre um dos pés, em roupa de baixo suja, a alegria aumentou.

— Eu acho que você está com inveja, só isso — disse Martha, e Dreyer tentou abraçá-la.

Na primeira vez que Franz apareceu para jantar seu inteligente tio começou a divertir-se com ele. Martha deu um pontapé no marido, por baixo da mesa.

— Meu caro Franz — disse Dreyer, afastando-se de onde o pé da esposa o alcançava —, talvez você não tenha vontade de ir para uma praia distante, talvez esteja muitíssimo satisfeito por aqui. Pode falar com franqueza. Afinal de contas, eu também já fui jovem.

Ou então ele se voltara para Martha e observava em tom casual: — Sabe de uma coisa? Contratei um detetive particular. O trabalho dele é providenciar para que meus empregados levem vida ascética, não bebam, não joguem e principalmente não... — e apertava os lábios como se houvesse falado demais, olhava para a vítima. — Estou brincando, naturalmente — prosseguia, fingindo confusão e aduzia em voz fina e artificial, como se estivesse mudando de assunto: — Que tempo lindo, o desses dias!

Faltava pouco para a partida programada. Martha estava tão feliz, tão calma, que nada podia agora afetá-la mais a fundo: as gracinhas do marido logo terminariam, bem como outras coisas — o charuto dele, sua água de colônia, sua sombra com a sombra do livro, no terraço branco. Só uma coisa — o fato de que o diretor do Hotel Vistamar tivera a impudência de tirar vantagem do influxo das férias e exigira preço colossal pelos quartos — somente isso ainda conseguia perturbá-la. Era uma pena que a remoção de Dreyer se mostrasse tão cara — principalmente agora, quando tinham de economizar todos os tostões porque, como afirmou, ele seria capaz de gastar toda a fortuna naqueles poucos dias que faltavam. Havia algum motivo para tal apreensão, mas, ao mesmo tempo, ela sentia certa satisfação singular com o pensamento de que agora, no exato instante em que devia morrer sob sua vigilância, Dreyer parecia ter esgotado sua brilhante imaginação para os negócios, o dom do empreendimento audacioso, graças ao qual ele preparara uma fortuna para deixar à viúva, que não era ingrata a isso.

Martha não sabia que paradoxalmente, nesse período de declínio e indolência, Dreyer iniciara em silêncio o caso muito caro dos automanequins.

Pergunta: Não eram eles encantadores, extravagantes, originais e luxuosos demais para as necessidades de uma loja burguesa e quadrada em Berlim? Por outro lado ele não duvidava por um só instante que a invenção alcançaria preço espetacular se pudesse aturdir e encantar o possível comprador. O Senhor Ritter, homem de negócios americano que tinha o dom de fazer coisas fantasiosas darem certo para ele, logo chegaria. Vou vender, refletia Dreyer. Não me importo em vender também toda a loja.

Em segredo percebia que era homem de negócios por acidente, e que suas fantasias não estavam à venda. Seu pai quisera ser ator, fora homem de maquilagem em circo itinerante, tentara desenhar cenário teatral, roupas de veludo maravilhosas, e terminara como alfaiate moderadamente vitorioso. Em sua juventude, Kurt quisera ser artista — qualquer tipo de artista — mas em vez disso passara muitos anos tediosos trabalhando na alfaiataria paterna. Sua maior satisfação artística tinha vindo das aventuras comerciais durante a inflação. Mas sabia muitíssimo bem que apreciaria ainda mais outras artes e outras invenções. O que o impedia de ver o mundo? Dispunha dos recursos — mas havia algum véu fatal entre ele e todos os sonhos que lhe acenavam. Era um solteirão com bela esposa feita de mármore, diletante apaixonado e sem coisa alguma para colecionar, explorador sem saber em que montanha morrer, leitor voraz de livros imemoráveis, um fracasso feliz e endinheirado. Em vez de artes e aventuras ele se contentava rasteiramente com uma vida suburbana, férias enfadonhas em praia do Báltico — e até o que o emocionava, como o cheiro de um circo barato, costumava dar para embriagar-lhe o gentil pai murmurante.

Aquela viagemzinha à Baía de Pomerânia ia na verdade ser um incentivo e tanto para todos os interessados entre eles o deus da fortuna (Cazelty ou Sluch, ou como fosse o nome dele), depois de imaginar a si mesmo no papel de novelista ou dramaturgo, como Goldemar dissera em sua obra mais famosa. Martha preparava-se para a beira do mar com zelo sistemático e venturoso. Deitada sobre o peito de Franz, esparramada por cima dele, forte e pesada e um pouco pegajosa por causa do calor ela murmurava em sua boca e ouvido que os tormentos de Franz logo cessariam. Comprara — não na loja do marido — oh, não — diversas coisas festivas, um maiô negro, roupão de praia ziguezagueando de azul e verde, calças de flanela, nova máquina fotográfica e muitas roupas coloridas o que, repreendia-se com um sorriso, era falta de prudência, já que logo estaria de luto. Dreyer valera-se do empório para comprar imensa bola de praia e um novo tipo de asas de natação.

Ela escreveu à irmã Hilda, que sugerira passarem o verão todos juntos, dizendo que nesse ano os planos eram incertos, talvez passassem alguns dias na costa marítima ou talvez não, escreveria se o fizessem e achassem que queriam permanecer mais tempo por lá. Permitiu a Frieda ficar no sótão mas proibiu-lhe receber qualquer visita ali. Disse ao jardineiro que Tom, cheio de histerismo, a mordera, e que não desejava perturbar o marido, mas que o animal fosse posto a dormir assim que partissem para Gravit. O jardineiro pareceu a ponto de recusar, mas Martha enfiou uma nota de cinquenta marcos em sua pata honesta e manchada de lagartas, e o velho soldado deu de ombros, concordando.

Na véspera da partida, ela examinou todos os aposentos da vila, móveis, pratos, quadros, murmurando para si própria e para eles que em pouco tempo regressaria, regressaria livre e feliz. Nesse dia, Franz mostrou-lhe a carta recebida da mãe. A mulher avisava que Emmy estar-se-ia casando em um ano.

— Em um ano — sorriu Martha —, em um ano, meu querido, outro casamento também estará acontecendo. Venha, anime-se, pare de mexer com o umbigo. Tudo vai muito bem.

Encontravam-se pela última vez no quarto esmolambado, que já adquirira aspecto apreensivo e fora do natural, como acontece quando um aposento mobiliado se separa para sempre do ocupante.

Martha já levava para casa os chinelos vermelhos e os escondera em mala, mas não sabia o que fazer com os panos de mesa, as duas almofadas bonitas e os objetos elegantes tão cheios de recordações.

De coração pesado, aconselhou Franz a embrulhar tudo aquilo e mandá-lo para a irmã como presente de casamento. O pequeno aposento apercebia-se de que faziam comentários a seu respeito e assumia expressão cada vez mais forçada. Os licitantes lascivos avaliavam a jovem escrava de seios brancos e bracelete de bronze pela última vez. O padrão no papel de parede — buquês de flores vermelhas e marrons, em sucessão regular de variações repetidas — chegava à porta vindo de três direções, mas não havia mais para onde ir e não podia sair do quarto, assim como os pensamentos humanos, por mais admiravelmente coordenados que fossem, não podem escapar aos confins de seu círculo particular de inferno. Duas malas estavam ao canto, uma nova em folha e feita de imitação marrom de couro, com a chavezinha bonita ainda presa à braçadeira, o presente de uma namorada; a outra, coisa negra e feita de fibras e comprada um ano antes na barraca da feira e perfeitamente usável ainda, só que uma das fechaduras às vezes se abria sem qualquer provocação.

Tudo que fora comprado e trazido para o quarto e ali se acumulara no decurso de dez meses desapareceu naquelas duas malas que deviam partir amanhã — para sempre.

E nessa última noite Franz não saiu para jantar. Fechou a gaveteira vazia, olhou em volta, abriu a janela e sentou-se com os pés no peitoril. Devia, de algum modo, atravessar aquela noite. O melhor era não se mexer, não pensar, ficar sentado e ouvir as distantes buzinas de automóvel, olhar para a tinta azul do céu, olhar para a sacada distante onde uma lâmpada brilhava sob o quebra-luz alaranjado e duas pessoas felizes, inocentes e descuidadas, jogavam xadrez, inclinadas sobre o oásis brilhante da mesa feliz. Aquela terça parte da consciência do homem, o futuro imaginável, deixava de existir para Franz a não ser como gaiola escura cheia de amanhães monstruosos, acorados em monte amorfo. O que parecera a Martha a primeira solução realística e lógica de todos os seus problemas havia desferido o último golpe na lucidez de Franz. Seria como ela dizia. — ou não?

Um estremecimento de pânico roçou-lhe o coração. Talvez ainda não fosse tarde demais... Talvez devesse escrever à mãe ou à irmã e ao noivo desta, para virem e levá-lo dali. No último domingo, o destino quase o salvara, talvez voltasse a salvá-lo, sim — era mandar o telegrama para casa, cair na cama com tifo ou talvez inclinar-se um pouco à frente e deslizar para o abraço sempre pronto da gravidade faminta. Mas o estremecimento passou. Seria como ela dissera.

Descalço, sem paletó, ficou sentado por muito tempo, abraçando os joelhos sem se mexer, sem mudar a posição das coxas, embora um ressalto o machucasse e um mosquito zumbindo se preparasse para atacar-lhe a têmpora. Escurecera agora por completo no quarto, condenado, mas não havia alguém para acender a luz e jamais haveria alguém, se ele caísse do peitoril. Na sacada distante, o jogo de xadrez desde muito terminara. Uma por uma, ou aos pares e mesmo três de cada vez, todas as janelas haviam escurecido. Logo se sentia entorpecido e frio e cambaleou lentamente de volta para o quarto, foi deitar-se. Em alguma hora após a meia-noite, o senhorio passou sem ruído pelo corredor. Verificava se havia uma frincha de luz por baixo da porta de Franz, ouviu com a cabeça inclinada e voltou para o quarto. Sabia muito bem que não havia Franz algum por trás da porta e que ele criara Franz com alguns traços destros de sua fantasia fácil. Mas a piada devia ser levada a alguma conclusão natural. Seria tolice que alguma ficção de sua imaginação usasse eletricidade cara ou tentasse cortar a veia jugular com a navalha. O velho Enricht, ademais, entediava-se com aquela criatura sua. Era hora de livrar-se dela e substituí-la por outra. Uma varredura de seus pensamentos resolveu a questão: que

fosse aquela a última noite do inquilino fictício; que amanhã cedo ele partisse — deixando para trás a costumeira desordem insolente que todos deixavam. Postulou, assim sendo, que amanhã seria o primeiro dia do mês, que o próprio inquilino queria partir — que, na verdade, pagara o que devia. Tudo agora estava em ordem. E assim, tendo inventado a conclusão necessária, o velho Enricht, aliás Pharsin, fez o retrospecto e aduziu ao mesmo, formando um montão que no passado devia ter levado a essa conclusão. Isso porque sabia muitíssimo bem — soubera nos últimos oito anos, pelo menos — que todo o mundo não passava de um truque seu, e que todas essas pessoas — oito inquilinos anteriores, médicos, policiais, lixeiros, Franz, a namorada de Franz, o cavaleiro ruidoso com o cachorro ruidoso e até a sua própria, a esposa de Pharsin, uma velhinha sossegada e com gorro de renda, e ele próprio, ou melhor, seu companheiro íntimo, um companheiro idoso, por assim dizer, e que fora professor de matemática oito anos antes, deviam a existência ao poder de sua imaginação e sugestão e à destreza de suas mãos.

Na verdade, ele próprio podia em qualquer instante transformar-se em ratoeira, num camundongo, sofá velho, umajovem escrava levada pelo licitante que oferecera mais dinheiro. Mágicos assim deviam ser imperadores.

Bateu a hora de levantar. Com um grito, escondendo a cabeça nos braços, Franz saltou da cama e correu para a porta; ali estacou trêmulo, olhando em volta miopemente, já ciente de que nada de especial aconteceria e que eram sete da manhã de um dia nebuloso, terno e a se derreter com seu movimento de pardais e o trem expresso que partiria dentro de hora e meia.

Ele dormira com a camisa diurna e suara muito. A roupa branca e limpa já estava arrumada e, de qualquer modo, não valia a pena dar-se ao trabalho de mudar a roupa. A pia nada tinha, a não ser a relíquia muito fina do que fora um sabonete bege e com odor de violetas. Passou muito tempo retirando com a unha um pêlo que se prendera ao sabonete; o pêlo tomava curva diferente mas recusava-se a sair. Sabão seco juntou-se sob as unhas. Ele começou a lavar o rosto. Aquele pêlo isolado agora se prendera à face, depois ao pescoço, depois fez cócegas em seu lábio. Na véspera, ele pusera na mala a toalha do senhorio. Parou pensando — e se enxugou com um canto do lençol. De nada adiantava barbear-se. A escova de cabelos achava-se na mala mas ele tinha um pente de bolso. O couro cabeludo parecia escamoso e coçava. Abotoou a camisa amarfanhada.

Não importa. Nada importava. Tentando esquecer os contatos repugnantes, colocou o colarinho macio, que de imediato o agarrou pelo pescoço como compressa fria. Uma unha partida prendeu-se na seda da gravata. A segunda calça, a melhor que tinha e que havia ficado, onde a deixara, ao pé da cama, juntara um pouco de felpas.

A escova de roupas estava na mala. O desastre supremo ocorreu quando calçava os sapatos: um cordão se partiu. Teve de sugar a ponta e enfiá-la no buraco, resultando em que dois extremos encurtados eram diabólicamente difíceis de amarrar. Não apenas os animais, também os objetos chamados inanimados receavam e odiavam Franz.

Achava-se finalmente pronto. Colocou o relógio de pulso e pôs o despertador no bolso. Sim, era hora de partir para a estação. Envergou a capa de chuva e colocou o chapéu, respondeu com um estremecimento ao reflexo no espelho, apanhou as malas, batendo na maçaneta como se fosse passageiro desajeitado no trem de alta velocidade, saiu pelo corredor. Os restos de seu eu físico que deixara para trás eram um pouco de água suja no fundo da bacia e um penico cheio, no meio do quarto.

Parou na passagem, aturdido por pensamento desagradável: a boa educação dizia que devia despedir-se do velho Enricht. Pôs as malas no chão e bateu apressadamente na porta do quarto do senhorio.

Não obteve resposta. Empurrou a porta e entrou. A mulher velha cujo rosto nunca vira estava sentada de costas para ele, no lugar de costume.

— Vou embora; vim despedir-me — disse ele, adiantando-se para a poltrona. Não havia velha alguma — apenas uma peruca grisalha, colocada sobre haste e xale de tricô. Ele derrubou toda aquela montagem empoeirada, jogando-a ao chão. O velho Enricht saiu de trás da cortina. Estava inteiramente nu e tinha uma ventarola de papel na mão.

— Tu não existes mais, Franz Budendorf — disse secamente, indicando a porta com o abano.

Franz fez mesura e saiu sem dizer palavra. Na escada, sentiu-se tonto. Baixando a carga em um dos degraus agarrou-se ao corrimão.

Depois se inclinou como se o fizesse pela amurada de um navio e vomitou ruidosa e medonhamente. Chorando, apanhou as malas, voltou a fechar a fechadura relutante. Ao retornar a descida continuou a encontrar diversos sinais de sua desventura. Finalmente a casa se abriu, deixou-o sair e voltou a fechar-se.

O principal, naturalmente, era o mar: azul pardacento com horizonte indistinto, imediatamente acima dele uma série de nuvenzinhas desfilava em fila indiana como se seguisse uma trilha reta, todas iguais, todas de perfil. Em seguida vinha a curva da praia balneária com seu exército de abrigos listrados e parecidos a cabanas, amontoando-se com densidade maior na raiz do cais que se estendia até longe em meio a uma frota de barcos a remo para aluguel. Para quem olhasse do Hotel Vistamar, hotel esse que era o melhor de Grayitz, dava para ver de vez em quando uma das cabanas que se inclinava de repente à frente e se arrastava para localização nova, como um caranguejo vermelho e branco. No lado terrestre da praia tinha-se um passeio de pedras, orlado por acácias brancas em cujos troncos negros, após a chuva, os caramujos surgiam e punham para fora das conchas redondas dois chifrezinhas sensíveis e amarelos que faziam arrepiar-se a carne de Franz, também sensível. Mais para dentro da terra vinham enfileiradas as fachadas de hotéis menores, pensões, lojas de souvenirs. A sacada dos Dreyers correspondia ao nome do hotel. O quarto de Franz defrontava taciturnamente uma rua da cidade, paralela ao passeio público. Além disso, estendiam-se os hotéis de segunda, depois outra viela paralela com as acomodações de terceira classe. Quanto mais distantes do mar, mais baratos se punham, como se o mar fosse um palco e eles os bancos de espectadores.

Seus nomes procuravam de um ou de outro modo sugerir a presença do mar. Alguns deles o faziam com orgulho declarado e simples, outros preferiam metáforas e símbolos. A qui e acolá havia nomes femininos, tais como "A frodite", ao qual nenhuma pensão era realmente capaz de corresponder. Havia uma vila que por ironia ou devido a algum erro topográfico chamava-se Helvetia. Ao aumentar a distância quanto à praia os nomes tornavam-se cada vez mais poéticos e então, de modo abrupto, desistiam e se tornavam Hotel Central, Hotel Correio e o inevitável Continental. Quase ninguém alugava os pobres barquinhos próximos do cais e não era de admirar.

Dreyer, péssimo marujo, não conseguia imaginar como ele ou qualquer outro turista se daria ao incômodo de sair remando naquela extensão desolada de água, quando havia tantas outras coisas a serem feitas na orla marítima. Exemplo? Bem, tomar banho de sol; mas o sol era um pouco cruel para o avermelhado de sua pele. Sentar nos cafés abertos não era desagradável, embora também pudesse ir além da conta. Havia o Café Terraço Azul onde as pastelarias, a seu ver, eram ótimas. Noutro dia, sentados lá tomando chocolate gelado, Martha contara pelo menos três estrangeiros em meio aos freqüentadores. Um deles, a avaliar pelo jornal que lia, era dinamarquês.

Os outros dois eram um casal menos fácil de determinar: a jovem procurava em vão atrair a atenção do gato do café, pequeno animal negro, sentado em cadeira e lambendo a pata de trás erguida rigidamente como um porrete carregado ao ombro. Seu companheiro, camarada tisonado de sol, fumava e sorria. Que língua falavam?

Polonês? Estoniano? Encostada e próxima deles, contra a parede, havia uma espécie de rede: uma bolsa de gaze azul pálida sobre anel preso a um bastão de metal leve.

— Pescadores de camarão — proclamou Martha. — Eu quero camarões para o jantar hoje. (E bateu com os dentes.) — Não — disse Franz. — Isso não é rede de pescador. É apenas para apanhar mosquitos.

— Borboletas — corrigiu Dreyer, erguendo o indicador.

— E quem quer apanhar borboletas? —; observou Martha.

— Oh, deve ser um bom esporte — disse Dreyer. — Na verdade, acho que ter paixão por alguma coisa é a maior felicidade da terra.

— Termine o seu chocolate — disse Martha.

— Sim — disse Dreyer. — Acho fascinantes os segredos que podemos descobrir nas pessoas mais comuns. Isso me faz lembrar: Piffke... sim, sim, o gordo e corado Piffke... coleciona besouros e é um especialista famoso no assunto.

— Vamos embora — disse Martha. — Aqueles estrangeiros arrogantes estão olhando para você.

— Vamos dar uma boa caminhada — sugeriu Dreyer.

— Por que não alugamos um barco? — contrapôs Martha, propondo algo pelo menos uma vez.

— Estou fora disso — disse Dreyer.

— De qualquer modo, vamos a outro lugar — disse Martha.

Ao passar pela cadeira do gato ela a inclinou e disse "chô", e o gato, que por mágica voltava a ter quatro patas, deslizou do assento e desapareceu.

Dreyer saiu andando sozinho, deixando a esposa e sobrinho em outro terraço. Era a segunda ou terceira volta que ele dava pelas vitrinas locais. Souvenirs imemoráveis. Cartões postais ilustrados. O objeto mais freqüente de seu ridículo era a obesidade humana e seu oposto necessário, o Herr e Frau Matchshin de Fomeburgo. Um traseiro monstruoso, em roupa de banho era mordido por caranguejo vermelho (que ressuscitara em meio aos fervidos), mas a dama mordiscada sorria, achando que fosse a mão de um admirador. Uma abóbada vermelha acima da água era a barriga de homem gordo flutuando de costas. Havia um "Beijo ao Poente", emblemizado por um par de impressões imensas e de forma pigálica, deixadas na areia. Maridos magricelas e de pernas finas, em calções, acompanha esposas de bustos avantajados. Dreyer deixou-se comover pelas inúmeras fotografias que remontavam ao século anterior: a mesma praia, o mesmo mar, mas as mulheres em blusas de ombros largos, homens com chapéus de palha. E pensar que aquelas crianças vestidíssimas eram agora homens de negócio, funcionários públicos, soldados mortos, entalhadores e viúvas de entalhadores.

A brisa marítima fez com que as lonas estalassem. Pequenas bolsas de musselina roxa estavam atulhadas de conchas do mar — ou seriam doces? Um barómetro na imagem do lavatório de cavalheiros e de damas, com diferentes sexos saindo de acordo com as diferenças no tempo, atraiu por algum tempo sua atenção espantada. Uma loja de roupas masculinas, loja de segunda, anunciava liquidação. Os marescapistas locais representavam navios sacudidos por tormentas, rochedos salpicados de espuma e o reflexo de uma lua amarela em mar cor de índigo. E sem motivo especial para isso Dreyer, de repente, sentiu-se muito triste.

Seguindo caminho meandroso em meio aos bastiões de areia que cercavam o domínio efêmero de cada banhista, apressando-se rumo a nenhures a fim de demonstrar por uma grande ostentação de pressa o quanto sua mercadoria estava em procura, um fotógrafo itinerante, ignorado pelos banhistas preguiçosos, caminhava por ali com a máquina fotográfica, berrando ao vento: — O artista está chegando! O favorito dos deuses, der gottbegnadtet artista está chegando!

No limiar de uma loja que vendia apenas artigos orientais — sedas, jarros, ídolos (e quem precisava de tudo aquilo à beira do mar?) — achava-se um homenzinho comum e sem bronzeado de sol, que acompanhava com os olhos escuros os passeantes, enquanto esperava em vão que um freguês se aproximasse. Com quem se parecia?

Sim, com o pobre marido enfermo da velha Sarah.

No café onde logo se juntou a nossos dois conspiradores farsistas, serviram a Martha a pastelaria errada e ela se pôs furiosa; por muito tempo chamou o garção sobrecarregado de trabalho, um simples menino, enquanto a pastelaria (esplêndido éclair emanando creme) continuava no prato, sozinho, desdenhado e indesejado.

Menos de uma semana decorrera e diversas vezes aquela terna melancolia se apoderara de Dreyer. Na verdade ele assentira antes ("o coração derretido de um egoísta", Érica o chamara certa feita, aduzindo: "Você pode magoar ou humilhar as pessoas, você não se comove pelo cego, mas com o cão dele"); mas ultimamente a melancolia se tornara menos terna, ou a ternura menos exigente. Talvez fosse o sol o que o abrandara, ou talvez estivesse envelhecendo, talvez perdendo alguma coisa e passando a se parecer, de algum modo obscuro, ao retratista cujos serviços ninguém queria e de cuja propaganda as crianças zombavam.

Quando se foi deitar aquela noite não conseguiu dormir — o que era ocorrência invulgar. Na noite anterior, o sol, sob o pretexto de uma carícia, mutilara-lhe de tal modo as costas que ele ansiava por uma faixa de tempo encoberto. Haviam brincado de pega-tibum, em pé na água até os quadris, Martha, Franz, dois outros rapazes um deles instrutor de dança e o outro estudante de faculdade, filho de um peleiro de Leipzig. O instrutor de dança tirara os óculos azuis de Franz com uma bolada e os óculos haviam quase sumido no fundo da água. Depois disso Franz e Martha haviam nadado para longe..

Dreyer ficara ali, olhando da praia, amaldiçoando sua falta de fluutuabilidade.

Por empréstimo apanhou o telescópio de um menino bondoso e desconhecido, de dez anos de idade, e por algum tempo esteve de olho redondo e invejoso nas duas cabeças escuras que balançavam lado a lado, em seu mundo redondo, azul e seguro. Assim que as costas melhorassem, estava pensando, começaria a tomar lições na piscina do hotel. Puxa, queima mesmo! Era impossível achar uma posição indolor. Chamando o sono ele se manteve deitado, de olhos fechados, e viu o poço circular que eles haviam cavado para tornarem mais cômoda sua cabina de praia; viu a perna peluda e retesada de Franz escavando por perto; e depois a página impossivelmente clara da antologia de versos que ele tentara ler, deitado ao sol. Oh, como queima! Martha prometera que aquilo estaria bom amanhã, de uma vez, nunca voltaria a doer. Sim, está claro que a pele se tornaria mais forte. Com pele ousem ela tenho de ganhar essa aposta amanhã. Aposta tola. As mulheres podem medir as distâncias em centímetros, na subida das saias e na descida das mangas, mas não quilômetros

ou milhas de água ou areia, ou o brilho ereto de uma porta entreaberta. Virou-se para a parede e a fim de adormecer (sem compreender como já estava sonolento, a despeito do brilho ereto agora entre os ombros), começou a repetir mentalmente seu passeio ensolarado a Rockpoint. Ela gostava de apostas e barcos.

A firmara que um barco a remo chegaria mais depressa do que um homem a pé — até mesmo um homem cujas costas ardessem em cada qual das quatro posições. Retomou a posição inicial, de frente para a porta dela, e começou a caminhar novamente rumo ao oeste, mas dessa feita sozinho — ela estava no outro quarto e ainda não apagara a luz. Quem caminhasse para o oeste, com a frincha do sol nos olhos e ao longo da baía, depois de deixar a parte povoada da praia, descobriria que a faixa arenosa entre os cardos à esquerda e o mar à direita se estreitava gradualmente até que a marcha era detida por um sofrimento de rochas amontoadas. Acho que vou voltar... meu bom Deus...

Se, em vez de seguir a orla côncava da baía, a pessoa adotar uma trilha concêntrica e levemente pendente para a terra, como estou fazendo agora, Rockpoint pode ser alcançada, ao que creio, em vinte minutos ou menos, vamos consertar nosso braço esquerdo...

como seria muito mais cômodo dormir sem os braços... e aqui está aquela trilha que leva para o oeste, saindo dos fundos do hotel. Atravessou uma aldeia e continuou por um bosque de bétulas por dois quilômetros. Que tranqüilidade, que maciez... Ele parou para descansar no leito do bosque, mas teve um sobressalto e mais uma vez viu a linha vertical de dor ardente.

Continuou a caminhada na qual apostara. Oh, precisava apressar-se. Ou seu pedômetro estaria medindo errado? Ou teria aquela aspirina finalmente funcionado? Emergiu do bosque para os cardos e logo a trilha, entrando para a direita e com mudança do travesseiro, juntou-se novamente à linha costeira do pontalete chamado Rockpoint. Ali dava para parar e esperar aquele barco absurdamente pequeno, Martha remando feito uma louca, e desfrutar a paisagem. Ele gostava da paisagem. Ouvia a si próprio emitindo um ronco hipopotâmico e recuperou a consciência. Rockpoint era promontório pequeno e abandonado, mas Martha viria para a sua cama, caso ganhasse a aposta. À direita... rolou para o lado direito e parou de ouvir o coração.

Assim estava melhor. A palavra "aspirina" vem de sperare, speculum, spiegel. Agora dava para ver a amplidão da praia paralela à trilha que tinha seguido, seguido, seguido. Aquele brilho por lá, além de minúscula ilha rochosa, três quilômetros a leste ao vô do acrobata, era nossa faixa da praia de Gravitz, com os torrões de açúcar que eram os hotéis. O pequeno barco negro, com Martha em vestido noturno e negro, os brincos reluzindo, tinha de contornar naturalmente aquela pequena ilha negra por fora, mas falando-se geometricamente o caminho pelo mar era mais curto, a corda do arco, o ferrão da baía, embora mesmo um caminhante cansado pudesse...

Quando finalmente o ronco do marido entrou em ritmo permanente Martha levantou-se, fechou a porta e voltou à cômoda incômoda — era macia demais e longe da janela que se achava aberta: mais além erguia-se um ruído incessante, suave e firme, como se o jardim negro fosse banheiro em funcionamento. Aí, não era o mar que se fazia ouvir,, porém a chuva. Não importa, com chuva ou sem ela.

Que ele leve um guarda-chuva.

Apagou a luz, mas de nada adiantava tentar dormir. Embarcou Franz na barca fatal e ele remou até o promontório. O mesmo processo que lhe adormecera o marido manteve-a desperta. O ruído da chuva misturava-se ao zumbido nos ouvidos. Duas horas se passaram — era jornada muito mais comprida do que alguém poderia ter esperado. Ela apanhou o relógio na mesinha de cabeceira e examinou-lhe a informação fosforescente. O sol continuava na Sibéria.

Às sete e meia Franz remexeu-se. Haviam-lhe dito para levantar-se exatamente às sete e meia. E eram exatamente sete horas e meia.

Um padeiro na enciclopédia, que envenenara toda a paróquia, contara ao barbeiro da prisão, que lhe fazia a barba no pescoço, que nunca em sua vida dormira tão bem. Franz dormira nove horas. Sua contribuição ao assassinato era, até agora, o cálculo preciso da distância até Rockpoint por terra e por mar. A vítima precisava chegar lá alguns minutos antes de o barco chegar. Estaria cansadíssimo e reconhecido por ter remado de volta.

Franz abriu a janela dando para o sol e sem qualquer oceano à vista, mas, pelo menos, revelava a pequena sacada um pavimento abaixo, na qual em três tardes consecutivas, na hora da sesta, ele vira uma criada de braços abertos a tomar banho de sol, envolta em toalha. O chão da sacada era úmido e escuro. Podia chegar a tempo para a sesta dela, quando o sol rompesse antes do meio-dia.

"Chegada à noite tudo estará acabado", refletia mecanicamente e não era capaz de imaginar aquela noite ou o dia seguinte, assim como não se pode imaginar a eternidade.

Apertando os dentes ele envervou o pegajoso calção de banho.

Os bolsos do roupão estavam cheios de areia. Fechou sem ruído a porta, ao passar, e partiu pelos longos corredores brancos. Também havia areia nos dedos dos sapatos de lona, produzindo ali uma sensação aguda e cega. Seu tio e tia já estavam sentados na sacada, tomando café. Era dia sem sol, o céu branco, o mar cinzento e a brisa sem graça alguma. A titia Martha serviu o café para Franz. Ela também usava o roupão por cima da roupa de banho. Havia desenhos verdes percorrendo o azul-escuro e fofo. Ela segurava a manga larga com a mão livre, ao entregar a xícara a Franz.

Dreyer, com casaco de esporte e capa de flanela, lia a lista de convidados do balneário, e de vez em quando dizia em voz alta um nome engraçado. Pretendera usar delicada gravata chinesa limão-claro que custara cinquenta marcos, porém Martha dizia que talvez chovesse e a gravata ficaria estragada. Por isso ele pusera outra gravata, velha e cor-de-lavanda. Nessas ninharias Martha geralmente tinha razão. Dreyer tomou duas xícaras de café e saboreou um pãozinho com mel delicioso e transparente escorrendo pelas beiras. Martha tomou três xícaras e não comeu coisa alguma. Franz tomou meia xícara e também nada comeu. O vento varria a sacada.

— O professor Klister de Svister — lia Dreyer. — Desculpem Lister de Swistok. Se você terminou, vamos — disse Martha.

— Blavdak Vinomori — lia Dreyer, cheio de triunfo.

— Vamos — disse Martha, fechando o roupão em volta do corpo e tentando impedir que os dentes batessem. — Antes que recomece a chuva.

— É tão cedo, meu amor — observou o marido, lançando olhar furtivo ao prato de pãezinhos. — Por que ninguém em casa dá essa forma enrodilhada a manteiga?

— Vamos — repetiu Martha, levantando-se. Franz também se levantou. Dreyer consultou o relógio de ouro.

— De qualquer modo eu derroto vocês — disse, cheio de ânimo.

— Vocês dois vão em frente. Eu lhes dou quinze minutos. Posso dar até mais.

— Ótimo — disse Martha.

— Vamos ver quem ganha — disse Dreyer.

— Vamos ver — disse Martha.

— Os seus remos ou minhas pernas — disse Dreyer.

— Deixe-me passar, não consigo sair — exclamou ela com aspereza, empurrando com o cotovelo e ainda lutando com o roupão.

Dreyer afastou a cadeira e ela passou.

— Minhas costas melhoraram muito — informou ele. — Mas Franz está mareado, ou coisa parecida.

Franz, sem fitá-lo, sacudiu a cabeça em negativa. Tendo óculos escuros por cima dos óculos comuns e o roupão vermelho vivo, parecia-se ao que devia ser Blavdak Vinomori.

— Não se afobe, Blavdak — disse Dreyer, e começou a comer o segundo pão.

A porta de vidro fechou-se. Mastigando e sugando os dedos manchados de mel Dreyer examinou com desaprovação o grande mar pálido. Da sacada dava para ver um pouco da praia, com as caixas de abrigos listradas espalhadas sem ordem e ligeiramente inclinadas.

Não sentia inveja dos banhistas. O lugar onde se alugavam os barcos era pouco mais para o oeste, perto do cais, e não podia ser visto da sacada. Um velho vestido como capitão de ópera os alugava.

Como tudo ficava friorento, encharcado e desinteressante, sem o sol! Não importa. Seria caminhada rápida e revigorante. Como nos velhos dias, os dias de antes, Martha concordara em brincar com ele um pouco e não se recusara no último instante por causa do mau tempo, como Dreyer recebera em segredo.

Voltou a consultar o relógio. Ontem e na antevéspera seu escritório o havia chamado exatamente àquela hora. Hoje, mais do que provavelmente, Sarah telefonaria de novo. Ele a chamaria mais tarde.

Não valia a pena esperar.

Limpou os lábios com firmeza, tirou as migalhas do regaço e foi ao banheiro. Aquele chuveiro fora um sofrimento, mas agora se sentia muito bem. Estacou diante do espelho e passou a pequena escova prateada à esquerda e direita no bigode à inglesa. Seu nariz alemão descascava. Não estava muito atraente. Bateram à porta.

O escritório conseguira pegá-lo. Dreyer, batendo no bolso, apressou-se a atender o telefone. A conversa foi rápida. Ele hesitou — devia levar guarda-chuva? — e resolveu que não, saiu pela porta de trás.

Os dois rapazes que ficara conhecendo na véspera estavam sentados de lado em um banco, jogando xadrez. Ambos tinham as pernas cruzadas. O branco estava com a mão escondida entre os joelhos da perna esquerda e a panturrilha da outra perna, e balançava de leve o pé direito. Os braços do preto estavam cruzados no peito.

O olhar de ambos deixou o tabuleiro, cumprimentando Dreyer. Ele parou por momentos e advertiu alegremente ao branco que o cavalo do preto planejava atacar o rei branco, e também a rainha, com xeque duplo. Martha, que gostava de apostas, mas as considerava indecorosas, pedira-lhe para não contar a ninguém sobre o pequeno encontro que haviam marcado em Rockpoint, de modo que ele não fez referência ao assunto e retomou o caminho.

— Velho idiota — murmurou o preto, cuja posição era desesperada.

Dreyer tomou um boulevard, chamêmo-lo assim, depois uma trilha, e depois passou pela aldeia, onde observou que o ônibus para Swistok deixava a agência de correios; consultou o relógio. Ele pegaria o expresso para Berlim. Ao entrar à direita a fim de voltar para a beira do mar lançou um relance ao mesmo e viu o pontinho que era um barco à distância difusa. Julgou distinguir dois roupões de cores vivas, mas não pôde ter certeza e, apertando os passos, entrou no bosque de bétulas.

Franz remava em silêncio, ora baixando sombriamente o rosto, depois em assomo de desespero voltando-o para o céu. Martha sentava-se ao timão. Antes de alugarem o barco ela entrara na água por um minuto, achando que isso a aqueceria. Fora um erro. O

sol, que fizera meia promessa, não a mantivera e a roupa molhada e fria prendia-lhe agora ao peito, quadris e ilhargas. Estava agitada e feliz demais para dar muita atenção a tais ninharias. A bruma deleitosamente propícia encobria a praia que ficava para trás. O barco começou a dar volta à pequena ilha rochosa onde as gaivotas eram as únicas testemunhas. As forquetas dos remos rangiam com vigor.

— Você não quer perguntar alguma coisa, lembra-se de tudo, querido?

Inclinado à frente na remada para trás, Franz assentiu, e voltou a fitar o céu vazio, ao empurrar de si a água resistente.

— ... só quando eu disser, só quando eu disser... lembra-se?

Outro assentimento sombrio.

— Vamos andar depressa... está bem? Você fica na proa...

As forquetas dos remos rangiam, uma gaivota indagadora fez círculos sobre eles, uma onda levantou o barco a fim de inspecioná-lo.

Franz fez mesura, em resposta. Procurava não olhar para a tia louca, mas quer olhasse para o fundo úmido do barco no qual estava outro par de remos, ou visse a gaivota feliz, acompanhando-a com o olhar, ainda assim percebia Martha com todo o ser e viu, mesmo sem olhar, o gorro de borracha da tia, seu rosto medonho e de queixo largo, as canelas raspadas, as roupas grossas de coroação. E sabia com exatidão como seria tudo, como Martha gritaria a palavra combinada, como ambos os remadores por-se-iam em pé a fim de mudarem de lugar... o barco balançando... não seria fácil passarem um pelo outro... cuidado... mais um passo... mais perto... agora!

— ... lembre-se... só um empurrão com força, com todo o corpo — disse Martha, e ele voltou a inclinar-se vagorosamente à frente.

— Você precisa empurrá-lo de verdade, caindo de rosto para a frente, e depois você remarará o mais que puder.

Uma brisa penetrava agora no corpo dela, levando-lhe umidade, mas ainda assim a emoção persistia. Ela fitava atentamente a praia curva, sua orla de floresta e a faixa malva de cardo, procurando o lugar, perto de uma rocha pontuda, onde deviam encostar. Viu-o então, e retesou a corda esquerda do leme.

Franz, ao se lançar para trás com um gemido inaudível, ouviu que Martha ria roucamente, tossia, pigarreava, tossia e voltava a rir.

Uma onda avantajada apoderou-se do barco. Por momentos ele parou de remar. O suor escorria-lhe pelas têmporas, a despeito do frio.

Martha levantou-se e caiu com o movimento da onda, estremecendo, envelhecida além do que seria julgado possível, o rosto cinzento brilhando como borracha.

Ela observava a minúscula figura escura que de repente aparecera na faixa deserta de terra projetada ao mar.

— Mais depressa — disse, tremendo e repuxando o maiô justo e gelado como se fosse um lençol e ela estivesse morrendo. — Oh, por favor! Ele está esperando.

Franz baixou os remos, tirou devagar os dois pares de óculos, limpou devagar as lentes de ambos na beira do roupão.

— Disselhe para apressar-se! — gritou ela. — Você não precisa desses ridículos óculos escuros. Franz, não está ouvindo?

Ele colocou os óculos escuros no bolso do roupão. Levantou o outro par, olhou pelas lentes, fitando as nuvens; depois os recolocou vagorosamente e retomou os remos.

A figura pequena e escura tornou-se mais distinta e adquiriu semblante, como um grão de milho. Martha movia o corpo para trás e para a frente, talvez repetindo os movimentos de Franz, talvez tentando acelerar a marcha do barco.

Agora a jaqueta azul e as calças cinzentas eram perceptíveis.

Ele apresentava-se com os pés afastados entre si e os braços caídos.

— É o momento crítico — disse Martha, falando já em cochicho.

— Ele nunca entrará no barco, se não entrar agora. Faça uma cara mais animada.

Ela retorcia a extremidade das cordas do leme nas mãos, a praia aproximava-se.

Dreyer lá estava a fitá-los, sorrindo. Na palma da mão tinha o relógio de ouro. Chegara oito minutos à frente deles, oito minutos completos. O barco chamava-se "Lindy". Belezinha.

— Bem-vindos — disse, recolocando o relógio no bolso.

— Você deve ter corrido por todo o caminho — disse Martha, arquejando e olhando em volta.

— Nada disso. Vim com calma. Até parei para descansar no caminho.

Ela continuou a fazer o exame. A reia, pedras e mais além encostas e bosques de cardos. Não se via viva alma, nem mesmo um cachorro vinha àquelas paragens.

— Entre no barco — disse, então.

Ondas pequenas faziam balançar muito de leve a embarcação.

Franz remexia inquietamente o segundo par de remos.

Dreyer disse:

— Oh, vou voltar do mesmo modo. Nos bosques está uma maravilha.

Fiz amizade com um esquilo. Nós nos encontraremos no Café Sereia.

— Entre — repetiu ela, com aspereza. — Você pode remar um pouco. Está engordando. Olhe como Franz está cansado. Eu não posso remar sozinha.

— Francamente, meu amor, não tenho vontade nenhuma. Detesto o mar e minhas costas doem de novo.

— Está bem — disse ela. — Foi parte da aposta, e se você não embarcar imediatamente eu paro de jogar, e a aposta fica cancelada.

Martha batia com a palma da mão na corda do leme. Ele revirou os olhos para cima, suspirou, e procurando não molhar os pés começou a caminhar desajeitadamente e com cautela, para embarcar.

— Ilógico e injusto — disse, e deixou-se cair pesadamente no banco do meio.

O segundo par de remos estava nas forquetas. Dreyer tirou a jaqueta, o barco partiu.

Martha via-se agora acometida por uma sensação de paz bem-aventurada. O plano dera certo, o sonho concretizara-se. Uma praia deserta, o mar deserto, o nevoeiro. Só para estar a salvo eles seguiriam por alguma distância ao norte da praia. Uma vacuidade singular, fresca e não desagradável tomava-lhe o peito e cabeça, como se a brisa houvesse soprado e a trespassasse, limpando-a por dentro, removendo todo o lixo. E por meio dessa vibração fresca ela ouviu a voz descuidada dele.

— Você não pára de bater nos meus remos, Franz... não é assim que se rema. Você nunca remou em sua vida, ao que desconfio.

Compreendo, naturalmente, que seus pensamentos estão muito longe...

Outra vez! Você deve prestar um pouco mais de atenção ao que estou tentando fazer. Juntos, juntos! Ela não o esqueceu. Espero que tenha deixado com ela o seu endereço. Um, dois! Tenho a certeza de que haverá uma carta para você, hoje, dizendo que ela engravidou.

Ritmo! Ritmo!

Franz observava-lhe o pescoço rijo e grosso, os feixes amarelos de cabelos que se afinavam sobre a camurça roxa, a camisa branca que agora se retesava nas costas e depois se enfunava. Mas via tudo aquilo como se fosse em sonho.

— Ah, crianças, foi uma beleza, lá nos bosques — dizia a voz.

— As bétulas, a sombra, os convólculos. Não perca o ritmo!

Martha, pelos olhos semicerrados, fitava com interesse aquele semblante que estava vendo pela última vez. A seu lado estava a jaqueta do marido; continha o relógio de ouro, a escova de prata para o bigode e a carteira cheia de dinheiro. Era bom que essas coisas não se perdessem. Uma pequena gratificação. De algum modo ela não compreendia, nesse momento, que a jaqueta e conteúdo teriam também de ser jogados na água. Essa questão bastante complicada só surgiu mais tarde, quando a questão principal já fora resolvida.

Seus pensamentos agora giravam devagar, quase languidamente. A prelibação da felicidade duramente conquistada era apetitosíssima.

— Devo reconhecer que estava errado ao pensar que isto irritaria minhas costas. Você, querida, prometeu que tudo estaria bom hoje, e tenho a certeza que está melhor ainda. Lembre-se de que ganhei a aposta. E posso remar cem vezes mais depressa do que esse biltre atrás de mim. Minha camisa não pára de esfregar nos pontos que coçam, e a sensação é boa. Acho que vou tirar a gravata.

Estavam agora suficientemente distantes da praia. Chuviscava, e bom número de espectadores brancos havia tomado lugar sobre a ilha negra. A gravata juntou-se à jaqueta. As pequenas ondas rompiam-se e faziam espuma em volta do barco.

— Na verdade, é meu último dia — disse Dreyer, remando com energia.

Tal declaração trágica não comoveu Franz; não existia mais coisa alguma no mundo que pudesse chocá-lo. Martha, no entanto, lançou ao marido um olhar curioso. Presentimentos, hem?

— Tenho de partir amanhã cedo para a cidade — explicou Dreyer. — Acabei de receber um telefonema.

A chuva aumentava. Martha relanceou o olhar em volta, depois fitou Franz. Eles podiam começar.

— Escute, Kurt — disse ela, com calma. — Estou com vontade de remar um pouco. Você toma o lugar de Franz, e Franz fica com o leme.

— Não, espere, meu amor — disse Dreyer, tentando fazer como Franz fazia, isto é, horizontalizar os remos acima da água, como gaiotas na braçada para trás. — Estou esquentando, agora. Franz e eu sincronizamos o ritmo. Ele melhora de forma. Desculpe, meu amor... acho que joguei água em você.

— Estou com frio — disse Martha. — Por favor, levante-se e deixe-me remar.

— Cinco minutos mais — disse Dreyer, procurando mais uma vez horizontalizar os remos e falhando de novo.

Martha deu de ombros. A sensação de poder era extasiante.

Ela estava pronta a prolongar tal sensação.

— Oito remadas mais — disse ela, sorrindo. — Os anos de nosso casamento. Vou contar.

— Vamos, não estrague a coisa. Logo deixaremos você remar.

Afinal de contas, vou embora amanhã.

Ele se magoava ao ver que ela não se interessava em saber o motivo pelo qual tinha de ir embora. Devia pensar que era uma viagem rotineira, alguma questão comum aos negócios.

— Uma surpresa divertida — disse ele, em tom casual.

Ela movimentava os lábios com singular atenção.

— Amanhã — disse ele — estarei ganhando cem mil dólares de uma só tacada.

Martha, que chegara ao final da contagem, ergueu a cabeça.

— Vou vender uma patente extraordinária. É o tipo de negócio que fazemos.

Franz, de repente, baixou os remos e começou a enxugar os óculos. Por algum motivo achava que Dreyer falava a seu respeito, e ao limpar o suor e a chuva dos vidros assentiu e pigarreou. Na verdade, chegara a um ponto no qual a fala humana, a menos que contivesse uma ordem, não fazia sentido algum.

— Você não achava que eu era tão esperto, hem? — perguntou Dreyer, que também parara de remar. — De um só golpe... pense só!

— Pode ser uma de suas piadas — disse ela, fechando a cara.

— Palavra de honra — disse Dreyer, em tom de queixa. — Sou o único proprietário de uma invenção milagrosa, e vou vendê-la ao Senhor Ritter, a quem você conhece.

— O que é... algum tipo de prensa para calças?

Ele sacudiu a cabeça.

— Algo que tem a ver com os esportes, com o tênis?

— É um segredo enorme e glorioso — explicou Dreyer — e você é uma boba em não me acreditar.

Ela voltou-se para outro lado, mordendo o lábio inferior, e por muito tempo fitou o horizonte tinto, onde a orla cinzenta de chuva pairava sobre uma faixa estreita e clara do céu.

— Tem certeza de que vale cem mil dólares? Isso é coisa garantida?

Não era, mas Dreyer assentiu, tomando os remos, ouvindo que o remador atrás de si voltara a trabalhar.

— Não pode me dizer um pouco mais? — indagou ela, ainda de olhar voltado para longe. — Tem certeza de que isso não vai se arrastar? De que terá esse dinheiro dentro de alguns dias?

— Ora, sim, espero que sim. E voltarei para cá, e voltaremos a remar. E Franz ensinar-me-á a nadar.

— Não pode ser; você está me enganando! — gritou ela.

Dreyer começou a rir, sem compreender o motivo pelo qual ela resolvera não acreditar em suas palavras.

— Voltarei com um saco enorme cheio de ouro — explicou.

— Como um comerciante medieval que volta de Bagdá montado no burro. Oh, tenho a certeza de que feche amanhã esse negócio.

A chuva parava por momento»e no seguinte voltava a cair, como se estivesse treinando. Dreyer, observando a que distância tinham chegado no mar, começou a fazer o barco voltar, usando para isso o remo direito; mecanicamente, Franz remava com o esquerdo. Martha continuava sentada e imersa em pensamentos, ora consultando a obturação de um dente traseiro com a língua, ora passando-a pelos lábios. E logo Dreyer ofereceu deixá-la remar. Ela sacudiu a cabeça, em silêncio.

A chuva agora caía de verdade e Dreyer sentiu-lhe o frescor reconfortante a passar pela seda da camisa. Formigava com vigor, achava aquilo muito divertido, a cada remada aperfeiçoava o estilo.

A praia surgiu em meio ao nevoeiro; dava para entrever as bandeiras e os abrigos listrados; o comprido cais começava devagar e cuidadosamente a fazer mira no alvo móvel de seu barco.

— Com que, então, você volta sábado, e não depois de sábado? — perguntou Martha.

Franz, enquanto remava, percebia, pela camisa encharcada de Dreyer, faixas cor-de-carne que apareciam ora aqui, ora acolá, uma geografia de róseo medonho, dependendo de qual país aderira à pele.

— Sábado ou domingo — disse Dreyer, com muito ânimo e, quando a rebentação o adotou, apanhou um caranguejo.

A chuva desabava. O roupão de Martha envolvia-a em umidade pesada que fazia doer as costelas. Que lhe importavam a nevralgia, abronquite, a batida cardíaca irregular? Achava-se inteiramente imersa na questão — estaria ou não fazendo o que era certo? Sim, estava.

Sim, o mundo voltaria a brilhar. Eles saíam novamente de barco, agora que ele descobrira esse esporte novo Volta e meia ela olhava além do marido, observando Franz. Esse devia estar perplexo e desapontado, com um pobre coitadinho. Está cansado. A boquinha abre-se. O

meu neném! Não importa, logo voltaremos e você vai descansar, e lhe levarei algum brandy e trancaremos a porta.

O "Lindy" foi devolvido intacto. Baixando as cabeças sob a chuvarada, nossos três veranistas caminhavam pela areia molhada e subiam depois por degraus escorregadios até o passeio público abandonado.

Quando finalmente chegaram ao apartamento Martha teve o dissabor de encontrar a porta aberta. As duas criadas que mais a desagradavam, uma ladra, a outra prostituta, estavam ocupadas, ocupadas demais, arrumando-lhe o quarto, o que ela lhes dissera para fazer sempre às dez horas, e era quase meio-dia. Mas uma estranha apatia pesava em seus ombros. Nada disse e foi esperar no quarto de Dreyer. Ali despiu o roupão pesado e deixou-se afundar em poltrona, sentindo-se cansada demais para tirar a roupa de banho e apanhar a toalha no banheiro. O marido, de qualquer modo, estava no banheiro. Ela o viu pela porta aberta. Nu, cheio de vida vigorosa, certas partes da anatomia saltando, ele se tratava com uma esfrega forte e gritava a cada vez que tocava os ombros manchados de vermelho. Uma das criadas bateu para dizer que o quarto de Madama estava pronto e Martha teve de fazer grande esforço para empreender a longa viagem até o quarto ao lado.

Lavou-se e vestiu-se — com intervalos infinitos de languidez.

Uma suéter vermelha e grossa, de pescoço fechado, e que Franz lhe emprestara na noite anterior — ou seriam duas noites? — parecia um pouco masculina, mas foi a coisa mais quente que pôde encontrar.

Difícilmente abafava, no entanto, os acessos de estremecimento e frio que não paravam de atormentar-lhe o corpo, enquanto o espírito desfrutava tamanha paz, tamanha euforia... Ela, naturalmente, fizera a coisa certa. Ademais, o ensaio correrá à perfeição. Tudo se achava sob controle.

— Tudo está sob controle — disse Dreyer, falando pela porta.

— Espero que você esteja com fome igual à minha. Almoçaremos em dez minutos. Estarei à sua espera na sala de leitura.

Tudo que Martha antevia era uma xícara de café forte e um pouco de brandy. Após a saída do marido ela atravessou o corredor e bateu à porta de Franz. Estava sem trinco, o quarto vazio. O roupão dele lançado ao chão e havia outros detalhes desasseados, mas ela não teve força alguma para cuidar do assunto. Encontrou-o a um canto na sala de estar. A atendente do bar, loura artificial e magricela, importunava-o com conversa vulgar.

Entrementes a chuva não parava. A agulha que marcava sobre um rolo o gráfico roxo da pressão atmosférica adquiria significado sagrado. As pessoas no passeio público aproximavam-se dali como se estivessem consultando bola de cristal. Seu competidor na galeria, um barômetro conservador, também se recusava a que o propiciassem, quer por orações ou por batidas da mão. Alguém esquecera pequeno balde vermelho na praia e o mesmo já estava cheio de água de chuva.

Os fotógrafos entediavam-se, os donos de restaurante rejubilavam-se.

Dava para encontrar todos os mesmos rostos agora em um só café, depois em outro. Ao anoitecer a chuva diminuiu e depois parou.

Dreyer prendia a respiração enquanto jogava bilhar. Espalhou-se a notícia de que a agulha subira um milímetro.

— Tempo magnífico amanhã — disse um profeta, esfregando-expressivamente a palma da mão com o punho cerrado. De encarnado, marinheiro deliciado. A despeito do ar frio muitos jantavam nas varandas públicas. Chegou o correio noturno: era acontecimento destacado.

No passeio público, o arrastar pós jantar de muitos pés começou sob as luzes, nubladas pela umidade. Dançava-se no kursaal.

Durante a tarde, Martha estivera deitada sob um edredão e dois cobertores, mas a friagem continuava. No jantar, conseguiu comer apenas um picle e duas cerejas cozidas e pálidas. Agora, no Tanz Salon, sentia-se uma estrangeira em volta ao ruído gelado ali reinante.

As pétalas negras de seu vestido vaporoso não pareciam estar certas, como se fossem cair a qualquer instante. O toque apertado da seda em suas pernas e as faixas de liga nas coxas nuas eram contatos infernais. A chuva colorida de confete deixou flocos presos às suas costas nuas e, ao mesmo tempo, as pernas e braços e a espinha não lhe pertenciam. Uma dor, de outra tonalidade musical que não a de nevralgia intercostal, ou aquela dor estranha que um grande cardiólogo lhe dissera que vinha de uma "sombra além do coração", entrava em acordes torturantes com a orquestra. O ritmo da dança não a embalou ou deleitou como de costume, mas, em vez, buscava uma linha quebrada, o gráfico de sua pele, sobre a superfície da pele.

A cada movimento da cabeça uma dor compacta rolava como bola de boliche, de uma têmpora à outra. Em uma das melhores mesas em volta do salão ela teve por vizinho à direita o instrutor de dança, rapaz famoso que borboleteava por todo o verão, de um balneário a outro, como se tivesse asas aveludadas; à esquerda, achava-se Schwarz, o estudante de olhos escuros, filho de um milionário de Leipzig.

O chinelo sobre a mesa parecia ter sido afastado por pontapé seu.

Ouviu que Martha Dreyer fazia perguntas, dava respostas, emitia conceitos sobre os horrores daquele salão trovejante. As estrelinhas crepitantes da champanha mordiscavam uma língua desconhecida, sem lhe aquecer o sangue ou matar-lhe a sede. Com mão invisível, ela tomou o pulso de Martha. Não o encontrou ali, todavia, mas em algum lugar atrás da orelha ou no pescoço, ou nos instrumentos sorridentes da banda de música, ou em Franz e Dreyer, sentados à frente. Ao redor, crescendo nas mãos dos bailarinos, balões azuis, vermelhos e verdes, brilhantes, saltavam sobre cordões compridos e cada qual continha todo o salão de baile, e os candelabros, a mesa, ela própria. O abraço apertado do foxtrot não engendrava calor em seu corpo. Notou que Martha também dançava, suspendendo lá em cima um mundo verde. Seu companheiro, em ereção completa em sua perna, declarava-lhe amor em frases ofegantes tiradas de algum livro lascivo. Novamente as estrelas da champanha subiam rastejando e os balões retomavam os pulsos, e mais uma vez a maior parte da perna de Martha achava-se na virilha de Weiss, e ele gemia enquanto encostava a face na dela, seus dedos exploravam-se as costas despidas.

Ela voltara a sentar-se só à mesa. Pontos vermelhos, azuis e verdes nadavam, nos óculos de Franz. Dreyer gargalhava vulgarmente, dando tapas na mesa e refestelando-se na cadeira. Ela estendeu o pé por baixo da mesa e apertou. Franz teve um sobressalto, levantou-se, fez mesura. Ela colocou a mão em seu querido ombro ossudo. Como tinham sido felizes ao ritmo da novela anterior naqueles primeiros capítulos, sob o quadro da moça escrava e dançando, entre os dervixes em rodopio. Por um momento a música veio perfurar sua bruma particular, alcançou-a e a envolveu. Tudo voltara a estar ótimo, pois este era ele, Franz, suas mãos tímidas, seu hálito, a maciez em sua nuca e sob as unhas dela, e aqueles movimentos preciosos e adoráveis que ela lhe ensinara.

— Mais perto, mais perto — murmurava Martha. — Faça-me aquecer.

— Estou cansado — murmurou ele, em resposta. — Estou caindo de cansaço. Por favor, não faça o que está fazendo, por favor.

A música aumentou nas trombetas e depois caiu. Franz acompanhou-a de volta à mesa. As pessoas em torno de Martha batiam palmas. O instrutor de dança passou por ela, acompanhada por uma jovem em amarelo vivo. O Senhor Vinomori, marrom como castanha, as íris transbordando significativamente no branco dos olhos, fazia-lhe mesura, convidativo. Ela viu Martha Dreyer aninhar-se com ele, e começar a dançar o tango.

Tio e sobrinho ficaram sentados, a sós. Dreyer matava o tempo com o dedo, observava os dançarinos, esperava o regresso recorrente dos brincos verdes da esposa e, com uma espécie de espanto, ouvia a voz forte da cantora. Atarracada e sem graça ela berrava, forçando a garganta e sacudindo-se ao ritmo da música: —

Montevidéu, Montevidéu, não é lugar certo para meinen Leo.

Era acotovelada pelos bailarinos e repetia sem parar o refrão ensurdecedor; um homem gordo de smoking, dono dela, sibilava-lhe, dizendo-lhe para escolher outra canção porque ninguém estava gostando; Dreyer ouvira esse Montevidéu tanto ontem quanto na antevéspera e estava novamente tomado por melancolia bizarra, sentia-se embaraçado pela pobre jovem importuna, quando a voz faltou e ela recuperou a melodia com um sorriso corajoso. Franz sentava-se a seu lado, ombro a ombro, e parecia estar também olhando os dançarinos.

Achava-se um pouco embriagado e os músculos lhe doíam por causa do remo matinal. Sentia vontade de deixar a festa e cair sobre a mesa e assim ficar pará sempre, entre o cinzeiro cheio e a garrafa vazia. Um réptil, dragão flexível, atormentava-o de modo cuidadoso e medonho, virando-o ao avesso — e não havia fim para tal tormento. Um ser humano, e afinal de contas ele não passava de um ser humano, não devia ter de agüentar tamanha opressão.

Foi nesse momento que Franz recuperou a consciência como um paciente insuficientemente drogado na mesa de operações.

Ao voltar a si sabia que estava sendo retalhado e teria berrado de modo horroroso se não estivesse em um salão de baile inventado. Olhou em volta, brincando com o cordão de um balão amarrado em garrafa.

E viu no reflexo do espelho rococó a nuca humilde da cabeça de Dreyer balançando-se ao ritmo da música.

Franz desviou o olhar; ele o emaranhou em meio às pernas dos dançarinos, prendeu-se desesperadamente a um vestido azul Luzidio.

A jovem estrangeira no vestido azul dançava com homem notavelmente belo, que envergava smoking antiquado. Desde muito, Franz observava aquele casal; haviam-lhe aparecido em relances efêmeros, como imagem em sonho que volta ou em sutil leitmotiv — ora na praia, ora num café, ora no passeio público. As vezes, o homem trazia uma rede de caçar borboletas. A jovem tinha a boca delicadamente pintada e ternos olhos azuis-cinzentos, e seu noivo ou marido, esguio, elegantemente calvo e desdenhoso de tudo na terra, menos ela, olhava-a com orgulho; e Franz sentiu inveja desse casal incomum, tanta inveja que sua opressão, é triste dizê-lo, tornou-se ainda mais amarga e a música parou. Passaram por ele, estavam falando alto.

Falavam língua inteiramente incompreensível.

— Sua tia dança como uma deusa — disse o estudante, sentado ao lado.

— Estou muito cansado — disse Franz, sem qualquer pertinência com o assunto. — Remei muito, hoje Remar é esporte muito salutar.

Dreyer, entrementes, dizia com piscadela do olho, procurando cativar a esposa:

— Também posso convidá-la para dançar? Se prometer não pisar em seus pés?

— Tire-me daqui — disse Martha. — Não estou passando bem.

Quase desperto e ainda piscando, o pijama amarelo desabotoado sobre o estômago rosado, Dreyer foi para a sacada. A folhagem úmida cintilava e quase o cegava. O mar em azulado leitoso fulgurava de prata. Na sacada ao lado o maiô da esposa secava. Voltou ao quarto um tanto escuro, na pressa por vestir-se e partir rumo a Berlim.

Às oito horas havia um ônibus que gastava quarenta minutos para alcançar Swistok e sua estação ferroviária; um táxi o levaria lá em menos de meia hora, a fim de tomar um trem anterior. Procurou não cantar ao chuveiro, de modo a não perturbar os vizinhos.

Barbeou-se descansadamente na sacada diante de um tipo novo, absolutamente firme e inquebrável de espelho, aparafusado na balaustrada.

Mergulhando para a penumbra, vestiu-se com rapidez.

Muito cuidadosamente abriu a porta para o dormitório ao lado.

Da cama veio a voz rápida de Martha.

— Nós vamos a uma tómbola em uma gôndola. Por favor, apresse-se.

Ela muitas vezes falava enquanto dormia, tagarelando sobre Franz, Frieda, ginástica oriental.

Ao apalpar as ilhargas para ver se distribuía tudo nos bolsos certos Dreyer riu e disse:

— Adeus, meu amor. Estou de partida para a cidade.

Ela murmurou algo em voz que enfraquecia e depois disse com clareza:

— Dê-me um pouco de água.

— Estou com pressa — disse ele. — Você mesma apanha. Okay?

É hora de você ir nadar com o Franz. O dia está celestial.

Ele inclinou-se sobre a cama escura, beijou-lhe os cabelos e passando pelo próprio quarto tomou o corredor comprido que dava para o elevador.

Tomou café no terraço de Kurhaus. Comeu dois pães com manteiga e mel. Consultou o relógio e comeu o terceiro. Na praia, dava para ver os roupões coloridos de gente que nadava cedo e o mar tornava-se cada vez mais luminoso. Acendeu o cigarro e embarcou no táxi que o porteiro chamara.

O mar ficou para trás. Já alguns outros banhistas pontilhavam o azul-verde reluzente. De todas as sacadas vinha o tilintar delicado das refeições matinais. Pondo automaticamente uma bola odiosa sob o braço Franz percorreu o corredor e bateu à porta de Martha.

Silêncio. A porta estava trancada. Ele bateu à porta de Dreyer, entrou e encontrou desarrumado o quarto do tio. Concluiu corretamente que Dreyer já partira para Berlim. Havia um dia terrível à frente.

A porta para o quarto de Martha achava-se entreaberta, lá dentro estava escuro. Que dormisse. Aquilo era bom. Começou a se afastar na ponta dos pés, mas, da escuridão, veio a voz de Martha: — Por que você não me dá a água? — dizia ela, com insistência inquieta.

Franz encontrou uma garrafa e copo e adiantou-se para a cama.

Martha ergueu-se devagar, libertou o braço e bebeu com avidez.

Ele recolocou a garrafa na penteadeira e estava prestes a prosseguir em sua retirada furtiva.

— Franz, venha cá — disse ela, naquela mesma voz sem entonação.

Ele sentou-se na beira da cama, contando sombriamente que Martha lhe ordenasse cumprir um dever ao qual ele conseguira evadir-se desde que haviam chegado.

— Acho que estou muito doente — disse ela, pensativa, sem levantar a cabeça do travesseiro.

— Vou tocar para trazerem seu café — disse Franz. — Hoje faz sol e aqui está muito escuro.

Ela recomeçou a falar.

— Ele gastou toda a aspirina. Vá à farmácia e traga alguma para mim. E diga a eles para tirar daqui esse remo... está-me machucando.

— Remo? Isso é sua garrafa de água quente. O que há com você?

— Por favor, Franz. Não posso falar..Eu sinto frio. Preciso de muitos cobertores.

Ele trouxe um cobertor do quarto de Dreyer e, desajeitado, com cuidado, irado pelo capricho da mulher,

cobriu-a com o mesmo.

— Não sei onde é a farmácia — disse.

Martha perguntou:

— Você trouxe? O que foi que trouxe?

Ele deu de ombros e se retirou.

Foi fácil encontrar a farmácia. Além dos tabletes de aspirina comprou creme de barbear e um cartão postal com vista da baía.

O embrulho chegara bem, mas Emmy, na última carta, indagava se ele estava bom da cabeça e Franz achara melhor enviar-lhe algumas palavras de protesto e garantia. Ao caminhar de volta para o hotel, tomando o passeio público ensolarado, parou para olhar a praia.

Separara o recipiente de aspirina do creme de barbear, que pôs então no bolso. Uma brisa repentina apoderou-se do saco de papel onde ambos haviam estado. Nesse momento, o intrigante casal estrangeiro o ultrapassou. Estavam ambos com roupão de praia e caminhavam com rapidez, conversavam com rapidez em sua língua misteriosa.

Franz achou que lhe lançaram um olhar e silenciaram por momentos.

Depois de passarem por ele recomeçaram a conversar. Franz teve a impressão de que falavam a seu respeito e até lhe proferiam o nome. Isso o embaraçava e lisonjeava, o fato de que aquele maldito estrangeiro feliz e seguindo às pressas para a praia em companhia de sua linda, tisonada e loura companheira nada soubesse, em absoluto, a respeito da situação difícil em que se achava e talvez sentisse pena, de entremeio com algum escárnio, de um rapaz honesto e que fora seduzido e apropriado por mulher mais velha que, a despeito de seus belos vestidos e loções faciais, se parecia a enorme sapo branco.

E de um modo geral os turistas naqueles balneários de luxo são sempre pessoas inquisidoras, zombeteiras e cruéis. Sentiu vergonha de sua nudez peluda, mal oculta pelo roupão. A maldiçoou a brisa e o mar e, agarrando o recipiente com os tabletes, entrou no saguão do hotel. O papel fino que ele perdera arrastava-se ao comprido do passeio público e depois se acomodou, voltou a esvoaçar e deslizou, passando pelo casal feliz; depois foi soprado na direção de um banco no vão da balaustrada, onde um velho sentado ao sol e imerso em pensamentos o perfurou com a ponta da bengala. O que lhe aconteceu em seguida não é sabido. Os que se apressavam para ir à praia não seguiram seu destino. Degraus de madeira levavam à areia. Estavam aflitos por chegarem às ondas lentas e luminosas do mar. A areia branca cantava sob os pés. Em meio a uma centena de abrigos semelhantemente listrados era fácil reconhecer o da pessoa — e não apenas pelo número que ostentava: aqueles objetos alugáveis acostumavam-se a seu dono casual com rapidez notável, tornavam-se parte de sua vida com simplicidade e confiança. A três ou quatro abrigos para lá ficava o nicho dos Dreyers; agora se achava vazio — nem Dreyer, nem a esposa, nem o sobrinho estavam lá. Um contraforte imenso de areia o cercava. Um menino de calção vermelho trepava naquele contraforte e a areia escorria, cintilando, logo todo um torrão destruía. A Senhora Dreyer não gostaria de ver crianças desconhecidas arruinando-lhe a fortaleza. Dentro de seus confins e em volta deles os elementos pacientes já tinham tido tempo de imprimir as pegadas de pés descalços. Ninguém podia agora distinguir a pegada robusta de Dreyer em confronto com a sola estreita de Franz. Um pouco depois Schwarz e Weiss surgiram, viram com surpresa que ainda não aparecera alguém por ali.

— Mulher fascinante, adorável — disse um deles, e o outro espiou pela praia, o passeio público, os hotéis, além, respondeu: — Oh, tenho certeza de que vão descer dentro de minutos. Vamos nadar e voltamos depois.

O abrigo e seu fosso continuavam desertos. O menino correrá para a irmã que trouxera um balde azul cheio de água de brinquedo e após manipulações e manobras mágicas extraía do balde um cone impecavelmente formado de areia cor-de-chocolate. Uma borboleta branca passou por ali, batalhando contra a brisa. As bandeiras drapejavam.

O grito do fotógrafo aproximou-se. Os banhistas que entravam na água rasa moviam as pernas como esquiadores sem os paus de apoio.

E, entretentes, um amontoado dessas imagens litorâneas — brilhos na onda e verde e dobrada — viajavam rumo ao sul, a cinquenta milhas horárias confortavelmente reunidas no espírito de Dreyer, e quanto mais viajava distanciando-se do mar, no expresso para Berlim, tanto mais insistentemente exigiam sua atenção. O sabor antecipado dos negócios que o aguardavam na cidade tornava-se um tanto insípido, diante do pensamento de que naquele exato instante estava sendo transformado de novo em homem de negócios, com planos e fantasias de homem de negócios, e que lá, no mar, na areia branca da realidade verdadeira, estava deixando para trás a liberdade. E quanto mais se aproximava da metrópole mais sedutora lhe parecia aquela plage de luz tremelicante, que

dava para ver como miragem vinda de Rockpoint.

Em casa, o jardineiro falou-lhe da morte de Tom: o cachorro, ao que achava, fora atropelado por caminhão, tinha sido descoberto desacordado e morrera, ao que afirmou, em seus braços. Dreyer deu-lhe cinquenta marcos pelos sentimentos que demonstrava, refletindo com tristeza que ninguém, além daquele velho soldado bastante abrutalhado, realmente amara o pobre animal. No escritório, tomou conhecimento de que o Senhor Ritter iria a seu encontro não no saguão do Adlerhof, mas no bar do Royal. Antes de ir para lá tocou o telefone para Isolda, na casa da mãe desta em Spandau e suplicou abjetamente um encontro rápido ao anoitecer, mas Isolda disse que estava ocupada e sugeriu que telefonasse no dia seguinte, ou no outro, e a levasse à première do filme *Rei, Valete, Dama*, e depois disso cuidariam do assunto.

Seu convidado americano, pessoa agradável e culta, cabelos no cinzento do aço e queixo triplo, indagou sobre Martha, a quem conhecera dois anos antes, e Dreyer teve o desapontamento de descobrir que todo o inglês aprendido desde o dia daquela festa agradável não bastava para enfrentar a pronúncia anasalada do Senhor Ritter — com que o último passou cortesmente para um tipo antiquado de alemão. Outro desapontamento aguardava Dreyer no "laboratório".

Em vez dos três automanequins que lhe havia prometido, somente dois estavam prontos para o espetáculo — o cavalheiro idoso inicial, usando cópia da jaqueta esportiva azul de Dreyer, e uma dama de aspecto rijo e peruca de bronze, em vestido verde, com malares acentuados e queixo masculino.

— Você podia ter posto um pouco mais de busto — observou Dreyer, recriminadoramente.

— Tipo escandinavo — disse o Inventor.

— Tipo escandinavo — disse Dreyer. — Parece mais um travesti.

— Um amálgama, se assim o deseja. Encontramos alguma dificuldade, uma costela deixou de funcionar como devia. Afinal de contas, preciso de mais tempo do que Deus precisou, Senhor diretor.

Mas tenho a certeza de que vai adorar o modo como os quadris dela se movem.

— Outra coisa — disse Dreyer. — Não estou gostando da gravata do velhote. Você deve tê-la arranjado na Croácia ou no Liechtenstein.

De qualquer modo, não é gravata que veio de minha loja. Na verdade, lembro-me da gravata com que ele estava da última vez; era uma bela gravata azul-claro, como a sua.

Moritz e Max reprimiram o riso.

— Confesso — disse o Inventor, falando calmamente — que a apanhei emprestada para esta ocasião importante.

Começou, então, a maltratar o botão de colarinho da gola alta e sob a barba farfalhante, mas antes que o mesmo pudesse pular, Dreyer já arrancara a própria gravata cinzenta-aperolada e permaneceu com a gola aberta da camisa pelo resto de sua existência conhecida.

O Senhor Ritter dormitava em poltrona no "teatro". Dreyer tossiu alto e o convidado despertou, esfregando os olhos como criança.

O espetáculo começou.

Rodopiando os quadris a mulher passou pelo palco mais como prostituta do que como sonâmbula. Foi acompanhada pelo viveur embriagado. E logo ela voltava a aparecer em casaco de arminho, perdeu o equilíbrio, recuperou-o, completou a apresentação agonizante e o som de um baque pesado veio dos bastidores. Seu possível cliente não se apresentou. Seguiu-se pausa comprida.

— Aquele refeição a que me convidou foi uma refeição e tanto — disse o Senhor Ritter. — Terei minha desforra quando madama e o senhor me visitarem em Miami, na próxima primavera. Tenho um cozinheiro espanhol que trabalhou por anos seguidos em restaurante francês de Londres, de modo que a cozinha dele é realmente cosmopolitana.

Dessa feita, a mulher passou por eles sobre patins lentos, um vestido noturno e negro e as pernas rígidas, o perfil como o de um crânio, os decotes revelando tricô manchado pelas mãos afobadas de seu criador. Os dois cúmplices do mesmo deixaram de apanhá-La atrás dos bastidores, onde sua breve carreira terminou em estardalhaço agourento. Seguiu-se outra pausa. Dreyer procurava descobrir que aberração mental o levara a aceitar, e ainda mais admirar, aqueles manequins embriagados. Contava que o encerramento do espetáculo já lhes fora proporcionado, porém o Senhor Ritter e ele ainda não tinham visto o melhor número.

De luvas brancas e roupa noturna, uma das mãos levadas à cartola, entrou o velho camarada, parecendo revigorado e alegre. Estacou diante dos espectadores e começou a tirar a cartola em cumprimento complicado, complicado em demasia. Alguma coisa estava sendo internamente triturada.

— Pare! — berrou o Inventor, com grande presença de espírito, e partiu imediatamente rumo ao maníaco

mecânico. — Tarde demais!

— A cartola foi tirada com floreio do braço, mas o braço saiu também.

Por misericórdia alguém fez baixar uma cortina negra de fotógrafo.

— How have you liked? — perguntou Dreyer, em inglês.

— Fascinante — disse o Senhor Ritter, e começou a se preparar para sair. — Dentro de dois dias ter notícias minhas. Tenho de resolver, como percebe, qual dos dois projetos devo financiar.

— O outro é parecido?

— Oh, não. Oh, santo Deus, não. O outro tem a ver com a água corrente em hotel de luxo. Água que emite melodias reconhecíveis.

A música da água, em sentido literal. Uma orquestra de torneiras.

Lave as mãos com uma barcarola, tome banho com Lohengrin, enxague a prataria com Debussy.

— Ou afogue-se em um Bach — completou Dreyer, em trocadilho.

Passou o resto da noite em casa, tentando ler uma peça inglesa chamada Candida, e volta e meia submergia em pensamentos ociosos.

Os automanequins haviam dado tudo que podiam dar. Ai, haviam sido levados longe demais. Barba-Azu esbanjara sua força hipnótica e agora os manequins haviam perdido todo o significado, toda a vida e encanto. Dreyer era reconhecido a eles, de um modo vago, pela tarefa mágica que haviam desempenhado, a agitação, as expectativas.

Mas agora somente serviam para causar-lhe desagrado.

Embrenhou-se por mais uma cena da peça, folheando conscienciosamente o dicionário a cada vez que tropeçava. Telefonaria para Isolda amanhã. Contrataria uma bela moça inglesa para ensinar-lhe a língua de Shaw e Galsworthy. Limitar-se-ia a vender a invenção ao Barba-Azul. Ah, que idéia brilhante! Pela soma simbólica de dez dólares.

Como estava silenciosa a casa! Não havia Tom, não havia Martha.

Ela não sabia perder, a coitada. E de imediato Dreyer compreendeu o elemento extra e sutil que se aduzira ao silêncio sem vida: todos os relógios haviam parado na casa.

Um pouco após as onze horas ele se levantou da poltrona confortável e estava a ponto de subir para o dormitório quando o telefone veio pôr a mão fria em seu ombro.

Estava agora voando em limousine alugada e dirigida por chauffeur espadaúdo, varando uma extensão noturna e infinita de bosques e campos, cidades ao norte, os nomes embaralhados pela escuridão impaciente — Nauesack, Wusterbeck, Pritzburg, Nebukow. Suas luzes fracas apalpavam-no de leve à passagem, o carrac sacudia e oscilava, haviam-lhe prometido que fariam a viagem em cinco horas, mas não fizeram, e uma manhã cinzenta já estava cheia de bicicletas seguindo em meio a caminhões vagarosos quando alcançou Swistok, que distava vinte milhas de Gravitz.

O recepcionista, rapaz de cabelos escuros, faces encovadas e óculos grandes, informou que um dos hóspedes era o Professor Lister, de fama internacional; visitara Madama na noite passada e estava agora com ela.

Quando Dreyer seguia rumo a seu apartamento, o médico, homem idoso, calvo e alto, em camisola de aspecto monástico e maleta castanha sob o braço, saía do quarto de Martha.

— É inédito — resmungou para Dreyer, sem se dar ao trabalho de apertar-lhe a mão. — Uma mulher tem pneumonia com temperatura de 106 e ninguém se importa. O marido a deixa nesse estado e sai em viagem. O sobrinho é um quidam. Se uma criada não me houvesse avisado ontem à noite, o senhor ainda estaria farreando em Berlim.

— A situação, então, é séria — observou Dreyer.

— Séria? A contagem respiratória é de cinqüenta. O coração comporta-se de modo fantástico. Não é órgão normal para uma mulher de vinte e nove anos.

— Trinta e quatro — corrigiu Dreyer. — Há um equívoco no passaporte dela.

— Ou trinta e quatro anos. De qualquer modo, deve ser imediatamente transportada para a clínica de Swistok, onde posso tratá-la adequadamente.

— Sim, é para já — disse Dreyer.

O velho assentiu, contrariado, afastou-se dali. Uma das criadas de quem Martha não gostava, aquela que roubara pelo menos três lenços em igual número de dias, vestia-se agora como enfermeira (ela trabalhara na clínica durante o inverno).

Marrom simples ou enxadrezado? Franz, no terraço de um café, estava em meio a bocejo nervoso quando c

médico passou por ali como uma trouxa, partindo para uma nadada rápida antes de dirigir-se a Swistok. Marrom simples. Lister, ranzinza, não conseguiu deixar de comover-se pelo abatimento do rapaz, e lhe gritou do passeio público:

— Seu tio chegou.

Franz foi ter ao quarto de Dreyer e se pôs a ouvir os gemidos e murmúrios no quarto ao lado. O destino permitiria a ela divulgar os segredos dos dois? Bateu muito de leve à porta. Dreyer saiu do quarto da enferma e também ficou comovido pelo aspecto perturbado de Franz. Logo, da sacada, viram a ambulância aproximar-se.

Sobre as ondas, pequenas ondas pontudas que se erguiam e caíam em ritmo com sua respiração, Martha flutuava em barco branco, e nos remos estavam Dreyer e Franz. Este sorria para ela, acima da cabeça inclinada de Dreyer, e Martha via seu guarda-sol alegre refletir-se no brilho feliz dos óculos de Franz. Este usava uma das camisolas compridas que pertencera ao pai e continuava a sorrir para ela, na expectativa, enquanto o barco mergulhava e rangia como se estivesse navegando sobre molas. E Martha disse: — É a hora. Podemos começar.

Dreyer levantou-se, Franz também, e ambos cambalearam, rindo gostosamente e atracados em abraço involuntário. A camisa comprida de Franz drapejava ao vento e ele agora estava em pé e sozinho, rindo e balançando ainda, e da água uma mão se estendia.

— Tome o remo, bata nele — gritou Martha, engasgando de risadas. Franz, em pé com firmeza no vidro azul da água, ergueu o remo e a mão desapareceu. Estavam agora sozinhos no barco, que não era mais barco, porém um café com grande mesa de mármore, e Franz achava-se sentado à frente, sua roupa singular deixara de importar. Tomavam cerveja (Martha sentia muita sede). Franz bebia no copo trêmulo de Martha enquanto Dreyer não parava de bater na mesa com a carteira, a fim de chamar o garção.

— Agora — ordenou ela e Franz disse algo no ouvido de Dreyer, que se levantou rindo, e ambos se retiraram. Enquanto Martha esperava sua cadeira erguia-se e caía, era um café flutuante. Franz voltou sozinho, trazendo o casaco azul do-finado marido dobrado no braço; assentiu para ela significativamente e o jogou sobre a cadeira vazia.

Martha queria beijar Franz, mas a mesa os separava e sua beira de mármore enfiava-se-lhe pelo peito. Trouxeram café — três panelas, três xícaras — e ela precisou de algum tempo para compreender que havia uma de mais. O café estava quente em demasia de modo que Martha resolveu que como havia começado a chuvejar era melhor esperar que a chuva diluísse o café, mas a chuva também estava quente e Franz insistia, queria que ela fosse para casa, apontava a vila deles, do outro lado da rua.

— Vamos começar — disse Martha. Todos os três se levantaram e Dreyer, pálido e suado, começou a vestir a jaqueta azul. Isso a perturbou. Era desonesto, era ilegal. Ela fez gestos, tomada por indignação muda. Franz compreendeu, e falando com ele com firmeza começou a tirar dali Dreyer, que cambaleava enquanto procurava a manga da jaqueta. Franz voltou sozinho, mas assim que se havia sentado Dreyer apareceu de outra direção, voltando de modo furtivo, e seu rosto estava agora inteiramente cadavérico e inadmissível. Com olhar de esguelha para ela, sacudiu a cabeça e sentou-se sem dizer uma palavra, tomando os remos da cama. Martha foi tomada por tamanha impaciência que assim que a cama começou a se movimentar soltou um grito. O novo barco seguiu por corredores compridos.

Ela queria ficar em pé, mas um remo lhe impedia a passagem. Franz remava com firmeza. Algo não parava de dizer a Martha que nem tudo fora feito corretamente. Lembrou-se — a jaqueta! A jaqueta azul ficara no fundo do barco, seus braços pareciam vazios, mas as costas não eram lisas o bastante, na verdade avolumavam-se, tinham um suspeito volume interno, e agora as duas mangas estavam enchendo.

Viu que aquilo tentava levantar-se de quatro e agarrou a jaqueta, Franz e ela a balançaram de um para outro lado e a lançaram para fora do barco. Mas a jaqueta não afundava. Deslizava de uma onda a outra como se estivesse viva. Ela a cutucou com um remo; e a jaqueta agarrou o remo, tentou voltar para bordo de qualquer maneira.

Franz a fez lembrar que ainda continha o relógio, e o capote, agora uma capa azul por causa da água, afundou devagar, movimentando molemente as mangas esgotadas. Observaram-na desaparecer.

Estava feito o trabalho, alegria enorme e turbulenta a engolfou. Agora era fácil respirar, a bebida que lhe haviam dado era um veneno maravilhoso, Beditino e bile, e o marido já estava vestido, dizendo: — Depressa, vou levá-la a um baile — mas Franz não sabia onde tinha posto as jóias de Martha.

Antes de partir com ela rumo ao hospital Dreyer disse a Franz que se agüentasse por ali, voltariam em alguns dias. Provavelmente não havia muita diferença essencial entre o delírio de Martha e o estado de espírito de seu arrasado amante. Certa feita, na véspera de um exame na escola, quando precisava desesperadamente de certa nota para não repetir o ano, um menino astuto lhe falara de um truque que sempre dava certo, caso o

soubesse aplicar. Com a maior clareza, com todas as forças da mente agarradas por punho de ferro, bastava visualizar, não o que se desejava, não a nota necessária, não a morte dela, não a liberdade, mas a outra possibilidade, o fracasso, a ausência do seu nome na lista daqueles que fora aprovados, e uma Martha sadia, faminta e implacável, voltando a seu alegre inferno litorâneo para fazê-lo levar a cabo o plano que tinham adiado. Mas de acordo com o conselho do menino isso não bastava: a parte realmente difícil do truque era ignorar por completo o êxito, de modo tão natural como se o próprio pensamento não existisse no espírito da pessoa. Franz não conseguia lembrar-se se realizara tal façanha no caso do exame (no qual, afinal, fora aprovado), mas sabia que era incapaz de consegui-lo agora. Por mais claramente que imaginasse os três sentados no terraço da taberna de Marmora, e renovando a aposta, e mais uma vez pondo Dreyer no barco, observava de esguelha que o barco se afastara flutuando, sem eles, e que Dreyer telefonava do hospital para dizer que ela falecera.

Passando ao outro extremo deu-se a «luxo perigoso de imaginar a liberdade, o êxtase de liberdade <que o aguardava. E então, após essa volúpia temível do pensamento, procurou outros modos de iludir o destino. Contou os barcos de aluguel e aduziu o total dos mesmos ao número de pessoas no café ao ar livre sobre a praia, dizendo a si próprio que ímpar significaria a morte. O número era ímpar, mas agora imaginava se alguém não havia saído ou chegado enquanto contava.

Na véspera, resolvera tirar vantagem da solidão e fazer uma compra que Dreyer teria ridicularizado com seu espírito costumeiro e Martha julgaria frívola, em momento tão importante de suas vidas.

Era seu antigo sonho de elegantes calções de golfe. Ele passara duas horas em diversas lojas. Tinha praticamente comprado um par, mas depois dissera que ia pensar e resolver qual queria, o marrom ou o enxadrezado arroxeadado. Voltava agora à loja e experimentava os calções marrons e simples, verificando que eram um pouco largos na cintura. Disse que os levaria se pudessem fazer o ajuste antes de fecharem a loja. Prometeram-lhe isso. Comprou também dois pares de meias de lã marrom. Em seguida foi nadar e depois tomou três ou quatro brandies no bar, esperando em vão que a loura atraente se livrasse de dois homens idosos que flertavam com ela, e flertavam de modo pesado e obscuro. De repente ocorreu-lhe que sua escolha da tonalidade mais conservadora significava ter entrevisto a morte, em vez da vida que aquelas manchas parecidas a confete, no enxadrezado, podiam sugerir. Mas quando voltou ao alfaiate os calções de golfe estavam prontos e ele não teve coragem de alterar o pedido.

Na manhã seguinte, Franz, usando os calções de golfe novos e suéter fechado no pescoço olhava para a chuva, tomando a primeira xícara de café após o almoço quando o recepcionista — que se parecia a ele, nas palavras do Tio Palhaço — lhe trouxe dois recados. Dreyer telefonara, dizendo que Madama queria os brincos de esmeralda — e Franz imediatamente compreendeu que, se Madama pretendia ir a um baile, não se esperava uma morte. O recepcionista explicou que o Senhor Diretor Dreyer queria que o sobrinho apanhasse essas jóias na penteadeira da tia e fosse de táxi para Swistok, sem demora alguma.

Ela evidentemente melhorara do leve resfriado, e melhorara tão depressa que o doutor lhe dava licença de sair naquela mesma noite.

Franz repetiu com amargura que de todas as contingências que procurara impedir esta era a única que não imaginara de modo claro.

A outra mensagem era telegrama que fora lido pelo telefone e transmitido da seguinte maneira pelo recepcionista poliglota: QUERRO

FEICAR NECOCIO PRECISSO DAQUELE BÊBADO PONTO

CEM OAKY RITTER. Não fazia sentido, mas quem se importava?

Amaldiçoando Lister, o médico milagroso, seguiu no elevador com o pseudo-Franz e um serralheiro gorducho, de voz rouca e fedendo a cerveja. A chave estava na bolsa de Martha, que fora com ela para Swistok. O serralheiro começou a trabalhar na fechadura da penteadeira.

Limpou o nariz e se pôs sobre o joelho, depois os dois. O falso Franz e o outro, mais ou menos verdadeiro, ficaram lado a lado, olhando para as solas sujas, dos sapatos do homem.

A gaveta foi finalmente retirada. Franz abriu uma caixa negra de jóias e mostrou as esmeraldas ao recepcionista de ar carrancudo.

Meia hora depois chegava ao hospital — um novo edifício branco em bosque de pinheiro, nos arredores da cidade. O motorista de táxi exigiu uma gorjeta e bateu a porta com força quando Franz sacudiu a cabeça, negando-a. Uma enfermeira notavelmente animada transmitiu-lhe outro recado. O tio, disse com sorriso satisfeito, esperava-o na estalagem — a cerca de dois quilômetros além, na estrada. Franz percorreu a distância a pé, apertando o lado esquerdo do corpo, onde a caixa de jóias fazia volume. Esfolara-se de leve entre as coxas.

Ao se aproximar da estalagem viu Martha sair de lá com passos rápidos e olhar para o céu, um dedo no gatilho da sombrinha. Lançou olhar rápido a Franz e entrou por onde viera.

Era mais jovem do que Martha e a boca mostrava-se diferente, mas olhos e o modo de andar eram os de Martha. Isso significava uma reunião alegre em estalagem de Swistok. Tio, sobrinho e duas tias.

Encontrou Dreyer no salão da estalagem. Ele examinava um cuspidor ornamentado e não deixou de fitá-lo, mesmo quando Franz já estendia a caixa negra e o telegrama para a vizinhança de sua pessoa. Dreyer enfiou ambos no bolso, sem abrir qualquer um deles e recolocou o cuspidor no gancho.

Voltou-se para Franz, que só então viu que não se tratava de Dreyer, mas de um desconhecido tresloucado em camisa aberta e amarfanhada, olhos inchados e queixo trêmulo, com pêlos vermelhos.

— Tarde demais — disse ele. — Tarde demais para a dança, mas não tarde demais para usar...

Puxou Franz pela manga e o fez com tal força que o sobrinho uase perdeu o equilíbrio, mas Dreyer já queria arrastá-lo à mesa e recepção.

— Leve-o lá em cima — disse Dreyer à viúva do estalajadeiro e depois, voltando-se para Franz: — Teremos de ficar aqui até amanhã.

As piores formalidades começam depois. Vá agora para seu quarto. Hilda acabou de chegar de Hamburgo. Ela o apanhará em duas horas.

— Está... — começou a dizer Franz, aturdido. — Está...?

— Está tudo acabado? — perguntou Dreyer, que agora soluçava.

— Oh, está acabado, sim! Agora vá.

Franz tentou apanhar na mão de seu benfeitor e apertá-la, em sinal de condolências ardorosas, mas Dreyer confundiu pavorosamente o gesto esboçado com o rudimento de um abraço, e pêlos eriçados e úmidos estiveram em breve contato com as faces ardentes de Franz.

As últimas palavras dela tinham sido (em voz doce e distante que ele nunca ouvira antes):

— Querido, onde pôs os chinelos de esmeralda... não, quero dizer brincos? Eu os quero aqui. Nós todos vamos dançar, nós todos vamos morrer.

E depois — em sua antiga aspereza conhecida: — Frieda, por que o cachorro está aqui outra vez? Ele foi morto.

Não pode mais estar aqui.

E os imbecis dizem que não existem o dom da profecia.

Franz acompanhou a velha, subindo. Ela o levou para um quarto escurecido. Rapidamente abriu as persianas, rapidamente abriu a gaveta baixa da mesinha de cabeceira para ver se o urinol estava lá. Com rapidez ela se retirou.

Franz caminhou até a janela aberta. Dreyer cruzava a estrada e sentava-se em banco sob uma árvore. Franz fechou a janela. Estava sozinho, agora. A mulher no quarto ao lado, vagabunda miserável a quem um caixeiro-viajante abandonara, ouviu pela parede fina o que se parecia a diversos foliões falando ao mesmo tempo, gargalhando às bandeiras despregadas e interrompendo um o outro, e voltando a gargalhar em frenesi de alegria jovem.

Um cafezinho taciturno e nada atraente... uma senhora em casaco de molesquim... um rapaz com óculos de armação de tartaruga, bebericando licor de cerejas e se entreolhando...

Assim tem início um dos casais enamorados mais intrincados, inacreditáveis e, naturalmente, ilícitos, na história da paixão humana — E uma das novelas mais geladamente brilhantes que já se leu.

FIM